

# Memórias de um amigo imaginário



MATTHEW DICKS







Enquanto Max acreditar em mim, eu existo. Posso precisar da imaginação de Max para existir, mas tenho os meus pensamentos, as minhas ideias e a minha vida, tudo isso separado dele. Max não gosta de gente da mesma forma que outras crianças gostam. Ele gosta das pessoas, mas bem de longe. Quanto mais afastado alguém ficar de Max, mais ele vai gostar dessa pessoa.

Nós dois não gostamos da Sra. Patterson, mas ultimamente ela e Max estão estranhamente próximos. Isso não é normal, muito menos para alguém como o meu amigo.

Ele corre perigo, tenho certeza.

# Capítulo 1



Isto é o que eu sei:

Meu nome é Budo.

Faz cinco anos que existo.

Cinco anos é muito tempo para alguém como eu existir.

Max colocou esse nome em mim.

Max é o único ser humano que pode me ver.

Os pais de Max me chamam de amigo imaginário.

Eu adoro a professora do Max, a senhora Gosk.

Eu não gosto da outra professora do Max, a senhora Patterson.

Eu não sou imaginário.

# Capítulo 2



Sou um amigo imaginário sortudo. Existo há muito mais tempo que a maioria. Uma vez conheci um amigo imaginário chamado Felipe. Ele era o amigo imaginário de um dos colegas de classe do Max na escolinha. Não durou mais que uma semana. Um dia ele surgiu no mundo com uma aparência bastante humana, exceto pela falta de orelhas (muitos amigos imaginários não têm orelhas), e alguns dias depois já tinha desaparecido.

Também tenho muita sorte de o Max ter uma ótima imaginação. Uma vez conheci um amigo imaginário chamado Chomp que era só uma mancha na parede. Ele era só um borrão, uma mancha preta disforme. Chomp podia falar e escorregar pela parede para cima e para baixo, mas era bidimensional como um pedaço de papel, então nunca conseguia sair da parede. Ele não tinha braços e pernas como eu. Nem rosto ele tinha.

Os amigos imaginários conseguem sua aparência através da imaginação dos seus amigos humanos. Max é um menino muito criativo, por isso tenho dois braços, duas pernas e um rosto. Não me falta uma só parte do meu corpo. Sou uma raridade no mundo dos amigos imaginários. A maioria deles sempre tem uma coisa ou outra faltando, alguns nem humanos parecem. Como no caso do Chomp.

Mas muita imaginação pode ser ruim também. Uma vez encontrei um amigo imaginário chamado Pterodátilo. Ele tinha os olhos encravados nas pontas de duas antenas verdes bem desengonçadas. Com certeza seu amigo humano achava aqueles olhos muito bacanas, mas como o coitado do Pterodátilo não conseguia focar em nada, também não conseguia se virar. Ele me contou que ficava o tempo todo enjoado e que estava sempre tropeçando nos próprios pés, que eram apenas umas sombras borradas ligadas às pernas. Seu amigo humano ficou tão obcecado com a cabeça do Pterodátilo e com aqueles olhos, que nunca se preocupou em imaginar mais nada abaixo da cintura do amigo.

Isso também é bastante comum.

Eu também sou sortudo porque tenho mobilidade. Muitos amigos imaginários estão presos aos seus amigos humanos. Alguns têm coleiras no pescoço. Outros têm menos de dez centímetros de altura e ficam enfiados em bolsos de casacos. E alguns não são mais do que uma mancha na parede, como Chomp. Mas graças ao Max, posso sair sozinho por aí. Se eu quiser, posso até deixá-lo para trás, mas fazer isso com frequência pode ser perigoso para a minha saúde.

Enquanto Max acreditar em mim, eu existo. Pessoas como a mãe do Max e minha amiga Graham dizem que é isso que me faz imaginário, mas não é verdade. Eu posso precisar da imaginação do Max para existir, mas tenho os meus pensamentos, as minhas ideias e a minha vida, tudo isso separado dele. Estou ligado ao Max da mesma maneira que um astronauta está unido à sua espaçonave por cabos. Se a espaçonave explodir e o astronauta morrer, isso não significa que ele era imaginário. Apenas que seu suporte vital foi cortado.

É a mesma coisa entre Max e eu.

Preciso dele para existir, mas ainda sou eu mesmo. Posso dizer e fazer o que eu quero. De vez em quando, Max e eu até discutimos, mas nunca nada sério. Só sobre coisas como a qual programa assistir na TV. Mas me *convém* (essa é uma palavra que a professora Gosk ensinou para a classe na semana passada) ficar perto do Max sempre que possível, porque preciso que ele continue pensando em mim. E acreditando em mim. Não quero acabar *longe dos olhos, longe do coração*, que é uma frase que a mãe do Max diz às vezes, quando o pai dele se esquece de ligar para avisar que vai se atrasar. Se eu saio por muito tempo, fico com medo de que Max pare de acreditar em mim. E se isso acontecer, então, puf!

# Capítulo 3



Uma vez, a professora do Max do primeiro ano disse que as moscas vivem por uns três dias. Eu me pergunto qual deve ser a vida média de um amigo imaginário. Provavelmente não muito mais do que isso. Desconfio que para o mundo dos amigos imaginários, eu sou praticamente uma antiguidade.

Max me imaginou quando ele tinha 4 anos, e assim, do nada, eu comecei a existir. Quando eu nasci, só sabia o que Max sabia. Conhecia as cores, alguns números e o nome de vários objetos, como mesa, forno de micro-ondas e porta-aviões. Minha cabeça estava cheia de coisas que um garoto de 4 anos deveria saber. Entretanto, Max me imaginou bem mais velho que ele. Provavelmente um adolescente. Talvez até um pouco mais velho. Ou talvez eu seja apenas um garoto com o cérebro de um adulto. É difícil saber. Não sou muito mais alto que Max, mas sou bem diferente. Ao nascer, eu já era mais desenvolvido que ele. E já conseguia entender coisas que ainda o confundiam. Eu logo consegui descobrir as respostas para problemas que Max não sabia. Talvez seja assim que nascem todos os amigos imaginários. Eu realmente não sei.

Max não se lembra do dia em que comecei a existir, então não pode se lembrar do que estava pensando naquele exato momento. Mas como ele me imaginou mais velho e mais desenvolvido, fui capaz de aprender muito mais rápido que ele. Eu tinha mais capacidade de concentração e foco no dia em que nasci do que Max consegue ter hoje em dia. No dia em que nasci, lembro-me de que a mãe do Max estava tentando ensiná-lo a contar os números pares e ele simplesmente não conseguia entender. Mas eu aprendi na hora. Fazia sentido para mim, porque meu cérebro estava pronto para aprender números pares. O cérebro do Max não estava.

Pelo menos é o que eu acho.

Eu também não durmo, porque Max não imaginou que eu precisasse dormir. Então tenho mais tempo para aprender. E como não passo o tempo todo com ele, aprendi várias coisas que Max nunca viu ou ouviu antes. Depois que ele vai para a cama, eu sento

na sala ou na cozinha com os pais do Max, assistindo à televisão ou só escutando eles conversarem. E às vezes visito alguns lugares. Desço a rua até o posto de gasolina que nunca fecha. As pessoas de que mais gosto, além do Max, dos pais dele e da Sra. Gosk, estão sempre lá. Ou vou até o *Dooqies*, uma lanchonete especializada em cachorro-quente, ao posto policial ou até o hospital. Agora não vou mais ao hospital. Oswald está lá e ele me dá medo. E quando estamos na escola, às vezes fico na sala dos professores ou vou para outra classe, e, de vez em quando, passo pela sala da diretora só para ouvir as conversas e descobrir as novidades. Não sou mais inteligente que Max, mas só sei muito mais coisas que ele porque estou sempre acordado e vou a lugares que ele não pode ir. E isso é muito bom. Assim posso ajudar Max quando ele não entende bem alguma coisa.

Como na semana passada, que ele não conseguia abrir um pote de geleia para fazer um sanduíche de geleia com pasta de amendoim.

– Budo! – disse ele. – Abre o vidro para mim. Eu não consigo!

– Claro que você consegue – eu disse. – Gire para o outro lado. Para a direita apertada; para a esquerda, solta.

Isso é o que a mãe do Max diz muitas vezes para ela mesma antes de abrir um pote de qualquer coisa. E deu certo. Max abriu o pote de geleia. E ficou tão animado que acabou deixando-o cair no chão. O pote quebrou em um milhão de pedaços.

O mundo pode ser tão complicado para Max! Mesmo quando ele consegue fazer algo do jeito certo, tudo pode dar errado.

Moro em um lugar estranho: no espaço entre as pessoas. Passo a maior parte do tempo no mundo das crianças, com Max, mas também fico bastante tempo entre os adultos, como os pais e os professores dele, e os meus amigos do posto de gasolina, só que eles não podem me ver. A mãe do Max chamaria isso de ficar *em cima do muro*. Ela diz isso ao Max quando ele não consegue se decidir, algo que acontece com bastante frequência.

– Você quer o picolé azul ou o amarelo? – ela pergunta, e Max congela. Congela como um picolé. Simplesmente há muitas coisas para Max pensar quando está escolhendo.

O vermelho é melhor que o amarelo?

O verde é melhor que o azul?



Qual deles é mais frio?

Qual vai derreter mais rápido?

Qual é o gosto do verde?

Qual é o gosto do vermelho?

Cores diferentes têm sabores diferentes?

Eu gostaria que a mãe do Max escolhesse por ele e pronto. Ela sabe como é difícil para ele. Mas, às vezes, quando ela quer que Max escolha e ele não consegue decidir, eu escolho por ele. Sussurro: “Escolhe o azul”. E aí ele diz: “Eu quero o azul”. E então está decidido. Nada mais de ficar em cima do muro.

É como eu vivo. Eu fico em cima do muro. Vivo no mundo amarelo e azul. Vivo com crianças e com adultos, mas não sou exatamente uma criança, e também não sou exatamente um adulto.

Eu sou amarelo *e* azul.

Sou verde.

E também sei combinar as cores.

# Capítulo 4



O nome da professora do Max é Sra. Gosk. Eu gosto muito dela. A Sra. Gosk anda sempre com uma régua, que ela brinca dizendo ser sua régua-palmatória, e ameaça os alunos imitando um sotaque britânico, mas as crianças sabem que ela só está tentando fazê-las rir. A Sra. Gosk é muito exigente e insiste que seus alunos estudem bastante, porém ela jamais bateria em nenhum deles. No entanto, ela faz com que eles se sentem com as costas retas e façam suas lições em silêncio. Quando uma criança se comporta mal, ela diz:

– Vexame! Vexame! Que todos saibam seu nome infame!<sup>1</sup> – E também fala: – Mocinho, você vai se sair bem com essa besteira no Dia de São Nunca!

Às vezes os outros professores dizem que a professora Gosk é antiquada, mas as crianças sabem que sua severidade é puro amor.

Max não gosta de muitas pessoas, mas da Sra. Gosk ele gosta.

No ano passado, a professora do Max era a Sra. Silbor. Ela também era rigorosa e fazia as crianças se esforçarem como a Sra. Gosk faz, mas dava para perceber que ela não amava as crianças como a Sra. Gosk ama, portanto, ninguém estudava tanto como os alunos estão estudando este ano. É estranho como os professores ficam na faculdade por tantos anos para se diplomarem professores, mas alguns deles nunca aprendem as coisas mais fáceis, como fazer com que as crianças deem risada, e como fazer com que elas saibam que são amadas.

Eu não gosto da Sra. Patterson. Ela não é uma professora de verdade, e sim uma assistente. Ela ajuda a Sra. Gosk a cuidar do Max. Ele é diferente das outras crianças, então não passa o dia todo com a Sra. Gosk. Algumas vezes ele fica com a Sra. McGinn no

---

<sup>1</sup> Expressão popular em inglês, aqui traduzida quase literalmente: *Shame, shame, know your name*. É usada entre as crianças como um insulto, significando que o outro fez algo de que deveria se envergonhar. (N.T.)

Centro de Aprendizagem<sup>2</sup>, [../Text/notas.xhtml - fn2](#) junto com outras crianças que também necessitam de ajuda extra; outras vezes tem aulas de fonoaudiologia com a Sra. Riner; e outras vezes participa de jogos com outras crianças na sala da Sra. Holmes. E de vez em quando lê e faz lição de casa com a Sra. Patterson.

Pelo que entendi, ninguém sabe por que Max é diferente das outras crianças. O pai de Max diz que ele é só um menino com desenvolvimento tardio, mas quando diz isso, a mãe do Max fica tão brava que para de falar com ele por pelo menos um dia.

Não entendo por que todos pensam que Max é um menino complicado. Ele só não gosta de gente da mesma forma que as outras crianças gostam. Ele gosta das pessoas, porém de uma maneira diferente. Ele gosta de gente, mas bem de longe. Quanto mais afastado alguém ficar de Max, mais ele vai gostar dessa pessoa.

E Max não gosta de ser tocado. Quando alguém toca nele, o mundo todo fica ofuscante e assustador. É como ele me descreveu a sensação uma vez, quando conversamos sobre isso.

Eu não posso tocar Max e ele também não pode me tocar. Talvez seja por isso que a gente se dá tão bem.

Max também não entende quando as pessoas dizem uma coisa, mas, na verdade, querem dizer outra. Como na semana passada, quando Max estava lendo um livro na hora do recreio e um dos alunos do quarto ano fez este comentário.

– Olha o geniozinho – disse ele.

Max não disse nada porque sabia que se falasse alguma coisa, o menino do quarto ano ficaria ainda mais tempo ao seu lado e continuaria a incomodá-lo. Mas eu sei que Max estava confuso, porque parecia que o garoto o estava chamando de inteligente, mesmo que estivesse, na verdade, fazendo um comentário maldoso. Ele estava sendo sarcástico, mas Max não entende sarcasmo. Max sabia que o menino estava sendo malvado, mas só porque esse garoto é sempre ruim com ele. Mas Max não conseguia entender por que o garoto o chamava de gênio, já que ser chamado de gênio é geralmente uma coisa boa, um elogio.

---

<sup>2</sup> Nos EUA e na União Europeia é comum haver um Centro de Aprendizagem nas escolas. Lá, os alunos colocam em prática o que foi ensinado na sala de aula. (N.T.)

Max fica confuso com as pessoas, por isso sente tanta dificuldade em ficar rodeado de gente. É por essa razão que ele tem de brincar na sala da Sra. Holmes com crianças de outras classes. Max acha isso uma grande perda de tempo. Odeia ter de se sentar no chão ao redor do tabuleiro do *Banco Imobiliário*, porque sentar no chão não é tão confortável quanto sentar em uma cadeira. Mas a Sra. Holmes está tentando ensinar Max a brincar com outras crianças, para que ele possa entender o que elas querem dizer quando usam sarcasmo ou fazem brincadeiras. Ele simplesmente não entende. Quando a mãe e o pai do Max brigam, a mãe diz que o pai dele *não pode ver a floresta por causa das árvores*<sup>3</sup>.[../Text/notas.xhtml - fn3](#) É isso que acontece com Max, só que em relação ao mundo inteiro. Ele não consegue ver as coisas grandes por causa de todas as coisas pequenas que ficam no caminho.

Hoje a senhora Patterson faltou. Quando uma professora falta, isso geralmente quer dizer que ela está doente, ou que o filho dela está doente, ou que alguém da família dela morreu. Foi o que aconteceu uma vez: alguém da família dela morreu. Sei disso porque de vez em quando os outros professores são gentis com ela, perguntam se ela está bem, e sussurram coisas entre si depois que ela sai da sala. Mas isso foi há muito tempo. Hoje, quando a Sra. Patterson falta, geralmente quer dizer que é sexta-feira.

Como não há nenhuma professora substituindo a senhora Patterson hoje, nós ficaremos com a Sra. Gosk o dia inteiro, e isso me faz muito feliz. Eu não gosto da Sra. Patterson. Max também não gosta dela, mas ele não gosta dela da mesma maneira que não gosta da maioria dos professores. Ele não vê o que eu vejo porque está muito ocupado olhando as árvores do provérbio. Mas a senhora Patterson é diferente das professoras Gosk, Riner e McGinn. Ela nunca sorri de verdade. Está sempre pensando em alguma coisa diferente do que seu rosto demonstra. Acho que ela não gosta do Max, mas finge gostar, o que me parece ainda mais assustador do que se ela simplesmente não gostasse dele.

– Bom dia Max, meu garoto! – disse a Sra. Gosk quando entramos na classe hoje.

Max não gosta quando a Sra. Gosk o chama de *meu garoto* porque ele não é o *garoto dela*. Ele já tem uma mãe. No

---

<sup>3</sup> Tradução do provérbio inglês “*can’t see the forest through the trees*”, que quer dizer que o foco nos detalhes (as árvores) faz com que se perca a visão do todo (a floresta). (N.T.)

entanto, Max não vai pedir para a professora deixar de chamá-lo de *meu garoto*. Pedir isso seria ainda mais difícil que ouvir a Sra. Gosk dizer *meu garoto* todos os dias.

Max prefere não dizer nada a ninguém a dizer alguma coisa para alguém. Ele não entende por que a professora o chama de *meu garoto*, mas sabe que ela o ama. Max sabe que a Sra. Gosk não está sendo má. É a situação toda que o deixa confuso. Só isso.

Eu gostaria de poder pedir à Sra. Gosk que não chamasse mais Max de *meu garoto*, mas ela não pode me ver nem me ouvir, e não há nada que eu possa fazer para mudar isso. Amigos imaginários não podem tocar ou mover coisas no mundo humano. Portanto, não posso abrir um pote de geleia, pegar um lápis ou digitar em um teclado, senão eu escreveria um recado pedindo para a Sra. Gosk parar de chamar o Max de *meu garoto*.

Eu posso trombar no mundo real, mas não posso realmente tocá-lo.

Mesmo assim, tenho muita sorte, porque quando Max me imaginou pela primeira vez, ele me idealizou com a capacidade de atravessar coisas, como portas e janelas, mesmo quando estão fechadas. Acho que fez isso porque tinha medo que os pais fechassem a porta do seu quarto durante a noite e eu acabasse preso do lado de fora. Max não gosta de dormir sem que eu esteja sentado na cadeira que fica ao lado da sua cama. Eu posso ir para qualquer lugar atravessando portas e janelas, mas não consigo atravessar paredes e pisos. E não posso fazer isso porque Max não me imaginou assim. O que teria sido uma ideia muito bizarra, mesmo para Max.

Muitos amigos imaginários podem atravessar portas e janelas, como eu; alguns podem inclusive atravessar paredes, mas a maioria não pode fazer nada disso e fica presa nos mesmos lugares por um tempão. Foi isso que aconteceu algum tempo atrás com Puppy, um cachorro falante que ficou preso no armário do zelador durante uma noite inteira. Foi uma noite terrível para sua amiga humana, Piper, uma menina da escolinha, porque ela não tinha a mínima ideia de onde Puppy poderia estar.

Mas foi ainda mais apavorante para Puppy, porque é assim que alguns amigos imaginários desaparecem para sempre: ficando presos em armários. Um menino ou uma menina, acidentalmente (ou algumas vezes *acidentalmente de propósito*), prende um amigo imaginário em um guarda-roupa, em um armário, ou no porão, e

então *puf!* Longe dos olhos, longe do coração. É o fim do amigo imaginário.

Ser capaz de atravessar portas pode salvar vidas.

Hoje eu quero ficar na sala de aula porque a professora está lendo o livro *A fantástica fábrica de chocolate* em voz alta para a classe, e eu adoro quando a senhora Gosk lê. Ela tem uma voz sussurrante e fina, portanto as crianças têm de ficar sentadas, em absoluto silêncio, para poder ouvi-la, e isso é muito bom para Max. Os ruídos o distraem. Se seu colega Joey está batendo o lápis na carteira ou se a Danielle está batendo o pé no chão como ela faz o tempo todo, Max só consegue ouvir o lápis ou o pé. Ele não consegue ignorar o som ambiente como fazem as outras crianças. A vantagem de quando a professora Gosk lê é que todos os alunos têm de ficar completamente quietos.

O mais legal é que a Sra. Gosk sempre escolhe os melhores livros e conta as melhores histórias da vida dela que de alguma maneira se relacionam com o livro. O personagem Charlie Bucket faz alguma coisa louca e então ela nos conta da vez que seu filho, Michael, fez algo louco também e todos nós morremos de rir. De vez em quando, até mesmo Max cai na risada.

Max não gosta de rir. Algumas pessoas pensam que é porque ele não acha nada engraçado, mas isso não é verdade. Max não entende todas as coisas engraçadas. Coisas como jogos de palavras, trocadilhos e adivinhações não fazem sentido para ele porque dizem uma coisa, mas significam outra. Quando uma palavra significa um monte de coisas diferentes, ele fica confuso e demora a entender qual significado deve usar. Ele sequer entende por que as palavras têm de significar coisas diferentes dependendo de quando são usadas, e eu não o culpo. Também não gosto muito disso.

Em compensação, Max acha outras coisas hilárias, como quando a professora Gosk nos contou como seu filho Michael mandou entregar vinte pizzas de queijo, e a conta, para um valentão da escola dele como um trote. A polícia foi até a casa da professora, e só para assustar o filho dela, e para ensinar uma lição a ele, a Sra. Gosk disse ao policial, brincando, que o levassem para a delegacia. Todos riram dessa história. Até Max. Porque fazia sentido. A história tinha um começo, um meio e um fim.

Hoje a professora Gosk também está nos ensinando sobre a Segunda Guerra Mundial, que ela disse que não está no currículo escolar do nosso ano, mas deveria estar. As crianças adoram, e Max



muito mais. Ele pensa o tempo todo em guerras, batalhas, tanques e aviões. Às vezes passa dias só pensando nisso. Se a escola fosse apenas sobre guerras e batalhas e não sobre matemática e escrita, Max seria o melhor aluno do mundo.

Hoje a professora está nos contando sobre Pearl Harbor. O Japão atacou a base americana de Pearl Harbor, localizada em uma ilha do Havaí, no dia 7 de dezembro de 1941, em um ataque surpresa ao amanhecer. A Sra. Gosk disse que os americanos não estavam preparados para o ataque porque não imaginavam que os japoneses viessem de tão longe para isso.

– Faltou imaginação ao nosso país, a América – disse ela.

Se Max fosse vivo em 1941, talvez as coisas tivessem sido diferentes, porque ele tem uma excelente imaginação. Aposto que ele teria imaginado o plano do Almirante Yamamoto<sup>4</sup>[../Text/notas.xhtml - fn4](#) com os minissubmarinos, os torpedos com os lemes de madeira e tudo mais. Max teria avisado os soldados americanos sobre o plano japonês, porque nisso ele é muito bom. Em imaginar coisas. Como tem muita coisa acontecendo dentro do Max o tempo todo, ele não se preocupa muito com o que está acontecendo do lado de fora. É isso que as pessoas não entendem.

Por isso que é importante eu ficar perto do Max o máximo possível. Muitas vezes ele não presta a mínima atenção ao que acontece ao seu redor. Na semana passada, ele estava quase entrando no ônibus escolar quando uma ventania arrancou o boletim das suas mãos, que caiu entre o ônibus número 8 e o número 53. Max saiu correndo da fila para pegar o boletim, mas nem se lembrou de olhar para os dois lados da rua.

– Max Delaney! Pare! – eu gritei.

Eu uso o sobrenome do Max quando quero que ele preste atenção. Aprendi isso com a Sra. Gosk. E funcionou. Max parou, e isso foi ótimo, porque naquela hora um carro estava ultrapassando os dois ônibus escolares, aliás, algo completamente ilegal.

Graham diz que eu salvei a vida do Max. Graham é um dos três amigos imaginários que existem hoje na escola, e ela viu como tudo aconteceu. Graham é uma menina, apesar de ter nome de menino. Ela tem uma aparência quase tão humana quanto a minha,

---

<sup>4</sup> Foi o almirante japonês, Isoroku Yamamoto, quem criou o bem-sucedido plano de ataque à base norte-americana de Pearl Harbor, durante a Segunda Guerra Mundial. (N.T.)

mas seus cabelos estão sempre em pé, espetados, como se alguém na Lua estivesse puxando fio por fio, um a um. E o cabelo dela não se mexe. Não tem movimento. É sólido como uma pedra. Graham me ouviu gritar e dizer ao Max para parar, e depois que ele voltou para a fila do ônibus, ela chegou perto de mim e comentou:

– Budo! Você acabou de salvar a vida do Max! Ele teria sido esmagado por aquele carro!

Mas então eu disse para a Graham que na verdade eu havia salvado a minha vida. Acho que se Max morresse, eu também deixaria de existir.

Não estou certo? Acho que sim. Até agora, nunca soube de uma situação dessas, na qual o amigo humano morre antes do desaparecimento do amigo imaginário.

Portanto, não tenho certeza.

Mas acho que sim. Que eu deixaria de existir. Se Max morresse.

# Capítulo 5



– Você acha que eu sou real? – pergunto.

– Sim – responde Max. – Dá aquele bidentado azul.

Um bidentado é um tipo de peça de *Lego*. Max inventou nomes para todas as peças do *Lego*.

– Não posso – respondo.

Max olha para mim.

– Ah, é mesmo... Esqueci.

– Se eu sou real, como é que só você pode me ver?

– Não sei – diz Max, já ficando irritado. – Acho que você é real. Por que você fica sempre perguntando isso?

É verdade. Eu pergunto muito isso. Na verdade, faço isso de propósito. Não vou existir para sempre. Sei disso. Mas vou existir enquanto Max acreditar em mim. Portanto, se eu forçá-lo a continuar insistindo que eu sou real, talvez ele acredite em mim por mais algum tempo.

É claro que eu sei que por estar constantemente perguntando ao Max se eu sou real, posso estar semeando ideias de que sou imaginário. É um risco. Mas, por enquanto, está tudo bem.

Uma vez a senhora Holmes conversou com a mãe do Max e disse que era bastante comum crianças como Max terem amigos imaginários. Ela disse também que quando é assim, eles tendem a persistir por mais tempo que a maioria dos amigos imaginários.

*Persistir*. Gosto dessa palavra.

Eu persisto.

Os pais do Max estão brigando de novo. Ele não consegue ouvir porque está jogando *video game* na sala de jogos do porão e os pais dele estão gritando um com o outro em sussurros. É como se eles estivessem gritando por muito tempo e tivessem perdido a voz, o que não deixa de ser verdade.

– Eu não me importo com o que essa terapeuta de porcaria pensa – diz o pai do Max, as bochechas ficando vermelhas enquanto ele sussurra-grita. – Ele é uma criança normal... Apenas com um desenvolvimento tardio. Ele brinca com os brinquedos dele. Pratica esporte. Tem amigos.

O pai do Max está completamente errado. Max não tem nenhum amigo além de mim. As crianças na escola se dividem entre as que gostam, odeiam, ou ignoram Max. Eu não diria que nenhuma delas é amiga dele, e não acho que Max queira que alguma delas seja sua amiga. Ele fica mais feliz quando está sozinho. Até minha presença o incomoda, às vezes.

Mesmo os alunos que gostam do Max o tratam de forma diferente. Como Bárbara. Ela adora Max, mas gosta dele como uma criança gosta de uma boneca ou de um ursinho de pelúcia. Ela o chama de *meu pequeno Max*, e tenta carregar a lancheira dele até a cantina e subir o zíper do casaco dele antes do recreio quando faz frio, mesmo sabendo que Max pode fazer essas coisas sem a ajuda dela. Max odeia Bárbara e se contrai todas as vezes que ela tenta ajudá-lo ou tocar nele. O problema é que Max não pode pedir a Bárbara para parar. Para ele é mais fácil se contrair e sofrer do que falar o que está pensando. A Sra. Silbor colocou Bárbara e Max juntos quando eles passaram para o terceiro ano porque pensou que eles faziam bem um ao outro. Foi isso que ela disse à mãe do Max na reunião de pais e mestres. Pode ser que Max faça bem a Bárbara, porque ela pode brincar com ele como se fosse um boneco, mas com certeza ela não faz nenhum bem ao Max.

– Ele não tem um desenvolvimento tardio e eu gostaria muito que você não dissesse mais isso – diz a mãe do Max no tom que ela usa quando está tentando ficar calma, mas está tendo dificuldade em conseguir. – Eu sei como você se sente mal por ter que admitir isso, John, mas é assim mesmo que as coisas são. Como pode ser que todos os especialistas que consultamos estejam enganados?

– Esse é o problema – diz o pai do Max, a testa começando a ficar com manchas vermelhas. – Nem todos os especialistas concordam entre si e você sabe disso! – quando ele fala, é como se estivesse disparando as palavras com uma arma. – Ninguém tem a mínima ideia do que está acontecendo com Max. Então não entendo por que minha opinião é pior do que a de um bando de especialistas que não consegue nem chegar a um acordo.

– O nome não é importante – diz a mãe do Max. – Não interessa o que ele tem de errado. Ele precisa de ajuda.

– É isso que eu simplesmente não entendo – diz o pai do Max. – Eu joguei bola com ele no quintal na noite passada. Levei-o para acampar. As notas dele são boas. Ele não cria problemas na escola. Por que estamos tentando consertar o coitado do garoto, se não tem nada de errado com ele?

A mãe do Max começa a chorar. Ela pisca e os olhos se enchem de lágrimas. Eu odeio quando ela chora; o pai do Max também não gosta. Eu nunca chorei, mas parece horrível.

– John, ele não gosta de nos abraçar. Ele não olha as pessoas nos olhos. Ele pira se eu trocar os lençóis da cama dele ou se eu mudar a marca da pasta de dentes. Ele fala sozinho constantemente. Esses não são comportamentos normais de uma criança. Eu não estou dizendo que ele precisa tomar remédios. Não estou dizendo que ele não vai crescer e ser bem-sucedido. Só acho que nosso filho necessita de um profissional que possa ajudá-lo a lidar com algumas das suas dificuldades. E eu quero resolver isso antes de engravidar novamente. Enquanto podemos nos focar apenas nele.

O pai do Max dá as costas e sai. Bate a porta de tela ao sair. A porta fica batendo e fazendo *pam-pam-pam* antes de parar. Antes eu achava que quando o pai do Max saía de uma discussão, isso significava que a mãe do Max tinha vencido. Eu achava que o pai dele estava recuando, assim como fazem os soldadinhos do Max. Achava que ele estava se rendendo. Mas apesar de recuar, isso nem sempre quer dizer que ele se entregou. O pai do Max já recuou muitas vezes, batendo aquela porta e fazendo *pam-pam-pam*, mas depois nada muda. É como se o pai do Max apertasse o botão de pausar no controle remoto. A discussão fica pausada. Mas não está terminada.

Aliás, Max é o único menino que eu já vi que faz os soldadinhos de brinquedo recuarem ou se renderem. O resto dos garotos sempre faz os soldados morrerem.

Não tenho certeza se Max deveria se consultar com um terapeuta, e para ser honesto, não sei muito bem o que um terapeuta faz. Eu sei algumas coisas que eles fazem, mas não tudo, e esse tudo que eu não sei me deixa nervoso. A mãe e o pai do Max provavelmente terão muitas outras brigas sobre esse assunto, e mesmo que nunca nenhum deles diga “Está bem, eu desisto!”, ou

“Você venceu!”, ou “Você está certo”, Max acabará indo ao terapeuta. No final, a mãe do Max quase sempre ganha.

Acho que o pai do Max está enganado quanto ao Max ter um desenvolvimento tardio. Eu passo a maior parte do dia com ele e vejo como Max é diferente das outras crianças da escola. Ele mora no seu interior e as outras crianças vivem no mundo exterior. É isso o que o torna tão diferente. Max não tem um lado exterior. Está tudo preso dentro dele.

Eu não quero que Max faça terapia. Eu não sei de tudo, mas sei que os terapeutas são pessoas que induzem você a contar a verdade. Eles podem ver dentro da sua cabeça e saber exatamente o que você está pensando, e se Max estiver pensando em mim quando estiver falando com o terapeuta, ele vai fazer com que Max fale sobre mim. E então talvez o convença a parar de acreditar em mim.

Mas ainda me sinto mal pelo pai do Max, mesmo sendo a mãe do Max quem está chorando agora. Algumas vezes eu gostaria de poder dizer à mãe do Max para ser mais legal com o pai dele. Ela é a chefe da casa, mas também é a chefe do pai do Max, e acho que isso não é muito bom. Isso faz com que o pai do Max se sinta pequeno e meio bobo. Como quando ele quer jogar baralho com os amigos em uma noite de quarta-feira, mas não pode simplesmente dizer aos amigos que vai jogar. Ele tem de perguntar primeiro para a mãe do Max se está tudo bem ele ir jogar com os amigos. E ainda por cima tem de pedir na hora certa, quando ela está de bom humor, senão corre o risco de nem poder ir jogar.

Ela pode muito bem responder: “Queria muito que você me ajudasse em casa esta noite”. Ou talvez insinuar: “Você já não foi jogar semana passada?”. Ou pior: ela pode simplesmente dizer “Tudo bem”, o que realmente significa “Não está nada bem e você sabe disso. E se você for, vou ficar pelo menos três dias brigada com você!”.

É como se Max tivesse de pedir permissão para visitar um amigo, isso se ele quisesse brincar com alguém além de mim, o que não acontece nunca.

Já não entendo por que o pai do Max tem de pedir permissão, mas entendo menos ainda a razão de a mãe do Max querer que ele faça isso. Não seria melhor se o pai do Max simplesmente pudesse escolher o que quer fazer?

Mas é duas vezes pior, porque o pai do Max é gerente de um *Burger King*. Max acha que esse é um dos melhores empregos do

mundo, e se eu comesse os cheeseburgueres duplos com bacon e batatas fritas, então eu provavelmente também pensaria assim. Mas no mundo dos adultos, ser gerente do *Burger King* não é realmente um bom emprego, e o pai do Max sabe disso. Percebo só pelo jeito que ele não gosta de falar sobre o trabalho dele com as pessoas. O pai do Max nunca pergunta em quê as pessoas trabalham, e essa é a pergunta mais popular entre os adultos. E quando tem de dizer a alguém no quê ele trabalha, ele olha para baixo e responde: “Eu gerencio restaurantes”.

Conseguir que o pai do Max diga as palavras *Burger King* é como tentar fazer Max escolher entre canja e sopa de carne com legumes. O pai dele faz de tudo para não precisar dizer essas duas palavras.

A mãe do Max é gerente também. Ela gerencia pessoas em um lugar chamado *Aetna*, mas eu não consigo entender o que eles fazem nessa empresa. Só sei que não são cheeseburgueres duplos com bacon. Uma vez fui ao trabalho dela – estava tentando descobrir o que ela fazia o dia inteiro –, mas o que vi foi um monte de gente na frente do computador, todos sentados dentro de pequenas caixas sem tampas o dia inteiro. Isso quando não estavam sentados ao redor de mesas em salas abafadas, batendo os pés e olhando para o relógio enquanto um velho senhor ou senhora falava sobre assuntos em que ninguém prestava atenção ou se importava.

Mas mesmo que eles não façam cheeseburgueres duplos com bacon, mesmo sendo um lugar muito chato, dá para perceber que a mãe do Max tem um emprego melhor. As pessoas que trabalham lá usam camisas, gravatas e vestidos em vez de uniformes. E ela nunca reclama de pessoas roubando ou faltando ao trabalho como faz o pai do Max. Às vezes o pai do Max começa a trabalhar às cinco da manhã; outras vezes ele trabalha a noite inteira e só volta para casa às cinco da manhã. É estranho porque mesmo que o trabalho do pai do Max pareça ser muito mais difícil, a mãe do Max ganha um salário maior, e os adultos acham que ela tem um emprego muito melhor. E ela nunca olha para baixo quando conta para as pessoas o que faz.

Estou contente que desta vez Max não ouviu os pais discutindo. Às vezes ele ouve. De vez em quando eles se esquecem de gritar sussurrando; e às vezes brigam dentro do carro, onde não faz diferença se você grita sussurrando. Max fica triste quando eles brigam.



– Eles estão brigando por minha causa – ele me disse uma vez.

Estava brincando com o *Lego*, que é o momento preferido do Max para falar de coisas sérias. Ele não olha para mim. Simplesmente constrói aviões, fortes, navios de batalha e espaçonaves enquanto fala.

– Não, eles não estão brigando por sua causa – retruquei. – Eles brigam porque são grandes. Os adultos gostam de discutir.

– Não. Eles só brigam por minha causa.

– Isso não é verdade – disse eu. – Na noite passada, eles discutiram sobre que programa assistir na televisão.

Eu fiquei torcendo pelo pai do Max; queria que ele ganhasse a discussão. Assim poderíamos assistir a um programa sobre crimes, mas ele perdeu. Tivemos de assistir a um programa idiota com gente cantando.

– Aquilo não era uma briga – disse Max. – Eles só estavam discordando. Existe uma diferença.

Essas palavras eram da professora Gosk. Ela diz que não há problema nenhum em discordar, e que isso não significa que seja legal brigar.

– Eu posso admitir um desentendimento – ela gosta de falar para a classe –, mas não tolero presenciar uma briga.

– Eles só brigam porque não sabem o que é melhor para você – eu disse. – Eles estão tentando descobrir o que é certo.

Max olhou para mim por alguns instantes. Por um segundo fez cara de bravo, então seu rosto mudou. Ele suavizou a expressão; parecia triste.

– Quando outras pessoas tentam me fazer sentir melhor torcendo as palavras, isso só me faz sentir pior. Mas quando é você que faz isso, é pior ainda.

– Sinto muito – eu disse.

– Tudo bem.

– Não. Eu não pedi desculpas pelo que disse porque é verdade. Eu quis dizer que sinto muito que seus pais discutam sobre você, mesmo que eles só façam isso porque amam você.

– Ah – disse Max e sorriu. Não foi um sorriso de verdade porque ele nunca sorri. Mas seus olhos abriram um pouco mais e ele

pendeu a cabeça um pouquinho para a direita. Esse é o sorriso do Max.

– Obrigado – disse meu amigo.

E eu sabia que ele realmente estava me agradecendo.

# Capítulo 6



Max está sentado na privada. Ele está fazendo cocô, algo que não gosta de fazer fora de casa. Ele quase nunca faz cocô em banheiro público. Mas como ainda é uma e quinze da tarde e faltam duas horas para bater o sinal da escola<sup>5</sup> [../Text/notas.xhtml](Text/notas.xhtml) - fn5, Max não conseguiu segurar mais. Todas as noites ele sempre tenta fazer cocô antes de ir para a cama, e se não consegue, tenta de novo pela manhã antes de ir para a escola. E como Max foi ao banheiro logo depois do café da manhã, este, portanto, é um cocô extra.

Max odeia cocô extra. Ele detesta todo tipo de surpresa.

Sempre que faz cocô na escola, Max tenta usar o banheiro para deficientes ao lado da enfermaria, assim ele pode ficar sozinho, mas hoje não deu. O faxineiro estava limpando um resto de vômito que tinha no chão; sempre que uma criança avisa que está enjoada, a enfermeira a encaminha para esse banheiro.

Quando Max tem de usar o banheiro comum, eu fico em pé do lado de fora da porta e o aviso se alguém estiver chegando. Ele não gosta de ninguém no banheiro quando está fazendo cocô. Até eu atrapalho. Mas ele gosta menos ainda de ser surpreendido, portanto estou autorizado a entrar, mas somente se for uma situação de emergência.

Uma emergência significa que alguém está chegando para usar o banheiro.

Quando eu o aviso que alguém está vindo, ele levanta os pés do chão para que ninguém o veja, e espera até o banheiro ficar vazio novamente para terminar de fazer cocô. Se estiver com sorte, a pessoa nem percebe que ele está no banheiro, a não ser, claro, que a pessoa também queira fazer cocô e bata na porta. Nesse caso, Max coloca os pés no chão de novo e espera até a pessoa sair.

---

<sup>5</sup> Nos Estados Unidos, as aulas começam às oito da manhã e terminam às três da tarde. (N.T.)

Um dos problemas de Max em relação a fazer cocô é que ele demora muito, mesmo quando está no banheiro de casa. Já faz dez minutos que ele está no banheiro e provavelmente não está nem perto de acabar. É bem possível que ele nem tenha começado ainda. Max pode muito bem estar arrumando cuidadosamente as calças sobre os tênis, assim a barra não toca o piso.

É quando percebo confusão chegando: Tommy acaba de sair da classe no final do corredor e caminha na minha direção. Ao passar, arranca o mapa dos Estados Unidos, com todas as treze colônias, do mural de avisos que fica do lado de fora da classe da professora Vera, dando risada e chutando os papéis pelo chão. Tommy está no quinto ano e não gosta do Max. Nunca gostou.

O problema é que agora ele gosta do Max menos ainda. Três meses atrás, Tommy levou seu canivete suíço para a escola para exibi-lo aos amigos. Ele estava em pé, no início do bosque, cortando um graveto para mostrar aos outros garotos como a lâmina era afiada. Max viu o canivete e contou para a professora. Mas o problema é que ele não sabe ficar calado sobre essas coisas. Max correu para a Sra. Davis e gritou:

– Tommy Swinden tem uma faca! Uma faca!

Um bando de crianças ouviu Max, e algumas crianças pequenas gritaram e correram na direção de Tommy, ficando ainda mais assustadas. Tommy Swinden ficou em apuros: foi suspenso por uma semana, expulso do ônibus pelo resto do ano letivo, além de ter de assistir a aulas de reforço para aprender a ser uma boa pessoa.

Muitos problemas para um aluno do quinto ano.

Apesar de a Sra. Davis, a Sra. Gosk e o resto dos professores terem dito ao Max que ele fez a coisa certa ao contar sobre o canivete (porque não são permitidas armas na escola e essa é uma regra muito séria), infelizmente nenhum deles se preocupou em ensinar Max como informar algo errado que uma criança tenha feito sem que todos no playground saibam que foi ele quem contou. Eu não entendo. A Sra. Holmes fica o tempo todo ensinando Max como esperar a vez dele e como pedir ajuda, mas ninguém gasta alguns minutos para ensinar uma coisa tão importante como essa. Será que os professores não perceberam que Tommy Swinden vai querer matar Max por ser dedo-duro?

Talvez não percebam porque os professores na escola do Max são quase todos mulheres, e parecem ser o tipo de mulher que nunca teve nenhum problema quando estava na escola. Elas eram

provavelmente criancinhas perfeitas, sempre fazendo a lição de casa, sorrindo e fazendo amigos. Aposto que nenhuma delas jamais levou uma faca para a escola ou teve problemas para fazer cocô no banheiro. Elas não sabem como é ser uma criança e estar em apuros, e deve ser por isso que durante o almoço dizem coisas como:

– Eu não sei o que Tommy Swinden estava pensando quando trouxe esse canivete para a escola.

Eu sei o que ele provavelmente estava pensando. Tommy pensou que os amigos talvez parassem de chamá-lo de “Tommy Topeira”, por não ser capaz de ler, se ele fosse capaz de mostrar como sabia afiar um graveto com seu canivete suíço. As crianças costumam agir assim: tentar encobrir seus problemas com coisas que as outras crianças acham legal, como, por exemplo, um canivete.

Mas nenhuma das professoras entende isso, e deve ser por isso que ninguém ensinou Max como avisar discretamente um professor e não contar isso para o resto do mundo: que um aluno do quinto ano está com um canivete.

O problema agora é que Tommy Swinden, o garoto do quinto ano que não sabe ler, que tem um canivete afiado e o dobro do tamanho do Max, está vindo em direção ao banheiro. E Max ainda está lá dentro, tentando fazer cocô.

– Max! – digo eu, passando na frente da porta. – Tommy está vindo!

Max deixa escapar um gemido e ao mesmo tempo seus tênis desaparecem do chão. Quero entrar no compartimento e ficar em pé ao lado dele, para que não fique sozinho, mas sei que não posso. Ele não concordaria que eu o visse sentado na privada; além do mais, Max sabe que posso ser mais útil do lado de fora, vendo o que ele não pode ver.

Tommy Swinden, que é alto como o professor de artes e quase tão largo como o de ginástica, entra no banheiro e caminha na direção de um dos reservados. Ele dá uma espiada por baixo da porta e, ao não ver pés, provavelmente pensa estar sozinho. Então olha para a porta de entrada, diretamente através de mim, e coloca as mãos para trás, puxando a cueca e tirando-a de dentro do cofrinho. Eu vejo as pessoas fazerem isso o tempo todo, porque passo muito tempo com gente que pensa estar sozinha. Quando a cueca fica presa entre as nádegas, isso se chama *cuecão*, e não deve ser nada confortável. Isso nunca aconteceu comigo porque Max não imaginou que eu sofresse um cuecão. Ainda bem.

Tommy vira de costas e faz xixi no mictório preso à parede. Ao terminar, chacoalha seu pintinho antes de subir o zíper e abotoar o jeans. Não da maneira que uma vez vi um garoto sacudindo o seu, no banheiro de deficientes ao lado da enfermaria, quando Max pediu para eu verificar se estava vazio. Não tenho a menor ideia do que aquele menino fazia, mas era mais que simplesmente sacudir. Não gosto de espiar as pessoas usando o banheiro, especialmente quando elas estão guardando suas partes íntimas, mas Max detesta bater na porta do banheiro porque nunca sabe o que dizer quando alguém bate na porta do banheiro e ele está lá dentro. Ele costumava dizer:

– Max está fazendo cocô!

Mas uma criança contou à professora o que ele disse e Max foi repreendido.

A professora disse a Max que não é apropriado dizer que se está fazendo cocô.

– Da próxima vez que alguém bater, simplesmente diga: *Estou aqui dentro* – ela disse a Max.

– Mas isso parece bobo – retrucou ele. – A pessoa não saberá quem sou *eu*. Não posso simplesmente dizer: *Eu estou aqui dentro*.

– Está bem – respondeu ela, do jeito que os professores dizem às crianças para fazerem coisas ridículas quando desanimam e desistem de conversar.

– Está bem. Então da próxima vez você diz seu nome.

Portanto, agora, quando alguém bate na porta do banheiro, Max diz:

– Ocupado por Max Delaney!

Isso faz com que as pessoas riam ou fiquem olhando para a porta com uma expressão engraçada. Não as culpo.

Tommy terminou e agora está em pé na frente da pia, abrindo a torneira e quase inundando o banheiro com o barulho da água corrente, quando ouve um *chape!* O som sai do compartimento no qual Max está escondido.

– Hã? – diz ele, agachando para tentar ver algum pé dentro do reservado. Como não vê nada, então Tommy anda até o primeiro reservado e bate bem forte na porta. Forte o suficiente para fazer toda a estrutura da divisória vibrar.

– Eu sei que você está aí! – ele diz. – Posso ver você pelas frestas!

Acho que Tommy não sabe que é Max quem está lá dentro. As frestas entre a porta e a parede são muito estreitas para que ele consiga ver todo o rosto de Max e o reconheça. Mas essa é a vantagem de ser um dos maiores garotos da escola. Dá para esmurrar uma porta de banheiro sem ficar preocupado com quem está do outro lado, afinal, um grandão geralmente pode ganhar de praticamente qualquer um da escola.

Fico imaginando como ele deve se sentir.

Max não responde. Tommy então esmurra a porta de novo.

– Quem está aí dentro? Eu quero saber!

– Não diga nada, Max! – eu falo para ele do meu posto, ao lado da porta. – Ele não pode entrar aí. Em algum momento terá que ir embora!

Mas eu estou errado, porque quando Max não responde a segunda vez, Tommy fica de quatro e espia debaixo da porta.

– Maximbecil – diz ele, e eu consigo até ouvir o sorriso em seu rosto. Não é um sorriso agradável. É podre. – Não acredito que é você! Hoje é o meu dia de sorte. O que aconteceu? Não conseguiu segurar o último pedaço?

– Não! – grita Max, e eu já consigo ouvir o pânico na voz dele. – Estava já na metade do caminho!

Tudo nessa situação é ruim. Max está preso dentro de um banheiro público, que já é um lugar que o assusta. Suas calças estão arriadas até os tornozelos e ele provavelmente ainda não terminou de fazer cocô. Tommy Swinden está do lado de fora da porta do reservado, e com certeza tem intenção de machucar Max. E os dois estão sozinhos. Exceto por mim, é claro, mas é como se estivessem sozinhos, pela ajuda que posso dar.

Mas o que mais me assusta é o jeito que Max respondeu a Tommy. Percebi mais do que pânico na voz dele. Havia medo. Como nos filmes, quando as pessoas conseguem ver o fantasma, ou o monstro, pela primeira vez. Max acabara de ver um monstro espiando por baixo da porta do reservado e está assustado. Aliás, deve estar quase empacado e isso é péssimo.

– Abre essa porta, idiota – fala Tommy, tirando a cabeça de debaixo da porta e ficando em pé. – Se você colaborar, eu só enfio sua cabeça na privada e dou um rodopio.

A cabeça de alguém na privada não faz o menor sentido, ainda mais com rodopio, mas tenho visões de Max todo encharcado.

– Ocupado por Max Delaney! – grita Max, sua voz guinchando como a de uma garotinha. – Ocupado por Max Delaney!

– Última chance, imbecil. Abre ou eu vou entrar!

– Ocupado por Max Delaney! – grita Max de novo. – Ocupado por Max Delaney!

Tommy Swinden se ajoelha de novo, pronto para rastejar por baixo da porta, e eu não sei o que fazer.

Max precisa de mais ajuda que a maioria das crianças da classe dele, por isso estou sempre lá, pronto para dar uma mão. Mesmo no dia que ele dedurou Tommy, eu estava lá, dizendo para ele falar baixo, implorando:

– Calma! Devagar! Pare de gritar!

Max não me ouviu aquele dia porque havia um canivete na escola e essa era uma regra muito séria para ser desrespeitada, portanto, ele não conseguiu se controlar. Era como se o mundo inteiro estivesse quebrado e ele precisasse encontrar um professor para consertá-lo. Eu não o impedi naquele dia, mas tentei.

Pelo menos eu sabia o que fazer.

Mas agora não sei o que fazer. Tommy está prestes a se arrastar por baixo da porta e entrar no reservado onde Max deve estar provavelmente empoleirado sobre o vaso sanitário, os joelhos dobrados encostando no peito, as calças abaixadas, sem se mover, congelado. Se ele ainda não está chorando, logo estará, e assim que Tommy tiver passado inteiramente por baixo da porta, Max provavelmente estará gritando sem parar para respirar, um urro alto e agudo que tinge o rosto todo dele de vermelho e enche-lhe os olhos de lágrimas. Ele vai fechar os punhos e esconder o rosto entre os braços, os olhos fechados, e vai gritar com uma voz fina e estridente. São gritos quase silenciosos; parecem vir de um apito para chamar cachorros. Cheio de ar, mas praticamente sem nenhum som.

E antes que alguma professora chegue aqui, Tommy vai enfiar a cabeça do Max na privada. E apesar de eu estar certo de que isso deve ser ruim para qualquer criança, vai ser muito pior para Max,



porque é assim que ele é. As coisas permanecem para sempre com Max. Ele não esquece nunca. E mesmo as mínimas coisas podem fazer mudanças permanentes nele. Seja o que for isso, vai mudar Max para sempre. Eu sei disso, só que não tenho ideia do que fazer.

“Socorro!”, eu quero gritar. “Alguém ajude meu amigo!” Mas somente Max me ouviria.

A cabeça de Tommy desaparece dentro do reservado.

– Lute, Max! Brigue! Não o deixe entrar aí! – grito eu.

Não sei o que me faz dizer isso. Fico surpreso com as palavras que saem da minha boca. E não é uma ótima ideia. Não é inteligente nem original. É simplesmente a única coisa que sobrou para fazer. Max tem de lutar ou sofrerá.

Tommy já colocou a cabeça e os ombros por baixo da porta e dá para adivinhar que ele está prestes a puxar os quadris e as pernas em um único movimento, bem rápido. Em segundos ele estará lá dentro com Max, ao lado do seu pequeno e trêmulo corpo, pronto para machucá-lo. Pronto para fazer um rodopio nele.

Então ouço outro grito, e não é Max. Desta vez quem grita é Tommy. Não é o grito aterrorizado e abafado de Max. É um tipo diferente de grito. Um grito mais consciente. Não é realmente um grito de pânico ou de susto, mas o grito de alguém que não pode acreditar no que acaba de acontecer. E enquanto está gritando, Tommy começa a falar, tenta se levantar, e esquece que estava ainda com a metade do corpo embaixo da porta. Ele bate as costas na parte inferior da porta e grita mais uma vez, desta vez de dor. Então a porta se abre e Max está lá em pé, já com as calças levantadas, mas ainda desabotoadas, o zíper aberto. E com a cabeça de Tommy entre suas pernas.

– Corra! – eu grito para Max e ele sai correndo, pisando nas mãos do Tommy, que dá outro grito de dor.

Max passa por mim correndo, puxando as calças para cima, e então passa pela porta de saída. Eu sigo seus passos pelo corredor. Em vez de virar à esquerda em direção à sua sala de aula, ele vira à direita, abotoando e subindo o zíper das calças, mas sem parar de correr.

– Para onde você está indo?

– Eu ainda preciso ir ao banheiro – responde ele. – Talvez o da enfermaria já esteja limpo agora.

– O aconteceu com Tommy? – pergunto. – O que você fez?  
– Eu fiz cocô na cabeça dele – responde Max.  
– Você fez cocô com outra pessoa no banheiro além de você? – pergunto.

Não acredito! Já é inacreditável que ele tenha feito cocô na cabeça do Tommy. Mas só o fato de ele ter conseguido fazer cocô na presença de outro ser humano é ainda mais surpreendente.

– Era só um cocozinho – explica Max. – Eu estava quase terminando quando ele entrou – Max dá mais alguns passos no corredor antes de adicionar: – Eu fiz cocô pela manhã, então havia muito menos cocô desta vez. Lembra? Era um cocô extra.

# Capítulo 7



Max está preocupado que Tommy conte tudo, assim como Max o dedurou quando Tommy trouxe o canivete suíço. Mas eu sei que ele não fará isso. Nenhuma criança quer que seus amigos, nem seus professores, saibam que alguém fez cocô na sua cabeça. Agora Tommy vai querer matar Max. E eu quero dizer realmente matar. Fazer o coração do Max parar de bater e aquilo tudo que é necessário para matar um ser humano.

Mas vamos nos preocupar com isso no dia que acontecer.

Max até consegue viver com medo da morte, enquanto ele não ficar encrencado por fazer cocô na cabeça do Tommy Swinden. As crianças têm medo de morrer o tempo todo, portanto, para Max, ficar com medo que Tommy o sufoque até a morte ou soque seu nariz é algo normal. Mas as crianças não são suspensas da escola por fazerem cocô na cabeça de um aluno do quinto ano. Isso só aconteceria em um mundo quebrado.

Peço para ele não se preocupar. Ele não acredita totalmente em mim, mas acredita o suficiente para não ficar empacado.

Além disso, Max fez cocô em Tommy Swinden três dias atrás, e desde aquele dia, não vimos mais o Tommy. No começo achei que ele estava faltando na escola, então fui para a sala de aula da professora Parenza para ver se ele estava lá. Encontrei Tommy sentado na primeira fila, bem perto da professora, provavelmente para que ela possa ficar bem de olho nele.

Não tenho muita certeza do que Tommy está pensando. Talvez ele esteja tão envergonhado por terem feito cocô na sua cabeça que decidiu esquecer a coisa toda. Ou talvez esteja com tanta raiva que está planejando torturar Max antes de matá-lo. Como as crianças que queimam formigas com uma lupa no recreio em vez de pisar nelas, esmagando-as com a sola do tênis, como qualquer um.

É isso que Max está pensando, e mesmo que eu tente convencê-lo do contrário, sei que, provavelmente, ele tem toda razão.

Não dá para fazer cocô na cabeça de um garoto como Tommy Swinden e achar que não vai acontecer nada. Que se ficará impune.

# Capítulo 8



Eu vi a minha amiga Graham hoje. Cruzei com ela quando estávamos a caminho da cantina. Ela acenou para mim.

Ela está começando a desaparecer.

Não consigo acreditar nisso.

Pude ver o cabelo espetado e o sorriso cheio de dentes dela através da sua mão, quando ela a agitou para a frente e para trás bem na frente do rosto.

Alguns amigos imaginários levam muito tempo para desaparecer, outros não: desaparecem em um curto espaço de tempo. Acho que Graham não tem muito mais tempo sobrando.

O nome da amiga humana dela é Megan, uma menina de 6 anos de idade. Só faz dois anos que Graham está viva, mas mesmo assim posso afirmar que ela é a minha mais antiga amiga imaginária, e não quero que ela vá embora. Ela é a minha única amiga verdadeira, com exceção do Max.

Temo por ela.

Temo por mim, também.

Algum dia vou levantar minha mão na frente do meu rosto e verei o rosto do Max do outro lado. Então saberei que também estou desaparecendo. Algum dia vou morrer ou deixar de existir, seja lá o que for que aconteça com amigos imaginários.

Deve ser. Não é mesmo?

Quero falar com Graham, mas não sei o que dizer. Fico pensando se minha amiga sabe que está desaparecendo.

E se ela não sabe, será que eu deveria contar?

Existem no mundo muitos amigos imaginários que nunca cheguei a conhecer, porque eles não saem de suas casas. A maioria dos amigos imaginários não tem a sorte, assim como Graham e eu, de ir para a escola ou passear por conta própria.

Uma vez, a mãe do Max nos levou à casa de um dos amigos dele e eu conheci três amigos imaginários. Estavam todos sentados em diminutas cadeiras na frente de um quadro-negro. De braços cruzados, estavam imóveis como estátuas, enquanto aquela menininha chamada Jessica recitava o alfabeto para eles e pedia que resolvessem problemas de matemática. Mas aqueles amigos imaginários não conseguiam andar ou falar. Quando entrei na sala de brinquedos, eles só piscaram para mim. Era a única coisa que conseguiam fazer. Piscar.

Esse tipo de amigo imaginário nunca dura muito. Uma vez vi um amigo imaginário aparecer no meio de uma sala de aula do jardim de infância do Max. Ele só durou quinze minutos. Depois simplesmente desapareceu. Tinha uma forma feminina e era como se alguém tivesse inflado um balão no meio da sala. Foi ficando cada vez maior e maior, como um daqueles balões em forma de pessoa que existem em paradas e desfiles, até ficar quase tão grande quanto eu. Era uma menina gordinha, cor-de-rosa, com duas marias-chiquinhas no cabelo e duas flores amarelas enormes no lugar dos pés. Quando a professora acabou de contar a história, ela começou a murchar, como se alguém a tivesse furado com um alfinete. Ela começou a encolher, encolher, até chegar a um ponto que não consegui mais vê-la.

Fiquei bem assustado vendo aquela menina cor-de-rosa desaparecer. Quinze minutos não é nada.

Ela nem conseguiu ouvir o final da história.

Mas faz tanto tempo que Graham existe... Faz dois anos que ela é minha amiga. Não consigo acreditar que ela está morrendo.

Quero ficar bravo com sua amiga humana, Megan. É culpa dela Graham estar morrendo. Ela não acredita mais em Graham.

Quando Graham não existir mais, a mãe da Megan vai perguntar para onde a amiga dela foi, e Megan vai dizer algo assim: "Graham não mora mais aqui"; "eu não sei onde Graham está"; ou "Graham está de férias". E a mãe da Megan provavelmente vai sorrir e ficar feliz ao ver que a filhinha está crescendo.

Mas não. Não é isso que vai acontecer. Graham não vai sair de férias, nem está se mudando para outra cidade ou outro país.

Graham vai deixar de existir.

Você deixou de acreditar, menina, e agora minha amiga vai desaparecer. Só porque você é o único ser humano que pode ver e

ouvir Graham, isso não significa que ela não é real. Eu também posso ver e ouvir Graham. Ela é minha amiga.

Às vezes, quando você e Max estão na sala de aula, nós nos encontramos nos balanços para conversar.

Também gostamos de brincar de pega-pega enquanto você e Max estão no recreio.

Graham me chamou de herói quando impedi que Max corresse e ficasse na frente de um carro em movimento. Mesmo não concordando sobre ter sido um herói, o elogio dela ainda me faz sentir bem.

E agora ela não vai mais existir só porque você não acredita mais nela.

Estamos sentados na cantina. Max está na aula de música e Megan está almoçando. Só de observar Megan conversando com as outras garotas na mesa do almoço dá para perceber que ela não precisa mais de Graham como antes. Megan sorri. Dá umas gargalhadas. Acompanha a conversa da turma com os olhos. De vez em quando, até faz um comentário. Agora ela faz parte de um grupo.

Ela é uma nova Megan. Completamente diferente.

– Como você está se sentindo hoje? – pergunto eu, esperando que isso ajude Graham a mencionar algo sobre seu processo de desaparecimento.

E é exatamente o que ela faz.

– Eu sei o que está acontecendo, se é disso que você está falando – diz ela.

Minha amiga tem cara de quem está triste, mas também como se tivesse desistido. É como se ela já estivesse rendida.

– Ah! – exclamo eu, e a seguir fico por alguns momentos sem falar nada.

Olho para ela e depois finjo olhar a sala ao nosso redor, por cima do meu ombro e à minha esquerda, agindo como se um som no canto da cantina tivesse chamado minha atenção. Não posso olhar para ela, porque isso na verdade quer dizer que estou olhando através dela. Acabo olhando de volta para ela e me forço a encará-la.

– Qual é a sensação? – pergunto eu.

– Nenhuma. Não sinto nada.

Ela levanta as mãos para me mostrar, e eu consigo ver o rosto dela, sem nenhum sorriso desta vez, do outro lado das suas mãos. É como se as mãos de Graham fossem feitas de papel-vegetal.

– Não entendo – digo eu. – O que aconteceu? Megan ainda pode ouvir se você falar com ela?

– Claro que sim. E ela ainda pode me ver, também. Acabamos de passar os dez primeiros minutos do recreio juntas, jogando amarelinha.

– Então, por que ela não acredita mais em você?

Graham suspira. E logo em seguida suspira de novo.

– Não é que ela não acredita mais em mim. Ela não *precisa* mais de mim. Megan costumava ter medo de falar com as outras crianças. Quando era pequena, era um pouco gaga. Ela já não tem mais esse problema, mas quando ainda gaguejava, levava muito tempo para conversar com as outras crianças e para fazer amigos. Mas ela está recuperando tudo isso agora. Algumas semanas atrás, ela foi brincar na casa da Annie. Foi a primeira vez que Megan foi brincar na casa de um colega. Agora ela e Annie conversam o tempo todo. Ontem até chamaram a atenção delas na sala de aula: elas estavam conversando em vez de ler. E hoje, quando as meninas nos viram jogando amarelinha, elas se aproximaram e começaram a jogar também.

– O que é ser gago? – pergunto.

Fiquei pensando se Max também não era gago.

– É quando as palavras não saem direito. Megan costumava ficar atrapalhada com as palavras. Ela sabia que palavra dizer, mas não conseguia fazer com que sua boca a pronunciasse. Muitas vezes eu falava a palavra bem devagar para ela, e então ela a repetia, conseguindo se expressar. Mas agora Megan só gagueja quando está com medo, nervosa ou muito surpresa.

– Ela se curou?

– Mais ou menos – disse Graham. – Ela trabalhou com a Sra. Riner durante a semana e com o Sr. Davidoff depois da escola. Demorou bastante tempo, mas agora ela pode falar muito bem, por isso está conseguindo fazer amigos.

Max também trabalha com a Sra. Riner. Será que ele também pode ser curado? Gostaria de saber se esse Sr. Davidoff é o terapeuta que a mãe do Max quer que ele veja.



– Então o que você vai fazer? – pergunto. – Não quero que você desapareça. Não tem como você parar isso?

Estou preocupado com Graham, mas tenho de fazer essas perguntas por mim, no caso de ela desaparecer bem na minha frente. Tenho de fazer o máximo de perguntas que puder enquanto ela ainda está por aqui.

Graham abre a boca para falar, mas logo para. Fecha os olhos, balança a cabeça e esfrega os olhos com as mãos. Agora fico pensando se ela não está com gagueira. Mas então ela começa a chorar. Tento lembrar se alguma vez já vi algum amigo imaginário chorar.

Acho que não.

Vejo como ela afunda o queixo no peito e soluça. Lágrimas escorrem do rosto dela, e quando finalmente uma gota escorre pelo seu queixo, vejo como a lágrima cai, respinga na mesa e em seguida desaparece por completo.

Assim como Graham vai sumir daqui a pouquíssimo tempo.

Sinto-me de volta ao banheiro dos meninos. Tommy Swinden rastejando sob a porta do reservado. Max em pé sobre o vaso sanitário, as calças arriadas em volta dos tornozelos. E eu em pé no canto, sem saber o que dizer ou o que fazer.

Espero até que os soluços de Graham se transformem em fungadas pausadas. Espero as lágrimas pararem de escorrer. Aguardo até que ela possa abrir os olhos novamente.

Então eu falo.

– Tenho uma ideia.

Fico em silêncio por alguns momentos, esperando Graham dizer alguma coisa. Ela apenas funga.

– Eu tenho um plano – volto a dizer. – Um plano para salvar você.

– Sério? – responde a minha amiga, mas fica óbvio que ela não acredita em mim.

– Tenho sim – confirmo. – Tudo que você tem que fazer é ser amiga da Megan. – Mas isso não está certo e eu percebo assim que acabo de falar.

– Não, espere – eu me corrijo. – Isso não está certo.

Faço uma pausa. A ideia está lá. Só tenho de descobrir o jeito certo de falar. “O jeito de falar sem gaguejar”, pensei eu.

Então descobri o que tinha de dizer.

– Eu tenho um plano – digo novamente. – Temos que nos assegurar de que Megan precise de você. Temos que descobrir um jeito de que seja impossível para ela viver sem você.

# Capítulo 9



Não entendo como não pensamos nisso antes. A professora da Megan, a senhora Pandolfe, faz todas as sextas-feiras um ditado para a classe, e Megan geralmente não se dá nada bem nesses testes.

Acho que Max nunca escreveu uma só palavra errada nesses ditados, mas Graham conta que Megan escreve pelo menos seis palavras erradas em cada ditado semanal. E isso é mais ou menos a metade das palavras ditadas. Graham não tinha ideia que a metade de doze é seis. Achei muito estranho ela não saber disso, porque parece bastante óbvio. Afinal, se seis mais seis é igual a doze, como pode ser que alguém não saiba que a metade de doze é seis?

Mas talvez eu também não soubesse quanto era a metade de doze quando Max e eu estávamos no primeiro ano. Mas acho que eu sabia, sim.

Graham e eu passamos o almoço inteiro fazendo uma lista de todos os problemas da Megan. Eu disse a Graham que precisávamos encontrar um problema que ela pudesse ajudar a corrigir, e então, depois que Graham a ajudasse, Megan perceberia quanto ainda precisava da sua amiga imaginária.

Graham achou a ideia ótima.

– Sabe que isso pode até funcionar? – disse ela, arregalando os olhos brilhantes pela primeira vez desde que começara a desaparecer. – Essa é uma ótima ideia. Acho que realmente poderia funcionar.

Mas acho que Graham concordaria com qualquer ideia, pois está sumindo cada vez mais a cada minuto.

Até tentei fazer com que risse, dizendo que suas orelhas já tinham desaparecido, afinal, ela nunca teve orelhas mesmo... Mas Graham não deu nem uma risadinha com a minha brincadeira. Ela está muito assustada. Diz que hoje, em especial, se sente menos real, como se simplesmente estivesse a ponto de sair flutuando pelo céu. Comecei contando sobre satélites no espaço e como eles podem cair

das suas órbitas e passar a flutuar, só para ver se é assim que ela se sente, mas logo depois parei.

Acho que ela não quer falar sobre isso.

Max me ensinou sobre objetos caindo das suas órbitas no ano passado. Ele leu sobre isso em um livro. Tenho muita sorte porque Max é inteligente e lê muito, portanto, também aprendo muito. É por isso que eu sei que metade de doze é seis, e que os satélites podem cair das suas órbitas e flutuar para sempre.

Fico contente de ser amigo do Max e não da Megan. Ela não consegue nem soletrar a palavra *barco*.

Então fizemos uma lista dos problemas da Megan. É claro que não pudemos escrever a lista em um papel, pois nenhum de nós dois consegue segurar um lápis, mas a lista era curta o suficiente para que pudéssemos decorá-la:

Gagueja quando está chateada.

Medo do escuro.

Erros de ortografia.

Não consegue amarrar os cadarços dos sapatos.

Faz birra toda noite antes de dormir.

Não consegue fechar o zíper dos casacos.

Não sabe chutar uma bola bem longe.

Não é uma boa lista, porque Graham não pode ajudar a amiga em vários desses problemas. Se Graham pudesse amarrar cadarços ou fechar um zíper, ela também seria capaz de amarrar os cadarços dos tênis da Megan ou fechar o zíper dos casacos dela, mas Graham não pode. Só conheço um amigo imaginário que consegue tocar e mover coisas no mundo humano, e ele não nos ajudaria mesmo se eu lhe implorasse.

E de toda forma, morro de medo dele para ter coragem de ir visitá-lo.

Como eu não sabia o que era birra, Graham foi obrigada a explicar. Pelo que ela disse, o ataque de birra da Megan se parece muito com o que Max tem quando fica empacado. Megan não gosta de ir para a cama, então, assim que a mãe dela avisa que chegou a hora de escovar os dentes, ela começa uma gritaria, bate os pés, e muitas vezes o pai dela é obrigado a pegá-la no colo e carregá-la para o banheiro.

– E isso acontece todas as noites? – pergunto, espantado, para Graham.

– Infelizmente, sim. Ela fica toda vermelha, suada, e depois começa a chorar. Tem muitas noites que ela chora até cair no sono. Fico me sentindo tão mal por ela, mas nada do que os pais da Megan ou eu façamos ou digamos melhora a situação.

– Uau! – exclamo, porque não consigo nem imaginar como deve ser chato ficar ouvindo uma pessoa tendo um ataque de birra todas as noites.

Max não fica empacado muitas vezes, mas quando acontece, é como se estivesse tendo um ataque de birra interno. Ele fica muito quieto, com os punhos bem fechados, tremendo e balançando um pouco, mas não fica vermelho, nem sua ou grita. Mas em compensação, parece que está tendo todos esses sintomas de birra dentro dele, parecendo empacado só por fora. E algumas vezes demora bastante até que ele consiga desempacar.

Mesmo assim, quando acontece, pelo menos não é tão alto ou irritante como uma birra. E nunca acontece só porque é hora de ir para a cama. Max gosta de ir para a cama sempre que for a hora certa.

Oito e meia da noite.

Se ele for mandado para a cama muito mais cedo ou muito mais tarde, ele fica bem chateado.

Como não consegui imaginar um jeito da Graham ajudar Megan com os ataques de birra, não sobrou quase nada da nossa lista que a minha amiga imaginária pudesse fazer. E foi assim que voltamos aos ditados semanais.

– Mas como vou poder ajudar a minha amiga a não cometer tantos erros de ortografia? – quis saber Graham.

– Eu posso mostrar como. É fácil.

A Sra. Pandolfe coloca as palavras que vai usar nos ditados semanais em um cartaz pendurado bem na frente da classe, assim como a Sra. Gosk também faz. Ela retira a lista na quinta-feira à tarde, portanto Graham e eu ficamos em pé, durante a última hora de aula, decorando todas as palavras do ditado. Nunca prestei muita atenção nos ditados do Max. Na verdade, nunca prestei atenção às lições de ortografia da professora Gosk, portanto, a tarefa foi mais difícil do que eu pensei que seria. Muito mais difícil.

Mas depois de uma hora, Graham já sabia como soletrar perfeitamente cada palavra.

Amanhã ela ficará em pé ao lado da Megan enquanto ela faz o ditado, e quando Megan escrever errado uma palavra, Graham vai dizer para ela como se escreve essa palavra de forma correta. Creio que é um ótimo plano, pois Megan tem de fazer um ditado por semana, então a ajuda não será apenas em uma única situação. Ela pode ajudar Megan todas as semanas. Quem sabe ela não comece até mesmo a ajudar Megan em outros testes também?

Se Graham não desaparecer hoje à noite, eu realmente penso que nosso plano pode funcionar. Um amigo imaginário chamado Senhor Dedo uma vez contou que os amigos imaginários desaparecem quando a maioria dos seus amigos humanos está dormindo, mas acho que ele provavelmente estava inventando essa história só para me impressionar. Como alguém poderia saber algo assim? Eu quase falei para Graham tentar manter Megan acordada durante a noite, no caso de o Senhor Dedo ter contado a verdade, mas Megan tem apenas 6 anos, e crianças pequenas como ela não podem ficar acordadas a noite inteira. Por mais que Graham tentasse, ela acabaria caindo no sono.

Portanto, a única coisa que posso fazer é torcer para que Graham sobreviva a esta noite.

# Capítulo 10



Max está com raiva de mim porque ultimamente estou passando muito tempo com Graham. Na verdade, Max não sabe que estive com ela. Só sabe que eu estava em outro lugar, e está bravo por causa disso. Por um lado acho até bom. Sempre fico um pouco nervoso quando não vejo Max por um tempo. Mas por outro, se ele fica com raiva por eu não estar ao lado dele, isso significa que Max pensa em mim e sente a minha falta.

– Precisei fazer xixi e você não estava lá para checar dentro do banheiro – diz Max. – Tive que bater na porta.

Agora estamos dentro do ônibus escolar, voltando para casa, e Max está de cócoras em seu assento, sussurrando para mim para que as outras crianças não nos ouçam. O problema é que elas nos ouvem. Elas sempre conseguem nos ouvir. Max não é capaz de ver o que as outras crianças veem, mas eu sou. Eu posso ver a floresta justamente por causa das árvores.

– Precisei fazer xixi e você não estava lá para checar o banheiro – repete Max.

Max costuma repetir o que disse quando alguém não responde às suas perguntas. Ele precisa de uma resposta antes que possa continuar falando. Só que Max nem sempre formula perguntas na forma de perguntas. Muitas vezes ele apenas fala alguma coisa e supõe que seu interlocutor saiba que aquilo é uma pergunta. Se ele é obrigado a repetir a pergunta três ou quatro vezes, algo que nunca precisa fazer comigo, mas que costuma acontecer com os professores e com o pai dele, Max fica realmente muito incomodado. Algumas vezes isso faz com que ele fique empacado.

– Eu estava na sala de aula do Tommy – respondo. – Estava tentando descobrir tudo sobre os próximos planos dele. Queria ter certeza que ele não vai se vingar esta semana.

– Você estava espionando – diz Max, e eu sei que sua frase também é uma pergunta, mesmo que ele não a tenha dito como tal.

– Exatamente – confirmo. – Eu estava espionando.

– OK – diz Max, mas percebo que ele ainda está chateado comigo.

Não posso contar a ele o que eu estava fazendo com Graham porque não quero que ele saiba da existência de outros amigos imaginários. Fico achando que se Max pensar que sou o único amigo imaginário do mundo inteiro, então vai me achar especial. Ele pensará que sou único. O que deve ser uma coisa boa, penso eu.

Isso me ajuda a persistir.

Fico com medo que se Max souber que existem outros amigos imaginários, e ficar com raiva de mim como está agora, talvez ele simplesmente se esqueça de mim e imagine um novo amigo imaginário. E daí eu desapareceria como Graham está desaparecendo neste momento.

Mas manter esse segredo tem sido difícil, porque quero contar a história de Graham para Max. No início, eu queria contar tudo para ele. Achava que talvez Max pudesse fazer alguma coisa para nos ajudar. Ele é tão inteligente que achei que com certeza teria uma boa ideia para ajudar Graham. Por exemplo, ele poderia nos ajudar a resolver um dos problemas da Megan, como ensiná-la a amarrar os próprios sapatos. Depois ele poderia dizer para ela que tinha sido ideia da Graham, assim ela levaria todo o crédito.

Mas agora só quero contar ao Max sobre Graham porque estou apavorado. Vou perder uma amiga e não tenho com quem conversar sobre isso. Acho que poderia falar com Puppy, mas não o conheço muito bem, pelo menos não tão bem quanto conheço Max ou Graham. E mesmo se Puppy pudesse falar, não deixa de ser muito estranho ficar conversando com um cachorro. Max é meu amigo, e ele deveria ser a pessoa com quem eu deveria conversar quando estou triste ou com medo, mas não posso.

Só espero que Graham venha para a escola amanhã e que não seja muito tarde para fazer algo.

O pai do Max gosta de dizer às pessoas que todas as noites ele e o filho brincam de jogar bola no quintal, como estão fazendo hoje à noite. Ele fala para todo mundo que Max brinca com ele, e às vezes diz isso até mais de uma vez, mas normalmente espera até a mãe do Max não estar por perto para falar isso. De vez em quando ele comenta isso assim que ela sai da sala, se sabe que a mãe do Max voltará em seguida.



Mas a verdade é que ele e Max realmente não brincam de jogar bola. O pai do Max joga a bola e Max a deixa cair. A bola rola no chão, e só quando ela para é que Max a pega e tenta jogá-la de volta. O único problema é que o pai do Max nunca fica perto o suficiente para que a bola o alcance, mesmo quando tenta estimulá-lo dizendo coisas como:

– Adiante-se!

Ou:

– Jogue com seu corpo!

E também:

– Filho, com toda a vontade!

Sempre que eles fazem essa brincadeira de pegar a bola, o pai do Max o chama de *filho* em vez de Max.

Mas mesmo se Max se *adiantar* ou jogar *com toda a vontade* (eu não tenho ideia do que significam essas coisas, e acho que Max tem menos ainda), a bola nunca chega até o pai dele.

Não entendo por que o pai do Max não fica mais perto, se quer que a bola o alcance...

Agora Max está na cama. Ele está dormindo. Sem nenhum ataque de birra prévio, é claro. Ele escovou os dentes, colocou o pijama que usa nas noites de quinta-feira, terminou o capítulo do livro que está lendo, e colocou a cabeça sobre o travesseiro exatamente às oito e meia da noite. Hoje a mãe dele está em uma reunião, portanto, foi o pai do Max quem disse boa-noite e deu um beijo na testa dele. Depois de fazer isso, apagou a luz do quarto e acendeu as luzes noturnas, de baixa luminosidade.

Max tem três luzinhas dessas no quarto dele.

Estou sentado no escuro, ao lado da cama do Max, pensando em Graham. Fico pensando se ainda sobrou alguma coisa dela para ser pensada. Tentando descobrir se há algo mais que eu possa fazer.

A mãe do Max volta para casa um pouco depois. Ela se esgueira para dentro do quarto dele, caminhando silenciosamente na ponta dos pés até a cama do Max. Então o beija na testa. Max permite que a mãe e o pai dele o beijem, mas tem de ser muito rápido e sempre na bochecha ou na testa, e Max se encolhe sempre que eles fazem isso. Mas quando ele está assim, dormindo, sua mãe então pode dar um longo beijo nele, geralmente na testa, mas às vezes também no rosto. Tem noites que ela entra no quarto dele duas ou

três vezes só para beijá-lo. E sempre o faz antes de ir deitar, mesmo que tenha sido ela quem o colocou para dormir e o beijou.

Uma vez, no café da manhã, a mãe do Max contou que tinha dado um beijo de boa-noite nele enquanto ele dormia.

– Você parecia um anjo na noite passada, quando fui te dar um beijo de boa-noite – comentou a mãe do Max.

– Papai me colocou na cama ontem – disse ele. – Não foi você.

Essa era uma das *perguntas-que-não-são-perguntas* que Max fazia, e eu sei disso. A mãe dele também sabe. Ela sempre sabe. A mãe do Max sabe ainda melhor do que eu.

– Você está certo – disse ela. – Eu fui visitar o vovô no hospital, mas quando cheguei aqui em casa, entrei na ponta dos pés no seu quarto e dei um beijo de boa-noite em você.

– Você me deu um beijo de boa-noite – disse Max.

– Dei sim – confirmou a mãe.

Mais tarde, quando estávamos indo para a aula no ônibus da escola, Max ficou de cócoras e me perguntou:

– Mamãe me beijou nos lábios?

– Não – disse eu. – Na testa.

Max tocou a testa, esfregou os dedos nela e depois olhou para os dedos.

– Foi um beijo muito comprido? – perguntou meu amigo.

– Não – respondo. – Foi super-curto.

Mas aquilo não era verdade. Eu não costumo mentir para Max, mas desta vez menti por achar que seria melhor para Max e para a mãe dele.

Até hoje Max ainda me pergunta se a mãe dele lhe dá um longo beijo nas noites em que ela não está em casa para colocá-lo na cama. Eu sempre respondo:

– Negativo. Supercurto.

E nunca contei para Max sobre todos os beijos extras que sua mãe lhe dá antes de ir se deitar.

Mas isso não é mentir, pois Max nunca me perguntou se ele recebe beijos extras dela.

A mãe do Max está jantando. Ela aqueceu o prato de comida que o pai do Max deixou para ela com o que sobrou do jantar. O pai do Max está sentado na mesa bem na frente dela, lendo uma revista. Não sou muito bom em leitura, mas sei que essa revista se chama *Sports Illustrated*, porque o pai do Max a recebe do entregador de revistas todas as semanas.

Estou chateado. Pelo visto a mãe e o pai do Max não vão assistir à tevê tão cedo, e eu quero assistir à televisão. Eu gosto de sentar no sofá ao lado da mãe do Max para assistir aos programas e ouvir os comentários que eles fazem durante os comerciais sobre o que estamos assistindo.

Comerciais são como miniprogramas passados entre o verdadeiro programa de tevê, mas a maioria deles é muito estúpida e irritante, portanto, ninguém realmente os assiste. As pessoas usam os comerciais para conversar, ir ao banheiro ou para encher o copo com mais refrigerante.

O pai do Max adora reclamar dos programas de televisão. Costuma dizer que nada nunca é bom o suficiente. Alega que as histórias são *ridículas* e que percebeu muitas *oportunidades perdidas*. Não tenho certeza, mas acho que ele quer dizer que os programas seriam melhores se ele pudesse dizer às pessoas do programa o que fazer.

Algumas vezes a mãe do Max se irrita com as reclamações do pai do Max porque ela gosta de assistir aos programas. Ela não fica procurando as *oportunidades perdidas*.

– Eu apenas quero uma folga do meu dia – diz ela, e eu concordo. Eu não assisto aos programas com o objetivo de encontrar uma maneira de torná-los melhor. Eu só gosto das histórias. Mas na maior parte do tempo, a mãe e o pai do Max ficam rindo dos programas engraçados e roendo as unhas quando assistem a um programa assustador ou de suspense. Acho que a mãe e o pai do Max nem percebem que os dois roem as unhas ao mesmo tempo quando assistem à tevê.

Eles também gostam de prever o que vai acontecer no próximo episódio. Não tenho certeza, mas acho que os pais do Max também devem ter sido alunos da Sra. Gosk no terceiro ano. Ela sempre pede aos alunos que façam previsões sobre o livro que está sendo lido na classe, e parece que fazer previsões é o que os pais do Max mais gostam de fazer. Eu também gosto de fazer previsões, assim posso esperar e verificar se estava certo. A mãe do Max gosta de prever que

coisas boas vão acontecer mesmo quando tudo parece péssimo. Eu costumo prever o pior final possível, e às vezes acerto, especialmente quando assistimos a filmes.

É por isso que hoje estou tão nervoso sobre o futuro da Graham. Não consigo parar de pensar no pior.

Em certas noites, tenho de sentar na poltrona, porque o pai do Max senta bem juntinho da mãe do Max, abraçando-a. Então ela se aconchega ao lado dele e os dois sorriem. Eu gosto dessas noites porque sei que eles estão felizes, mas ao mesmo tempo, fico me sentindo um pouco deixado de lado. Como se não pertencesse àquela cena. Quando isso acontece eu saio da sala, especialmente se eles estão assistindo a um show sem uma história, como aqueles em que as pessoas decidem quem canta melhor e o vencedor ganha um prêmio.

Na verdade, acho mais divertido descobrir quem está cantando pior.

Os pais do Max estão em silêncio já faz bastante tempo. Ela está comendo e ele está lendo. Os únicos sons são o tilintar dos talheres no prato. A mãe do Max nunca fica assim tão quieta, a não ser que queira que o pai do Max fale primeiro. Geralmente ela tem muita coisa a dizer, mas às vezes, quando eles estão brigando, ela gosta de esperar e ver se o pai do Max vai falar primeiro. Ela nunca me disse isso, mas eu sei. Faz muito tempo que assisto às brigas deles.

Não sei sobre o quê estão brigando esta noite, portanto, é quase como assistir a um programa de televisão. Sei que vão brigar logo mais, só não tenho ideia sobre do assunto. É um mistério. Pelas minhas previsões, deve ser algo relacionado a Max; normalmente é sobre ele que os dois discutem.

Assim que termina de jantar, a mãe do Max finalmente resolve falar:

– Você já pensou em consultar um médico?

O pai do Max suspira.

– Você realmente acha que precisamos fazer isso?

Ele não tira os olhos da revista, o que é um mau sinal.

– Já se passaram dez meses.

– Eu sei, mas dez meses não é tanto tempo. Afinal, não tivemos nenhum problema antes.

Agora ele está olhando para a mãe do Max.

– Eu sei – responde ela. – Mas então quanto tempo mais você acha que devemos esperar? Não quero esperar um ano ou dois antes de falar com alguém e depois descobrir que temos um problema. Prefiro saber agora, para que possamos fazer alguma coisa para resolver.

O pai do Max olha para cima e revira os olhos.

– Eu apenas penso que dez meses não é tanto tempo assim. Scott e Melanie levaram quase dois anos, lembra?

A mãe do Max suspira. Não sei dizer se ela está triste, frustrada ou alguma outra coisa.

– Eu sei – ela diz. – Mas não faria mal a ninguém conversar com um especialista, você não acha?

– Sei – disse ele, e agora parece bravo. – Estaria tudo bem se a única coisa que tivéssemos que fazer fosse falar com alguém. Mas só conversar com um médico não vai resolver nada se tivermos um problema. Eles terão que fazer testes. E estamos falando de apenas dez meses.

– Mas você não quer saber?

O pai do Max não responde. Se ela fosse Max, repetiria a pergunta, mas às vezes adultos respondem a perguntas justamente não respondendo nada. Acho que é isso o que o pai do Max está fazendo.

Quando ele finalmente resolve falar, responde a primeira pergunta que a mãe do Max fez, em vez da última.

– Tudo bem, podemos ir a um médico. Você marca a consulta?

A mãe do Max faz que sim com a cabeça. Eu pensei que ela ficaria feliz de o pai do Max ter concordado em ir ao médico, mas ela ainda parece triste. O pai do Max também parece triste, mas nenhum dos dois olha para o outro. Nem por uma vez. É como se existissem cem mesas de jantar entre eles, não apenas uma.

Também estou triste, mas por eles. Se tivessem ficado só assistindo à televisão, isso nunca teria acontecido.

# Capítulo 11



Digo a Max que vou checar mais uma vez onde Tommy Swinden está. Ele concorda. Como Max fez cocô hoje de manhã, não vai precisar de mim para verificar o banheiro até a hora do almoço. E a Sra. Gosk começou o dia fazendo uma leitura em voz alta para a classe. Max adora quando a professora lê em voz alta. Ele fica tão focado na voz dela que se esquece do mundo, portanto, é muito provável que nem perceba que eu saí.

Eu não vou para a sala do Tommy. Vou para a sala de aula da Sra. Pandolfe. Para dizer a verdade, não quero ir. Tenho muito medo do que vou encontrar. Ou do que não vou encontrar.

Entro na classe, aliás, muito mais arrumada e organizada do que a da Sra. Gosk. Todas as mesas estão perfeitamente alinhadas e não há montanhas de papéis em constante deslizamento sobre a mesa da Sra. Pandolfe. É tudo quase demasiadamente limpo.

Dou mais uma espiada na sala. Olho de um lado para o outro de novo. Graham não está aqui. Procuro no canto da sala atrás da estante, e também nos ganchos para pendurar casacos. Ela não está lá.

As crianças estão sentadas nas carteiras, olhando para a Sra. Pandolfe, que está parada na frente da classe. Ela está apontando para um calendário e falando sobre as datas e o tempo. O cartaz com a lista de palavras que devem ser estudadas para o ditado semanal desapareceu.

Então vejo Megan. Ela está sentada no fundo da sala e tem uma das mãos levantadas. Ela quer responder à pergunta que a Sra. Pandolfe fez sobre o número de dias que o mês de outubro tem.

Trinta e um dias. Essa resposta eu sei.

Não vejo Graham.

Minha vontade é ir até a carteira da Megan e perguntar se ela deixou de acreditar na amiga imaginária na noite passada.

– Você parou de acreditar na menina de cabelos espetados que lhe fazia companhia quando você não sabia como falar e todos zombavam de você?

– Você se esqueceu da sua amiga quando se esqueceu de gaguejar?

– Você pelo menos notou que ela está desaparecendo?

– Você matou a minha amiga?

Megan não pode me ouvir. Eu não sou o amigo imaginário dela. Graham é a amiga imaginária dela.

Graham foi a amiga imaginária dela.

E de repente eu a vejo. Ela está em pé a poucos passos de distância da Megan, bem perto do fundo da classe, mas mal posso vê-la. Eu estava olhando diretamente através dela, em linha reta, olhando através das janelas, e nem sabia disso. É como se alguém tivesse pintado o retrato dela na janela muito tempo atrás e agora estivesse tudo desbotado e desgastado. Acho que eu nem a notaria se ela não tivesse piscado. Na verdade, eu primeiro a vi se movimentando, depois a sua silhueta.

– Achei que você não conseguiria me ver – diz Graham.

Não sei o que responder.

– Tudo bem – diz ela. – Eu sei como está difícil me ver. Quando abri os olhos esta manhã e não consegui ver as minhas mãos, até pensei que já tinha desaparecido.

– Você dorme? Não sabia – disse eu.

– Claro que durmo. Você não?

– Não – respondo.

– Então o que você faz quando Max está dormindo?

– Eu fico um pouco com os pais dele até eles irem dormir – explico. – Aí eu saio para dar umas caminhadas.

Não conto nada sobre as minhas visitas ao posto de gasolina da esquina, ao *Dooqies*, nem ao hospital ou à delegacia de polícia. Nunca contei nada sobre as minhas visitas aos meus amigos imaginários. É que sinto que são coisas minhas. Algo especial meu.

– Uau! – diz Graham, e pela primeira vez percebo que a voz dela também está começando a desaparecer. Parece frágil e fina, como se estivesse falando por trás de uma porta.

– Nunca soube que você não precisava dormir. É uma pena...

– Por quê? – questiono eu. – O que tem de bom em dormir?

– Quando a gente dorme, sonha.

– Você sonha? – pergunto, espantado.

– Claro que sim! – diz Graham. – Na noite passada, sonhei que Megan e eu éramos irmãs gêmeas. Brincávamos juntas na caixa de areia, e os meus dedos podiam tocar os grãos da areia. Eu conseguia segurar um punhado de areia nas mãos e deixar que os grãos escorregassem pelos meus dedos, assim como Megan faz.

– Não consigo acreditar que você sonha – digo eu.

– E eu que você não sonha.

Nenhum de nós diz nada por alguns momentos.

Há um menino na frente da sala de aula chamado Norman. Ele está falando sobre a sua visita a um lugar chamado prisão de Old Newgate. Eu sei o que é uma prisão, por isso sei que ele está mentindo. Aqui nos Estados Unidos, crianças não estão autorizadas a visitar prisões. O que não entendo é por que a Sra. Pandolfe não está fazendo Norman dizer a verdade. Se a Sra. Gosk o ouvisse contar essa história, ela diria:

– Vexame! Vexame! Que todos saibam seu nome infame! – daí então Norman teria de dizer a verdade.

Norman tem uma pedra na mão que diz ter encontrado na prisão. Ele diz que veio de uma *mina*. E isso também não faz nenhum sentido. Mina é uma bomba que soldados enterram no chão, e quando outros soldados pisam nela, a bomba explode. Max finge cavar campos minados para os seus soldadinhos de brinquedo. É por isso que eu sei o que é uma *mina*. Assim, como Norman poderia conseguir uma pedra em uma mina?

Mas Norman enganou todo mundo, porque agora todas as crianças da classe querem tocar a pedra. E o pior é que deve ser uma pedra qualquer que ele encontrou no parquinho durante o recreio da manhã. Mesmo que ele tenha realmente achado a pedra sobre uma mina, continua sendo apenas uma pedra. Porque todo mundo está tão animado? A Sra. Pandolfe tem de pedir para a classe *sentar e relaxar*. Quando a senhora Gosk quer que os alunos relaxem, ela diz:

– Não façam um auê!

Eu não sei o que isso significa, mas soa engraçado.



A Sra. Pandolfe pede às crianças que se sentem nas suas cadeiras novamente. Ela promete que, se forem pacientes, todos terão chance de segurar a pedra.

*Não percebem que é só uma pedra?* Era o que eu queria poder gritar.

Todo esse absurdo acontecendo enquanto a minha amiga está morrendo.

– Quando é o ditado? – consigo finalmente perguntar.

– Logo depois disso, eu acho – responde Graham, e a voz dela está ainda mais fraca do que antes. Agora soa como se ela estivesse falando por trás de três portas bem pesadas. – Ela geralmente faz o ditado depois do momento *mostrar e contar*.

Graham está certa. Depois que acabou a mentira sobre a falsa viagem de Norman para a prisão e que todos tiveram oportunidade de tocar aquela pedra estúpida, a Sra. Pandolfe finalmente distribuiu o papel branco pautado para o ditado.

Durante o ditado, fico no fundo da sala, e Graham fica ao lado da Megan. Eu quase não a vejo mais. Quando ela fica parada, praticamente desaparece por completo.

Eu estou em pé lá atrás, esperando Megan cometer pelo menos um erro. Graham também comentou que, apesar de a Megan errar muito, em alguns ditados ela escreve certo todas as palavras. Se hoje for assim e ela escrever certo todas as palavras, não vamos ter muito tempo para pensar em um novo plano.

A impressão que dá é que Graham vai desaparecer a qualquer momento.

Então acontece. A professora dita a palavra *gigante* e Megan a escreve no papel. Um segundo mais tarde, Graham se inclina, aponta para o papel e diz algo. Megan tinha escrito errado a palavra, provavelmente com *j* em vez de *g*, e sinto até vertigem quando vejo que a menina apaga a palavra e a reescreve.

Acontece de novo três palavras depois, desta vez com a palavra *surpresa*. Até o final do ditado, Graham ajudou Megan a escrever corretamente cinco palavras. Fico esperando para ver a reversão do desaparecimento da minha amiga. Em alguns minutos espero não perdê-la mais de vista, já que agora mal consigo enxergar quando ela está se movendo. A qualquer instante a minha amiga vai aparecer por inteiro novamente. Ela estará segura mais uma vez.

Eu aguardo.

Graham também aguarda.

O ditado acabou. Estamos sentados em uma pequena mesa no fundo da sala, olhando um para o outro. Aguardo o momento em que vou poder pular e gritar: “Deu certo! Está realmente acontecendo! Você está voltando!”.

A professora Pandolfe já passou a explicar matemática e nós ainda estamos esperando.

Mas não está acontecendo. Na verdade, acho que ela está desaparecendo cada vez mais. Graham está sentada a dois metros de distância, bem na minha frente, e eu mal posso vê-la.

Quero duvidar do que vejo. Os meus olhos devem estar me pregando peças. Mas então eu sei que é verdade. Graham continua a desaparecer. Ela está se tornando cada vez mais transparente, minuto a minuto.

E não posso nem contar isso a ela. Não quero dizer a Graham que o plano não funcionou, porque deveria ter funcionado. Tinha de ter dado certo.

Mas não funcionou. Graham está sumindo. Ela já desapareceu quase por completo.

– Não funcionou – proclama finalmente a minha amiga, quebrando o silêncio. – Eu sei que não deu certo. Mas tudo bem.

– Dói?

Assim que falei isso, desejei não ter dito nada. Fico mal ao fazer essa pergunta, pois, na verdade, estou perguntando isso por mim. Não pela minha amiga.

– Não – responde Graham. – Não dói nada.

Não consigo mais vê-la direito, mas acho que ela está sorrindo.

– Parece que estou flutuando, voando para longe. Como se estivesse livre.

– Deve haver alguma outra coisa. Tem que existir algo que possamos fazer – digo eu.

Minha voz soa desesperada. Não consigo evitar. Sinto que estou afundando junto com um navio no meio do oceano e não existe bote salva-vidas para me salvar.

Tenho a impressão de que Graham balança a cabeça, mas não tenho certeza. É quase impossível vê-la agora.

– Deve ter algo que possamos fazer – digo novamente. – Espere. Você disse que Megan tem medo do escuro. Conte que um monstro vive debaixo da cama dela, que ele só sai à noite, e que você é a única razão de ela ainda não ter sido devorada. E que é você quem a protege todas as noites desse monstro, e que se você morrer, ela vai acabar sendo engolida por ele.

– Budo, não posso fazer isso.

– É uma coisa horrível, eu sei, mas você vai deixar de existir se não fizer isso. Você tem que tentar.

– Está tudo bem, Budo – responde Graham. – Estou pronta para ir.

– O que significa isso? De que você está pronta para ir? Ir para onde? Você sabe o que vai acontecer quando desaparecer?

– Não, mas está tudo bem – repete ela. – Aconteça o que acontecer, eu estarei bem e Megan ficará bem.

Agora eu mal posso ouvir a minha amiga.

– Você tem que tentar, Graham. Vá lá e diga que ela precisa de você. Conte sobre o monstro debaixo da cama!

– Não é isso, Budo. Isso não tem nada a ver com Megan precisar de mim. Estávamos errados. Megan está crescendo. Só isso. Primeiro sou eu, depois será a fada do dente, e no ano que vem será o Papai Noel. Ela agora é uma menina grande.

– Mas a fada do dente não é real. Você é! Lute, Graham. Resista! Por favor! Não me deixe!

– Você tem sido um ótimo amigo, Budo, mas agora tenho que ir. Quero ficar um pouco sentada ao lado da Megan. Quero passar os últimos minutos que me restam com ela. Sentada ao lado da minha amiga. Essa é a única coisa que está me deixando realmente triste.

– O quê?

– O fato de que não poderei mais vê-la. Não a verei crescer. Sentirei muita falta da minha amiga – Graham fica muda por alguns instantes e depois continua: – Eu gosto tanto dela...

Começo a chorar. No começo nem percebo, pois nunca tinha chorado antes. De repente o meu nariz fica todo entupido e sinto os olhos molhados. Eu me sinto quente e triste. Muito, mas muito triste

mesmo. Tenho a sensação de que estou como uma mangueira com um nó no meio, quase estourando e espirrando água por toda parte. Parece que vou arrebentar em lágrimas. Mas ao mesmo tempo, fico feliz por estar chorando, porque não tenho palavras para dizer adeus a Graham, e sei que é o que devo fazer. Daqui a pouco ela terá sumido e eu vou perder a minha amiga. Quero muito dizer adeus, dizer quanto gosto dela, mas não sei como. Espero que as minhas lágrimas digam tudo isso por mim.

Graham se levanta e sorri para mim. Ela balança a cabeça e caminha até Megan. Senta-se na carteira atrás da amiga e fala no ouvido dela. Acho que Megan não consegue mais ouvi-la, pois presta atenção na senhora Pandolfe e sorri.

Eu me levanto e caminho até a porta. Quero sair. Não quero estar aqui quando Graham finalmente desaparecer. Olho para trás outra vez. Megan levantou mais uma vez a mão, pronta para responder a outra pergunta. Responder sem gaguejar. Graham ainda está sentada atrás dela, empoleirada em uma minúscula cadeira do primeiro ano. Agora mal posso vê-la. Se a professora abrisse a janela e deixasse entrar uma brisa, acho que seria suficiente para fazer voar para bem longe o último pedacinho que sobrou da Graham. E para sempre.

Olho a cena pela última vez antes de sair. Graham ainda está sorrindo. Ela está olhando para Megan, espichando o pescoço para ver o rosto da menina. Ela está sorrindo.

Então viro de costas e deixo a minha amiga para trás.

# Capítulo 12



A professora Gosk está ensinando matemática. As crianças estão espalhadas pela sala de aula, jogando dados e fazendo cálculos com a ajuda dos dedos. Demoro um tempo percorrendo todos os cantos da sala com os olhos até perceber que Max não está aqui. Isso é bom. Max detesta esses jogos. Ele odeia jogar dados e ouvir os gritos que as crianças dão quando conseguem “seis” em ambos os dados. Max só se interessa em resolver os problemas de matemática. E que o deixem sozinho.

Estou em dúvida sobre onde Max deve estar agora. Ele pode estar no Centro de Aprendizagem com a Sra. McGinn e a Sra. Patterson, ou na sala da Sra. Holmes. É difícil seguir os passos do Max porque ele tem vários professores durante o dia. Também não sou muito bom em ver as horas em relógios de ponteiros, e esse é o único tipo de relógio que a Sra. Gosk tem na sala de aula dela.

Dou primeiro uma olhada na sala da Sra. Holmes. É o lugar mais perto da classe da Sra. Gosk, porém o meu amigo não está lá. A Sra. Holmes está falando com a diretora da escola sobre um menino que lembra muito Tommy Swinden, só que o nome dele é Danny e ele está no segundo ano. A diretora fala com uma voz de quem está bem preocupada. Ela usa a palavra *situação* três vezes ao falar sobre esse menino, o Danny. E quando os adultos usam muito a palavra *situação*, significa que o assunto é muito sério.

O nome da diretora é Sra. Palmer. Uma senhora idosa que não gosta de punir as crianças ou mandar notificações aos pais, então ela conversa bastante com a Sra. Holmes sobre *formas alternativas* de fazer com que os alunos se comportem. Por exemplo, ela acredita que se colocar um garoto tipo o Tommy como voluntário em uma das classes do jardim de infância, ele vai aprender a se comportar.

Eu acho que isso só dará a Tommy a chance de ser ruim com crianças ainda menores.

A Sra. Holmes acha que a Sra. Palmer é louca, mas não fala nada para ela. Mas eu sei, pois já ouvi a professora Holmes dizer isso

mais de uma vez para os outros professores. Na opinião dela, se a diretora colocasse um garoto como Tommy Swinden de castigo na sala da diretora mais vezes, ele talvez nem tentasse pregar peças nas crianças.

Concordo com a Sra. Holmes.

A mãe do Max costuma dizer que a coisa certa a fazer é geralmente a mais difícil. Acho que a Sra. Palmer ainda não aprendeu essa lição.

Ando pelo corredor e dou uma olhada no Centro de Aprendizagem. Max também não está lá. A Sra. McGinn está trabalhando com um garoto chamado Gregory. Gregory é um aluno do primeiro ano que tem convulsões. Ele tem de usar um capacete o tempo todo, no caso de cair e bater a cabeça quando está tendo uma convulsão. Uma convulsão parece ser uma combinação entre ter um ataque de birra e ficar empacado.

Deveríamos ter pensado nisso... Acho que Graham ainda estaria aqui se eu tivesse descoberto um jeito de ela ajudar Megan com os seus ataques de birra. Talvez Megan nem se importe com os ditados. Tínhamos de ter resolvido um problema muito mais importante que um mero ditado.

Max deve estar no banheiro perto da enfermaria. Provavelmente tinha um cocô extra para fazer. Se for isso mesmo que aconteceu, Max deve estar muito bravo. Ele teve de bater na porta do banheiro dois dias seguidos!

Mas Max também não está no banheiro. O banheiro está vazio.

Agora estou preocupado.

O único outro lugar onde Max poderia estar é na sala da Sra. Riner, mas ele trabalha com a professora de fala, a fonoaudióloga, somente às terças e quintas-feiras. Talvez ele esteja trabalhando com ela hoje por algum motivo especial. Talvez a professora tenha de ir a um casamento e na próxima terça-feira não poderá trabalhar com Max. É o único lugar onde ele poderia estar. Mas a sala dela é do outro lado da escola, e eu terei de passar pela sala de aula da professora Pandolfe para chegar lá.

Fiquei três minutos inteiros sem pensar em Graham e comecei a me sentir melhor. Eu me pergunto agora se Graham já desapareceu por completo. Se ao passar pela classe e olhar para dentro ainda verei a minha amiga sentada atrás da Megan. Talvez

veja apenas alguns filamentos, pequenos traços que sobraram da minha amiga.

Fico com vontade de esperar até Max voltar para a classe da Sra. Gosk, mas sei que deveria encontrá-lo na sala de aula da Sra. Riner. Ele ficaria feliz em me ver, e, para ser honesto, também quero ver Max. Testemunhar a desapareição da Graham faz com que eu queira ver Max mais do que nunca, mesmo que isso signifique passar na frente da classe da professora Pandolfe.

Mas não chego a passar por lá.

Ao cruzar o ginásio que separa o lado da escola das crianças pequenas da área dos alunos mais velhos, eu vejo Max. Ele está entrando na escola, passando por um conjunto de portas duplas que levam para o lado de fora. Não faz sentido. Não é hora do recreio e essas não são as portas que dão para o parquinho. As portas pelas quais ele entrou dão para o estacionamento e para a rua. Nunca vi uma criança passar por essas portas.

A Sra. Patterson está atrás dele. Ao entrar no edifício, ela para e olha para um lado e para o outro. Como se estivesse esperando encontrar alguém ali.

– Max! – eu grito.

E ele se vira e me vê.

Não diz uma palavra. Sabe muito bem que se fizer isso, a Sra. Patterson vai começar a fazer perguntas. Alguns adultos conversam com Max como se ele fosse um bebê quando perguntam sobre mim. Dizem coisas como:

– Budo está aqui com a gente agora?

Ou:

– Budo quer me falar alguma coisa?

– Responde que sim – eu sempre digo a Max. – Diz que quero dar um soco no nariz de quem quer saber.

Mas ele nunca faz isso.

Tem outros adultos que olham Max como se ele estivesse doente quando fala sobre mim. Como se tivesse algo errado com ele. De vez em quando, até parece que eles têm medo do Max. Portanto, nós quase nunca conversamos na frente das pessoas, e se alguém nota, de longe, Max falando comigo no parquinho, no ônibus ou do banheiro, ele simplesmente diz que estava falando sozinho.

– Onde você estava? – pergunto, mesmo sabendo que Max não vai responder.

Ele olha para trás, lá para fora, em direção ao estacionamento. Arregala os olhos para me dizer que se divertira, aonde quer que tenha ido.

Caminhamos na direção da sala de aula da Sra. Gosk. A Sra. Patterson anda na frente, e um pouco antes de chegar à porta da classe, ela para. Vira-se e olha para Max. Então se inclina até ficar na altura dos olhos dele.

– Não se esqueça do que eu disse, Max. Eu só quero o melhor para você. Muitas vezes até penso que sou a única que sabe o que é melhor para você.

Não tenho certeza absoluta, mas acho que ela disse essa última parte mais para ela mesma do que para Max.

A Sra. Patterson ia acrescentar algo, mas é interrompida por Max.

– Quando você fala a mesma coisa mais de uma vez, isso me incomoda. Faz com que eu pense que você não me acha esperto.

– Peço desculpas – diz a Sra. Patterson. – Não quis dizer isso. Você é o garoto mais inteligente que eu conheço. Não vou repetir aquilo outra vez.

Ela faz uma pausa por alguns segundos, e sei que está esperando Max dizer alguma coisa. Isso acontece muito. Max não percebe as pausas. Quando alguém está falando com ele e para, esperando que Max diga algo, ele simplesmente espera. Se não houver nenhuma questão a ser respondida e nada que ele queira dizer, então ele apenas espera. O silêncio não o deixa constrangido como acontece com as outras pessoas.

Finalmente, a Sra. Patterson volta a falar.

– Obrigada, Max. Você é um mocinho doce e inteligente.

Penso que a Sra. Patterson está dizendo a verdade, que ela realmente acredita que Max é inteligente e doce. Mas faz a mesma vozinha de bebê que algumas pessoas fazem quando falam com Max sobre mim. A conversa dela parece falsa porque ela fala como se estivesse tentando ser verdadeira em vez de apenas ser verdadeira.

Eu não gosto nem um pouco da Sra. Patterson.

– Aonde você foi com a Sra. Patterson hoje? – pergunto.



– Não posso contar. Prometi que manteria segredo.

– Mas você nunca escondeu nada de mim.

Max dá um sorriso. Não é exatamente um sorriso, mas é o gesto mais próximo de um sorriso que ele consegue fazer.

– Nunca ninguém me pediu para guardar um segredo antes. Esse é o meu primeiro.

– É um segredo ruim? – pergunto.

– Como assim?

– Você fez algo ruim? A senhora Patterson fez algo ruim?

– Não.

Paro para pensar por um momento.

– Vocês estavam ajudando alguém?

– Algo assim, mas é segredo – diz Max, e sorri de novo. Os olhos arregalando-se novamente. – Não posso dizer mais nada.

– Você realmente não vai me contar? – pergunto eu.

– Não. É segredo. É o meu primeiro segredo.

# Capítulo 13



Hoje Max não foi à escola. É festa de *Halloween* e ele não vai à escola no Dia das Bruxas. As máscaras que as crianças usam durante essa festa o deixam muito assustado. No jardim de infância, Max ficou empacado depois de ver um garoto chamado J.P. saindo do banheiro usando uma máscara de Homem-Aranha. Foi a primeira vez que ele travou na escola e a professora dele não sabia o que fazer. Acho que nunca vi uma professora assim tão assustada.

No primeiro ano, os pais do Max o levaram para a escola no *Halloween*, esperando que ele tivesse superado o problema apenas por ter crescido. *Superar o problema* significa que os pais dele não descobriram o que fazer, por isso não fizeram nada além de cultivar a esperança de que as coisas tivessem mudado só porque Max estava mais alto e usando tênis maiores.

Só que assim que a primeira criança colocou uma máscara, Max ficou empacado.

No ano passado, ele ficou em casa no Dia das Bruxas, e hoje ele está fazendo igual. O pai do Max também tirou o dia de folga, para que pudessem passar o dia juntos. Ele telefonou para o chefe e disse que estava doente. Um adulto não precisa estar doente para dizer que está doente, mas se uma criança quiser ficar em casa em dia de escola, ela tem de estar doente de verdade.

Ou ter medo das máscaras usadas no Dia das Bruxas.

Estamos indo para a casa de panquecas na Rodovia Berlim. Max gosta da casa de panquecas, um dos seus quatro restaurantes favoritos. Ele só come fora se for para ir a um destes quatro restaurantes.

## **Lista dos quatro restaurantes favoritos do Max:**

1. *International House of Pancakes.*
2. *Wendy* (Max não consegue mais comer no *Burger King* porque o pai dele uma vez contou uma história sobre um cliente

que comeu um sanduíche de peixe com uma espinha dentro, e agora Max acha que tudo no *Burger King* terá uma espinha dentro).

3. *Max Burger* (na verdade, tem um monte de restaurantes com *Max* no nome, como *Max Fish* e *Max Downtown*, e Max acha muito legal que eles também tenham o seu nome. Mas os pais do Max o levaram primeiro ao *Max Burger*, e agora é o único onde ele come).

#### 4. *The Corner Pug*.

Se Max vai a um restaurante diferente, ele não consegue comer. Às vezes, até trava. É difícil explicar por quê. Para Max, as panquecas da “casa de panquecas” na Rodovia Berlim são panquecas, mas as do restaurante do outro lado da rua não são realmente panquecas. Mesmo que pareçam e provavelmente tenham o mesmo gosto das outras panquecas, elas são um alimento completamente diferente para ele. Max vai dizer que as panquecas do restaurante do outro lado da rua são panquecas, mas não são as panquecas dele.

Como eu disse, é algo difícil de explicar.

- Hoje você não quer provar mirtilos com as suas panquecas?
- pergunta o pai do Max.
- Não – responde o meu amigo.
- Está bem – diz o pai do Max. – Talvez outro dia.
- Não.

Ficamos sentados por um tempo em silêncio, esperando a comida chegar. O pai do Max fica folheando o cardápio, mesmo já tendo pedido. Assim que os dois acabaram de escolher o que queriam comer, a garçonete colocou os cardápios atrás do recipiente com a calda das panquecas. Assim que ela se vai, o pai do Max volta a pegar um cardápio. Acho que ele gosta de ficar olhando para alguma coisa quando não sabe o que dizer.

Max e eu estamos brincando de ver quem consegue ficar mais tempo encarando o outro sem piscar. Fazemos muito isso.

Ele ganha a primeira rodada. Eu perdi a concentração quando uma garçonete deixou cair um copo de suco de laranja no chão.

- Você está contente por ter um dia de folga da escola? – pergunta o pai do Max quando estamos começando outra rodada do nosso jogo de encarar. A voz do pai dele me assusta e eu pisco.

Max ganha de novo.

– Sim – responde Max.

– Você quer tentar brincar de travessuras ou gostosuras hoje à noite?

– Não.

– Você não precisa usar uma máscara – diz o pai do Max. – E nem tem que usar fantasia.

– Não.

Acho que de vez em quando o pai do Max fica triste quando fala com o filho. Posso ver isso nos olhos dele e ouvir na sua voz. E à medida que ele continua tentando conversar com Max, tudo vai piorando. Os seus ombros ficam caídos. Ele suspira a toda hora. O queixo dele afunda no peito. Acho que o pai do Max se culpa pelas respostas de palavra única que o filho dá. Assim como se sente culpado por Max não querer falar. É que Max só fala quando tem algo a dizer, e não importa a quem; portanto, se fizermos somente perguntas que possam ser respondidas com *sim* ou *não*, apenas teremos respostas *sim* ou *não*.

Max não sabe bater papo.

Para dizer a verdade, Max não quer saber como bater papo ou conversar.

Ficamos sentados em silêncio de novo. O pai do Max volta a olhar para o cardápio.

Um amigo imaginário entra no restaurante. Ele caminha atrás de um grupo: uma menina de sarda e cabelos vermelhos e os seus pais. Essencialmente, o amigo imaginário se parece muito comigo. Pode-se dizer que tem uma aparência praticamente humana, exceto pela pele de cor amarela. E não é um pouco amarela. É um amarelo como se alguém o tivesse pintado com a cor mais amarela que pôde encontrar. Ele também não tem sobrancelhas, algo bastante comum em amigos imaginários. Não fosse isso, ele poderia se passar por uma pessoa, um ser humano, se alguém além da menina ruivinha e eu pudesse vê-lo.

– Vou dar uma olhada na cozinha – informo Max. – Para ter certeza de que está limpa.

Costumo fazer muito isso quando quero explorar. Max gosta quando eu verifico se os lugares são limpos.

Max assente com a cabeça. Ele está tamborilando os dedos sobre a mesa, seguindo um ritmo.

Chego perto do menino amarelo. Ele está sentado ao lado da menina. Como a família está do outro lado do restaurante, Max não pode me ver aqui.

– Oi – eu digo. – Eu sou Budo. Você quer conversar?

O menino amarelo fica tão assustado que quase cai do banco em que estava sentado. Estou bem acostumado a esses sustos.

– Você consegue me ver? – pergunta o menino amarelo.

Ele tem a voz de uma menininha, outra coisa também bastante comum em amigos imaginários. Parece que as crianças nunca imaginam os seus amigos imaginários com voz grossa. Talvez por ser mais fácil imaginar uma voz igual à delas.

– Posso – respondo. – Eu posso ver você. Sou como você.

– Sério?

– Sério.

Não uso o termo *amigo imaginário* porque nem todos os amigos imaginários conhecem essa denominação. E alguns deles se assustam quando a ouvem pela primeira vez.

– Com quem você está falando?

Essa é a menina. Deve ter uns 3 ou 4 anos de idade. Ela ouviu parte da conversa do menino amarelo.

Percebo o pânico nos olhos do menino amarelo. Ele não sabe o que responder.

– Responda que você estava falando com você mesmo – aconselho eu.

– Desculpe, Alexis. Eu estava falando comigo mesmo.

– Você pode levantar e sair andando? – pergunto eu. – Isso é algo que você pode fazer?

– Tenho que ir ao banheiro – diz o menino amarelo para Alexis.

– Tudo bem – Alexis responde.

– O quê está tudo bem? – pergunta a mulher sentada em frente a Alexis, que com certeza é a mãe dela, pois as duas são muito parecidas. Cabelos vermelhos e sardas muitas vezes duplicadas.

– Tudo bem que Jo-Jo vá ao banheiro – diz Alexis.

– Ah – diz o pai da menina ruiva. – Jo-Jo tem que usar o banheiro, é isso?

O pai dela está falando com aquela voz infantil. Já não gostei dele.

– Vem comigo – e guio Jo-Jo pela cozinha, descendo por umas escadas até chegarmos ao porão.

Eu já havia explorado este lugar antes. Como vamos a somente quatro restaurantes e só em três é que ficamos do lado de dentro, não é difícil conhecer bem todos eles. Do meu lado direito há uma câmara frigorífica; do lado esquerdo, uma sala de despensa, embora não seja realmente uma sala: é apenas um espaço delimitado por uma cerca de arame. A cerca vai do chão até o teto. Eu atravesso a porta, que também é feita de arame, e sento sobre uma das caixas do outro lado.

– Uau! – exclama Jo-Jo. – Como você fez isso?

– Você não pode atravessar portas?

– Não tenho ideia.

– Você saberia se pudesse – digo eu. – Mas não tem importância.

Volto a atravessar a porta de arame e sento sobre a tampa de um recipiente grande de plástico que há no canto perto da escada. Jo-Jo fica parado perto da cerca por mais um tempo, olhando para o arame. Ele estende a mão para tocá-la, movendo-a lentamente, como se estivesse com medo de ser eletrocutado. A mão dele para antes de chegar ao arame da cerca. Ele não toca a cerca nem aproxima a mão do arame. A mão dele simplesmente para. Não é a cerca que o impede de entrar. É a ideia da cerca.

Também já vi isso. É pela mesma razão que eu não caio ao andar no chão. Quando eu ando, não deixo pegadas porque não estou realmente tocando o chão. Estou pisando na ideia do chão.

Algumas ideias, como pisos, são muito robustas para ser atravessadas por amigos imaginários. Ninguém imagina um amigo imaginário que escorrega pelo chão e desaparece. A ideia do piso é muito forte na mente de uma criança pequena. É muito permanente. Assim como as paredes.

Para sorte nossa.

– Sente-se – disse eu, apontando para um barril.

Jo-Jo se senta.

– Eu sou Budo. Desculpe ter te assustado.

– Tudo bem. É que você pareceu tão real.

– Eu sei – confirmo.

Já assustei vários amigos imaginários ao tentar conversar com eles justamente por parecer tão real. Na maioria das vezes, dá para perceber que alguém é um amigo imaginário pelo tom amarelo berrante na pele ou pela falta de sobrancelhas.

Mas o mais corriqueiro é que não se pareçam em nada com um ser humano.

Mas eu pareço. Por esse motivo é que posso ser um pouco assustador. Tenho o aspecto de uma pessoa real.

– Você pode me contar o que está acontecendo? – pergunta Jo-Jo.

– O que você já sabe? – pergunto de volta. – Vamos começar por aí. Depois vou completando com as informações que tenho.

Essa é a melhor maneira de conversar com um amigo imaginário pela primeira vez.

– Tudo bem – Jo-Jo diz. – Mas o que devo contar?

– Faz quanto tempo que você existe? – pergunto.

– Não sei. Já faz um tempo.

– Mais do que alguns dias?

– Ah, claro que sim.

– Mais do que algumas semanas?

Jo-Jo faz uma pausa e pensa por alguns instantes.

– Não sei.

– Está bem – digo. – Então provavelmente você existe há algumas semanas. Alguém já lhe contou o que você é?

– Mamãe diz que eu sou o amigo imaginário da Alexis. Ela não diz isso para Alexis, mas eu a ouvi dizer isso para o papai.

Sorrio. Muitos amigos imaginários consideram os pais humanos dos seus amigos os pais deles também.

– Muito bem – digo eu. – Então você já sabe. Você é um amigo imaginário. Alexis e outros amigos imaginários são as únicas pessoas que podem ver você.

– É isso que você é também?

– É o que eu sou.

Jo-Jo se inclina para ficar mais perto de mim.

– Isso significa que não somos reais?

– Não – respondo. – Apenas significa que somos reais de um jeito diferente. É um tipo de realidade que os adultos não entendem, então simplesmente assumem que somos imaginários.

– Como é que você pode atravessar cercas e eu não?

– Nós podemos fazer o que os nossos amigos humanos imaginaram que pudéssemos fazer. O meu amigo imaginou que eu pareço real e que posso atravessar portas. Alexis imaginou que a sua pele é amarela e que você não pode atravessar portas.

– Ah...

Ele proferiu um tipo de *ah* que quer dizer: “Você acabou de me dar uma grande explicação”.

– Você realmente usa o banheiro? – pergunto.

– Não. Falo isso para Alexis quando quero sair por aí.

– Pena que não pensei nisso – disse eu.

– Algum amigo imaginário usa o banheiro?

Eu dou risada.

– Nenhum que eu tenha conhecido.

– Ah.

– Agora acho que é melhor você voltar para perto da Alexis – digo isso pensando que Max também deve estar se perguntando onde estou.

– Ah, está bem. Verei você de novo?

– Muito provavelmente não. Onde você mora?

– Não sei – diz Jo-Jo. – Numa casa verde.

– Você tem que tentar descobrir o endereço para poder voltar, no caso de se perder. Especialmente se não pode atravessar portas.

– Como assim? O que você quer dizer? – pergunta apreensivo.



E é bom que fique bem preocupado mesmo.

– Você tem que ter cuidado para não ser deixado para trás. Certifique-se de entrar no carro assim que abrem a porta. Senão eles podem ir embora sem você.

– Mas Alexis não faria isso.

– Alexis é uma garotinha – eu explico. – Não é ela quem manda. Os chefes são os pais dela, e eles não acham que você é real. Por isso, você tem que se cuidar, entendeu?

– Entendi – responde Jo-Jo, e a sua voz parece de uma criança menor ainda. – Queria muito poder ver você de novo.

– Max e eu costumamos vir muito neste restaurante. Quem sabe outro dia nos encontramos aqui de novo.

– Tem razão – ele fala quase como se fosse um desejo.

Fico em pé. Estou pronto para voltar e me sentar junto do Max. Mas Jo-Jo ainda está sentado no recipiente que parece um balde.

– Budo – ele pergunta. – Onde estão os meus pais?

– Hã?

– Os meus pais – repete ele. – Alexis tem pais, mas eu não tenho. Ela diz que os pais dela são os meus pais também, mas eles não podem me ver nem me ouvir. Onde estão os meus pais? Aqueles que podem me ver?

– Nós não temos pais – digo a ele. Gostaria de dar uma resposta melhor, mas não tenho nada melhor a dizer. Ele fica triste quando falo isso, e eu entendo, porque isso também me deixa triste. – É por essa razão que você tem que se cuidar – volto a dizer.

– Entendi – diz ele, mas mesmo assim não fica em pé. Ele continua sentado no tal balde, olhando para os pés.

– Agora temos que ir. Tudo bem?

– Está bem – ele finalmente se levanta. – Vou sentir a sua falta, Budo.

– Eu também.

Max começa a gritar exatamente às 21h28. Sei disso porque estou olhando para o relógio, esperando dar 21h30, que é a hora que os pais do Max mudam para o canal onde passa o meu programa semanal favorito.

Não sei por que ele está gritando, mas sei que não é normal. Ele não acordou com um pesadelo ou viu uma aranha. Esse não é um grito normal. Eu sei que ele provavelmente vai ficar empacado, não importa a rapidez com que os pais dele subam correndo a escada.

Então ouço o barulho.

Três pancadas vindas da frente da casa. Barulho de algo atingindo a casa. Também deve ter acontecido um barulho antes de o Max começar a gritar. Passava um comercial na televisão, e os comerciais sempre têm um som mais alto.

Então ouço mais dois golpes. E a seguir, o som de vidro quebrando. Acho que é uma janela. Uma janela foi quebrada. Quebraram a janela do quarto do Max. Não tenho ideia de como eu sei disso, mas sei. A mãe e o pai do Max já chegaram à parte de cima da casa. Ouço como correm pelo corredor em direção ao quarto do filho.

Ainda estou sentado na poltrona. Fico empacado por alguns segundos também. Não como Max, mas os gritos, os baques e o vidro quebrado fazem com que eu fique imobilizado, sem sair do lugar. Eu não sei o que fazer.

Max costuma dizer que um bom soldado é *bom sob pressão*. Eu não sou bom sob pressão. Sou péssimo sob pressão. Eu não sei o que fazer.

Então, eu sei. Descubro o que tenho de fazer.

Levanto-me da poltrona e vou para a porta da frente. Atravesso a porta e vou até a varanda. Chego a tempo de ver um garoto sumindo atrás da casa do outro lado da rua. É a casa da família Tyler. O senhor e a senhora Tyler são pessoas de idade. E como eles não têm crianças pequenas em casa, sei que esse menino está usando o quintal deles só para escapar. Por um segundo até penso em ir atrás dele, persegui-lo pelas ruas, mas não preciso.

Eu sei quem ele é.

E mesmo que conseguisse alcançá-lo, não poderia fazer nada.

Eu me viro e olho para a casa. Esperava ver buracos na parede. Talvez até faíscas e fogo. Mas são apenas ovos. Cascas de ovo e gemas escorrem pela moldura da janela do quarto do Max. A janela está quebrada. Parte do vidro da janela desapareceu.

Não ouço mais Max gritando.

Ele está empacado.

Depois que ele empaca, não há gritos.

Quando Max fica empacado, não há nada que alguém possa fazer. A mãe do Max acaricia o braço dele ou faz cafuné no cabelo, mas tenho a impressão de que isso só ajuda a mãe a se sentir melhor; ele não. Acho que Max nem percebe esses gestos dela. Ele sempre acaba saindo dessa situação por conta própria. E mesmo que a mãe do Max pense que estão vivendo *o pior episódio que Max já teve*, ele nunca fica mais ou menos empacado. Max simplesmente fica empacado. A única coisa que muda é quanto tempo ele fica nesse estado. Como Max nunca teve o vidro da janela do quarto dele quebrado nem cacos de vidro aterrissando na cama enquanto dormia, acho que desta vez ele vai ficar empacado por um bom tempo.

Quando Max trava, ele se senta, puxa os joelhos bem forte na direção do peito e fica se balançando para a frente e para trás, fazendo um som que parece um gemido. Apesar de os seus olhos ficarem bem abertos, é como se ele não pudesse ver nada. Max também não consegue ouvir nada. Uma vez ele me contou que quando está empacado, ele até consegue ouvir as pessoas em volta, mas é como se o som viesse de dentro de uma televisão que estivesse na casa dos vizinhos. Algo falso e distante.

Deve ser mais ou menos como soava a voz da Graham antes de ela desaparecer.

Portanto, não há nada que eu possa dizer ou fazer para ajudar.

Por essa razão, vou ao posto de gasolina. Não estou sendo um péssimo amigo. É que agora não sou realmente necessário aqui.

Esperei a chegada dos policiais. Eles fizeram um monte de perguntas para a mãe e o pai do Max. O policial, que era muito menor e mais magro do que os policiais na televisão, tirou algumas fotos da casa, da janela e do quarto do Max, e escreveu todas as respostas em um bloquinho de notas que havia trazido. Ele perguntou aos pais do Max se sabiam a razão de alguém querer jogar ovos na casa deles e eles disseram que não.

– É Dia das Bruxas – disse. – Isso não acontece nas casas das outras pessoas?

– As pessoas não têm janelas quebradas com pedras – o policial magro e baixinho disse. – E parece que a pessoa que jogou os ovos estava mirando especificamente a janela do seu filho.

– Como alguém poderia saber que aquela era a janela do Max? – perguntou a mãe do meu amigo.

– Você disse que a janela estava cheia de decalques de *Guerra nas estrelas* – disse o mesmo policial. – Não é isso?

– Ah. É mesmo.

Até eu sabia a resposta para isso.

– Max está tendo problemas com alguém na escola? – perguntou o policial.

– Não – disse o pai do Max, falando tão rápido que a mãe do Max não teve chance de falar. Como se ele estivesse com medo de dar a ela uma chance de falar. – Max está se dando muito bem na escola. Não tem problema nenhum.

Nenhum problema, com exceção de ter feito cocô na cabeça de um valentão.

# Capítulo 14



O posto de gasolina fica no fim da rua, descendo seis quarteirões. Fica aberto direto. Não fecha como o supermercado e o posto de gasolina na outra rua, por isso que eu gosto tanto de visitá-lo. Posso sair no meio da noite e mesmo assim encontro pessoas acordadas. Se fizesse uma lista dos meus lugares favoritos no mundo inteiro, acho que a sala de aula da Sra. Gosk venceria, mas o posto de gasolina com certeza ficaria em segundo lugar.

Quando atravesso a porta esta noite, percebo que Sally e Dee estão de plantão. Sally é geralmente nome de menina, mas este Sally é um garoto.

Por um instante, penso em Graham, a minha amiga com nome de menino.

Uma vez perguntei a Max se Budo costuma ser nome de garoto e ele disse que sim, mas arqueou as sobrancelhas quando me respondeu, por isso acho que ele não tem muita certeza.

Sally é ainda mais magro e até mais baixinho que o policial que apareceu em casa esta noite. Ele é praticamente minúsculo. Acho que o nome verdadeiro dele não é Sally. Acho que as pessoas o chamam assim porque ele é menor do que a maioria das mulheres.

Dee está parada no corredor de doces e de *Ana Maria*, colocando mais doces e pacotes de *Ana Maria* nas prateleiras para que as pessoas comprem. *Ana Maria* é um pequeno bolo amarelo recheado que todo mundo tira sarro, mas que todos comem, portanto Dee está sempre enchendo a prateleira de *Ana Maria*. O cabelo dela está sempre cheio de cachos, preso no alto da cabeça, e mascando chiclete. Ela está sempre mascando chiclete. Masca chiclete como se mascasse com o corpo todo. Tudo se move quando ela masca chiclete. Dee está sempre feliz e brava ao mesmo tempo. Ela fica louca de raiva com um monte de pequenas coisas, mas sempre sorri enquanto grita e reclama. Ela adora gritar e reclamar, mas acho que os gritos e as reclamações a deixam feliz.

Acho Dee muito engraçada. Eu a adoro. Se fizesse uma lista de todas as pessoas, tirando Max, que eu gostaria de poder conversar, acho que a Sra. Gosk ganharia, mas Dee com certeza ganharia também.

Sally está atrás do balcão, segurando uma prancheta e fingindo contar os pacotes de cigarro que ficam dentro de uma caixa de plástico acima da cabeça dele. Na verdade, Sally está assistindo a uma minitelevisão que fica na parte de trás do balcão. Ele faz isso o tempo inteiro. Não reconheço o programa, mas percebo que tem policiais nele, como na maioria dos programas de tevê.

Tem um cliente na loja. Um homem mais velho vagando no fundo da loja, perto das geladeiras, espiando pelo vidro, procurando a garrafa certa de suco ou de refrigerante. Não é um cliente habitual. Um cliente habitual é alguém que vem ao posto de gasolina o tempo todo.

Alguns deles vêm todos os dias.

Dee e Sally não se importam com os habituais, mas Dorothy, que às vezes também trabalha durante a noite, detesta os clientes habituais. Ela diz:

– De todos os lugares que esses caloteiros poderiam gastar o tempo deles, por que eles querem ficar em um posto de gasolina assim tão desolado?

Acho que também sou um habitual. De todos os lugares que eu poderia passar o meu tempo, eu também prefiro vir aqui.

Não estou nem aí com o que a Dorothy pensa. Amo este posto. Este foi o primeiro lugar onde eu me senti seguro assim que comecei a sair do lado do Max durante a noite.

Foi Dee quem me fez sentir seguro.

Estou parado ao lado da Dee quando ela percebe que Sally não está trabalhando.

– Ei, Sally! Você não vai parar de brincar e acabar de fazer esse inventário?

Sally levanta a mão e mostra para Dee o dedo médio. Ele faz muito isso. Antes eu achava que ele levantava a mão para fazer uma pergunta, como Max faz quando quer fazer uma pergunta para a Sra. Gosk. Ou como Megan estava fazendo quando vi Graham pela última vez. Mas parece que significa mais do que isso, porque Sally nunca faz nenhuma pergunta. De vez em quando Dee também mostra o

dedo médio para ele, e quando faz isso, acrescenta a frase: *Vai se foder*. Eu sei que é uma frase inapropriada. Uma vez Cissy Lamont foi pega dizendo isso para Jane Feber na cantina e foi repreendida. Chega a parecer que Sally e Dee estão trocando um cumprimento com as mãos, mas sem que um toque o outro. Mas acho que isso também é considerado rude, assim como mostrar a língua para uma pessoa de que você não gosta, porque Sally só faz isso quando Dee está sendo chata ou ruim com ele. Mas percebi que Sally nunca faz esse gesto quando um cliente é desagradável, e eu já vi clientes serem dez vezes piores do que Dee. Por isso ainda não tenho muita certeza.

Não posso perguntar nada disso ao Max, porque ele nem sabe que eu venho aqui.

Para dizer a verdade, Sally e Dee gostam muito um do outro. Mas sempre que tem um cliente na loja, eles fingem brigar. Nada muito pesado. A mãe do Max chamaria isso de briguinha, que significa brigar sem ter o perigo de se odiar mutuamente no final da briga. E é isso o que Sally e Dee fazem. Eles têm briguinhas. Mas assim que o cliente sai, eles voltam a ser gentis um com o outro. Quando alguém está assistindo, acho que eles gostam de fazer uma pequena cena.

Max nunca entenderia isso. Ele tem muita dificuldade em entender que temos de agir de forma diferente em situações diferentes.

No ano passado, Joey veio brincar na casa do Max. Quando a mãe do meu amigo perguntou: – Meninos, vocês querem jogar video game?

– Não – Max respondeu. – Só posso jogar *video game* depois do jantar.

– Ah, não é bem assim. Hoje está tudo bem, Max. Joey está aqui. Você pode jogar agora.

– Eu não estou autorizado a jogar *video game* até depois do jantar. E só posso jogar por 30 minutos.

– Está tudo bem, Max – a mãe dele disse. – Você tem um amigo aqui de visita. Hoje é um dia diferente.

– Eu não posso jogar *video game* antes do jantar.

Max e a mãe dele ficaram nesse vai e volta até que Joey finalmente disse:

– Tudo bem. Vamos brincar de pega-pega lá fora.

Essa foi a última vez que um colega veio brincar com Max na casa dele.

O cliente sai da loja, Sally e Dee voltam a se tratar bem.

– Como está a sua mãe? – pergunta Sally, voltando a contar os pacotes de cigarro, muito provavelmente porque deve estar passando um comercial na televisão.

– Ela está bem – responde Dee. – Mas como amputaram o pé do meu tio quando ele tinha diabetes, estou com medo de que tenham que fazer o mesmo com a minha mãe.

– Por que eles fariam isso? – Sally pergunta arregalando os olhos.

– Má circulação. Ela já tem um pouco desse problema. O pé meio que morre, então eles o decepam.

– Que horror! – diz Sally, pensando na história que Dee acabou de contar e em que ele ainda não consegue acreditar.

Eu também não consigo acreditar no que ela contou.

É por isso que adoro visitar o posto de gasolina. Antes de entrar na loja, eu não sabia que um pé podia morrer e ser decepado. Eu achava que quando uma parte do corpo de alguém morre, o resto do corpo acompanhava e morria junto.

Vou perguntar ao Max o que quer dizer má circulação e descobrir o que fazer para ele não pegar isso. E quero saber quem são *eles*. Essa gente cortadora de pés.

Enquanto eles falam mais sobre a mãe da Dee, Pauley entra. Pauley é um homem que trabalha no *walmart* e gosta de comprar bilhetes de raspadinha. Adoro bilhetes de raspadinha, e adoro quando Pauley entra para comprar alguns, porque ele sempre os raspa aqui mesmo no balcão. Quando ganha, devolve o dinheiro para Dee, Sally ou Dorothy para comprar mais raspadinhas.

Os bilhetes de raspadinha são como miniprogramas de televisão, menores até que comerciais, mas muito melhores. Cada raspadinha é como uma história. Paga-se um dólar para tentar ganhar um milhão de dólares, que é um monte de dinheiro. A vida inteira do Pauley poderia mudar com apenas um arranhão. Em um segundo ele poderia ficar rico, o que significa que não precisaria mais trabalhar no *walmart* e poderia passar mais tempo aqui. E quando estou aqui, posso ver como ele raspa. Eu fico parado, olho por cima



do ombro direito dele e vejo as pequenas raspas sendo retiradas da raspadinha pela moeda da sorte de vinte e cinco centavos que ele sempre usa.

Pauley nunca ganhou mais do que quinhentos dólares, mas mesmo assim ficou muito feliz. Ele até tentou fingir que nada de muito importante estava acontecendo, mas o rosto dele ficou todo vermelho e ele mal conseguia ficar em pé. Cruzou uma perna sobre a outra e esfregou as mãos, como uma criança do jardim de infância faz quando está com muita vontade de fazer xixi.

Acho que algum dia Pauley vai ganhar o *grande prêmio*. Ele compra tantos bilhetes de raspadinha que algum dia vai ter de ganhar.

Fico morrendo de medo que ele ganhe esse prêmio justamente quando eu não estiver aqui e só ficar sabendo pela boca da Dee ou do Sally.

Pauley costuma dizer que quando ganhar o grande prêmio, nunca mais o veremos, mas não acredito nele. Acho que não tem lugar melhor para Pauley ficar que neste posto de gasolina. Afinal, por qual outro motivo ele vem todas as noites, compra bilhetes de raspadinha, um café, e fica zanzando pela loja por mais de uma hora? Acho até que Sally, Dee e Dorothy são amigos do Pauley, mesmo que não saibam.

Acho que Dee sabe. Percebo isso só pelo jeito como ela fala com Pauley. Não acho que ela queira ser amiga do Pauley. Ela apenas tem de ser amiga dele. Pelo bem do Pauley.

É por isso que ela é uma das minhas pessoas favoritas neste mundo. Tirando, claro, Max e os pais dele. E muito possivelmente a Sra. Gosk.

Observo Pauley raspar dez bilhetes. Ele não ganha nada e agora não tem mais dinheiro.

– Amanhã é dia de pagamento – diz ele. – Estou com pouco capital.

É o seu jeito de pedir café de graça. Dee fala para ele pegar um copo. Pauley bebe o seu café bem devagar, em pé ao lado do balcão, assistindo à televisão com Sally, que nem está mais fingindo contar maços de cigarro. Agora são quase 21h50, o que significa que o programa deve estar quase acabando, e esse é o pior momento para perder alguma coisa em um programa de tevê. Dá para pular os

primeiros dez minutos, mas não dá para perder os últimos dez, porque é quando todas as coisas interessantes acontecem.

– Juro que se você não desligar essa maldita tevê vou pedir para o Bill jogá-la no lixo – ameaça Dee.

– Cinco minutos! – pede Sally, sem tirar os olhos da tela. – Aí eu desligo. Prometo.

– Abra o seu coração... – intervém Pauley.

Assim que o programa acaba (um policial esperto acaba pegando um bandido-que-pensa-ser-muito-esperto), Sally volta a contar itens para o inventário, Pauley termina o seu café, espera mais dois clientes saírem, e depois se despede. Ele dá um grande aceno, fica parado na porta por um momento, como se não quisesse sair (e, na verdade, acho que ele nunca quer ir mesmo embora), e depois diz que voltará amanhã.

Eu deveria seguir Pauley um dia. Só para ver onde ele vive.

Ainda é Dia das Bruxas, e mesmo sendo tarde e sabendo que a maioria das crianças já está nas suas camas, não fico surpreso ao ver entrar um homem usando máscara. É uma máscara de diabo. Vermelha e com dois chifres de plástico na região da testa. Dee está repondo o estoque da prateleira no final da loja. Coloca curativos, aspirinas e pequenos tubos de pasta de dentes. Ela está abaixada, com uma perna ajoelhada sobre um bilhete de raspadinha. O homem com máscara de diabo entra pela porta mais próxima a Sally e vai até o balcão.

– Desculpe, mas não são permitidas máscaras dentro da loja. É uma...

Parece que Sally quer dizer mais alguma coisa, mas para. Tem algo errado.

– Eu vou explodir essa sua cabeça de merda se você não abrir o caixa agora e passar todo o dinheiro.

Essa é a voz do homem-diabo. Ele está segurando uma arma. É um revólver preto e prateado e parece pesado. O estranho aponta a arma para o rosto do Sally. Apesar de saber que a bala não pode me machucar, eu me abaixo mesmo assim. Estou com muito medo. A voz do homem-diabo parece bem alta, mesmo não estando tão alta assim.

Quando me abaixo, Dee se levanta ao meu lado, ainda segurando tubos de pasta de dentes na mão. Passamos um pelo

outro no meio do corredor, e quando os nossos rostos se cruzam, quero pedir a ela que pare e se abaixe.

– O que está acontecendo? – pergunta ela, levantando a cabeça por cima das prateleiras.

Então ouço um estrondo. Um *bang* tão alto que teria machucado os meus ouvidos, se um amigo imaginário pudesse se machucar. Então eu grito. Não é um grito muito comprido. É um grito curto. Um grito de surpresa. Antes mesmo de eu acabar de gritar, Dee cai. É como se tivesse sido empurrada para trás. Ela cai sobre uma prateleira de batatas fritas. Ela se vira quando cai, então vejo sangue na blusa dela. Mas tudo isto não é como na televisão. Além da camisa suja de sangue, vejo que ela tem pequenas gotas de sangue no rosto e nos braços também. Está tudo vermelho. E Dee não diz nem uma palavra. Ela apenas cai sobre as batatas fritas, primeiro com o rosto. Os pequenos tubos de pasta de dentes pousam ao redor dela.

– Merda!

Quem fala agora é o estranho. O homem-diabo. Não é Sally. Não é um *merda* de raiva. É um *merda* de medo.

– Merda! Merda!

Ele grita esses dois últimos *merdas*. O estranho mascarado ainda está com medo. Também parece não acreditar no que vê. É como se tivesse entrado de repente em um programa de televisão como bandido, sem que ninguém o tivesse avisado antes que papel ele teria na história.

– Levanta!

Ele fala essas palavras gritando também. Agora ele está com raiva de novo. Acredito que está falando comigo, então obedeco e me levanto. Mas ele não está falando comigo. Aí acho que o estranho está falando com Dee, que escorregou junto da prateleira de batatas fritas e caiu no chão. Mas ele também não está falando com ela. O homem-diabo está gritando para o balcão, tentando espiar por cima, mas o balcão é muito alto. Fica sobre uma plataforma. É preciso subir três degraus para chegar atrás do balcão. Acho que Sally está do outro lado do balcão. No chão. Mas o homem-diabo não pode vê-lo de onde está.

– Merda!

Ele grita de novo e faz um som como um rosnando, depois se vira e sai correndo. Ele abre a porta pela qual entrou um minuto atrás, antes de a Dee começar a sangrar, e sai correndo em direção ao escuro.

Fico parado por alguns instantes, olhando ele fugir. Então ouço Dee. Ela está jogada no chão, ao lado do meu pé, respirando com dificuldade, ofegante como Cora Topper quando está tendo um ataque de asma. Ela está com os olhos bem abertos. Sinto como se estivesse olhando dentro dos meus olhos, mas ela não pode ver os meus olhos. Mas parte de mim jura que ela pode. A impressão que tenho é que ela está olhando diretamente para mim. E parece estar com muito medo. Isto não é como na televisão. Tem tanto sangue...

– Atiraram em Dee – digo eu, e de certa maneira, ao falar isso, me sinto um pouco melhor, porque levar um tiro é muito melhor do que estar morto. – Sally! – eu grito.

Mas Sally não pode ouvir o meu grito.

Então corro até o balcão, escalo os três degraus e olho. Sally está deitado no chão. Ele está tremendo. Treme mais do que Max quando fica empacado. Começo a pensar que Sally também foi baleado, mas então me lembro de ter ouvido apenas um *bang*.

Sally não foi baleado. Está empacado. Mas ele tem de ligar para o hospital senão Dee vai morrer. Só que Sally está empacado.

– Levanta! – grito eu para Sally. – Rápido! Levanta daí!

Sally está empacado. Max nunca ficou assim tão empacado como Sally está agora. Ele está curvado, enrolado como um tatu e tremendo. Dee vai morrer porque Sally não se mexe e eu não posso fazer nada além de ficar assistindo tudo acontecer. Uma das minhas pessoas favoritas no mundo está sangrando e eu não posso fazer nada.

A porta que está mais perto de mim se abre. O homem-diabo está de volta. Eu olho, esperando ver a arma e os chifres pontudos dele, mas não é o homem-diabo. É Dan. Dan Grandão. Outro cliente habitual. Ele não é tão legal como Pauley, mas é mais normal. Não é tão triste. Dan entra, e por um segundo tenho a impressão de que está olhando para mim, porque ele realmente está. Ele está olhando diretamente através de mim, e parece confuso, afinal, não consegue ver ninguém.

– Dan! – grito eu. – Dee foi baleada!

– Oi? – Dan Grandão olha em volta. – Pessoal?

Dee faz um som. Dan não consegue vê-la porque ela está no chão atrás das prateleiras, e por um instante penso que Dan não a ouviu. Então ele olha na direção dela e diz:

– Tem alguém aí?

Dee faz outro som, e de repente fico feliz. Muito feliz. Ela ainda está viva. Gritei que Dee tinha sido baleada porque tinha medo de pensar que ela estava morta. Agora tenho certeza de que ela não está morta. Ela respira, apesar da dificuldade, e o melhor é que está tentando responder ao Dan Grandão. Isso quer dizer que Dee está consciente.

Dan vai até o corredor onde Dee está caída. Quando a vê no chão, ele diz:

– Ai, meu Deus! Dee!

Dan Grandão reage com rapidez, pega o celular e marca os números de emergência. Ao mesmo tempo, continua andando pelo corredor e se ajoelha ao lado da Dee. Ele faz o papel dele mesmo: Dan Grandão, um cara que para no posto de gasolina todas as noites para comprar um refrigerante chamado *Dr. Pepper*, apenas para manter-se acordado até chegar em casa, um lugar chamado New Haven. Dan Grandão, aquele cliente que não fica nem um segundo a mais do que o necessário no posto de gasolina, mas que mesmo assim é simpático e amigável.

Eu adoro Pauley, os seus bilhetes de raspadinha, e o jeito como ele tenta beber o seu café o mais lentamente possível, mas em uma emergência, gosto mais do Dan Grandão.

# Capítulo 15



O pessoal da ambulância levou Dee e Sally em duas vans diferentes. Dee foi levada primeiro, mas Sally saiu logo depois, mesmo não estando ferido. Até tentei avisar a eles que Sally estava empacado. Eu sei que ninguém precisa ser levado em uma ambulância só por estar empacado, mas obviamente eles não me ouviram.

Um dos homens da ambulância, com uma cabeleira vasta e espessa, falou com alguém no hospital usando um celular bem antigo, daqueles com uma antena grande, e avisou que Dee está em estado crítico. Isso significa que ela pode morrer, especialmente se tiver dado uma boa olhada no homem-diabo que atirou nela. Parece que quanto mais a vítima sabe sobre a pessoa que atirou nela, maior é a sua chance de morrer.

Depois que levaram Dee e Sally para o hospital, a polícia fechou o posto de gasolina, apesar de que o posto não deveria fechar nunca. Eu voltei para casa.

Max ainda está empacado. O pai dele tem de sair para trabalhar amanhã às cinco da manhã, portanto já se deitou. A mãe do Max ainda está acordada, sentada em uma cadeira, ao lado da cama dele.

Na minha cadeira.

Mas não me importo. Fico com vontade de ficar sentado com a mãe do Max. Quero que ela fique no quarto dele a noite toda. Acabei de ver a minha amiga ser baleada com uma arma real, que disparou uma bala de verdade. E não consigo parar de pensar naquela cena.

Queria que a mãe do Max também acariciasse o meu cabelo e beijasse a minha testa.

Max acorda na manhã de sábado. Ele desempacou.

– Por que você está aí?

Acho que ele está falando comigo. Estou sentado na ponta da cama. Fiquei sentado aqui a noite inteira, pensando em Dee, Sally, o

homem-diabo, e olhando para a mãe do Max, porque isso me faz sentir melhor.

Mas Max não está falando comigo. Está falando com a mãe dele. A mãe do Max acabou dormindo sentada na minha cadeira. Ela acorda com a voz dele, dando um salto, como se alguém tivesse dado um beliscão nela.

– O quê? – ela fala, olhando em volta, como se não soubesse onde está.

– Por que você está sentada aí? – pergunta Max de novo.

– Max, você está acordado!

Então os ovos, as pedras, o vidro da janela quebrada e Max empacado, tudo isso parece cair do céu e a preenche como se fosse ar em um balão. Ela pula da cadeira, toda inflada e muito desperta, e responde ao Max, prontamente.

– Estou sentada aqui porque você estava chateado ontem à noite e eu não quis que você ficasse sozinho.

Max olha para a janela ao lado da cama. Está protegida por um plástico transparente. O pai do Max colocou esse plástico ontem à noite.

– Eu fiquei empacado? – pergunta ele.

– Ficou – responde a mãe. – Por um tempinho.

Max sabe que ficou empacado, mas mesmo assim sempre pergunta. Não sei por que ele faz isso. Afinal, ele não tem amnésia. Sei que amnésia é uma doença que desliga o cérebro de um jeito que a pessoa não consegue gravar o que vê ou faz. Acontece muito na televisão, e acho que é algo real, apesar de nunca ter conhecido ninguém com amnésia. Parece ser parte do rechear que Max faz, para garantir que tudo está bem. Max é um grande fã de rechear tudo.

– Quem quebrou a minha janela? – pergunta Max, ainda olhando para o plástico.

– Não sabemos – responde a mãe do Max. – Acreditamos que foi um acidente.

– Como alguém pode quebrar a minha janela por acidente?

– As crianças fazem maluquices no Dia das Bruxas – responde a mãe dele. – Na noite passada jogaram ovos na nossa casa. Jogaram pedras também.

– Por quê?

Pelo tom da voz do Max, percebo que ele está aborrecido com isso. Tenho certeza de que a mãe do Max também percebe.

– É chamado de travessura – explica ela. – Algumas crianças acham legal fazer travessuras ou pregar trotes no dia das Bruxas.

– Pregar?

– Fazer travessuras, passar trotes – diz ela. – As pessoas usam a expressão *pregar trotes* de vez em quando.

– Ah.

– Você quer tomar café da manhã? – oferece a mãe do Max.

Ela está sempre preocupada com Max comer o suficiente, apesar de ele comer bastante comida.

– Que horas são? – quer saber Max.

A mãe dele olha no relógio. É daquele tipo de relógio com ponteiros, por isso eu consigo ver bem as horas nele.

– Agora são oito e meia – responde ela, parecendo aliviada.

Max só pode tomar café da manhã até antes das nove. Depois das nove, ele tem de esperar até meio-dia para almoçar.

Essa é uma regra do Max. Não tem nada a ver com a mãe dele.

– OK. Vou tomar café da manhã.

A mãe do Max sai para fazer panquecas e deixa enquanto ele se veste. Ele não toma café da manhã de pijama. Essa é também uma regra imposta pelo próprio Max.

– Mamãe me beijou na noite passada? – pergunta Max.

– Beijou, sim – confirmo. – Mas só na testa.

Quero muito contar para Max sobre o homem-diabo que atirou na minha amiga na noite passada, mas não posso. Não quero que ele saiba que vou ao posto de gasolina, à lanchonete, à delegacia, nem ao hospital. Acho que Max não ficaria nada contente em saber que eu vou a todos esses lugares. O meu amigo gosta de pensar que fico sentado ao lado dele durante a noite toda, ou pelo menos que fico em algum lugar da casa, no caso de precisar de mim. Creio que Max ficaria furioso se soubesse que tenho outros amigos no mundo.

– Foi um beijo longo? – pergunta Max.



Pela primeira e única vez, essa pergunta me provoca raiva. Sei muito bem como é importante para Max saber se o beijo da mãe dele foi muito longo, mas o tempo do beijo de uma mãe não é tão importante. É um assunto de menor importância comparado com armas, sangue e amigos em ambulâncias. Acho que ele não precisa me perguntar isso todos os dias. Será que Max não sabe que um beijo longo da mãe dele é uma coisa boa?

– Não – afirmo eu, como faço sempre. – Foi supercurto.

Mas desta vez, na hora que respondo isso, não sorrio. Fico carrancudo e falo com os dentes cerrados.

Max nem percebe. Ele nunca percebe essas coisas. Ainda está olhando para o plástico que cobre a janela.

– Você sabe quem quebrou a minha janela? – pergunta Max.

A resposta é sim, mas não sei se conto isso para ele. Não sei se devo mentir, como no caso dos longos beijos da mãe do Max. Ainda estou bravo por causa da preocupação boba dele com a duração dos beijos da mãe, e apesar de querer agir da maneira correta com ele, ao mesmo tempo não quero fazer o que é certo. Não quero magoar Max, mas também não estou no clima de ajudá-lo.

Levo muito tempo para responder.

– Você sabe quem quebrou a minha janela? – pergunta Max de novo.

Max nunca precisa me perguntar nada duas vezes. Agora ele também está bravo.

Decidi responder honestamente. Não por achar que é o melhor para Max, mas porque estou chateado e não estou a fim de ficar pensando no que é certo ou errado.

– Foi Tommy Swinden. Eu corri para fora depois que ouvi o vidro da sua janela quebrar e vi quando ele fugia.

– Foi Tommy Swinden – diz Max.

– Sim – confirmo. – Foi Tommy Swinden.

– Tommy Swinden quebrou a minha janela e jogou ovos na nossa casa.

É o que Max diz à mãe dele enquanto come panquecas. Não acredito que ele contou isso para a mãe dele. Não esperava que ele contasse. Como é que ele vai explicar? De repente paro de ficar com

raiva do Max. Estou preocupado. Preocupado com o que ele vai dizer. Agora estou com raiva de mim mesmo por ser tão tonto.

– Quem é Tommy Swinden? – pergunta a mãe do Max.

– É um menino que é mau comigo na escola. Ele quer me matar.

– Como você sabe isso? – a mãe dele parece não estar acreditando no que o filho está dizendo.

– Ele me disse.

– O que ele disse exatamente? – como a mãe do Max ainda está lavando a frigideira, sei que ela ainda não acredita no filho.

– Ele disse que ia me dar um rodopio – fala Max.

– O que quer dizer isso?

– Não sei, mas é algo ruim.

Max está olhando para as panquecas. Quando ele come, fica olhando para a comida.

– Como você sabe que é uma coisa ruim? – pergunta a mãe do Max.

– Porque tudo que Tommy Swinden diz para mim é ruim.

A mãe do Max não diz nada por um minuto, e parece que vai esquecer o assunto. Mas aí ela começa a falar de novo.

– Como você sabe que Tommy jogou os ovos e as pedras?

– Budo viu.

– Budo viu.

Desta vez, é a mãe do Max que está falando algo que não se assemelha a uma pergunta, mas que mesmo assim é uma pergunta.

– Sim – diz Max. – Budo viu.

– Está bem.

Eu me sinto como um elefante em uma sala. Essa é uma expressão que significa que existe alguma coisa que duas pessoas sabem e que é tão grande como um elefante, mas que ninguém quer falar a respeito. A mãe do Max usa muito essa expressão quando está falando com o pai dele sobre Max e o seu *diagnóstico*.

Levei séculos para descobrir o que o tal de *elefante na sala* significava.

Max e a mãe dele comem, e depois de um tempo a mãe do Max pergunta:

– Tommy Swinden está na sua classe?

– Não, ele está na classe da Sra. Parenza.

– Terceiro ano?

– Não – responde Max. Ele parece irritado, pois acha que a mãe deve saber que a Sra. Parenza não dá aula no terceiro ano, porque no mundo do Max, saber quem leciona em cada ano é muito importante. – A Sra. Parenza é professora do quinto ano.

– Ah.

A mãe do Max não fala mais nada sobre Tommy Swinden, ovos, pedras ou sobre levar um rodopio. Isso não é nada bom. Significa que ela está pensando em fazer alguma coisa.

Posso sentir isso.

# Capítulo 16



Dee e Sally não voltaram no sábado nem no domingo à noite. Um homem que Dorothy chama de Sr. Eisner está trabalhando no lugar deles. Eu nunca vi o Sr. Eisner antes, mas Dorothy parece ficar nervosa perto dele. Eles mal se falam.

O Sr. Eisner lembra a diretora da escola do Max. A Sra. Palmer é a responsável pela direção da escola e se veste com roupas mais sofisticadas do que a maioria dos professores, mas acho que ela não conseguiria ensinar crianças se tivesse de assumir a função de professora em uma sala de aula.

O Sr. Eisner também é assim. Ele usa gravata, pega o dinheiro dos clientes e completa a prateleira com pacotes de *Ana Maria*, assim como fazia Dee, mas dá para perceber que ele precisa pensar muito no que está fazendo em vez de apenas fazê-lo.

Dee não está morta. Sei disso porque clientes como Pauley e Dan Grandão vieram no sábado à noite para perguntar sobre ela. Para falar a verdade, eles teriam vindo de qualquer jeito, já que são clientes habituais, mas até Dan Grandão ficou um tempinho a mais do que o normal, fazendo perguntas sobre Dee. Como o Sr. Eisner não conversou muito com eles, os dois não ficaram muito à vontade lá dentro. Tudo pareceu muito diferente. Nada estava certo.

Dee está em um lugar chamado Cê Taí. Acho que é um lugar onde eles ficam vigiando cuidadosamente os doentes, cuidando para que não morram. Dorothy diz que não tem certeza se Dee *vai conseguir*. Isso deve significar que ela pode morrer.

Fico pensando se ela vai voltar ao posto de gasolina e se a verei de novo algum dia.

Espero que sim. Sinto como se todos estivessem desaparecendo.

# Capítulo 17



Estou preocupado com Max. É segunda-feira e estamos de volta à escola.

Acho que a mãe do Max tem algo planejado para hoje. Ela está preocupada com Tommy Swinden. O meu medo é que ela piore as coisas. Espero que Tommy Swinden tenha ficado satisfeito com a sua vingança de sexta-feira à noite e que o meu amigo agora volte a ficar em segurança. Mas pode ser que Tommy ainda pense que Max merece mais atos de vingança. Além de ter feito cocô nele, foi Max quem deixou Tommy em apuros no episódio do canivete. É bem provável que Tommy pense assim mesmo, mas tudo vai ficar pior se a mãe do Max se envolver.

Pais são como Max: não sabem como agir de maneira discreta.

A professora está muito engraçada hoje. Ela lê alto para a classe uma história que escreveu sobre como é ser um peru do Dia de Ação de Graças<sup>6</sup>.[../Text/notas.xhtml - fn6](#) Ela anda pela classe fazendo sons de peru enquanto lê e até Max sorri. É quase como um verdadeiro sorriso. A senhora Gosk está arranhando o chão com o pé, e mexendo os braços como se estivesse batendo asas. Ninguém consegue tirar os olhos dela.

A Sra. Patterson fica parada na porta da sala de aula e faz um sinal para que Max a acompanhe. Ela demora um pouco para conseguir chamar a atenção dele, pois a Sra. Gosk está hilariante hoje. Pensei que Max faria uma cara feia, pois a professora ainda não terminou a história, mas os olhos do Max se arregalam quando ele vê a Sra. Patterson. Ele parece animado. Não entendo nada.

Minha vontade é ficar com a Sra. Gosk e ver o que ela fará depois. Em vez disso, sigo Max e a Sra. Patterson pelo corredor em direção ao Centro de Aprendizagem. Mas quando chegamos ao ponto onde deveríamos virar à esquerda, os dois seguem em frente e Max

---

<sup>6</sup> O Dia de Ação de Graças (Thanksgiving Day) é um feriado celebrado nos EUA e no Canadá e tido como um dia de gratidão pelos bons acontecimentos do ano. (N. T.)

não diz nada. Isso é ainda mais surpreendente do que ele querer sair da classe, pois Max detesta mudanças, e este caminho é uma grande mudança no modo como costumamos ir ao Centro de Aprendizagem. É também uma mudança estúpida e burra. Desse jeito, temos de dar a volta no auditório e atravessar a quadra do ginásio, o que dobra a distância da caminhada.

Paramos então na frente da mesma porta que Max e a Sra. Patterson entraram na semana passada. Agora estamos atrás do auditório, em um corredor no qual não há salas de aula ou escritórios, mas mesmo assim a Sra. Patterson olha para a esquerda e para a direita antes de abrir a porta. Então coloca uma mão nas costas do Max e meio que o empurra para fora. Ele sai do prédio da escola por conta própria, mas a Sra. Patterson quer que ele ande mais rápido, e isso me deixa nervoso. É como se ela quisesse que ele passasse bem rápido pelas portas antes que alguém o visse.

Aí tem coisa errada.

Tento seguir os dois. Max está andando na direção do estacionamento quando se vira e olha para mim. Eu agora também estou do lado de fora. Ele olha para mim e balança a cabeça para a frente e para trás. E eu sei o que isso significa. Significa *não vem que não tem*.

Max não quer que eu o siga e faz um sinal com a mão para eu voltar. Ele quer que eu volte para dentro da escola.

Na maioria das vezes, sempre faço o que Max me pede, por considerar que é mais ou menos parte da minha função. Quando ele precisa, eu o ajudo. Ele já me pediu para que eu o deixasse sozinho antes, como, por exemplo, quando está lendo um livro ou fazendo cocô. Várias vezes, na verdade. Mas desta vez é diferente. Sei disso. Max não deveria estar do lado de fora da escola, e muito menos saindo por estas portas laterais em direção ao estacionamento.

Tem algo errado.

Volto para dentro da escola como Max pediu, mas fico em pé ao lado das portas, encostado na parede, para poder espiar lá fora. Agora Max e a Sra. Patterson estão caminhando pelo estacionamento no espaço que forma um corredor entre os carros estacionados. Acho que estes são os carros dos professores, pois as crianças não podem dirigir. Com certeza são os carros dos professores. Então vejo quando os dois param ao lado de um carro pequeno, de cor azul. A Sra. Patterson olha em volta mais uma vez. É o tipo de coisa que as pessoas fazem quando querem ter certeza de que ninguém está

olhando. Então ela abre a porta de trás e Max entra. Depois dá a volta no carro, entra e senta no banco da frente. O lado que tem o volante. O lado onde senta a pessoa que dirige.

A Sra. Patterson está saindo de carro com Max.

Mas ela não sai. O carro não se move; fica parado. Os dois estão sentados dentro do carro: Max no banco de trás e a senhora Patterson na frente. Acho que ela está falando, pois Max abaixa a cabeça constantemente. Não para se esconder, mas para olhar algo que está no banco, creio eu. Parece muito ocupado. Ele está fazendo alguma coisa.

Logo depois, a Sra. Patterson sai do carro. Olha em volta de novo. Ela quer ter certeza de que ninguém está olhando. Sei disso. Já fiquei perto de pessoas que não têm ideia que eu as observo. Várias vezes. Sei quando alguém está sendo sorrateiro, agindo de maneira furtiva, e a Sra. Patterson está sendo sorrateira. Daí ela abre a porta de trás e Max também sai. Eles voltam juntos em direção às portas da escola. Ela usa uma chave para destrancar as portas e os dois entram de novo na escola. Eu me afasto, dou alguns passos no corredor, distanciando-me das portas, e sento no chão, as costas apoiadas na parede, para Max pensar que estive o tempo todo aqui, e não espreitando.

Quero que ele pense que não sei aonde os dois foram. Mais ainda: não quero que Max saiba que me importo. Não quero que ele suspeite da minha preocupação, pois a próxima vez que a senhora Patterson levar Max para ficar dentro do carro dela, eu também vou.

Se ela o levar para dentro do carro dela de novo (e eu acho que vai levar), não vai ser como desta vez. Não sei o que acontecerá, mas sei que mais coisas vão acontecer. Sei que vai ser pior. Sei disso. A senhora Patterson não quebraria as regras da escola apenas para passar cinco minutos dentro do carro dela com Max. Vai acontecer algo mais.

Não sei explicar, mas agora estou mais preocupado com a Sra. Patterson do que com Tommy Swinden.

Muito mais preocupado.

# Capítulo 18



Estamos sentados na sala da Dra. Hogan. Ela é inteligente. O meu amigo entrou na sala dela já faz algum tempo e ela não tentou fazê-lo falar nem uma vez. Ela ficou sentada, olhando Max brincar com essas peças de plástico e de metal que chamou de *brinquedos inovadores para pensar*. Pelo jeito que ela disse *inovadores*, essa palavra não é realmente parte do nome desses brinquedos, mas não entendo o que significa.

Eu sei o que *novo* significa, mas o que significa *inovador*?

Max adora esses brinquedos. A mãe dele diria que o filho está *envolvido*, o que quer dizer que ele parou de prestar atenção no resto. Em tudo que o rodeia. Max fica envolvido várias vezes, o que é bom, significa que ele está feliz, mas isso também quer dizer que ele se esquece do resto do mundo. Quando Max está envolvido, é como se existisse apenas uma coisa. Desde que ele se sentou no tapete, na frente da mesa de centro, e começou a brincar com esses brinquedos, acho que não olhou para cima uma só vez.

A doutora é esperta o suficiente para deixar Max brincar. Uma vez ou outra ela faz alguma pergunta, e até agora todas as perguntas dela podem ser respondidas apenas com sim ou não, ou com respostas de uma só palavra, portanto, Max respondeu a maioria delas.

E essa é outra atitude inteligente. Se a Dra. Hogan tivesse tentado fazer Max conversar sem os brinquedos para pensar, sem respeitar os momentos de silêncio dele, Max provavelmente teria se *fechado* em si mesmo. É o que a senhora Holmes diz quando ele não quer conversar com ela. Só que Max está pouco a pouco se acostumando com a Dra. Hogan, por isso, vai conversar com ela se a doutora esperar o suficiente. Especialmente se não deixar Max sentir que está sendo observado e não ficar gravando tudo o que ele diz. A maioria dos adultos começa em um ritmo lento com Max, mas acaba perdendo a paciência e estragando tudo.



A Dra. Hogan é bonita. Acho que é mais jovem do que a mãe do Max, e não está vestindo roupas chiques. Ela está usando saia, camiseta e tênis, como se estivesse saindo para dar uma caminhada no parque. Essa é outra atitude inteligente também, porque ela parece uma garota. Não uma médica de verdade.

Max tem medo de médicos.

E o melhor de tudo: ela não fez nem uma única pergunta sobre mim. Nem ao mesmo uma menção. Eu estava preocupado de ela ficar perguntando a Max sobre mim durante toda a consulta. Em vez disso, parece que ela está mais interessada em saber a comida favorita do Max (macarrão) e o sabor de sorvete preferido dele (baunilha), do que saber sobre o seu amigo imaginário.

– Você gosta da escola? – pergunta a doutora.

Ela falou que Max poderia chamá-la de Ellen, mas acho isso muito estranho. Max ainda não precisou dizer o nome dela, então não tenho ideia do que decidiu fazer, mas aposto que vai chamá-la de Dra. Hogan. Isso, claro, se conseguir lembrar o nome da médica. Se é que estava ouvindo quando a Dra. Hogan disse o nome dela.

– Mais ou menos – responde Max, a ponta da língua no canto da boca, os olhos semicerrados, fixando o olhar nas duas peças de brinquedos para pensar, tentando descobrir como elas encaixam uma na outra.

– E na escola? Qual é a sua parte favorita?

Max não diz nada durante dez segundos, e então responde:

– Almoço.

– Ah – diz a Dra. Hogan. – E você sabe por que o almoço é a sua parte favorita na escola?

Percebem como ela é esperta? Ela não pergunta por que ele acha o almoço a parte favorita das atividades escolares até saber que Max sabe que essa é a parte favorita dele. Se Max não souber explicar por que o almoço é o seu momento preferido na escola, ele simplesmente pode dizer que não sabe. E não precisa se sentir idiota por não saber a resposta. Se a doutora Hogan fizesse uma pergunta e Max se sentisse idiota, ela nunca mais o faria falar.

– Não – responde Max, e a doutora não se surpreende nem um pouco.

Eu também não me surpreendo. Mas acho que sei por que Max prefere o almoço. Acho que é por ser a única parte do dia que o

deixam sozinho. Ninguém o incomoda nem diz a ele o que ele deve fazer. Max se senta sozinho na ponta da longa mesa da cantina, lendo um livro e comendo a mesma coisa todos os dias: um sanduíche de pasta de amendoim com geleia, uma barra de granola e suco de maçã. O resto do dia na escola é imprevisível. Nunca se sabe o que pode acontecer. Tudo está sempre mudando, os professores e as outras crianças estão sempre surpreendendo Max. Mas durante a hora do almoço, tudo é sempre igual.

Claro que isso é apenas uma suposição. Não sei por que ele gosta mais da hora do almoço. Acho que nem Max sabe dizer o motivo. Às vezes podemos sentir algo, mas não saber a razão de nos sentirmos assim. Como, por exemplo, a maneira como me sinto em relação à Sra. Patterson. Eu soube que não gostava dela assim que a conheci, mas não consigo explicar por quê. Só sei que não gosto. E agora que ela e Max dividem um segredo, gosto menos ainda.

– Quem é o seu melhor amigo, Max? – pergunta a doutora.

– Timothy – responde Max.

É isso que Max sempre responde quando alguém pergunta quem é o melhor amigo dele. Eu sei que o verdadeiro melhor amigo dele sou eu. É que Max já sabe que se falar o meu nome, as pessoas vão fazer perguntas e dizer que não existo. Timothy é um garoto que também frequenta o Centro de Aprendizagem, e geralmente no mesmo período que Max. Muitas vezes eles ficam juntos no mesmo grupo de trabalho. Max diz que Timothy é o melhor amigo dele porque eles não brigam. Nenhum dos dois gosta de trabalhar com outras crianças, por isso, quando os professores querem que os alunos formem um grupo, os dois dão um jeito de trabalhar juntos, mas só eles. E cada um por sua conta.

A Sra. Holmes uma vez falou para a mãe do Max que era muito triste que os melhores amigos dele fossem justamente as crianças que o deixavam sozinho. O que a senhora Holmes não entende é que Max fica feliz quando está sozinho. Só porque a Sra. Holmes, a mãe do Max e a maioria das pessoas são mais felizes quando estão com os amigos, isso não quer dizer que ele precisa de amigos para ser feliz. Max não gosta de outras pessoas, por isso ele é mais feliz quando as pessoas simplesmente o deixam sozinho.

É assim como no meu caso, no assunto comida. Eu não como. Nunca conheci um amigo imaginário que comesse. Uma noite, quando visitava o hospital (o hospital nunca fecha), passei um tempo com Susan, uma senhora que não pode mais comer com a boca. Ela

tem um canudo na barriga que vai direto para o estômago dela, e as enfermeiras a alimentam com pudim. Uma vez ela recebeu a visita das irmãs. Quando elas estavam no corredor, do lado de fora do quarto da Susan, a irmã gorda comentou que era muito triste Susan não poder mais comer, porque havia muita alegria na comida.

– Não, não há! – disse eu, mas ninguém me ouviu.

Mas é verdade. Fico contente por não comer, e não estou nem aí para o que a irmã gorda da Susan pensa. Para mim, comer parece ser algo desagradável. Mesmo se a comida está boa, a pessoa precisa se preocupar em ter dinheiro suficiente para comprar alimentos, cozinhar tudo sem deixar nada queimar, e ainda por cima se preocupar em comer a quantidade certa para não engordar como a irmã da Susan. Além do tempo que leva para fazer a comida, limpar os pratos, cortar a manga, descascar as batatas, ou se estiver em um restaurante, pedir ao garçom para trazer leite em vez de creme. E também existem os perigos de engasgar com a comida ou ter alergia a determinados alimentos. Tudo parece tão complicado! Não me interessa quanto pode ser bom comer. Não valeria a pena tantos problemas. Talvez Susan também se sinta assim, agora que come com um canudinho na barriga, que parece ser algo muito mais fácil do que ficar preparando o jantar todas as noites. E mesmo que ela não sinta isso, eu me sinto desse jeito. Se me dessem a oportunidade de comer agora, eu diria não, porque não gostaria de adquirir o hábito de comer e começar toda aquela lenga-lenga, que é uma das palavras favoritas da Sra. Gosk.

Mesmo sem comer, eu sou feliz. Mesmo existindo tanta alegria nos alimentos. Porque também existe alegria em não se preocupar com comida. Talvez até mais alegria, penso eu.

Max sente alegria ao ficar sozinho. Ele não é uma pessoa sozinha. Só não gosta muito de gente. Mas ele é feliz.

– Qual é a sua comida menos favorita? – pergunta a Dra. Hogan.

Max fica parado por alguns instantes, as mãos meio congeladas em pleno ar, então ele finalmente responde:

– Ervilhas.

Pensei que diria abobrinha. Aposto que ele se esqueceu da abobrinha.

– Qual é a parte menos favorita da escola? – pergunta a Dra. Hogan.

– Educação Física – Max responde rápido desta vez. – E Arte. E Recreio. Estão empatadas.

– Quem é a sua pessoa menos favorita na escola?

Max olha para cima pela primeira vez. O rosto dele está contraído.

– Existe alguém na escola de quem você não gosta? – pergunta a Dra. Hogan.

– Sim – responde Max, e logo depois os olhos dele voltam a se fixar nos brinquedos para pensar.

– De quem é que você menos gosta na escola?

Agora entendo o que a doutora está fazendo. Ela está tentando conversar com Max sobre Tommy Swinden, e o meu amigo está entrando no papo dela. Já é ruim que a mãe do Max saiba sobre Tommy Swinden. Isto pode tornar as coisas ainda piores.

– Ella Wu! – falo eu, com a esperança de que Max repita o que eu digo.

– Tommy Swinden – diz ele, sem olhar para cima ao falar.

– Você sabe por que não gosta do Tommy Swinden?

– Sim – responde Max.

– Por que você não gosta do Tommy Swinden? – pergunta a doutora, e percebo que ela está ligeiramente inclinada, o corpo um pouco para a frente. Ele vai dar agora a resposta que ela queria.

– Porque ele quer me matar – diz Max, sem nem se preocupar em olhar para ela.

– Ah! – exclama a Dra. Hogan. E acrescenta: – Não...

Ela fala como se realmente estivesse muito surpresa. Mas acho que sabia sobre Tommy Swinden o tempo todo. A Dra. Hogan provavelmente já ficou sabendo sobre esse garoto pela mãe do Max.

Esta consulta foi uma imensa armadilha, e Max acaba de cair nela.

A Dra. Hogan não diz nada por um tempo, e então pergunta:

– E você sabe por que Tommy Swinden quer matá-lo, Max?

Os adultos sempre colocam o nome do Max no final quando consideram que as perguntas que estão fazendo são importantes.

– Talvez – responde ele.

– Por que você acha, talvez, que Tommy Swinden quer matar você, Max?

Max para de se mexer de novo. Ele tem um pedaço do tal *brinquedo inovador para pensar* na mão e fica só olhando para ele. Eu conheço esse olhar no rosto do Max. É o olhar que revela que ele vai mentir. Max não é um bom mentiroso, e sempre demora muito tempo para pensar em uma mentira.

– Ele não gosta de garotos chamados Max – diz.

Mas ele fala isso muito rápido, e a sua voz tem um som diferente, por isso, tenho certeza de que a Dra. Hogan sabe que é uma mentira. Provavelmente Max teve essa ideia por causa de um aluno do quinto ano, que uma vez disse a Max que ele tinha um nome bobo. Mesmo que existisse realmente uma criança que não gostasse do nome dele, acho que é uma péssima mentira. Ninguém vai querer matar uma pessoa só por causa do nome dela.

– E não há nada mais? – insiste a Dra. Hogan.

– Sobre o quê? – pergunta Max.

– Existe alguma outra razão pela qual você acha que esse garoto talvez queira matar você?

– Ah – diz Max, e então ele faz novamente uma pausa. – Não.

A Dra. Hogan não acredita nele. Eu quero que ela acredite, mas ela não acredita. Dá para perceber. A mãe do Max conversou com ela. Tenho certeza absoluta disso. Gostaria de saber quando a mãe e o pai do Max decidiram mandá-lo vir aqui. Fico me perguntado quando foi que o pai do Max perdeu essa briga.

Deve ter sido quando eu estava no posto de gasolina, na noite passada.

Mas mesmo que a mãe do Max não tivesse falado com ela, a doutora Hogan saberia que Max está mentindo. Ele é o pior mentiroso do planeta.

E a Dra. Hogan é realmente inteligente. O que me deixa ainda mais assustado.

Fico pensando no que ela planeja fazer a seguir.

Queria descobrir um jeito de ela conversar com Max sobre a senhora Patterson.

# Capítulo 19



Estou seguindo Max. Ele pediu novamente que eu o esperasse ao lado das portas, mas desta vez vou me esgueirar até o carro da senhora Patterson e ver o que está acontecendo lá dentro. Desta vez não me importo com o que Max diz. Tem algo errado nessa história.

Max e a Sra. Patterson já estão na metade do caminho para o estacionamento quando passo pelas portas de vidro e fico do lado de fora da escola. Eu me escondo atrás de uma árvore, à direita da calçada. Eu nunca preciso me esconder assim. Não me lembro de ter me escondido do Max algum dia, e como ninguém mais pode me ver, é como se eu estivesse sempre me escondendo de todos, menos do Max.

Esta é a primeira vez que estou me escondendo de todos.

Há outra árvore na mesma calçada, um pouco mais abaixo, do lado esquerdo. Está em um lugar mais discreto e escondido, então corro até lá. Se eu tocasse o solo de verdade, não teria corrido, mas caminhado na ponta dos pés para Max não me ouvir. Mas como quando me mexo nunca faço barulho, nem mesmo para Max, então opto por correr, assim não fico à vista por muito tempo.

Espio de trás da árvore. Max e a Sra. Patterson estão quase chegando ao carro dela. A senhora Patterson anda rápido, muito mais rápido do que adultos que não pedem para crianças manterem segredos e nem as levam para os seus carros no meio do horário escolar. Da árvore, vou ter de rastejar até o estacionamento. Há uma fileira de carros na minha frente, a mais ou menos trinta passos de distância. Se rastejar, posso ficar escondido atrás da fileira de carros. Max é baixo e não consegue ver por cima dos carros, muito mais altos do que ele. É engraçado, porque enquanto rastejo, todas as criancinhas nas duas salas de aula atrás de mim, se pudessem me ver, também poderiam me ver rastejando pela grama em frente da escola. É uma sensação estranha, estar me escondendo, mas ao mesmo tempo continuar na frente de tanta gente.

Ouço a porta do carro abrindo. Max e a Sra. Patterson chegaram ao carro dela.

Eu tenho uma ideia. Estou agachado atrás de um pequeno carro vermelho, o primeiro da fila, e espio pelas janelas, tentando ver se Max já está dentro do carro da professora Patterson. Não consigo realmente ver o carro dela, que está mais para baixo e na fila de carros oposta, do outro lado do corredor de automóveis. Mas posso passar pelos carros à minha frente, porque todos eles têm portas. Esta é a minha grande ideia: em vez de caminhar pelo corredor, vou me arrastar, passando através dos carros.

Subo no carro vermelho e rastejo pelos bancos. Este é um carro bagunçado. O banco da frente está lotado de livros e papéis. No chão há latas vazias de refrigerante e sacos de papel. Este deve ser o carro da professora Gosk. Parece com a sala em que ela dá aula: lotada de coisas e bem bagunçada. Eu gosto. De vez em quando, penso que pessoas muito ordenadas e organizadas gastam muito tempo planejando e pouco tempo fazendo. Não confio em pessoas muito ordenadas e organizadas.

Aposto que a senhora Patterson é uma dessas pessoas: muito ordenada e organizada.

Atravesso a porta oposta do carro vermelho e, em seguida, passo por mais cinco carros, até ficar agachado dentro de um carro grande, com quatro portas, além da porta na parte de trás. Consigo ver o carro da senhora Patterson pela janela de trás. O carro dela está estacionado de frente. Ela não faz como a doida da Sra. Griswold, que todas as manhãs passa mais de cinco minutos dando ré para entrar na vaga, enquanto todas as crianças riem dela. O fato de a senhora Patterson ter estacionado assim é ótimo: desse jeito, ela e Max não estarão olhando para mim, o que é perfeito para eu espiar. Atravesso a porta de trás do carro grande e corro até o carro da Sra. Patterson, cruzando o espaço entre as duas fileiras de carros. Mantenho a minha cabeça abaixada, no caso de o Max se virar.

A janela do lado da Sra. Patterson está aberta. Faz calor, e como o carro dela não está ligado, ela deve ter aberto a janela para não ficar tão abafado. Quero olhar no banco de trás e ver o que Max está fazendo. Ouço a voz da senhora Patterson de onde estou; ela está falando ao telefone. Fico de joelhos e rastejo até ficar bem ao lado do carro dela, para poder ouvir melhor. Estou agachado ao lado do carro, entre a porta da frente e a de trás.

– Está bem, mamãe – ouço a senhora Patterson dizer.

Então há uma pausa.

– Está bem, mamãe – diz ela novamente. – Eu amo você.

Outra pausa.

– Não, mamãe. Não vou ter problema nenhum. Você é a minha mãe. É normal que eu fale com você durante o dia. Especialmente por você estar tão doente...

Outra pausa.

– Eu sei, mamãe. Você está certa. Você está sempre certa.

A Sra. Patterson dá uma pequena risada e então diz:

– Eu sou muito sortuda por ter este mocinho me ajudando – então ela ri novamente. Nenhuma das risadas parece ser verdadeira. – O nome dele é Max – diz ela. – Ele é o garoto mais gentil e inteligente que conheço.

A professora do Max faz uma pausa por um segundo ou dois e depois continua:

– Claro, mamãe. Vou contar ao Max como você está agradecida pela ajuda dele. Eu amo muito você, mamãe. E espero que comece a se sentir melhor logo. Tchau.

Nada dessa conversa soa bem. Já escutei muitas vezes a mãe e o pai do Max falarem ao telefone, e nunca ouvi um telefonema assim. Tudo estava errado. A risada dela não era real. O intervalo de tempo que ela ficava ouvindo e não falava era muito curto. Ela disse demais a palavra *mamãe*. Tudo o que ela disse saiu perfeito. Sem nenhum *hãhan* ou *hmmm hum*. Sem gaguejar.

Lembrava uma professora do primeiro ano lendo um livro em voz alta para a classe. Parecia que tudo o que ela dizia era para Max, não para a mãe dela.

Eu começo a me mover, rastejando para trás, tentando chegar de novo na parte de trás do carro, quando a porta do Max se abre. Estou engatinhando na frente da porta dele, e a parte inferior me atravessa ao se abrir, pois é uma porta.

Ele me vê assim que sai do carro. O sorriso do Max se transforma em uma careta. Os olhos dele primeiro se arregalam, depois ficam pequenos, com pequenas rugas aparecendo entre eles. Max está bravo. Mas não diz nada, porque a porta da Sra. Patterson abre um segundo depois e ela sai do carro. Eu me sinto um bobo, agachado sobre as mãos, os meus pés entre elas, mas fico muito sem



graça e envergonhado para me levantar. Fico lá, agachado, até a senhora Patterson fechar a porta e pegar a mão do Max. Ele dá mais uma olhada para mim, e então dá a mão para ela. Nunca vi a Sra. Patterson segurar a mão do Max antes e tudo me parece muito esquisito. Max odeia dar a mão para alguém. Ele não olha para trás. Então levanto e vejo quando os dois entram de novo na escola. Max desaparece pelo corredor. E não olha para trás.

Eu olho dentro do carro da Sra. Patterson. Há uma mochila azul no banco de trás, onde Max estava sentado. Como está fechada, não consigo ver o que tem dentro. Não há mais nada no carro, exceto a mochila. O carro está limpo e vazio.

Eu estava certo. A Sra. Patterson é ordenada e organizada.

Ela não é uma pessoa de confiança.

## Capítulo 20



Max não quer falar comigo. Ele sequer olhou para mim o resto do dia. Quando tentei sentar ao lado dele no ônibus escolar que nos levou para casa, ele fez que não com a cabeça, o seu olhar de *não vem que não tem*. Nós nunca tínhamos sentado separados no ônibus antes. Então sento no banco em frente ao do Max, logo atrás do motorista. Estou louco para me virar, olhar para Max, sorrir para ele e tentar fazer com que sorria de volta para mim, mas não consigo. Sei que ele não vai devolver o meu sorriso.

Quando Max não estiver mais bravo comigo, tenho de falar com ele sobre a senhora Patterson. Ainda não entendo o que está acontecendo, mas sei que não é bom. Agora estou ainda mais convencido disso. Quanto mais penso em Max, no meio da jornada escolar, sentado no carro da Sra. Patterson com aquela mochila azul, e no telefonema dela, que não parecia realmente um telefonema, e especialmente na maneira como ela e Max estavam de *mãos dadas*, mais fico apavorado.

Por um momento, achei que estava exagerando. Pensei que talvez pudesse ser como um daqueles programas de televisão, em que todas as pistas apontam para um assassino, mas depois acaba sendo outra pessoa. Um assassino-surpresa. Talvez a Sra. Patterson seja uma doce senhora e exista uma boa razão para ela e Max ficarem sentados naquele carro. Mas agora sei que tenho razão. Não estou exagerando. Não consigo explicar como eu sei, mas sei. Deve ser como as personagens da televisão se sentem também. Aquelas que pensam que uma pessoa é o assassino quando realmente é outra. Com exceção que isto é a vida real. Não existem roteiristas inventando um monte de pistas falsas para me confundir. Esta é a vida real, e na vida real não aparecem tantas pistas falsas, uma atrás da outra.

A única boa notícia é que amanhã é sexta-feira e a Sra. Patterson quase nunca vai à escola às sextas-feiras. Isso deixa a diretora Palmer muito brava. Certa vez, ouvi a Sra. Palmer falando sobre a Sra. Patterson com uma outra senhora, que respondia com a

cabeça e concordava com *hum-hums*, e que falou para a diretora que a Sra. Patterson tem o direito de usar os dias de licença dela se estiver doente, e esse foi o fim da conversa. Não sei por que a Sra. Palmer não disse para aquela senhora de terno que ninguém fica doente uma vez por semana, mas ela não disse nada. Depois que a senhora de terno saiu, a Sra. Palmer culpou o *malditosindicato*. Ainda não consegui descobrir o que é *malditosindicato*, e quando perguntei a Max a respeito, ele também não sabia.

Assim, amanhã a senhora Patterson provavelmente estará doente, ou fingindo estar doente. Por isso, terei o fim de semana inteiro para fazer com que Max que me perdoe, e para que assim possamos conversar.

Cheguei até a ficar um pouco assustado. Fiquei com medo de o Max parar de acreditar que eu existo por estar tão bravo e nem querer falar comigo. Mas então cheguei à conclusão de que Max não poderia ficar bravo com alguém se ele pensasse que esse alguém não existia; portanto, ele estar me ignorando de tanta raiva é um bom sinal. Max deve realmente acreditar que eu existo para ficar tão bravo comigo.

Eu deveria ter descoberto um jeito de fazer Megan ficar brava com Graham. Talvez isso tivesse salvado a vida da minha amiga.

Ultimamente, ando pensando bastante em Graham. Penso em como ela não existe mais, e em como tudo o que ela disse ou fez não significa mais nada para Megan. E mesmo que Graham ainda signifique algo para mim e para Megan, e talvez até mesmo para Puppy, nada disso importa, porque ela não existe mais.

Esse é o único fato importante sobre a não existência da Graham.

Quando a avó do Max morreu, o pai dele disse que a avó viveria no coração do Max, e que enquanto eles se lembrassem da Vovó, ela continuaria viva na memória deles. Isso foi bom para Max. Pode ser que talvez ele tenha se sentido um pouco melhor, mas isso não ajudou em nada a avó dele. Ela se foi, e mesmo que Max a mantenha viva no coração dele, ela não existe mais. Ela não se importa com o que está acontecendo no coração do Max porque não pode se importar com mais nada. Todo mundo fica preocupado com os vivos, mas os que realmente sofrem são os mortos. Pessoas como a Vovó e Graham.

Eles não existem mais.

Não há nada pior do que isso.

Max não falou comigo a noite toda. Ele fez a lição de casa, jogou *video game* por 30 minutos, leu um livro imenso sobre uma guerra mundial e depois foi dormir sem dizer uma palavra. Estou sentado na cadeira ao lado da cama do Max, esperando ele adormecer, na esperança de ouvir a sua voz de criança dizendo: “Budo, está tudo bem”, mas ele não fala nada. Pouco a pouco, a respiração do Max fica estável e ele dorme.

Ouçó a porta abrir. A mãe do Max chega em casa. Ela tinha uma consulta médica, por isso não foi ela quem o colocou na cama. Ela entra no quarto e beija Max. Puxa as cobertas até o pescoço dele e o beija mais três vezes.

A mãe do Max sai do quarto.

Eu a sigo.

O pai do Max está assistindo a um jogo de beisebol na televisão. Ele aperta o botão *mute* do controle remoto quando a mãe do Max entra na sala, mas não tira os olhos da tela.

– Então? O que ela disse? – pergunta o pai do Max. Ele parece irritado.

– Ela disse que foi tudo bem. Eles conversaram um pouco, e Max respondeu a algumas perguntas. Ela acha que pode, com o passar do tempo, levá-lo a confiar nela e a se abrir, mas isso vai demorar um pouco.

– Você acha que Max não confia em nós?

– Ah, John – diz a mãe do Max. – É claro que ele confia em nós. Mas isso não quer dizer que nos conte tudo.

– Nenhuma criança conta tudo para os pais.

– Isso é diferente – responde a mãe do Max. – E sinto muito se você não consegue perceber a diferença.

Só que não parece que ela está mesmo sentindo muito.

– Explique como é diferente – pede o pai do Max.

– Eu sinto como se não conhecesse o meu filho. Ele não é como as outras crianças. Não vem para casa e conta histórias da escola. Não brinca com as outras crianças. Pensa que alguém na escola quer matá-lo. E ainda conversa com um amigo imaginário. Por favor! Ele mal permite que eu o toque. Tenho que beijá-lo depois que

está dormindo. Como pode ser que você não perceba que ele é diferente?

À medida que fala, a voz da mãe do Max vai ficando mais alta, e tenho a impressão que ela vai chorar ou gritar, talvez as duas coisas juntas. Acho que ela provavelmente já está chorando por dentro, mas está se contendo para poder continuar a discutir com o pai do Max.

Ele não diz nada. É aquela pausa de silêncio que os adultos usam para dizer algo que não querem dizer.

Quando a mãe do Max fala de novo, a voz dela está suave e calma.

– A doutora acha que ele é muito inteligente. Mais esperto do que é capaz de nos mostrar. E acredita também que há possibilidades de um verdadeiro progresso.

– E ela conseguiu descobrir tudo isso em apenas 45 minutos de consulta?

– Ela trata crianças como Max o tempo todo. E ainda não está afirmando nada. Apenas fez um simples prognóstico com base nos casos que viu e ouviu até agora na carreira dela.

– E por quanto tempo o nosso seguro-saúde cobre esse tratamento? – pergunta o pai do Max.

Eu não sei o que isso significa, mas posso dizer pela voz dele que o pai do Max não está perguntando isso só para ajudar.

– Dez sessões para começar, e depois vai depender do que ela encontrar.

– E de quanto é o reembolso? – pergunta o pai do Max.

– Sério? Nós estamos conseguindo uma ajuda para o nosso filho e você está preocupado com quanto eles vão cobrar?

– Eu só estava me perguntando – responde ele, e percebo que o pai do Max se sente mal por perguntar.

– Tudo bem – diz a mãe do Max – Vinte dólares. Tudo bem?

– Eu só estava averiguando – diz ele. – Só isso – e fica quieto por um minuto, depois sorri e acrescenta: – É que se ela vai ficar com Max por apenas 45 minutos e o reembolso é de 20 dólares, fico pensando em quanto ela ganha por hora.

– Faça-me o favor! Ela não está trabalhando em uma loja de bebidas – diz a mãe do Max. – Ela fez uma faculdade de medicina!

– Eu só estava brincando – responde o pai do Max rindo.

Desta vez, acredito que ele está sendo sincero. E acho que a mãe do Max também. Ela sorri, e depois de um momento senta ao lado dele.

– O que mais ela disse? – pergunta, curioso, o pai do Max.

– Nada, realmente. Max respondeu a quase todas as perguntas dela, o que ela considerou positivo. E ele não parecia nervoso por estar sozinho na sala dela, algo que ela disse ser incomum. Mas ele ainda acha que alguém na escola quer matá-lo. Tommy Swinden. Você já ouviu esse nome?

– Não.

– Max disse que esse menino, Tommy, não gosta do nome dele e é por isso que quer matá-lo, mas a Dra. Hogan não acredita nele.

– Ela não acredita que Tommy Swinden quer matá-lo ou não acredita que esse garoto não gosta do nome Max?

– Ela não tem certeza – responde a mãe do Max. – Mas não acha que Max estava contando toda a verdade sobre Tommy. Foi o único momento que ela ficou com a sensação de que Max não estava sendo honesto.

– O que devemos fazer, então? – o pai do Max pergunta.

– Vou ligar para a escola amanhã. Max provavelmente está interpretando mal alguma coisa, mas quero ter certeza.

– Mãe-helicóptero ao resgate?

O pai do Max já chamou a mãe do Max de *mãe-helicóptero* antes, mas eu não entendo a brincadeira. Eu sei o que é um helicóptero, mas nunca vi a mãe do Max pilotar um, nem mesmo brincar com qualquer um dos helicópteros de brinquedo do filho, e Max tem um montão deles.

A mãe do Max sorri, e isso me deixa ainda mais confuso. Quando o pai do Max diz que ela é uma mãe-helicóptero, geralmente ela fica com raiva, mas às vezes ela acha engraçado, e não consigo descobrir o motivo.

– Se Tommy Swinden ameaçou o meu filho – diz a mãe do Max –, vou colocar a Força Aérea inteira em cima dele, se for necessário. Mãe-helicóptero e tudo o que tenho direito.

– Você às vezes é um pouquinho louca – diz o pai do Max. – Possivelmente um pouco neurótica. E de vez em quando é capaz de

ter reações exageradas. Mas, com certeza, Max tem muita sorte de tê-la como mãe dele.

Ela se aproxima e pega a mão do pai do Max e a aperta. Por um momento, acho que eles vão se beijar, o que sempre me faz sentir um pouco estranho, mas, em vez disso, a mãe do Max continua a falar.

– A Dra. Hogan quer se encontrar comigo de novo depois de mais duas sessões. Você quer ir comigo?

– Isso vai nos custar outro reembolso?

Desta vez eles se beijam, e eu me afasto. Gostaria de saber o que é um *reembolso*. A primeira vez que o pai do Max mencionou isso, a mãe do Max ficou com raiva. Mas desta vez, ela ficou com vontade de beijá-lo.

É por isso que entendo Max tão bem: muitas vezes, também fico tão confuso quanto ele.

# Capítulo 21



A Sra. Patterson não está na escola hoje. A diretora Palmer pode estar com raiva por causa disso, mas estou aliviado. Max ainda não está falando comigo, mas pelo menos tenho o fim de semana para convencê-lo a me desculpar.

Tem sido um dia estranho. Max não quer nem olhar para mim. Começamos a jornada escolar na sala da senhora Gosk, trabalhando com tabuada (que Max decorou dois anos atrás). Depois fomos para a aula de Arte, e a senhorita Knight ensinou Max a tecer pedaços de papel colorido, formando um desenho com um padrão decorativo. Parece que ele não está gostando muito da aula, quase nem presta atenção às instruções da professora, e Max costuma adorar coisas que envolvem padrões.

Ele acaba de comer o seu lanche na sala da Sra. Gosk e agora caminha para o Centro de Aprendizagem. Ando ao lado do Max, mas ele continua a me ignorar, fingindo que não me vê. Para falar a verdade, agora estou ficando até com raiva. Acho que ele está exagerando.

A mãe do Max faz isso também, de vez em quando.

Afinal de contas, eu só o segui até o carro da Sra. Patterson!

– Max, você quer brincar de exército depois da escola? – pergunto. – Hoje é sexta-feira. Poderíamos montar uma grande batalha e brincar amanhã o dia inteiro.

Max não responde.

– Isso é ridículo – digo eu. – Você não pode me tratar mal para sempre. Eu só queria saber o que você estava fazendo.

Max acelera o passo.

Estamos de novo fazendo o caminho mais comprido para chegar ao Centro de Aprendizagem, o caminho que ele fez com a Sra. Patterson aquele dia. Acho que agora esse é o novo caminho dele, mesmo que por aqui leve mais tempo para chegar lá. Pode ser que Max tenha concluído ser este o melhor caminho justamente por



demorar mais. Isso significa passar menos tempo no Centro de Aprendizagem.

Quando chegamos às portas de vidro que abrem para o estacionamento, Max para e olha para fora. O rosto dele fica tão perto da janela que o vidro embaça com o calor da sua respiração. Ele não está apenas olhando. Está procurando algo. Ele está buscando algo. Na hora que eu também olho para tentar ver o que ele vê, Max acha o que estava procurando.

Eu não.

Não sei o que Max vê, mas com certeza ele está vendo alguma coisa. Max se endireita e pressiona novamente o nariz contra o vidro. E desta vez o vidro não embaça. Ele está prendendo a respiração. O meu amigo vê algo e prende a respiração. Então olho de novo. Não vejo nada. Apenas duas fileiras de carros e a rua atrás.

– Fica aqui – fala Max.

Faz tanto tempo que ele não fala comigo que até dou um pulo, surpreso.

– Aonde você vai? – pergunto eu.

– Fica aqui – diz ele novamente. – Já volto. Prometo que se você ficar aqui e esperar por mim aqui dentro, eu volto logo.

Max está mentindo. Eu sei que ele está mentindo, assim como a dra. Hogan também sabia que ele estava mentindo quando Max foi ao consultório dela outro dia. Só que Max está falando comigo de novo. Além de falar comigo, parece não estar mais com raiva de mim, e isso faz com que eu me sinta feliz novamente. Quero acreditar nele, porque se fizer isso, tudo ficará bem; tudo ficará como era antes. Max não vai ficar mais com raiva de mim, e mesmo que eu não tenha Graham, Dee, Sally, nem mesmo uma mãe ou um pai, eu terei Max de volta, e isso já é bom o bastante.

– OK – respondo. – Vou esperar aqui. E peço desculpas pela última vez.

– OK – responde Max.

Então ele olha para a esquerda e para a direita, checando para ver se alguém está chegando pelo corredor. Esse gesto faz com que eu me lembre da Sra. Patterson, e de repente fico preocupado. Com medo.

Max está mentindo e algo está errado.

Como ninguém está vindo, ele abre as portas e sai do prédio da escola. A passos rápidos, mas sem correr, Max caminha pela calçada de cimento em direção ao estacionamento.

Olho de novo. O que ele vê? Então olho para onde ele está indo e também não vejo nada. Apenas carros e a rua. Algumas árvores com folhas amarelas e vermelhas. Grama.

Nada.

Então, finalmente, eu vejo.

O carro da senhora Patterson. Agora eu o vejo. Está saindo de uma vaga atrás de um caminhão prateado. Tinha ficado invisível atrás desse caminhão grande. E ela está saindo de frente. A Sra. Patterson estacionou o carro de ré naquela vaga atrás do caminhão prateado para poder sair de frente. É nesse momento que confirmo que algo está realmente errado, porque só a Sra. Griswold faz a bobagem de colocar o carro de ré na vaga do estacionamento. Mas a senhora Patterson fez isso hoje, e tenho a sensação de que isso envolve algo muito errado. Algo sorrateiro e planejado. Não sei explicar como eu sei, mas tenho certeza de que Max sabia de tudo isso.

O carro para na frente do Max. Ele abre a porta de trás e entra. Max está dentro do carro da Sra. Patterson.

Desesperado, atravesso as portas de vidro e corro pela calçada de cimento. Grito o nome do Max. Grito para ele parar. Queria poder contar que tenho toda a certeza do mundo que ele está sendo enganado. Também não consigo explicar como eu sei disso, mas sei. Ele não consegue perceber o que está acontecendo porque ele é Max, e Max não consegue ver a floresta por causa das árvores. Mas como não existe nenhuma palavra que possa resumir tudo isso, então continuo gritando o nome dele.

– Max! Max!

Agora o carro está em movimento, descendo pela fileira de carros estacionados, indo em direção à rua, e eu não consigo alcançá-lo. É, sem dúvida nenhuma, a senhora Patterson. Eu a reconheci ao volante, antes que o carro dela entrasse na rua. Ela acelera, como se estivesse me vendo pelo espelho retrovisor, e eu fico para trás. O carro chega ao final da fileira de carros no estacionamento, vira à esquerda na rua e vai embora. Continuo correndo até chegar à rua. Vou até a calçada e corro até perder o

carro de vista. Continuo correndo porque não sei mais o que fazer, mas acabo parando.

Max foi embora.

## Capítulo 22



Sento na guia da calçada e espero. Não estou nem aí se Max já sabe que tentei segui-lo. Vou ficar aqui esperando até ele voltar. E vou falar para ele nunca mais entrar no carro da senhora Patterson. Não sou professor, mas até eu sei que professores não devem levar alunos para dar passeios de carro, ainda mais no meio da jornada escolar.

Se eu soubesse que Max vai voltar logo, não estaria tão preocupado. Mas estou bastante preocupado. Tenho muitos motivos para me sentir assim.

A Sra. Patterson faltou na escola hoje.

Ela foi de carro até a escola só para pegar Max.

Ela colocou o carro dela de ré na vaga do estacionamento só para poder sair rapidamente.

A Sra. Patterson estacionou atrás do caminhão grande para que ninguém dentro da escola visse o carro dela.

Ela e Max combinaram de se encontrar.

Max sabia que ela viria.

Ela estava esperando por ele.

Max prendeu a respiração quando a viu.

Ninguém os viu partir.

Por um lado, continuo esperando que tudo isso seja uma mera reação exagerada da minha parte. Fico desejando que isto seja como em alguns programas de tevê, que o cara acusa o amigo de um crime terrível e depois percebe estar equivocado. Devo estar exagerando, porque Max está com uma professora, e mesmo que a senhora Patterson esteja infringindo as regras, ela não deixa de ser uma professora.

Mas ela faltou hoje e mesmo assim veio pegar Max. Não consigo parar de pensar nisso. Para mim, essa é a pior parte.

Ouço tocar um sinal. É o sinal do primeiro recreio. Já estou sentado aqui na calçada há mais de uma hora. Os alunos da classe do Max estão caminhando pelo corredor até a cantina. Será que a Sra. Gosk sabe que Max não está com eles? Ela é uma ótima professora, a melhor de todas, só que Max tem tantos professores... Talvez a professora Gosk pense que ele está com a Sra. Riner, ou com a Sra. Holmes, quem sabe até com a Sra. McGinn; e talvez a Sra. Holmes e a Sra. Riner pensem que Max está com a senhora Gosk.

Provavelmente a senhora Patterson já imaginava que os professores do Max pensariam assim, por isso ela escolheu hoje, uma sexta-feira, para vir buscá-lo.

Isso faz com que eu fique ainda mais desesperado.

É difícil não ficar preocupado, porque ao tentar não me preocupar, relembro de quanto eu deveria estar preocupado. E quando se está sentado na guia de uma calçada esperando um amigo voltar, é difícil esquecer o porquê de estar sentado na guia da calçada.

Toda vez que um carro passa, a cada pássaro que gorjeia, a cada vez que toca o sinal, eu fico ainda mais agoniado. Cada carro, cada gorjeio, cada sinal é mais um entre a última vez que vi Max e agora. Cada um deles faz com que tudo pareça cada vez mais definitivo.

Já tocaram quatro sinais desde que Max saiu. Isso significa que faz duas horas que ele foi embora. Fico pensando se não existe alguma porta nos fundos da escola que nunca ninguém me contou. Talvez exista outro caminho pelo bosque que começa no fundo do estacionamento. Quem sabe a Sra. Patterson trouxe Max de volta por esse caminho, já que ninguém os veria juntos lá atrás. Ainda estou indeciso entre me levantar e procurar uma entrada nos fundos, ou entrar na escola e ver se Max já voltou, quando ouço o nome dele ser chamado pelo auto-falante. Como o auto-falante pode ser ouvido dentro e fora da escola, no parquinho, que fica do outro lado do edifício, consigo ouvir que estão chamando o nome do Max. E a voz é da diretora, a Sra. Palmer.

– Max Delaney, retorne imediatamente para a sua sala de aula.

Pelo visto, Max ainda não voltou. Ou quem sabe voltou e está indo para a sala de aula da Sra. Gosk neste exato momento. Cogito permanecer na calçada, esperando, como jurei que faria, mas agora

que a Sra. Palmer sabe que Max sumiu, talvez seja melhor entrar e esperar dentro da escola.

Afinal, também preciso descobrir o que está acontecendo.

As senhoras Gosk, Riner e Holmes estão na sala de aula da professora Gosk, todas em pé. Não há crianças na sala. Acho que os alunos estão na aula de Música. Eles têm aula de Música nas tardes de sexta-feira. As três professoras estão com uma cara bem preocupada. Olham fixo para a porta da sala de aula, e quando eu entro, sinto como se estivessem olhando diretamente para mim. Por um segundo, fico achando que elas podem me ver.

Estou na sala de aula. Se pudesse me olhar no espelho, se eu tivesse um reflexo, tenho certeza de que veria em mim a mesma cara de preocupação das professoras.

A diretora chega alguns instantes depois e logo pergunta:

– Ele ainda não apareceu?

Ela também parece preocupada.

– Não – responde a Sra. Gosk.

Nunca ouvi a professora Gosk falar em um tom tão sério. E ela só pronunciou uma palavra: “Não”. Mas posso garantir que ela está mais preocupada do que nunca.

– Onde ele poderia estar? – questiona a Sra. Holmes, também muito preocupada.

“Ótimo”, eu penso. Todos devem ficar bem preocupados mesmo.

– Bem, fiquem aqui – diz a Sra. Palmer ao sair da sala.

– E se ele fugiu? – cogita a Sra. Holmes.

– Max não é fujão – afirma a Sra. Gosk.

– Honestamente, não creio que ele esteja no prédio, Donna – diz a Sra. Holmes.

Donna é o primeiro nome da Sra. Gosk. As crianças nunca usam o primeiro nome de um professor, mas os professores podem fazer isso sempre que quiserem.

– Ele não sairia do prédio – diz a Sra. Gosk.

E ela não está totalmente errada. Max nunca sairia do prédio da escola... A menos que um professor o enganasse e o convencesse a sair, que foi exatamente o que aconteceu.

Sou o único que sabe o que aconteceu e não consigo contar para ninguém. Max é a única pessoa para quem eu poderia contar, mas ele não está aqui... Exatamente porque foi Max quem desapareceu.

Ouve-se mais uma vez a voz da Sra. Palmer no auto-falante.

– Atenção, funcionários! Por gentileza, parem por um momento o que estiverem fazendo e procurem nos seus setores Max Delaney, aluno da classe da professora Gosk. Ele provavelmente errou o caminho de volta e deve estar em algum lugar do prédio. Queremos ter certeza de que Max encontre o caminho de volta para a sala de aula dele. Se o encontrarem, por favor, entrem em contato com a diretoria imediatamente. E, Max, se você puder me ouvir, por favor, volte para a sua sala de aula. Se estiver preso em algum lugar, grite e nós o encontraremos. Garotos e garotas, não fiquem preocupados, esta é uma escola grande e às vezes as crianças ficam um pouco perdidas.

“Sei... até parece”, penso eu.

– Acho que ele não está no prédio da escola. Na minha opinião, temos que chamar a polícia – diz a senhora Holmes. – Ele não mora muito longe. Quem sabe não voltou a pé para casa?

– Isso é verdade – concorda a professora Riner. – Temos que ligar para os pais dele. Max pode estar a caminho de casa.

– Max não sairia do edifício – reafirma a Sra. Gosk.

A diretora Palmer volta para a sala de aula do Max. Não consigo acreditar na calma dela.

– Eddie e Chris estão verificando o porão e abrindo todos os armários. O pessoal da lanchonete está procurando na cozinha. Wendy e Sharon estão fazendo uma varredura total do lado de fora da escola.

– Ele foi embora – diz a Sra. Holmes. – Não sei como nem por que, mas ele não está aqui. E já faz bastante tempo. Além do mais, estamos falando do Max.

– Ainda não temos certeza disso – diz a Sra. Palmer.

– Ela tem razão – concorda a Sra. Gosk, cuja voz não demonstra mais tanta certeza quanto um momento atrás. Na verdade, parece o tom de voz de uma pessoa absolutamente aterrorizada. – Não acredito que Max ignoraria todos aqueles chamados.

– Você acha que ele saiu do prédio da escola? – pergunta a Sra. Palmer.

– Acho, sim. Não sei como Max desapareceu, mas acho que ele saiu daqui.

Eu não disse que a senhora Gosk era inteligente?



## Capítulo 23



A escola inteira está em algo chamado *bloqueio*. Isso significa que ninguém está autorizado a deixar o local até que os policiais digam que alguém pode sair. Inclusive os professores. Até mesmo a diretora Palmer. É estranho, porque sou o único que sabe que a Sra. Patterson levou Max, mas também sou o único que pode sair da escola. A meu ver, só eu deveria ficar nesse bloqueio, mas sou o único que não bloqueiam.

Mesmo sabendo o que aconteceu com Max, não sei para onde a Sra. Patterson o levou, e mesmo que soubesse, não saberia o que fazer. Na verdade, não há nada que eu possa fazer. Portanto, estou dentro do bloqueio, assim como todas as pessoas que não sabem da história.

Exceto pelo fato de eu ser, muito provavelmente, quem está mais preocupado. Todos estão preocupados. A Sra. Gosk está preocupada, assim como as senhoras Holmes e Palmer. Mas acho que estou mais agoniado do que todas elas juntas, porque eu sei o que aconteceu com Max. Sou o único que sabe.

Até os policiais estão preocupados. Ficam trocando olhares entre eles. Falam em sussurros e com os olhos semicerrados, para que as professoras e a diretora Palmer não consigam ouvir. Mas eu posso ouvir. Posso ficar parado ao lado deles e ouvir cada palavra que dizem, mas não consigo fazer com que nenhum deles ouça uma única palavra que eu digo. Sou o único que poderia ajudar Max, mas ninguém pode me ouvir.

Assim que comecei a existir, tentei fazer com que outras pessoas me ouvissem, como a mãe e o pai do Max, por exemplo, porque eu não sabia que eles não podiam me ouvir. Eu pensava que eles só estavam me ignorando.

Lembro-me de uma noite, quando Max e a mãe dele saíram e eu fiquei em casa com o pai do Max. Tive medo de acompanhar o meu amigo porque nunca tinha saído de casa antes, então fiquei com o pai dele. Ficamos o tempo todo juntos, sentados no sofá. Eu berrei

e gritei o tempo todo. Achei que se gritasse bastante, pelo menos ele iria olhar para mim e me pedir para ficar quieto. Supliquei que me ouvisse e falasse comigo, mas o pai do Max só ficava olhando para o jogo de beisebol que estava passando na televisão, como se eu nem estivesse ao seu lado. Aí, em uma das vezes que eu estava gritando, ele deu risada. Por um instante, pensei que o pai do Max estava rindo de mim, mas ele devia estar rindo de algo que tinha visto na tevê, porque o homem do programa estava rindo naquela hora também. Foi quando percebi que seria impossível o pai do Max ouvir o homem falando na televisão se eu estava gritando tão alto, e bem dentro do ouvido dele. Então entendi que além do Max, ninguém mais podia me ouvir.

Depois, quando encontrei outros amigos imaginários, acabei descobrindo que eles me ouviam. Fiquei aliviado, pois pelo menos eles podiam me ouvir. Mas nem todos podem.

Uma vez conheci uma amiga imaginária que era apenas um arco de cabelo com dois olhos. Nem tinha me dado conta que ela era uma amiga imaginária até ela começar a piscar para mim, como se estivesse tentando me mandar um sinal. Ela parecia ser um simples arco de cabelo na cabeça de uma menininha. Um arco cor-de-rosa. Foi como eu descobri que ela era uma menina. Mas ela não podia ouvir nada do que eu dizia porque a amiguinha humana dela não a imaginara assim. Mesmo quando as crianças se esquecem de imaginar as orelhas nos seus amigos imaginários, elas geralmente imaginam que eles podem ouvir, por isso os amigos imaginários ouvem. Mas não era o caso daquele pequeno arco. A única coisa que ela conseguiu fazer foi piscar para mim, e eu pisquei de volta. Ela também estava com medo. Dava para dizer só pelo olhar dela e pela maneira como piscou, e mesmo que eu tentasse, não poderia dizer para ela que tudo ficaria bem. Tudo o que eu podia fazer era piscar. Por sorte, só com aquele pingue-pongue de piscadas, ela pareceu ficar menos assustada. E se sentir um pouco menos sozinha.

Mas só um pouquinho.

Eu também ficaria apavorado se fosse apenas um arco de cabelo surdo e ainda por cima preso na cabeça de uma criança do maternal.

A amiga imaginária que era um arco de cabelo cor-de-rosa desapareceu no dia seguinte. Apesar de eu achar que não existir é o pior que pode acontecer a alguém, neste caso, ela provavelmente

ficou mais feliz depois que desapareceu. Pelo menos parou de sentir tanto medo.

A polícia acha que Max fugiu da escola. Isso é o que eles comentam, sussurrando, quando ficam parados em círculo, conversando entre si. Eles acham que a Sra. Gosk não está dizendo a verdade. Pensam que Max saiu da sala dela antes do horário que ela disse, e é por isso que eles ainda não o encontraram.

– Ela simplesmente perdeu o menino de vista – disse um dos policiais, e todos os seus colegas no círculo balançaram a cabeça, concordando.

– Se for isso mesmo, não dá nem para dizer até onde ele pode ter ido – disse outro policial, e todos concordaram com a cabeça novamente.

Policiais não são como crianças. Eles parecem concordar sempre uns com os outros.

O delegado disse que vários policiais e voluntários (que é apenas uma palavra mais chique para denominar pessoas que ajudam) do bairro estavam andando no bosque atrás da escola e pelas ruas da vizinhança, todos em busca do Max. Eles estão batendo na porta de cada residência para checar se alguém viu o meu amigo. Pensei em ir com eles procurar Max lá fora, nas ruas, mas achei melhor ficar aqui dentro da escola, por enquanto. Mesmo não estando preso no bloqueio, vou ficar aqui dentro. Estou esperando Max voltar. A senhora Patterson não pode ficar com ele para sempre.

Eu só queria que a polícia descobrisse que a Sra. Patterson pegou Max. Não consigo deixar de pensar que, muito possivelmente, se eles fossem os policiais dos programas de tevê, já teriam percebido isso.

Nos últimos dias, tenho visto muitos policiais. Primeiro, o policial que passou em casa depois que Tommy quebrou a janela do quarto do Max. Depois, os policiais – inclusive, um deles era uma policial mulher – que foram ao posto de gasolina quando Dee foi baleada e Sally ficou empacado. E agora há policiais homens e mulheres por toda a escola. Vários deles. Mas nenhum se parece com os da televisão, portanto, fico preocupado que não sejam tão inteligentes quanto o pessoal da tevê. Os policiais do mundo real são todos um pouco mais baixos, um pouco mais gordos e um pouco mais peludos do que os da televisão. Um deles tem pelos até dentro da orelha. Não a policial mulher; um dos homens. Na tevê, os

policiais nunca têm uma aparência tão normal, com cara de gente comum. Quem será que essas pessoas que fabricam programas de televisão pensam que enganam?

*Quem eles pensam que estão enganando?* Essa é uma pergunta típica da senhora Gosk. Ela costuma fazer muito essa pergunta. Principalmente para os maus alunos, quando eles tentam enganá-la e falam que esqueceram a lição de casa na mesa da cozinha. Quando isso acontece, ela diz:

– Quem você pensa que está enganando, Ethan Bosques? Eu não nasci ontem.

Gostaria de poder perguntar para a senhora Patterson quem ela acha que está enganando, mas, pelo visto, ela está enganando todo mundo.

A Sra. Palmer está irritada com o bloqueio. Ela reclamou disso com a Sra. Simpson depois que a polícia terminou a busca na escola. A diretora acha que Max fugiu, portanto, ela não entende por que toda a escola tem de ficar bloqueada por tanto tempo. A polícia já fez buscas em cada sala e em cada armário. Procuraram até no porão. Por isso sabem que Max não está aqui. Talvez estejam apenas sendo cuidadosos. O delegado disse que se uma criança pode desaparecer de dentro de uma escola, outros alunos também podem sumir.

– Quem sabe alguém pegou o garoto – o delegado sugeriu à diretora Palmer, quando ela tentou reclamar. – Se for esse o caso, alguém na escola pode saber algo.

Eu não acho que ele realmente acredita que alguém levou Max. Ele está apenas sendo cuidadoso. Está fazendo isso *por precaução*. É por isso que a Sra. Palmer está com raiva. Ela acha que não é razão para bloquear a saída de todos da escola apenas *por precaução*. Ela acredita que Max saiu para dar uma caminhada sozinho e não voltou. E é isso que o delegado pensa também.

Não consigo deixar de pensar que cada minuto que a polícia gasta vasculhando o porão, o bosque e batendo nas portas das casas da vizinhança, é mais um minuto que me afasta do Max para sempre.

Não acho que ele esteja morto. Nem sei por que essa ideia continua aparecendo na minha cabeça, porque eu não acredito nisso. Acho que Max está vivo e bem. Na verdade, é bem possível que ele esteja sentado no banco de trás do carro da Sra. Patterson, ao lado daquela mochila azul. Acho que ele está bem e que não está

morto. E gostaria de poder parar de pensar que ele não está morto, e só pensar que Max está vivo.

Mas se Max estivesse morto, como eu saberia? Ou será que vai ser apenas um *puf!* e daí eu sumo, sem nem saber o que me aconteceu? Então seguro a respiração, esperando pelo *puf*. Mas se eu fosse sumir em um *puf*, sequer saberia disso; nem perceberia. Eu apenas desapareceria. *Puf!* Existindo em um momento, e, no seguinte, não existindo mais. Assim, ficar esperando que isso aconteça é bobagem. Mas não consigo evitar.

Ainda tenho esperança de que talvez exista alguma razão para a Sra. Patterson ter levado Max. Quem sabe não foram tomar um sorvete e se perderam? Quem sabe ela foi fazer uma excursão com ele e, por esquecimento, não avisou a senhora Gosk... Pode ser também que ela tenha levado Max para conhecer a mãe dela. Talvez o carro da professora Patterson estacione a qualquer momento e Max volte.

O problema é que não acredito que a Sra. Patterson estava conversando com a mãe dela ontem.

Acho que ela nem tem mãe.

Gostaria de saber se a mãe do Max já sabe. E o pai dele? Provavelmente, sim. Os dois devem estar procurando Max no bosque, agora.

A Sra. Palmer entra na sala de aula. A professora Gosk está lendo *Charlie e a fábrica de chocolate* de novo para as crianças. Gosto muito quando ela lê esse livro, mas não hoje. Max está perdendo a história e ele adora quando a senhora Gosk lê em voz alta para a classe. Além do mais, a personagem Veruca Salt acaba de desaparecer: caiu em uma rampa de lixo. Não acho muito legal a Sra. Gosk ficar lendo histórias sobre crianças desaparecendo. Não agora.

A senhora Gosk interrompe a leitura e olha para a senhora Palmer.

– Posso falar com a classe por um momento, Sra. Gosk? – pergunta a diretora.

A professora Gosk concorda, mas levanta as sobrancelhas. Isso sempre significa que ela está confusa.

– Meninos e meninas. Tenho certeza de que vocês ouviram que chamamos Max Delaney para que se apresentasse no escritório algum tempo atrás. E vocês sabem que estamos com a escola

bloqueada. Tenho certeza de que todos têm um monte de perguntas para fazer. Mas não há nada com que se preocupar. Nós só temos que nos assegurar de encontrar Max. Achemos que ele pode ter saído vagando por aí ou que alguém o tenha pegado antes da hora da saída e ele acabou se esquecendo de nos contar. Isso é tudo. Então, será que algum de vocês tem ideia de onde Max possa ter ido? Ele disse alguma coisa para alguém hoje? Comentou algo sobre deixar a escola mais cedo?

A Sra. Gosk já perguntou isso aos alunos. Foi logo depois de as crianças verem vários carros de polícia parando na frente da escola. Assim que a diretora pediu aos professores que “iniciassem os protocolos de bloqueio escolar até novo aviso”. Mas mesmo assim, ela deixou que a Sra. Palmer repetisse as perguntas.

Briana levanta a mão.

– Max vai muito ao Centro de Aprendizagem. Pode ter se perdido quando estava indo para lá hoje.

– Obrigada, Briana – diz a Sra. Palmer. – Alguém está checando isso agora.

– Por que a polícia está aqui?

Esse foi Eric, e ele não levantou a mão. Eric nunca levanta a mão.

– A polícia está aqui para ajudar a encontrar Max – responde a Sra. Palmer. – Eles são bons em encontrar crianças perdidas. Tenho certeza de que logo ele vai aparecer. Mas por acaso Max disse alguma coisa para algum de vocês hoje?

Depois de alguns segundos, a senhora Palmer insiste novamente: – Nada mesmo?

As crianças mexem negativamente a cabeça. Ninguém ouviu Max dizer nada porque ninguém fala com ele.

– Tudo bem. E obrigada mesmo assim, meninos e meninas – a Sra. Palmer agradece, e depois diz: – Sra. Gosk, podemos conversar um momento?

A professora Gosk coloca o livro de lado e conversa com a Sra. Palmer na porta da sala de aula.

Eu as sigo.

– Você tem certeza de que ele não disse nada para você? – pergunta aflita a diretora.

– Tenho. Max não me disse nada – responde a Sra. Gosk. Ela parece irritada. Eu também ficaria irritado. O delegado já fez essa mesma pergunta a ela duas vezes.

– E você tem certeza da hora que ele saiu da classe?

– Certeza absoluta – responde a professora, ainda mais irritada.

– Está bem. Se as crianças se lembrarem de algo, por favor, me avise. Vou ver como está o assunto da suspensão do bloqueio. Já estamos com um monte de pais na rua esperando para pegar os filhos.

– Os pais já sabem? – a Sra. Gosk pergunta.

– Faz duas horas que a polícia está batendo de porta em porta. E a Associação de Pais e Mestres está organizando grupos de voluntários para fazer buscas no bairro. Já lançaram um Alerta Âmbar<sup>7</sup>. [../Text/notas.xhtml - fn7](#). Agora temos uma van com uma equipe de um canal de notícias na frente da escola, mas até antes das seis da tarde vão aparecer muitas mais.

– Ah – diz baixinho a Sra. Gosk, parecendo bem menos irritada.

Ela parece uma criança que acabou de ser punida. Nunca a ouvi falar assim. Parece assustada e confusa, e isso também me deixa muito assustado.

A Sra. Palmer sai e deixa a Sra. Gosk parada na porta. Eu sigo a diretora Palmer pelo corredor. Quero ouvir o que ela vai dizer ao delegado. Não quero saber o que acontece com a chata da Veruca Salt.

Enquanto a diretora atravessa o saguão e caminha na direção do escritório, uma das portas da frente da escola se abre. Há um policial em pé, bem ao lado, segurando-a.

A Sra. Patterson entra na escola.

Eu paro assim que a vejo.

E não acredito. A Sra. Patterson está entrando na escola. Fico esperando Max entrar atrás dela, mas o policial fecha a porta.

---

<sup>7</sup> O “Alerta Âmbar” (*Amber Alert*) é um sistema usado em muitos países para alertar os meios de comunicação sobre o desaparecimento de uma criança. Quando ocorre um sequestro, por exemplo, fotos e informações da criança aparecem em diversos meios de comunicação. (N.T.)

Max não está com ela.



## Capítulo 24



– Karen, não consigo acreditar nas notícias que ouvi – diz a senhora Patterson. – O que pode ter acontecido?

As senhoras Palmer e Patterson se abraçam no meio do saguão.

A diretora Palmer está abraçando a Sra. Patterson e Max não está aqui.

Pensei em correr até o carro da senhora Patterson para ver se ele ainda estava no banco de trás, mas resolvi não fazer isso. A Sra. Patterson disse que não podia acreditar nas notícias sobre o desaparecimento do Max. Como ela é a responsável pelo sumiço dele, já sei que está mentindo. Max não deve estar mais no banco de trás do carro dela.

Por um segundo, pensei que ele estava morto, e o meu corpo se preencheu de tristeza. Nesse momento, pensei que eu também poderia estar morto. Aí me lembrei de que se eu ainda estou aqui, Max só pode estar vivo.

A situação é esta: se Max realmente estivesse morto (e já concluí que ele só pode estar vivo) e mesmo assim eu continuasse existindo, isso significaria que não vou desaparecer se Max morrer ou deixar de acreditar em mim.

Quero deixar claro que a última coisa que desejo é que Max esteja morto. Aliás, acabo de afirmar que não acho que ele esteja (porque ele não está). Mas se Max estivesse morto e eu continuasse existindo, isso significaria pelo menos uma coisa. Seria a coisa mais triste na história de todas as coisas, mas mesmo assim significaria algo. Algo importante sobre mim. Em definitivo, não estou dizendo que quero que Max esteja morto, porque não quero, e, além do mais, sei que ele está vivo. Mas se ele morresse e eu continuasse existindo, isso seria importante saber.

Só fico pensando que ele pode estar morto porque assisto a muita tevê.

As senhoras Patterson e Palmer acabam de se abraçar assim que o chefe de polícia se aproxima. Deram um longo abraço. Parece que agora elas se gostam, apesar de elas não se gostarem antes de o Max desaparecer. E a minha impressão é que a Sra. Palmer esqueceu tudo sobre o tal *malditosindicato*. Elas parecem ser muitíssimo amigas, abraçadas no meio do saguão. Irmãs de sangue mesmo.

– Ruth Patterson? – pergunta o delegado.

Não tenho certeza se ele é realmente um delegado de polícia, mas é quem está no comando hoje e tem um barrigão, portanto deduzi que ele deve ser um delegado. O nome dele, na verdade, é Bob Norton, que não é bem um nome de delegado de programa de televisão. Ele não me transmite nenhuma segurança. Acho que a possibilidade de ele conseguir encontrar Max é mínima.

A Sra. Patterson se vira.

– Sim, sou eu.

– Podemos conversar no escritório da Sra. Palmer?

– Claro.

A Sra. Patterson parece preocupada. O chefe de polícia provavelmente pensa que ela está preocupada com Max, mas acho que ela está com medo de ser descoberta. Talvez ela esteja tentando fazer com que a sua *preocupação-por-ser-descoberta* pareça uma *preocupação-por-Max-estar-desaparecido*.

A Sra. Patterson e a Sra. Palmer sentam juntas em um dos sofás e o delegado senta no outro sofá, ao lado da mesa de café. Ele tem um bloco de notas de papel amarelo no colo e uma caneta na mão.

Sento-me ao lado do policial. Ele ainda não sabe, mas estou trabalhando com a equipe dele.

– Sra. Patterson – diz o chefe de polícia. – A senhora é a paraprofissional que trabalha com o aluno Max Delaney, correto?

– Sim. Eu passo bastante tempo com Max. Mas também trabalho com outros estudantes.

– Você não fica o dia inteiro com ele? – pergunta o chefe de polícia.

– Não. Max é um menino inteligente. Ele não precisa de assistência o dia inteiro.

A Sra. Palmer vai concordando com a cabeça à medida que a Sra. Patterson fala. Nunca vi a diretora ser tão agradável com a senhora Patterson antes.

– Posso perguntar por que se ausentou do trabalho hoje? – pergunta o delegado Norton.

– Eu tinha uma consulta médica. Duas consultas, na verdade.

– E onde era a sua consulta?

– A primeira era logo no final desta rua – responde a Sra. Patterson apontando para a rua na frente da escola. – Na clínica ambulatorial. Existe um centro de fisioterapia dentro do edifício. Fiz uma sessão de fisioterapia esta manhã por conta de um problema no ombro. E depois tive uma consulta na Avenida Farmington. Eu estava lá quando Nancy me ligou.

– A Sra. Palmer disse que a senhora se ausenta muito da escola, especialmente às sextas-feiras. É por causa da fisioterapia?

A Sra. Patterson olha para a Sra. Palmer por um segundo, mas depois volta a olhar para o delegado Norton. E sorri.

Ela sumiu com Max e está sentada, sorrindo, na frente de um delegado de polícia!

– É – confirma a professora. – Quero dizer, às vezes fico doente; outras vezes tenho consultas médicas – a Sra. Patterson faz uma pausa, respira fundo, e depois continua, compungida: – Ninguém sabe disto, mas tenho lúpus, e essa condição tem me causado alguns problemas de saúde ao longo dos últimos anos. Às vezes trabalhar os cinco dias da semana acaba sendo muito para mim.

A Sra. Palmer fica totalmente surpresa.

– Ah! Ruth! Eu não tinha a mínima ideia.

Ela estende a mão e toca a Sra. Patterson no ombro. É o tipo de afago que a mãe do Max gostaria de poder fazer quando ele está chateado, se Max alguma vez a deixasse tocá-lo assim. Não acredito que a diretora está confortando a Sra. Patterson! O meu amigo Max desaparece, a Sra. Patterson diz ter um tal de lúpus, e, do nada, a diretora Palmer quer abraçá-la e dar um tapinha no ombro dela? Inacreditável!

– Está tudo bem – ela diz para a Sra. Palmer. – Não queria que as pessoas se preocupassem.

– Existe algo que você possa nos dizer que ajudaria a encontrar Max? – pergunta o delegado.

Ele parece um pouco irritado, e eu fico contente com isso.

– Não consigo pensar em nada – responde a professora Patterson. – Max nunca foi fujão, mas sempre foi um menino curioso, e faz bastantes perguntas sobre o bosque. Mas não acredito que ele iria até lá sozinho.

– Fujão? – pergunta o delegado.

Quem responde desta vez é a Sra. Palmer.

– Algumas das nossas crianças com necessidades especiais têm propensão a fugir. São os Fujões. Quando conseguem chegar até as portas da escola, às vezes saem correndo em disparada, fugindo para a rua. Mas Max não é uma dessas crianças.

– Então Max nunca foi um desses Fujões? – pergunta novamente o chefe de polícia.

– Não – confirma a Sra. Patterson. – Nunca.

A calma dela é surpreendente. Talvez esse tal lúpus faça as pessoas mentirem bem.

O delegado Norton olha para o bloco amarelo que tem em mãos. Pigarreia um pouco. Não tenho a mínima ideia de como sei disto, mas acho que agora ele vai fazer as perguntas importantes. As perguntas mais duras.

– Max deveria ter saído da classe da Sra. Gosk para ir ao Centro de Aprendizagem hoje, mas nunca chegou lá. É comum ele fazer esse trajeto sozinho?

– De vez em quando – responde a Sra. Patterson.

Mas eu sei que isso não é verdade. Estou sempre com Max quando ele vai até o Centro de Aprendizagem. A professora continua:

– Quando estou na escola, eu vou buscá-lo, mas ele não precisa de um acompanhante.

– Estamos tentando fazer Max ficar mais independente – diz a Sra. Palmer. – Por isso, mesmo quando Ruth está por aqui, ele circula pelo edifício sozinho.

– Mas às sextas-feiras – completa a Sra. Patterson –, como ele trabalha comigo no Centro de Aprendizagem, geralmente sou eu quem o acompanha até lá, afinal, estou indo para o mesmo lugar.

– Você acha possível que Max tenha saído da classe da Sra. Gosk mais cedo?

– Talvez – responde a Sra. Patterson. – Mas ele não consegue ver as horas em relógio analógico, com ponteiros. Donna pediu que ele saísse na hora certa?

– Ela afirma que sim – diz o chefe de polícia. – É que estou cogitando a possibilidade de ela ter mandado o menino mais cedo por engano, ou de ele ter saído da classe sem falar com ela ou sem que ela percebesse.

– Pode ser...

– Ela está mentindo! – eu grito, sem conseguir me segurar.

A Sra. Gosk nunca deixa as crianças saírem mais cedo. Pelo contrário: ela costuma se esquecer de liberar os alunos, de tão ocupada que fica ensinado e lendo livros. Max nunca sairia da sala sem permissão. Nunca. Jamais.

E quanto mais a senhora Patterson mente, mais assustado eu fico. Ela é realmente muito boa nisso.

– E o que a senhora pode me dizer sobre os pais do Max? – pergunta o delegado. – Existe algo em especial sobre eles?

– O que quer dizer?

– Quero saber como eles são como pais. Os dois se dão bem? Max chega à escola no horário certo? Parece estar bem cuidado? Coisas desse tipo.

– Não estou entendendo – diz a Sra. Patterson. – Vocês estão desconfiando que os pais do Max fizeram algo com ele? Eu tinha entendido que ele estava aqui na escola.

– Ele estava. E é bem provável que tenha ido apenas dar um passeio. Pode aparecer a qualquer minuto, brincando no balanço do quintal de algum vizinho, ou escondido no bosque. Mas se Max não saiu para um passeio, então alguém o levou. Nesses casos, costuma ser alguém que a criança conhece. Na maioria das vezes, é um membro da família. A senhora consegue pensar em alguém que poderia querer levar Max? Acredita que os pais dele possam estar envolvidos?

A senhora Patterson não responde a essa pergunta tão rápido como respondeu às questões anteriores, e o delegado percebe. Ele se inclina para a frente na mesma hora que eu. Ele espera ouvir uma

informação extremamente relevante. Eu também. Mas o delegado Norton pensa que está a ponto de se inteirar de um fato importante.

No meu caso, estou esperando uma mentira importante.

– Eu sempre fiquei muito preocupada por Max frequentar esta escola.

Ela fala como se estivesse carregando uma mochila pesadíssima. As suas palavras soam pesadas e leves ao mesmo tempo.

– Max é um menino muito sensível e não tem amigos. As crianças zombam dele, tiram sarro de vez em quando. Em outros momentos, ele perde a noção do que está fazendo e chega a fazer coisas perigosas. Corre na frente de um ônibus escolar ou esquece que é alérgico a nozes. Se eu fosse mãe do Max, não creio que o matricularia em uma escola pública. Acho muito perigoso. Assim, é difícil aceitar que bons pais colocariam um garoto como ele nesta escola.

A Sra. Patterson faz uma pausa. Fica olhando para os sapatos. Acho que ela não percebeu bem o que disse, porque quando olha para cima, parece surpresa por estar diante do delegado.

– Mas não acredito que nenhum deles faria algo que machucasse o filho – finaliza ela.

A senhora Patterson respondeu rápido demais para o meu gosto.

Ela não gosta dos pais do Max. Eu não sabia disso antes, mas agora sei. E agora percebo que ela queria esconder isso.

– Mas há algo específico sobre os pais do aluno que pode causar preocupação? – insiste o delegado. – Além do fato de eles terem matriculado o filho em uma escola pública?

A Sra. Patterson faz uma pausa, então responde que não.

O delegado Norton agora pergunta sobre os professores do Centro de Aprendizagem, sobre os colegas do Max, e sobre todas as pessoas que Max vê todos os dias, o que não é tanta gente assim. A senhora Patterson responde dizendo que não consegue imaginar ninguém na escola que pudesse levar Max.

O delegado apenas concorda com a cabeça.

– Vou pedir à senhora que percorra com um dos meus oficiais o caminho que normalmente faz com o aluno para o Centro de

Aprendizagem, para ver se algum detalhe reativa a sua memória. Se lembrar de algo, por favor, me avise. E o oficial também vai pedir para a senhora algumas informações para que possamos entrar em contato novamente e fazer mais algumas perguntas sobre qualquer outra pessoa que Max possa ter contato no dia a dia dele na escola. Tudo bem?

– Sem problemas – respondeu a Sra. Patterson. – Mas posso voltar para casa depois? Pelo menos por um tempo. A fisioterapia e a consulta médica exigiram muito de mim e eu gostaria de descansar um pouco. Se preferir que eu fique na escola, também posso me recostar em um sofá na sala dos professores.

– Não, tudo bem. Se for preciso, entraremos em contato. Caso Max não apareça esta noite, provavelmente teremos que conversar de novo. Às vezes as pessoas não percebem que podem saber de algo que poderia nos ajudar.

– Vou fazer o que puder para ajudar – confirma a Sra. Patterson. Então começa a se levantar do sofá, mas para no meio do caminho.

– Vocês acham que vão encontrá-lo, não é?

– Espero que sim – diz o delegado. – Como disse, acho que ele provavelmente vai aparecer dentro de uma hora brincando no quintal de alguém. Portanto, posso afirmar que sim, acho que vamos encontrá-lo.

E eu tenho certeza de que vou encontrá-lo, porque vou até a casa da Sra. Patterson.

# Capítulo 25



O pai e a mãe do Max estão parados atrás do balcão da recepção, na sala da diretoria. Eu os vejo logo de cara, pois sou o primeiro a sair do escritório da Sra. Palmer. Logo em seguida, eles são vistos pela senhora Patterson, mas acho que ela não os reconheceu. Acho que ela nem os conhece, na verdade. Roubou o filho deles, disse ao delegado Norton que eles não são bons pais, e nem sabe quem eles são. Acho que os pais do Max também não sabem quem ela é. Eles sabem o nome dela, mas nunca a viram pessoalmente. Até agora. Os pais do Max costumam ter reuniões com as professoras McGinn, Riner e Gosk.

Mas não com a senhora Patterson. Eles nunca se encontram com os paraprofissionais.

A Sra. Patterson não se detém para conversar com eles. Ao sair pela porta da diretoria, vira à esquerda, onde um policial está esperando por ela. O policial é um homem mais velho, com uma mancha marrom no pescoço, e não tem cara de que pode impedir vilão nenhum, mesmo que seja a Sra. Patterson. E ela é uma verdadeira vilã.

Então a senhora Palmer sai da sala dela e vê os pais do Max.

– Senhor e senhora Delaney! – exclama, parecendo surpresa.

Então caminha até o balcão e abre a porta de vaivém que separa o espaço onde as pessoas comuns ficam do lugar onde as pessoas da diretoria trabalham.

– Entrem, por favor.

Geralmente a mãe do Max é quem manda. Ela é o chefe. Só que agora ela não se parece com um chefe: as mãos dela tremem e ela está pálida. Parece estar com o corpo molenga, como se fosse uma boneca de pano. Sei que parece bobagem, mas até o cabelo dela, que normalmente é bem cacheado, parece menos encaracolado. Ela não tem aquele olhar inteligente de sempre. Está com cara de assustada. Cara de fome. Fome de notícias, penso eu.



É o pai do Max quem parece ser o chefe agora. Ele abraça o corpo da mãe do Max com um dos braços e percorre a sala com os olhos, como faz a professora Gosk quando está esperando para ser atendida. Checando para ver quem está e quem não está na diretoria.

Eles passam para o outro lado do balcão e entram na sala da Sra. Palmer, mas acho que a mãe do Max nem conseguiria se mexer se o pai do Max não desse uma leve empurradinha nela.

– Alguma notícia? – pergunta o pai do Max antes mesmo de entrar na sala da diretora Palmer.

Ele também está falando como um chefe. As palavras do pai do Max são como flechas, saindo em linha reta da boca dele em direção à Sra. Palmer, e dá para dizer que são palavras carregadas de intenções. Ele não está só fazendo uma pergunta. Na verdade, está berrando com a Sra. Palmer por eles terem perdido Max, apesar de não estar realmente gritando. Tudo o que ele fez foi perguntar se tinham alguma notícia.

– Venham até o meu escritório – diz a Sra. Palmer. – O delegado Norton está esperando vocês. Ele poderá responder às suas perguntas.

– O delegado Norton não estava aqui quando Max desapareceu – diz o pai do Max.

Mais flechas. E com pontas bem afiadas.

– Por favor, entrem – pede a senhora Palmer com delicadeza.

Entramos todos na sala da diretora. Desta vez, os pais do Max sentam juntos no mesmo sofá em que, apenas alguns minutos atrás, estavam sentadas as senhoras Patterson e Palmer. Como eu queria poder contar que eles estão sentados no mesmo lugar que há poucos minutos estava sentada a pessoa que roubou Max!

A Sra. Palmer se acomoda no sofá onde o delegado estava sentado. Não há espaço para mim, então fico em pé ao lado do sofá onde estão sentados os pais do Max. Mesmo que não existam lados aqui, porque não há vilões na sala como havia antes, eu ainda sinto que há lados, sim, e algo me diz que quero ficar ao lado dos pais do Max.

O delegado Norton se levanta e aperta as mãos dos pais do Max. Depois se apresenta e todos sentam novamente, menos eu.

– Senhor e senhora Delaney, sou o delegado de polícia Norton, responsável pela operação de busca do seu filho. Deixem-me lhes contar como está a situação até agora.

A mãe do Max assente com a cabeça, ao contrário do pai do Max. Ele nem se mexe. Acho que faz isso de propósito. É como se o pai do Max soubesse que, se ele se mexer, mesmo que apenas dando um leve aceno de cabeça, então não haveria mais lados na sala. Todos estariam do mesmo lado. Eles seriam um time.

O pai do Max não mexe um músculo.

O delegado Norton conta aos pais do meu amigo sobre a busca na escola. Fala também das pessoas procurando Max pelo bairro. E diz que estão *operando sob a suposição* de que Max fugiu e será encontrado logo. O delegado fala como se estivesse torcendo para que Max tenha apenas fugido, pois assim ele será encontrado em breve, senão... Senão o delegado Norton não vai saber o que fazer.

– Max nunca fugiu – afirma o pai do meu amigo.

– Eu sei disso – diz o delegado. – Mas as professoras dele acham que isso é possível. Na minha opinião, essa é uma explicação mais provável do que qualquer outro cenário.

– Como assim? Que tipo de cenário? – pergunta o pai do Max.

– Desculpe? Não entendi a sua pergunta – diz o delegado.

– De que outros cenários o senhor está falando?

O delegado Norton fica em silêncio por alguns instantes. Quando volta a falar, as suas palavras surgem devagar, lentas.

– Quero dizer que é muito mais provável Max ter fugido da escola do que ter sido raptado.

A mãe do Max geme baixinho quando ouve o policial dizer *raptado*.

– Não quero assustá-la, Sra. Delaney. Como disse, estou esperando que o meu telefone toque a qualquer momento com a informação de que encontraram Max brincando no quintal de alguém ou perdido em algum lugar do bosque que dá para os fundos da casa de algum vizinho. Mas se ele não for encontrado, teremos que cogitar a possibilidade de que alguém o levou. Já comecei o trabalho preliminar para abordar esta situação por outro ângulo, se for esse o caso. Na dúvida, estamos explorando as duas possibilidades simultaneamente.

– Será que não é possível que ele tenha fugido e depois, quando estava na rua, tenha sido pego por alguém?

Quem pergunta isso é a diretora Palmer, e dá para perceber pela cara dela e pelo olhar do delegado que ambos desejariam que ela não tivesse feito tal pergunta. Pelo menos não na frente dos pais do meu amigo. Ela olha para a mãe do Max, que parece prestes a cair no choro.

– Sinto muito – diz a diretora. – Não tive a intenção de assustá-la.

– Esse não é um cenário muito provável – fala o delegado. – Seria muita coincidência Max decidir fugir exatamente na hora que um raptor de crianças está passando na frente da escola. Mas estamos analisando todas as possibilidades, entrevistando todos os funcionários que têm qualquer tipo de contato com Max. Inclusive, estamos checando se alguém novo esteve recentemente em contato com ele.

– Por que Max estava sozinho? – pergunta a mãe do Max.

Ótima pergunta. Uma pergunta-flecha que deve ter acertado bem no meio da testa da Sra. Palmer, mas em vez disso a questão vem mole, como uma gelatina. Não há nada por trás dela. Na verdade, a própria mãe do Max está parecendo uma gelatina. Ela está vacilante e muito fraca.

– A paraprofissional que trabalha com Max faltou hoje, e Max já tinha ido muitas vezes ao Centro de Aprendizagem sozinho – responde a diretora. – Na verdade, uma das metas do IEP<sup>8</sup> [./Text/notas.xhtml - fn8](#) é o aluno ficar mais independente em relação ao seu deslocamento dentro do prédio da escola, assim como aprender a cumprir horários, por isso, é normal Max ter ido sozinho da classe dele até o Centro de Aprendizagem.

– E é nesse momento que vocês acham que ele desapareceu? – quer saber o pai do Max. – Entre a sala de aula e o Centro de Aprendizagem?

– Sim – responde rápido o delegado.

---

<sup>8</sup> Sigla para *Individualized Education Program* (Programa Individual de Educação). Presente nos EUA, Canadá e Reino Unido, trata-se de um programa educacional projetado para atender às necessidades de educação de uma criança com algum tipo de necessidade especial. (N.T.)

Acho que o delegado Norton prefere que a diretora fique quieta, por isso tenta preencher rápido todas as lacunas nas quais ela poderia falar.

– Max foi visto pela última vez na sua sala de aula, a do currículo regular. Mas ele nunca chegou ao Centro de Aprendizagem. Como a paraprofissional responsável por Max estava ausente hoje, os professores do Centro de Aprendizagem não se deram conta de que ele não estava lá. Essa professora é a única que trabalha com ele nesse Centro. E a professora regular do Max, a Sra. Gosk, quando não o viu na classe, assumiu que ele estivesse no Centro de Aprendizagem. Por isso, o seu filho pode ter desaparecido duas horas antes de a falta dele ter sido notada.

O pai do Max passa as mãos na cabeça. Ele faz isso quando está evitando dizer algo muito ruim. O pai do Max costuma fazer esse gesto quando discute com a mãe do Max. E geralmente antes de bater a porta de tela e sair.

– Gostaríamos de obter algumas informações de vocês – diz o delegado Norton. – Nomes de pessoas que se encontram com Max regularmente. Alguém novo na vida de vocês. Saber sobre as rotinas diárias do Max. Qualquer informação médica que vocês acreditem que devamos saber.

– Você disse que achava que o encontrariam a qualquer momento – recorda a mãe do Max.

– É verdade, eu disse isso. E ainda acredito nessa possibilidade. Temos agora mais de duzentas pessoas fazendo uma busca nesta área, e os meios de comunicação também estão divulgando a notícia do desaparecimento do seu filho.

O delegado Norton está prestes a dizer algo mais quando alguém bate na porta. Então uma policial enfia a cabeça dentro da sala.

– A Sra. Patterson está pronta para ir para casa, a menos que precise dela.

– Nada ao refazer o caminho com ela? – pergunta o delegado.

– Nada.

– E já temos todos os dados dela para voltarmos a entrar em contato?

– Já.

– Então está bem – ele diz. – Ela pode ir embora.

– Vocês estão deixando a vilã escapar! – grito eu, mas claro que ninguém me escuta.

É como quando o pai do Max ou Sally gritam com a televisão ao verem o detetive deixar o bandido solto por engano. A diferença é que na tevê eles geralmente conseguem prender os vilões. Este é o mundo real, e as regras da televisão não funcionam aqui. Vilões como Tommy Swindon e a senhora Patterson podem sair ganhando; podem ser os vencedores no mundo de verdade. Tudo que Max tem sou eu, e eu não sirvo para nada...

– Então vou mandá-la para casa – diz a policial.

Isso significa que é hora de eu ir também, embora uma parte de mim queira ficar com a mãe do Max. Eu sei que a única maneira de ajudá-la é ajudando Max, mas parte de mim acha errado deixá-la agora nesse estado. Ela parece extremamente fraca. E muito debilitada. Como se apenas parte dela estivesse aqui.

Mas, apesar de tudo isso, preciso encontrar o meu amigo.

Assim, atravesso a porta da sala e volto a entrar na sala principal da diretoria. Não consigo ver a Sra. Patterson. A policial que avisou o delegado Norton de que a senhora Patterson estava pronta para ir embora está ao telefone. Ela está sentada na mesa onde normalmente fica a secretária. Não sei onde está a professora Patterson, mas sei onde ela estaciona o carro. Fico com medo de ela já estar a caminho do estacionamento, então corro para sair da diretoria. É quando ouço a policial dizer:

– Você pode dizer para a professora que ela está liberada. Mas não se esqueça de avisá-la que ela precisa deixar um telefone para o caso de precisarmos dela – diz a policial para a pessoa do outro lado do telefone.

Ótimo. A Sra. Patterson ainda não saiu.

Mesmo assim, como meu objetivo é entrar no carro antes dela, saio correndo.

Uma vez conheci um amigo imaginário que conseguia sumir. Em vez de caminhar para se deslocar, ele podia simplesmente desaparecer de um lugar e reaparecer em outro, mas só se ele já tivesse estado nesse outro lugar antes. Achei isso incrível, porque era como se ele deixasse de existir por um segundo e então voltasse a existir um segundo depois. Quando perguntei como era quando ele deixava de existir (eu queria saber se doía), ele não entendeu a minha pergunta.

– Eu não deixo de existir – respondeu esse amigo imaginário. – Só passo de um lugar para outro.

– Como é a sensação de deixar de existir durante esse segundo antes de reaparecer?

– Não tem sensação nenhuma – explicou ele. – Eu só pisco os olhos e estou no outro lugar.

– Mas como você se sente quando o seu corpo desaparece do lugar que você estava no início?

– Não sinto nada.

Percebi que ele estava ficando irritado, então parei de questionar. Eu estava com um pouco de inveja por ele ser capaz de se transferir no espaço. Mas não tive vontade nenhuma de ser como ele: esse amigo imaginário era do tamanho de uma boneca *Barbie*, e tinha olhos azuis. Inteiramente azuis. Sem nenhuma parte branca. Era como se ele estivesse olhando através de um par de óculos escuros azuis. Sei que ele mal podia enxergar, especialmente em dias nublados ou quando um professor apagava as luzes para passar um filme. E ele não tinha nome, algo bem comum em amigos imaginários, mas que não deixa de ser triste. Faz tempo que ele se foi. Deixou de existir no recesso de Natal. Max ainda estava no jardim de infância.

Neste exato momento, gostaria de poder me locomover como ele. Em vez disso, preciso correr pelos corredores, fazendo o mesmo caminho que Max e eu fizemos mais cedo hoje, quando a senhora Patterson o raptou. Tenho de voltar para as portas de vidro, por onde Max saiu hoje cedo.

O carro da Sra. Patterson não está no estacionamento. Corro para cima e para baixo, mas não o encontro. Mas como há apenas um caminho para o estacionamento, somente um corredor e um conjunto de portas, sei que a senhora Patterson não poderia ter chegado antes de mim, porque eu corri durante todo o trajeto. Ela não se atreveria a correr, pois não vai querer parecer suspeita.

Então decifro a charada: ela tem dois carros. A senhora Patterson veio com outro carro para a escola. Um sem a mochila azul e todas as evidências provando que Max esteve lá dentro. Como, por exemplo, um fio de cabelo do meu amigo que possa ter caído, a sujeira da sola dos tênis dele, ou as impressões digitais do Max. Tudo que os cientistas podem usar para provar que ele esteve no banco de trás daquele veículo. Deve ser por isso. Ela veio dirigindo

um carro diferente para a escola no caso de a polícia querer inspecionar o carro dela. Essa seria uma atitude sorrateira-esperta, e acho que a Sra. Patterson é a pessoa mais sorrateira-esperta que já conheci. Ela deve estar saindo pelas portas a qualquer momento e vai entrar em um carro diferente. Um que eu nunca vi antes. Talvez este em que estou parado bem na frente agora.

Olho em volta para ver se consigo identificar um carro diferente no estacionamento. Um que eu nunca tenha visto antes. Então vejo. Não um carro diferente que eu nunca vi antes, mas o velho carro da Sra. Patterson. Aquele com a mochila azul, o cabelo do Max e a sujeira da sola dos tênis do meu amigo. Está parado na rotatória em frente à escola. O carro está estacionado dentro da rotatória, na frente das portas de acesso à área da escola, apesar de ser ilegal estacionar na rotatória durante o horário de aula.

Eu sei que é proibido porque às vezes a Sra. Palmer pede pelo auto-falante que a pessoa que estacionou na rotatória tire o carro de lá *imediatamente*. Ela fala *imediatamente* de um jeito que o dono do carro percebe que ela está irritada. A diretora Palmer poderia apenas dizer: “Por favor, tire o carro da rotatória. E quem quer que você seja, estou irritada por você ter estacionado lá”. Em vez disso, ela fala esse *imediatamente*, que parece mais simpático, apesar de não ser.

Mas é sempre um pai ou um professor substituto que estaciona na rotatória, porque os professores sabem que isso não é permitido. Assim como a Sra. Patterson. Então, por que ela estacionou lá? Há carros da polícia parados na rotatória também, mas a polícia está autorizada a infringir regras.

Então eu vejo que o carro dos pais do Max também está estacionado na rotatória. Bem atrás do carro da Sra. Patterson. Na verdade, agora o carro deles não está mais parado atrás do carro da Sra. Patterson porque o carro dela começa a se mover. O carro está saindo da rotatória e entrando na via pública.

Eu corro. Corro o mais rápido que posso. Tão rápido quanto Max imaginou que eu pudesse correr, o que não é tão rápido assim.

Tenho vontade de gritar: “Para! Espera! Você não deveria estacionar na rotatória!”, mas a Sra. Patterson nunca poderia me ouvir. Em primeiro lugar, o carro dela está com as janelas fechadas. Depois, ela já está bem longe de mim. E por último, sou imaginário, e só outros amigos imaginários e Max, o menino que ela raptou, podem me ouvir.

Atravesso a rua sem olhar para os lados, sem usar a faixa de pedestres, e corro pelo gramado até chegar ao outro lado da rotatória, mas a Sra. Patterson já está entrando na rua e virando à direita. Quero muito poder me transportar no espaço. Então fecho os olhos e imagino o banco de trás do carro dela, com a mochila azul, os cabelos do Max e a sujeira dos tênis dele. Infelizmente, quando abro os olhos um segundo mais tarde, ainda estou correndo pelo gramado. Vejo o carro da professora Patterson desaparecendo em uma ladeira e finalmente sumindo de vez depois de uma curva.

Vou diminuindo o passo até parar. Fico imóvel no meio do gramado, debaixo de algumas árvores. Folhas amarelas e vermelhas caem ao meu redor.

Perdi Max.

Mais uma vez.



## Capítulo 26



O delegado Norton disse aos pais do Max que não perdeu a esperança de encontrar o meu amigo em algum lugar do bairro, só que agora ele também está “deslocando o foco da investigação para outra direção”.

Isso significa que ele não acredita mais que Max fugiu.

O delegado também pediu aos pais do Max que acompanhassem uma policial até a sala dos professores para responderem a mais algumas perguntas. Depois ele pediu ao policial com a mancha marrom no pescoço que ligasse para o *Burger King* e para o *American Express*. Ele quer se certificar de que a mãe e o pai do Max estavam mesmo trabalhando quando o meu amigo desapareceu. Ele precisa ter certeza de que não foi nem a mãe nem o pai do Max que o raptaram. Não fico nem um pouco surpreso. A polícia sempre tem de verificar os pais primeiro.

Na tevê, os vilões geralmente são os próprios pais.

O oficial volta para o escritório e diz ao delegado Norton que tanto a mãe quanto o pai do Max ficou o dia inteiro no trabalho, “bem à vista”. Ou seja, nenhum dos dois teve chance de ir de carro até a escola para raptar Max e depois retornar ao trabalho sem alguém perceber que eles tinham saído.

O delegado parece aliviado.

Pelo visto, ele prefere procurar um estranho que rapta meninos a descobrir que uma mãe ou um pai roubou o próprio filho. Mas também aprendi, assistindo à televisão, que as pessoas que machucam e roubam crianças geralmente não são estranhos, mas pessoas próximas, o que neste caso também é verdade. A Sra. Patterson não é um estranho. Ela é só muito esperta.

Cerca de vinte minutos antes do horário habitual de saída da escola, o delegado encerrou o bloqueio. Deixou que as crianças colocassem os casacos e fizessem fila para entrar no ônibus escolar. Mas as filas estavam curtas hoje. Muitos alunos foram embora com os pais. E esses pais roíam as unhas, giravam os anéis de casamento

no dedo e caminhavam bem mais rápido do que o normal, como se o sequestrador estivesse escondido atrás das árvores do parque em frente, esperando para raptar mais crianças.

Tentei falar com Puppy antes de ele entrar no ônibus e ir para casa com Piper, mas tivemos apenas alguns minutos até o ônibus dele sair.

– A Sra. Patterson roubou Max – falei para ele.

Estávamos em pé na sala de aula de Piper, assistindo a ela tirar os papéis do seu cubículo na estante e colocá-los dentro da mochila. Na verdade, Puppy estava em pé. Tenho de sentar no chão quando converso com ele, pois ele é um amigo imaginário com aparência e tamanho de um filhote de cachorro.

– Ela roubou Max? – perguntou ele.

É sempre muito bizarro quando Puppy fala, pois não se espera ver um cachorro falar, e ele realmente se parece muito com um cão de verdade. Quando fala, a língua sai da boca e ele pronuncia o som das letras s e z com a língua entre os dentes. Outro fato estranho é que Puppy está sempre se coçando muito, e pelo que sei, não existem pulgas imaginárias.

– Roubou – eu disse. – Max entrou no carro, ela saiu dirigindo e foi embora levando o meu amigo.

– Então ela não o roubou. Eles devem ter ido dar um passeio.

– Até poderia ser, mas acho que Max nem sabia o que estava acontecendo. Acho que a Sra. Patterson o enganou.

– Mas por quê? – questiona Puppy. – Por que uma professora ia enganar assim uma criança?

Essa é outra razão pela qual não gosto de conversar com Puppy. Ele não entende as coisas como eu. Piper ainda está no primeiro ano e Puppy quase nunca sai do lado dela, portanto, quase não tem acesso ao mundo adulto. À noite, não frequenta um posto de gasolina, visita um hospital ou assiste à televisão com os pais de Piper. Ele é muito parecido com ela, na verdade. Não aprendeu nada sobre as razões que podem fazer com que uma professora rapte uma criança.

– Não tenho a mínima ideia de por que a Sra. Patterson enganaria Max – digo, sem nenhuma vontade de explicar sobre vilões para ele. – Mas sei que ela parece não gostar dos pais do Max. Talvez pense que eles são pessoas más.

– Como é que os pais do Max poderiam ser pessoas más? Eles são pais!

Acho que agora dá para entender o que eu estava explicando sobre Puppy...

Queria muito que Graham estivesse aqui. Sinto tanta falta dela! Acho que sou o único que sente falta dela. Se Megan também sentisse, Graham ainda estaria aqui. Será que Megan ainda se lembra da amiga imaginária?

Aconteça o que acontecer, acho que ninguém vai se lembrar de mim quando eu desaparecer. Vai ser como se eu nunca estivesse estado aqui. Não existirão provas da minha existência. Quando Graham estava desaparecendo, ela disse que a única coisa que a deixava triste era não poder ver Megan crescer. Se eu estivesse desaparecendo, acho que ia ficar triste por não poder ver Max crescer, mas a minha tristeza também seria por não poder me ver crescer.

Mas nada disso pode acontecer: é impossível ficar triste por desaparecer porque quem desaparece não pode mais ficar triste.

Só se pode ser lembrado ou esquecido.

E eu me lembro a toda hora da Graham, por isso continua sendo importante o fato de ela ter existido. Ela não foi esquecida. Mas não há nenhuma Graham para se lembrar de mim.

A polícia pediu comida chinesa para os pais do Max e o delegado Norton acaba de entregar a refeição a eles.

– Temos mais algumas perguntas, mas devemos encerrar em breve. Vocês podem ficar por mais uma hora? Logo em seguida uma dupla de policiais os escoltará até em casa, tudo bem?

– Podemos ficar o tempo que for necessário – diz a mãe do Max.

Ela fala como se quisesse ficar aqui a noite inteira. Não a culpo. Enquanto não voltar para casa, ela pode continuar presumindo que Max será encontrado a qualquer minuto. Ir para casa significa aceitar que não o encontrarão esta noite.

E a menos que eles visitem a casa da Sra. Patterson, não o encontrarão mesmo.

O policial com a mancha marrom no pescoço sai da sala. O delegado Norton sai com ele. Assim, os pais do Max ganham alguns momentos para jantar e ficar um pouco sozinhos.

Eu não saio. Com a ausência do meu amigo, os pais dele são as únicas pessoas próximas que tenho.

Assim que os policiais fecham a porta, a mãe do Max começa a chorar. Não é um choro alto, como o das crianças do jardim de infância no primeiro dia de aula. É um choro baixinho, com muitos soluços e lágrimas, apenas isso. O pai do Max coloca o braço em torno dela. Ele não diz nada, e não entendo por quê. Os dois apenas ficam lá sentados, juntos. Talvez estejam tão doídos, tão machucados por dentro, que a única maneira que conseguem falar um com o outro é justamente não dizendo nada.

Eu também estou muito doído, mas se pudesse, falaria.

Contaria como me sinto idiota por ter deixado a senhora Patterson sair sem mim. Como me sinto estúpido, culpado e podre por dentro. Contaria para eles como estou preocupado por hoje ser sexta-feira. Temos um fim de semana pela frente, assim, não vou poder entrar no carro dela até segunda-feira à tarde. Gostaria de confessar a eles que tenho medo que essa tal professora Patterson nunca mais volte para a escola, nem mesmo na próxima segunda-feira. E que talvez eu nunca mais consiga encontrá-la ou Max de novo.

Se eu pudesse falar com os pais do Max, contaria a eles que a Sra. Patterson enganou o meu amigo e o raptou daqui da escola; que ela mentiu sobre isso e agora Max está em apuros. Se eu pudesse contar tudo isso para eles, com certeza salvaríamos Max. Se ao menos eu pudesse tocar no mundo deles e fazer com que soubessem de tudo...

É por isso que estive pensando bastante sobre Oswald, o homem que mora no hospital. O amigo imaginário malvado que nunca mais quero encontrar.

Só que agora talvez eu seja obrigado a encontrar com ele mais uma vez.

## Capítulo 27



Estamos com dois policiais aqui em casa hoje à noite, e eles são do tipo que não dorme. Já vi esse tipo de policial na delegacia antes. Eles podem ficar acordados a noite inteira, porque a delegacia nunca fecha.

Os dois estão sentados na cozinha, tomando café e assistindo à televisão. É muito estranha a situação de ter dois desconhecidos dentro de casa, especialmente sem Max aqui. Deve estar sendo bem estranho também para os pais do Max, tanto que eles foram para o quarto bem cedo hoje. Não ficaram sentados na sala assistindo à tevê.

O pai do Max queria sair por aí procurando o filho, mas o delegado Norton pediu-lhe para ir para casa dormir um pouco.

– Temos várias viaturas e voluntários a pé, todos fazendo buscas pelo bairro. Precisamos que você esteja bem descansado para poder nos ajudar amanhã.

– E se Max estiver machucado, perdido em algum lugar? – perguntou o pai do Max com uma voz de raiva, mas o tipo de raiva que se tem quando se está com medo.

Ele continuou falando bem rápido, nervoso. Era como se o medo se vestisse com uma voz forte e bochechas vermelhas.

– E se ele escorregou, caiu, bateu a cabeça e agora está inconsciente debaixo de algum arbusto, fora do alcance das suas viaturas? – continuou o pai do Max. – Ele pode ter caído dentro de um bueiro destampado! E se Max estiver agora mesmo em uma rua qualquer, deitado em uma poça d'água, sangrando até a morte?

A mãe do Max está chorando de novo, e isso fez com que o pai do meu amigo parasse de falar. Ele não disse mais nada sobre a possibilidade de o Max estar morrendo ou já estar morto.

– Tudo isso está sendo considerado – disse o delegado Norton.

Embora o pai do Max estivesse quase gritando, a voz do delegado permaneceu em tom baixo. Acho que ele sabe que o pai do

Max não está bravo com ele. O delegado deve saber que o pai do meu amigo sequer está realmente com raiva; só está muito assustado. Ele pode até se chamar delegado Norton, mas acho que é mais esperto do que eu pensava.

– Na verdade, já verificamos cada bueiro em uma área de quase cinco quilômetros ao redor da escola, e agora estamos expandindo o raio de ação. Sim, é possível que Max tenha ficado preso em um lugar de difícil acesso. Mas para evitar que nada escape aos olhos das nossas equipes de resgate, eu me assegurei que todos que estão procurando estivessem cientes dessa possibilidade, por isso, olharão debaixo de cada pedra.

O pai do Max estava certo. O meu amigo está preso em um lugar onde ninguém pode vê-lo. Portanto, acho que não faz diferença quanto vão procurar.

A mãe e o pai do Max foram para casa. Depois que mostraram aos policiais onde ficava o pote de café, o banheiro, o telefone e o controle remoto da tevê, informaram que estavam indo para a cama.

Os pais do Max não ligaram a televisão, o que achei estranho. Não consigo lembrar deles não assistindo à tevê à noite. A mãe do Max tomou um banho e agora está sentada na cama, escovando o cabelo. O pai do Max também está sentado na beira da cama, girando ininterruptamente o telefone nas mãos.

– Não consigo deixar de pensar no medo que ele deve estar sentindo – diz a mãe do Max.

Ela parou de pentear o cabelo.

– Eu sei – diz o pai do Max. – E não consigo deixar de pensar que ele está preso em algum lugar. Talvez tenha ficado preso no porão de uma casa abandonada, ou pode ter encontrado uma caverna em algum lugar do bosque e não consegue sair. Onde quer que esteja, fico pensando em como ele deve estar se sentindo sozinho e assustado.

– Fico torcendo para que Budo esteja com ele.

Deixo escapar um pequeno grito quando ouço a mãe do meu amigo pronunciar o meu nome. Eu sei que ela pensa que sou imaginário, mas naquela fração de segundo, quase cheguei a sentir que ela me achava real.

– Não tinha pensado nisso – diz o pai do Max. – Mas concordo. Espero que sim. Qualquer coisa para que ele se sinta melhor. Para que sinta menos medo.

A mãe do Max começa a chorar, e instantes depois, o pai do Max também está chorando. Mas o pai do meu amigo chora por dentro. Dá para perceber que ele está chorando, mas também é evidente que ele acha que ninguém percebe que ele está chorando.

– Estou tentando pensar onde erramos – diz a mãe do Max, ainda chorando. – Não consigo deixar de pensar que, de certa forma, isso que aconteceu é culpa nossa.

– Para com isso – diz o pai do Max, e dá para ver que ele já deu por terminado o seu choro. Pelo menos por enquanto.

– Aquela maldita professora perdeu Max de vista. Ele provavelmente saiu andando por aí e se perdeu. Deve ter encontrado algo que o deixou curioso, entrou em algum lugar e não conseguiu sair. Deve estar preso dentro de algum lugar pouco visível. Já temos muito com que nos preocupar para ficar nos culpando.

– Você não acha que alguém o levou?

– Não – diz o pai do Max. – Não consigo acreditar nessa possibilidade. Não. Eles vão encontrar Max no fundo de um poço, preso dentro do porão de alguma casa abandonada ou trancado em um galpão no quintal de alguém. E você conhece Max. Ele provavelmente já ouviu todos gritando o nome dele, mas não vai responder, porque não gosta de falar com as pessoas, muito menos de gritar. Ele vai estar com frio, molhado e assustado, mas vai estar bem. É nisso que eu acredito. Do fundo do meu coração.

As palavras do pai do Max soam bem. É um discurso cheio de esperança, e acho que ele realmente acredita em tudo que disse. Creio que a mãe do Max está começando a acreditar nisso também. Por um segundo, até mesmo eu acredito. Quero muito acreditar.

A mãe e o pai do Max se abraçam. Eles continuam abraçados, e depois de alguns segundos, começo a me sentir estranho por estar sentado ao lado deles e saio. De qualquer maneira, daqui a pouco eles provavelmente estarão dormindo.

Esta noite não tenho vontade de ir ao posto de gasolina. Dee e Sally não estarão lá, e não aguento mais ficar lembrando de todas as pessoas que já perdi. Graham. Dee. Sally. Max. O posto de gasolina costumava ser um dos meus lugares favoritos, mas agora não é mais.

Também não posso ficar aqui a noite inteira. Não me sinto bem no quarto dos pais do Max e não quero ficar sentado sozinho no quarto vazio do meu amigo. E não posso ficar sentado na sala ou na cozinha porque os policiais estão lá. Eles estão assistindo a um daqueles programas em que um homem conversa com um grupo de pessoas que acha tudo que ele diz hilário, mas que não é tão engraçado para quem está assistindo ao programa.

Além do mais, é muito esquisito ter estes estranhos em casa.

Preciso falar com alguém. E não há muitos lugares onde um amigo imaginário possa ir conversar, especialmente à noite.

Mas eu conheço um lugar.



# Capítulo 28



O Hospital Infantil está do outro lado, logo na frente do Hospital Geral, mas não frequento mais o Hospital Geral. Não entro mais lá desde que conheci o tal amigo imaginário malvado. Às vezes fico nervoso quando vou ao Hospital Infantil só por ser tão perto do Hospital Geral, que atende pacientes adultos.

Mas voltando ao assunto, o Hospital Infantil é o melhor lugar para encontrar amigos imaginários. Melhor ainda que a escola. Apesar de a escola estar cheia de crianças, a maioria delas deixa os amigos imaginários em casa, porque é difícil falar ou brincar com um amigo imaginário quando os professores e as outras crianças estão por perto. Muitas vezes, as crianças até levam os amigos imaginários no primeiro dia de aula do jardim de infância, mas a menos que sejam como Max, todas descobrem bem rápido que conversar com alguém que ninguém mais vê não é uma boa maneira de fazer amigos. E é assim que muitos amigos imaginários deixam de existir.

São mortos pelo jardim de infância.

Em compensação, o Hospital Infantil foi sempre um ótimo lugar para encontrar outros amigos imaginários. Comecei a vir para cá quando Max estava no primeiro ano, porque a professora dele na época, a senhora Kropp, comentou na classe que os hospitais nunca fecham. Ela estava ensinando os alunos sobre o 911<sup>9</sup> [../Text/notas.xhtml - fn9](#), que é um número que temos de conhecer para o caso de uma emergência.

Se eu pudesse usar o telefone, teria ligado para esse número hoje, quando a senhora Patterson raptou Max.

A Sra. Kropp disse que podemos ligar para a emergência a qualquer hora do dia ou da noite, porque as ambulâncias nunca param de circular e os hospitais estão sempre abertos. Então, uma

---

<sup>9</sup> Aqui no Brasil, o número para emergência é 190. (N.T).

noite, decidi não ir ao posto de gasolina e caminhei até o hospital, que fica seis vezes mais longe do que o posto.

As crianças do Hospital Infantil estão sempre doentes. Algumas ficam doentes apenas por um ou dois dias. Elas caem de bicicleta e batem a cabeça, ou pegam uma doença chamada pneumonia. Mas também tem muitas crianças que já estão no hospital há bastante tempo porque estão extremamente doentes. E uma grande quantidade dessas crianças, em especial as que têm doenças gravíssimas, possui amigos imaginários, muito provavelmente porque precisam de nós. Algumas dessas crianças são pálidas, magras e não têm cabelo. Outras acordam no meio da noite e choram baixinho, para que ninguém as ouça e se preocupe com elas. Crianças doentes sabem que estão doentes; e as que estão muito mal, sabem que o seu estado é grave. E todas sentem muito medo. Portanto, quando os pais delas vão para casa, muitas precisam de amigos imaginários para continuarem tendo companhia e não ficarem sozinhas com aquelas máquinas que têm luzinhas piscando e ficam apitando.

O elevador do hospital é algo complicado para mim, porque não posso atravessar as portas dele. Consigo atravessar portas de vidro, de madeira, portas de quartos, e até de carro, mas não posso atravessar portas de elevador. Deve ser porque Max tem medo de elevador e nunca, jamais, entra em um; assim, ele provavelmente não imagina as portas do elevador como portas comuns. Para ele, são mais como alçapões.

Mas como quero ir até o décimo quarto andar, e catorze andares de escada são muitos degraus, é mais prático ir de elevador. Só que isso significa que preciso me certificar de que há espaço no elevador para mim. Mesmo que as pessoas não possam me ver ou sentir, se entrarem muitos passageiros, além de eles esbarrarem em mim, podem me esmagar em um canto.

Na verdade, não é bem assim. Eu não esbarro nas pessoas. Esbarro na ideia delas, isto é, eu as sinto, mas elas não me sentem. Quando o elevador fica lotado e eu fico meio que esmagado em um canto, começo a sentir o que Max deve sentir quando está em um elevador. Fico todo apertado, preso, até sufocado, com falta de ar, mesmo que eu realmente não respire. Mas é como se respirasse, só que eu respiro apenas a ideia do ar.

É muito estranho ser um amigo imaginário. Não dá para ficar sufocado ou doente; é impossível cair e quebrar a cabeça ou pegar

uma pneumonia. Só o que pode matar um amigo imaginário é o seu amigo humano não acreditar mais nele. E isso é bem mais frequente do que todas as sufocações, quedas e pneumonias juntas.

Eu espero uma mulher vestindo um traje azul apertar o botão do elevador. Ela entrou no hospital logo atrás de mim. Tenho de esperar alguém usar o elevador, já que não posso apertar o botão para chamá-lo. E depois tenho de torcer para que a pessoa desça em um andar próximo do meu. A mulher de azul aperta o número onze, o que não é ruim. Se ninguém mais entrar no elevador, desço no décimo primeiro andar e subo até o décimo quarto andar pelas escadas.

Ninguém entra no elevador antes de chegarmos ao décimo primeiro andar, então desço nesse andar e subo pelas escadas.

O décimo quarto andar tem o formato de uma aranha: um círculo no centro, onde todos os médicos trabalham, e quatro corredores que se estendem a partir desse centro. Caminho pelo corredor na direção do círculo, passando por portas abertas em ambos os lados. Este é outro fato bom sobre o Hospital Infantil: os médicos não fecham completamente as portas dos quartos das crianças, por isso os amigos imaginários que não conseguem atravessar portas não ficam presos dentro do quarto durante a noite.

Como já é tarde, o corredor está silencioso. O andar inteiro está quieto. Quase todos os quartos estão escuros. Há um grupo de médicas no círculo central. Elas estão sentadas ou em pé atrás dos balcões, anotando números e palavras em blocos de anotações e visitando os quartos quando as campainhas tocam. Elas são como os policiais que nunca dormem. E até podem ficar acordadas a noite inteira, mas não têm cara de que realmente quisessem estar fazendo isso.

Na outra extremidade de uma das pernas da aranha há uma sala com sofás e cadeiras aconchegantes, além de um monte de revistas e jogos. Esse é o lugar onde as crianças doentes passam os recreios durante o dia. À noite, é onde os amigos imaginários que não dormem se encontram.

Antes eu pensava que nenhum amigo imaginário dormia à noite, mas Graham comentou que ela dormia. Portanto, agora à noite, alguns amigos imaginários devem estar dormindo com os seus amigos humanos nos quartos do hospital.

Imagino Graham dormindo na cama ao lado da Megan e fico com vontade de chorar de novo.

Esta noite, há três amigos imaginários na sala de recreio, um número pequeno. Todos têm a aparência de amigos imaginários. Um deles é um garoto que se parece com uma pessoa real, exceto por suas pernas e pés, muito pequenos e sem contornos definidos. A cabeça dele também é muito grande para o corpo. Ele parece um boneco cabeção, como os bonecos imitando jogadores de beisebol do time Red Sox que a senhora Gosk tem na mesa dela. Mas como esse menino tem orelhas, sobrancelhas e dedos, é ainda mais parecido com uma pessoa de verdade do que a maioria dos amigos imaginários. Mesmo assim, a sua cabeça é tão grande que fico imaginando como deve ser quando ele anda.

Ao lado do garoto com o cabeção está sentada uma garotinha do tamanho de uma garrafa de refrigerante. Ela tem cabelo amarelo e não tem nem nariz, nem pescoço. A cabeça da menina está apoiada no corpo como se ela fosse um boneco de neve. E ela também não pisca.

O terceiro amigo imaginário tem o formato de uma colher, mas é do tamanho de um garoto normal. Ele tem dois olhos grandes e redondos, uma boca pequena, e o corpo é uma vara com pernas e braços. Ele é todo prateado e não usa roupa. Esse menino não precisa usar roupas porque, exceto pelos braços e pernas, realmente parece uma colher.

Na verdade, nem tenho certeza de que ele é um garoto. Pode ser uma garota. Às vezes, amigos imaginários não são nem uma coisa nem outra. Neste caso, acho que ele é apenas uma colher.

Assim que entro na sala, eles param de falar e olham para mim. Mas não olham nos meus olhos, provavelmente porque acham que sou um ser humano.

– Oi – digo eu, e a colher engasga.

O menino com o cabeção dá um salto e a cabeça dele fica balançando como os bonecos com cabeção da Sra. Gosk.

A garotinha nem pisca.

– Achei que você fosse real – diz a colher.

Ele está tão surpreso que parece engasgar com as próprias palavras. A colher tem voz de menino, por isso suponho que seja um.

– Eu também! – diz o menino com o cabeção, muito animado.

– Que nada. Sou como vocês. O meu nome é Budo.

– Uau! Você parece tão real – diz a colher. Ele não consegue parar de me olhar.

– Eu sou real. Assim como vocês.

Todas as vezes que falo com amigos imaginários tenho essa mesma conversa. Eles sempre ficam surpresos por eu não ser humano e também sempre dizem como eu pareço real. É nessa hora que gosto de lembrá-los de que eles também são reais.

– Claro – diz a colher. – Mas é que você parece um ser humano de verdade.

– Eu sei – respondo.

Depois de um momento de silêncio, a colher fala.

– Eu sou Colher – diz ele.

– E eu sou Klute – diz o menino com o cabeção. – Ela é Summer.

– Oi – diz a menina com uma vozinha minúscula.

Ela só fala isso, mas é evidente, pelo seu tom de voz, que ela está bem triste. Triste como nunca vi ninguém estar. Muito mais triste do que o pai do Max quando o meu amigo não joga a bola direito.

Talvez tão triste como eu fico quando penso em Graham.

– Você tem alguém aqui? – pergunta Colher.

– Como assim?

– Você tem um amigo humano no hospital?

– Ah, isso não – respondo. – Vim só para visitar. Eu venho aqui às vezes. É um bom lugar para encontrar amigos imaginários.

– É verdade – diz Klute, balançando o cabeção. – Faz só uma semana que Eric e eu estamos aqui, e eu nunca tinha visto tantos amigos imaginários.

– Eric é o seu amigo humano? – pergunto.

Klute sacode a cabeça fazendo que sim.

– Há quanto tempo você existe? – eu pergunto.

– Desde o acampamento de verão – responde Klute.

Eu conto os meses para trás, até chegar ao início do verão passado.

– Cinco meses? – pergunto eu para confirmar.  
– Não sei. Eu não sei contar meses.  
– E você? – pergunto eu para Colher.  
– Este é o meu terceiro ano – ele responde. – Creche, jardim de infância, agora o primeiro ano. Tudo isso dá três anos. Certo?  
– Certíssimo – eu respondo. Estou chocado por Colher ser tão velho. Amigos imaginários que não se parecem com seres humanos não costumam durar tanto tempo. – Três anos é muito tempo – digo eu.

– Eu sei – diz Colher. – Nunca conheci ninguém mais velho do que eu.

– Eu tenho quase seis anos – digo eu.  
– Seis o quê? – Klute pergunta.  
– Seis anos – repito eu. – Max está no terceiro ano agora. Max é o meu amigo humano.  
– Seis anos? – Colher pergunta.  
– Sim.

Ninguém diz nada por um momento. Os três amigos imaginários ficam só olhando para mim.

– Você abandonou Max? – quem fala agora é Summer. A voz dela é fininha, mas mesmo assim me pegou de surpresa.

– Não entendi – digo eu.  
– Você deixou Max em casa?  
– Na verdade, não. Max não está em casa. Ele está fora.  
– Ah – Summer fica em silêncio por um momento e depois pergunta: – Por que você não foi com ele?  
– Não pude. Eu não sei onde ele está.

Quando estou prestes a explicar o que aconteceu com Max, Summer volta a falar. A voz dela continua fraquinha, mas estranhamente soa como se estivesse em alto volume.

– Eu nunca ia conseguir me separar da Grace – diz ela.  
– Grace? – pergunto eu.  
– Grace. A minha amiga humana. Eu nunca poderia deixá-la. Nem mesmo por um segundo.

Então abro a boca novamente para explicar o que aconteceu com Max, mas Summer se adianta e continua a falar.

– Grace está morrendo.

Eu olho para ela e abro a boca para dizer algo, mas não sei nada. Nem uma palavra. Não sei o que dizer.

– Grace está morrendo – repete Summer. – Ela tem leucemia, que é uma coisa muito ruim. É como se fosse a gripe mais forte do mundo. E agora ela piorou e está morrendo. O médico disse para mamãe que Grace vai morrer.

Ainda não sei o que dizer. Tento pensar em algo que a faça se sentir melhor ou que me faça sentir melhor, mas Summer volta a falar antes que eu possa dizer algo.

– Portanto, não fique longe do Max por muito tempo, porque ele também pode morrer um dia. Tenho certeza de que você vai se arrepender se perder a oportunidade de brincar com o seu amigo enquanto ele ainda está vivo.

De repente, percebo que a voz da Summer não deve ter sido sempre tão fraquinha e triste. Ela está com essa vozinha triste porque Grace está morrendo, mas deve ter existido uma época em que Summer sorria e era muito feliz. Consigo ver essa versão feliz da Summer agora, como uma sombra em torno desta versão triste dela.

– Estou falando sério – diz ela. – Amigos humanos não vivem para sempre. Eles podem morrer.

– Eu sei – digo.

Mas não conto que não consigo deixar de pensar sobre a morte do Max.

Em vez disso, conto para Summer, Colher e Klute tudo sobre ele. Começo descrevendo o meu amigo. Como ele ama brincar com *Lego* e adora a professora Gosk. O jeito que ele fica empacado. Os seus cocôs extras. Conto sobre os pais do Max. A briga com Tommy Swinden. Então conto sobre a Sra. Patterson e o que ela fez com ele. Como ela enganou Max. Como ela enganou todo mundo, menos eu.

Mas, na realidade, a senhora Patterson também me enganou. Senão eu estaria com Max agora.

Só de observar os três me escutando, dá para notar que Colher é o amigo imaginário que melhor entende o que digo, mas é Summer quem mais compreende como me sinto. Noto que ela está

quase tão assustada quanto eu pelo sumiço do Max. Klute está ouvindo tudo, mas ele se parece muito com Puppy. Acho que Klute não está entendendo nada. E que ele mal consegue seguir a minha história.

– Você tem que encontrar o seu amigo – Colher diz quando termino de explicar o que aconteceu com Max.

Ele fala com a mesma voz que Max usa quando fala com os soldados de brinquedo: não só fala, mas ordena.

– Eu sei – falo eu. – Mas não sei o que eu vou fazer quando o encontrar.

– Você tem que ajudá-lo – fala Summer.

A voz dela não é mais uma vozinha. Ainda é suave, mas não é mais fininha.

– Eu sei – repito mais uma vez. – Mas não tenho ideia de como fazer isso. Não tenho como contar onde Max está nem para a polícia nem para os pais dele.

– Não estou dizendo para ajudar o pessoal da polícia – se explica Summer. – Estou falando para você ajudar Max.

– Não estou entendendo – digo eu.

– Primeiro, você tem que encontrar o seu amigo – alerta Colher.

Fico olhando o cabeção do Klute balançando quando ele se vira para nós três: Summer, Colher e eu.

Ele mal consegue acompanhar o que está acontecendo.

– Você tem que ajudá-lo – diz Summer, e agora ela parece irritada. Diria até mesmo com raiva. – Você tem que ajudar Max a voltar para a mamãe e o papai dele.

– Sei disso, mas se eu não posso contar à polícia ou aos pais dele, como vou...

– Você tem que ajudar Max. Você – repete Summer.

É como se ela estivesse gritando apesar de ainda falar com a mesma vozinha. Tem o mesmo som, mas não é mais uma voz fininha. É um vozeirão. Summer parece imensa. Ela ainda é do tamanho de uma garrafa de refrigerante, mas agora parece ser muito maior.



– O que estou dizendo é que não é a polícia – diz ela. – É você. Você é quem tem que salvar Max. Pelo que vejo, você ainda não percebeu como é sortudo!

– Não estou entendendo – digo eu.

– Grace está morrendo. Ela vai morrer e eu não posso ajudá-la. Posso sentar ao lado dela e tentar fazer com que sorria, mas não posso salvar a minha amiga. Ela vai morrer e vai embora para sempre, e eu não posso fazer nada para impedir isso. Não posso salvá-la. Mas você... Você pode salvar Max!

– Não sei o que fazer para salvá-lo – digo eu, desanimado.

Estou olhando para essa garotinha, com essa vozinha, mas sou eu quem está se sentindo pequeno agora. É como se Summer tivesse todas as respostas. Sou talvez o amigo imaginário mais velho do mundo, mas esta menininha sabe tudo e eu não sei nada.

É quando concluo que ela pode saber a resposta para a minha eterna pergunta.

– O que vai acontecer com você quando Grace morrer? – eu pergunto.

– Você está achando que Max vai morrer? – ela retruca. – Acredita que aquela professora vai fazer o seu amigo morrer?

– Pode ser – respondo.

Fico me sentindo muito mal por pensar nisso, mas sei que pode ser verdade. Deixar de pensar nas coisas não faz com que elas deixem de ser verdade.

– Você está preocupado por Max ou por você? – Summer pergunta.

Penso em mentir, mas não posso. Summer, com essa vozinha, sabe tudo. Eu sei disso.

– As duas coisas – respondo.

– Você não pode se preocupar com você – afirma ela. – O seu amigo pode morrer, e você tem que salvá-lo. Salvando Max, você pode se salvar, mas isso realmente não tem muita importância.

– O que vai acontecer quando Grace morrer? – pergunto de novo. – Você também vai deixar de existir?

– Isso não importa – Summer responde.

– Por quê? – eu insisto.

– É mesmo! Por quê? – também pergunta Colher.

Klute sacode o seu cabeça, concordando:

– Todos nós queremos saber.

Summer não diz nada, então pergunto novamente. Tenho medo de perguntar. Agora estou com um pouco de medo dela. Não consigo explicar por que, mas é como me sinto. Estou com medo dessa garotinha com essa vozinha. Mas mesmo assim, sou obrigado a perguntar.

– Você vai sumir quando Grace morrer?

– Acho que sim – diz ela, olhando para os pés minúsculos. Então ela olha para mim. – Eu sinceramente espero que sim.

Ficamos um tempão olhando um para o outro. Finalmente ela fala.

– Você vai salvar Max? – pergunta ela.

Faço que sim com a cabeça.

Summer sorri. É a primeira vez que eu a vejo sorrir. O sorriso dura apenas um segundo, depois some.

– Eu vou salvar Max – afirmo. E então, porque sinto que é importante dizer, principalmente para Summer, acrescento: – Prometo.

Colher concorda com a cabeça.

Klute balança o seu cabeça.

Summer sorri mais uma vez.

## Capítulo 29



Entro no elevador e desço com um homem que está empurrando uma máquina sobre rodas. Ele salta no quarto andar e eu decido saltar ali também. Só porque o elevador estava indo para baixo não significa que não vai mudar de ideia e voltar a subir. Já vi elevadores fazerem isso antes. Este elevador mesmo, eu já vi fazer isso.

Saio do elevador e viro à direita. As escadas estão logo ali, na curva no final da parede. Quando me viro, percebo o cartaz na parede. Tem uma lista de palavras com pequenas setas apontando para a esquerda e para a direita. Leitura não é bem o meu forte, mas consigo ler algumas das palavras:

- Sala de espera
- Quartos 401-420
- ← Quartos 420-440
- ← Banheiros

E, logo depois de *Banheiros*, vejo as letras CTI e uma seta apontando para a direita.

Leio as letras como se formassem uma palavra e digo-a em voz alta:

– Cê taí? Cê tem I?

Então percebo que todas as letras estão capitalizadas. O que significa que isso não é uma palavra. Cada letra significa uma palavra. Elas são as iniciais maiúsculas. Aprendi isso no primeiro ano.

Leio as iniciais de novo em voz alta.

– CTI – olho para as letras por mais um segundo, então leio de novo: – Cê Te I... Cê taí...

Levo alguns instantes para lembrar onde ouvi essas iniciais antes. Então lembro. Dee foi para esse tal de Cê Taí quando foi baleada. Só que não era Cê Taí.

Era CTI.

Dee pode estar aqui. Neste edifício. Neste piso. Para a direita.

Eu vou para a direita.

Há portas à esquerda e à direita do corredor. Ao passar, olho para os pequenos cartões com nomes ao lado de cada porta. Estou procurando as letras CTI ou três palavras que comecem com essas letras.

Acho as palavras no final do corredor. Há duas portas bloqueando o corredor. Na porta, leio o nome: *Centro de Terapia Intensiva*.

CTI.

Não sei o que significa *Intensiva*, mas aposto que significa um lugar para pessoas que foram feridas com armas de fogo.

Atravesso as portas. O espaço é grande. Há um longo balcão no meio da sala e três médicas sentadas atrás dele. Todas as três são senhoras. As luzes estão acesas sobre o balcão, mas apenas lá, pois o resto da sala está quase escuro, iluminada apenas por uma luz fraca. Há inúmeras máquinas nesta sala. Todas estão sobre rodas. Parecem pequenos carros de bombeiros, parados, quietos e silenciosos, mas sempre prontos para sair correndo.

Nas laterais da grande sala há algo como cortinas de chuveiro penduradas no teto encobrendo alguns lugares da sala. Algumas dessas cortinas estão fechadas. E onde elas estão abertas, as camas estão vazias.

Há dois lugares com cortinas fechadas. Dee pode estar dentro deles.

Tento atravessar a primeira cortina, mas não consigo. Sou barrado por ela, apesar de ela nem se mexer quando trombo contra ela.

Max não imagina cortinas de chuveiro como portas. Pelo menos não fez isso quando me imaginou. Mesmo desaparecido, sinto como se ele estivesse aqui agora, barrando a minha passagem pela cortina de chuveiro. Sinto que ainda estamos juntos, mesmo que estejamos separados.

É como se fosse um lembrete de que Max ainda está vivo.

Eu me agacho e me arrasto pelo chão, sob a cortina de chuveiro. Há uma garota na cama localizada atrás da cortina, mas

não é Dee. É uma menininha. Tem idade para estar na classe do Puppy no primeiro ano e está dormindo. Ela tem vários fios e tubos conectados aos braços, todos saindo de umas máquinas pequenas. Alguns também entram por baixo do cobertor. A cabeça dela está embrulhada em uma toalha branca. As suas pálpebras estão coloridas de preto e azul. Ela tem um bandeide no queixo e outro logo acima da sobrancelha.

Ela está sozinha. Sem mãe nem pai sentados nas cadeiras ao lado da cama. Sem nenhum doutor checando como ela está.

Então me lembro de Max. Fico pensando se ele também está sozinho esta noite.

– Quando ela vai acordar?

Quem pergunta é uma menina, sentada em uma cadeira à minha direita e que se parece quase exatamente com a menina dormindo na cama. Eu não a vi quando rastejei por baixo da cortina. Ela fica em pé quando olho para ela.

Fico surpreso por ela não me confundir com um ser humano, assim como faz a maioria dos amigos imaginários que encontro. Talvez ela tenha percebido que sou imaginário porque me viu rastejando sob a cortina de chuveiro, enquanto todos os seres humanos abrem a cortina para entrar ali.

– Não sei quando ela vai acordar – respondo.

– Por que as outras pessoas não falam comigo?

– Quem? – pergunto, olhando ao redor.

Por um segundo, fico achando que tem alguém atrás da cortina. Alguém que não notei antes.

– As outras pessoas – repete ela. – Fico perguntando para todos quando ela vai acordar, mas ninguém fala comigo...

Agora entendo tudo.

– Você sabe o nome dela? – pergunto, apontando para a pequena garotinha deitada na cama.

– Não – diz a menina.

– Quando você a conheceu? – volto a perguntar, apontando mais uma vez para a menina dormindo.

– No carro – diz ela. – Depois do acidente. Depois que o carro bateu no outro carro.

– Onde você estava antes? Antes do carro? – eu pergunto.

– Em lugar nenhum – responde.

Ela parece confusa e sem graça. Olha para baixo, para os sapatos.

– Faz quanto tempo que a sua amiga está dormindo?

– Não sei – diz ela, ainda parecendo muito confusa. – Algumas pessoas levaram ela embora. Eu fiquei esperando perto das portas. E quando ela voltou, já estava dormindo.

– Você chegou a conversar com ela?

– Conversei. Foi no carro. Mamãe e Papai não respondiam aos chamados dela, então ela me pediu ajuda. Fiquei fazendo companhia, conversando com ela. Nós esperamos até os homens a tirarem do carro com a ajuda de uma máquina. Uma máquina que fazia um barulho bem alto e soltava fogo.

– Estou contente por vocês terem saído do carro – digo eu.

Não quero que ela fique assustada, e fico com a impressão de que as minhas perguntas a estão deixando com medo. Mas ainda tenho outras perguntas a fazer.

– Você viu Mamãe e Papai depois que vocês saíram do carro?

– Não – responde ela.

– Qual é o seu nome? – pergunto.

– Não sei – ela responde, e agora parece bem triste. Fico achando que ela vai chorar.

– Ouça bem. Você é uma amiga especial. Uma amiga imaginária. Isso significa que ela é a única pessoa que pode ver ou ouvir você. A sua amiga precisou muito de você no carro quando estava assustada, é por isso que você está aqui. Mas tudo vai ficar bem. Você só precisa esperar até ela acordar.

– Mas, então, por que você pode me ver? – quer saber ela.

– Porque eu sou como você – explico. – Também sou um amigo imaginário.

– Ah... Então... cadê a sua amiga? – pergunta ela.

– O meu amigo é um garoto. O nome dele é Max. Só que não sei onde ele está.

Ela olha para mim. Como não diz nada, então eu aguardo. Também não sei o que dizer. Ficamos nos encarando, ouvindo todos

os bipes e zumbidos das máquinas ao lado da cama. O silêncio parece durar séculos. Finalmente resolvo recomeçar o papo.

– Eu o perdi. Mas estou procurando por ele.

Ela continua olhando para mim. Faz apenas um dia que essa menina existe, mas eu já sei o que ela está pensando.

Ela acha que sou um péssimo amigo por ter perdido Max.

– Tenho que ir agora – aviso.

– Tudo bem. Mas quando será que ela vai acordar?

– Logo mais – eu digo. – É só esperar. Daqui a pouco ela acorda.

Rastejo novamente sob a cortina, antes de ela dizer mais alguma coisa. Tem outra cortina fechada a poucos passos de distância. Mas agora sei que Dee não está deitada em uma cama atrás dessa cortina. Este é o Hospital Infantil. Com certeza, no hospital dos adultos também deve ter um CTI, e deve ser lá que Dee está.

Será que Max está sozinho, como essa garotinha deitada atrás dessa cortina? Ela não tem nem mamãe nem papai sentados nas cadeiras ao lado da cama. Talvez eles também estejam feridos.

Talvez estejam mortos. Mas acho que não. Seria uma possibilidade muito terrível para considerar.

Pelo menos ela tem uma amiga imaginária. Ela pode ainda nem ter um nome, mas já está esperando ao lado da cama, assim, aquela garotinha não está sozinha.

Fico pensando sobre o que a mãe do Max falou:

– Fico torcendo para que Budo esteja com ele.

Mas a verdade é que não estou com Max.

Aquela menina tem a amiga imaginária com ela esta noite, mas Max está sozinho em algum lugar. Ele está vivo, porque eu ainda estou aqui. E porque a ideia do Max morto seria algo terrível demais para pensar.

Mas ele está sozinho.

# Capítulo 30



A mãe do Max não para de chorar. Não é um choro triste. É um choro assustado. Lembra o choro dos bebês quando não conseguem encontrar as mães.

Só que desta vez, é a mãe que não encontra o seu filhote.

O pai do Max a abraça. Ele não diz nada, porque não há nada a dizer. Ele não está chorando, mas sei que está chorando por dentro, mais uma vez.

Eu achava que as três piores coisas do mundo eram:

1. Tommy Swinden
2. Cocô extra
3. Não existir

Agora acho que as três piores coisas do mundo são:

1. Esperar
2. Não saber
3. Não existir

É domingo à noite, o que significa que amanhã posso ir para a escola e achar a Sra. Patterson e o Max.

Isso se a senhora Patterson voltar para a escola.

Acho que ela vai para a escola amanhã. Se não for, vai parecer suspeita. Se a Sra. Patterson fosse um vilão de um programa de tevê, ela com certeza iria à escola na segunda-feira. Quem sabe até se ofereça para ajudar nas buscas do Max. Aposto que ela vai convencer o delegado Norton a aceitar a sua ajuda. Ela é bem sorrateira e esperta.

Passei o fim de semana inteiro procurando Max, mas agora percebo que foi perda de tempo. Não sei onde a senhora Patterson mora, mas não dava para ficar em casa dois dias sem fazer nada. Não aguentava mais ficar perto da equipe de policiais, porque muitos



deles ficam cogitando em voz alta (mas nunca perto dos pais do Max) se Max já não está morto.

Comecei procurando Max dentro das casas da vizinhança, com esperança de que alguma fosse a casa da senhora Patterson. As professoras Grady e Paparazo vivem tão perto da escola que muitas vezes vão caminhando juntas para o trabalho, por isso deduzi que talvez a maioria dos professores também morasse nas redondezas (mesmo sabendo que a senhora Gosk vive em um lugar distante, do outro lado do rio, razão pela qual, às vezes, ela chega tarde). Portanto, comecei a minha busca nas casas mais próximas à escola. Andei em círculos pelo bairro, assim como as ondulações que uma pedra faz quando Max a joga no lago.

Max não nada, mas gosta de jogar pedras na água.

Eu sabia que seria quase impossível encontrar a casa da senhora Patterson desse jeito, mas não podia ficar sem fazer nada; eu tinha de fazer algo. Mas não adiantou. Não encontrei Max nem a Sra. Patterson. Tudo que achei foram pais que não tinham perdido um filho. Famílias sentadas ao redor de mesas de jantar, varrendo folhas no quintal, discutindo sobre dinheiro, limpando porões e assistindo a filmes na televisão. Todos pareciam tão felizes! Era como se não soubessem que a senhora Patterson simplesmente poderia um dia ir de carro até a escola e roubar o seu filhinho ou filhinha.

Monstros são sempre ruins, mas monstros que não andam nem falam como monstros são os piores.

Pensei em voltar ao hospital, queria encontrar com Colher e Summer de novo, mas estou com medo que Summer fique brava por eu ainda não ter encontrado Max.

Não entendo por que estou com medo de uma menina do tamanho de uma garrafa de refrigerante, mas estou. Não tenho medo que ela me machuque. É o mesmo tipo de medo que Max tem de decepcionar a professora Gosk, apesar de fazer isso a toda hora e sem ter a mínima ideia de que está fazendo.

Também estou com medo de descobrir que a amiga humana da Summer morreu e que ela morreu também.

Desapareceu, quero dizer. Deixou de existir.

Ontem à noite, parei no posto de gasolina para ver se Dee estava de volta.

Não estava. Sally também não estava lá, mas acho que nunca mais o verei. Levar um tiro pode matar uma pessoa, mas não creio que a impeça, depois de recuperada, de voltar a trabalhar. Só que ficar empacado como Sally ficou pode fazer com que uma pessoa nunca mais volte ao trabalho, nem para falar “oi” aos velhos amigos.

Nada voltará a ser como antes no posto de gasolina. Vi três pessoas trabalhando ontem à noite, mas não conhecia nenhuma delas. Pauley entrou para comprar alguns bilhetes de raspadinha, e percebi que ele também se sentia como eu. Nem quis ficar lá para raspar os bilhetes. Ele parou no balcão por um segundo, pensando no assunto, e depois resolveu sair, cabisbaixo.

Não é mais o nosso lugar.

Mas também não é um lugar novo.

Não é mais um lugar especial para ninguém. Agora as pessoas que trabalham lá, apenas trabalham. Havia uma garota trabalhando lá na noite passada que parecia estar precisando fazer dois ou três cocôs extras. Além de muito séria, a cara dela parecia amassada. E os outros dois funcionários, dois homens mais velhos, mal falavam um com o outro. E todos trabalhavam. Não tem mais brincadeiras. Não tem mais televisão atrás do balcão. Ninguém mais conversa com os clientes nem sabe o nome deles. Não tem mais Dee mandando Sally voltar ao trabalho.

Acho que nunca mais voltarei ao posto de gasolina. Queria muito ver a minha amiga Dee de novo. Talvez visite o tal CTI um dia desses, se conseguir criar coragem de visitar o hospital de adultos. Mas acho que nem Dee conseguiria fazer o posto de gasolina voltar a ser como era.

Amanhã tenho de sair cedo. Estou com medo que o ônibus não pare no nosso ponto. Max não estará de pé junto à árvore, com a mão apoiada no tronco, como faz sempre; um truque para que ele não saia vagando pela rua acidentalmente. Isso foi ideia minha, mas quando Max explicou a estratégia da mão na árvore para a mãe, resolvendo assim o problema de ele esperar o ônibus escolar sozinho, ele disse que foi ideia dele.

Não me importei. Eu era ideia dele, assim, de certa maneira, a minha ideia era ideia dele também.

Se for preciso, consigo ir a pé para a escola, assim como fiz neste fim de semana quando procurei Max. Só que como sempre fui de ônibus para a escola, acho que vai dar mais sorte se eu também

pegar o ônibus escolar amanhã. Sinto como se estivesse dizendo ao mundo que estou no ônibus porque sei que Max logo estará de volta.

Depois de ficar pensando a noite toda, preparei uma lista de coisas a fazer amanhã. Decorei item por item. Nestas horas, lembro-me de como gostaria muito de poder segurar um lápis e escrever. Preciso ser muito mais cuidadoso desta vez. Na sexta-feira, não fui cuidadoso e a senhora Patterson foi embora sem mim. Amanhã, portanto, tenho de me assegurar que farei exatamente a coisa certa.

Minha lista de coisas a fazer é curta:

1. Sair de casa quando a mãe do Max acordar.
2. Andar até a casa da família Savoy e esperar o ônibus escolar com eles.
3. Ir com o ônibus para a escola.
4. Ir direto para o estacionamento onde a Sra. Patterson estaciona o carro.
5. Esperar pela Sra. Patterson.
6. Quando a senhora Patterson estacionar o carro, entrar no carro dela.
7. Não deixar o carro em hipótese nenhuma.

Só espero que a Sra. Patterson vá para a escola amanhã. Até tentei montar uma lista de coisas a fazer no caso de ela não aparecer, mas não consegui pensar em nada.

Se ela não aparecer na escola, acho que Max estará perdido para sempre.

# Capítulo 31



A mochila azul não está mais no banco de trás. Estou sentado no lugar onde a mochila estava da última vez.

Quinta-feira. A última vez que vi a mochila azul foi na quinta-feira.

Quatro dias atrás. Mas, para mim, esses dias parecem quarenta.

A Sra. Patterson chegou ao estacionamento antes de o primeiro sinal tocar. Ela estacionou o carro no lugar de costume e entrou como se fosse um dia normal de escola. Uma sequestradora está andando pelos corredores da escola, mas ninguém sequer desconfia; só eu sei disso. Fico pensando se o plano dela inclui roubar outra criança em breve. Será que a senhora Patterson está enganando outras crianças como ela enganou Max?

Será que ela queria Max por ele ser ele ou por estar colecionando crianças?

As duas ideias me deixam apavorado.

Na minha lista de coisas a fazer está que eu permaneça dentro do carro, aconteça o que acontecer. Mas o período escolar é longo e mal começou. O primeiro sinal do recreio nem tocou ainda. Acho que a Sra. Patterson não vai mais sair cedo, isso pareceria suspeito. E a lista que fiz pode ser alterada se eu quiser. Não é algo como as regras sobre não correr nos corredores, permanecer em silêncio durante um treinamento de incêndio ou não comer pasta de amendoim na mesa em que é proibido comer amendoim por causa dos alérgicos a essa comida. A regra é minha, portanto, posso quebrá-la se quiser. E eu vou quebrá-la.

Só quero ver o que está acontecendo dentro da escola.

Quero ver a professora Gosk.

Assim que entro no saguão, vejo um homem sentado em uma mesa. Nunca tivemos uma mesa no saguão, e também nunca um homem ficou sentado no saguão antes. Ele não está vestindo

uniforme, mas dá para notar que é um policial. O homem parece estar ao mesmo tempo sério e entediado, assim como os policiais que trabalham à noite na delegacia.

Uma senhora acaba de entrar pela porta da frente e o policial faz um gesto para que ela se aproxime da mesa dele. Então ele pede para ela colocar o nome dela em uma folha de papel presa em uma prancheta. Enquanto a senhora está escrevendo, ele pergunta o motivo de ela estar na escola hoje.

Ela está carregando uma bandeja de bolinhos.

Ele não deve ser um policial muito bom. Até mesmo as crianças do jardim de infância saberiam dizer por que essa senhora está aqui.

Ando pelo corredor na direção da classe da professora Gosk. Ela está dando aula quando entro na sala. Já começo a me sentir melhor no corredor, só de ouvir a voz dela.

Ela está em pé na frente da classe, falando sobre um barco chamado *Mayflower*<sup>10</sup>.[.../Text/notas.xhtml](#) - [fn10](#) Tem um mapa aberto na frente da lousa, a Sra. Gosk aponta para ele com uma vara comprida e pergunta onde está a América do Norte. Eu sei a resposta para essa pergunta, pois Max adora mapas. Ele adora planejar batalhas imaginárias com exércitos imaginários, mas usando mapas de verdade, por isso eu sei o nome de todos os continentes e oceanos, e de muitos países.

A carteira do Max está vazia. É a única carteira vazia na sala de aula. Ninguém mais faltou hoje. Teria sido melhor se alguém tivesse faltado. Isso faria com que a carteira do Max parecesse menos vazia.

Alguém deveria ter ficado em casa doente.

Sento na carteira dele. A cadeira está afastada o suficiente da mesa para que eu possa sentar sem me sentir esmagado pela ideia da mesa e pela ideia da cadeira. A professora parou de bater no mapa com a vara. Jimmy respondeu à pergunta dela sobre a América do Norte, e vários alunos pareceram bastante aliviados por ele saber a resposta. Estavam morrendo de medo que a Sra. Gosk lhes perguntasse onde estava localizada a América do Norte porque

---

<sup>10</sup> Mayflower é o nome do famoso navio que, em 1620, transportou os colonos da Inglaterra (peregrinos) para os Estados Unidos. (N. T.)

sabiam muito bem que era o tipo de pergunta que se espera que qualquer aluno, mesmo sendo uma múmia, seja capaz de responder. Agora ela está mostrando às crianças uma imagem do *Mayflower*, e parece que alguém cortou o barco ao meio. Podemos ver o interior dele. Pequenas salas cheias de mesas e cadeiras em miniatura, e um monte de pessoas minúsculas.

O *Mayflower* era um barco grande.

A Sra. Gosk desvia o olhar da imagem e olha para a classe.

– Imaginem que estão deixando a sua casa para sempre – começa a dizer a professora Gosk. – Assim como os peregrinos. Vocês têm que vir de barco até a América e tudo que podem levar é uma pequena mala. O que vocês iriam colocar nessa mala?

Várias mãos se levantam. Esse é o tipo de pergunta que todo mundo sabe responder. Ninguém precisa que o Jimmy responda. Mesmo sem estar prestando atenção, qualquer um pode levantar a mão e responder a essa pergunta sem parecer idiota. A senhora Gosk costuma fazer perguntas desse tipo. Acho que ela quer que todas as crianças tenham alguma coisa para falar. E também porque ela gosta de fazer as crianças se sentirem parte da história.

As crianças começam a responder. A Sra. Gosk sorri quando Malik diz:

– Um monte de cuecas.

Leslyan fala:

– O meu carregador de celular. Sempre me esqueço de levar quando saímos de férias.

Fico surpreso que a Sra. Gosk esteja rindo. Depois fico com raiva. A professora só está sendo ela mesma. Não está agindo como a professora Gosk que perdeu um estudante e que a polícia tentou culpar dois dias atrás. Na verdade, acho que ela está sendo a Sra. Gosk mais do que nunca. Ela é como uma senhora Gosk ao quadrado. Está quase pulando pela classe, indo e voltando, para cima e para baixo na sala. É como se os sapatos dela estivessem pegando fogo.

Daí eu entendo tudo.

A Sra. Gosk está *agindo* como a Sra. Gosk agiria: está sorrindo, fazendo boas perguntas e apontando com a vara de madeira, porque ela não é a única pessoa que está triste ou preocupada com Max. As crianças também estão preocupadas.

Apesar de muitas nem conhecerem Max direito e de outras serem ruins com ele, algumas de propósito e outras por acidente, todas sabem que Max desapareceu. Todas as crianças devem estar preocupadas e assustadas. Talvez até estejam tristes. A Sra. Gosk tem consciência disso, portanto, mesmo que ela seja a pessoa mais preocupada e assustada de toda a escola, para as crianças, ela finge ser a professora Gosk em dobro. Ela está preocupada com Max, mas também está preocupada com as outras vinte crianças na sala. É por isso que está fazendo um *show* para elas. A professora está tentando fazer com que hoje seja o melhor e o mais normal dos dias para as crianças.

Eu amo a professora Gosk.

Inclusive, pode ser que eu a ame mais do que o próprio Max a ama.

Estou feliz por ter resolvido entrar na escola. Só de ver a Sra. Gosk, já me sinto melhor.

Depois disso, volto para o carro da Sra. Patterson. Quero ir até a sala da diretora Palmer e ver o que ela está fazendo hoje. Checar se o delegado Norton ainda está sentado no sofá. Ver se os pais do Max estão vindo para a escola hoje, para responder a mais perguntas. Também quero ir à sala dos professores e ouvir o que estão comentando sobre Max. Preciso saber se as senhoras Holmes, McGinn e Riner estão tão preocupadas quanto eu. Também preciso encontrar a senhora Patterson e checar se hoje ela está agindo normalmente ou se está mentindo para as crianças como mentiu para Max. E mais do que tudo: quero muito passar mais tempo na classe da professora Gosk.

Mas se a professora Gosk consegue fingir ser ela mesma, eu também preciso me esforçar e fazer o que é melhor: esperar dentro do carro até a Sra. Patterson voltar.

Esperar é uma das três piores coisas no mundo, mas a espera vai acabar em breve.

Se eu ficar esperando sentado, quieto, no carro da Sra. Patterson, vou achar o meu amigo Max.

## Capítulo 32



A Sra. Patterson abre a porta e senta no banco do motorista. Faz uns cinco minutos que tocou o sinal da saída e os ônibus escolares ainda estão parados na entrada da escola, esperando mais crianças embarcar. Mas a Sra. Patterson não é responsável por uma classe inteira. Como é uma paraprofissional, não precisa se preocupar como as crianças voltarão para casa: de ônibus ou acompanhadas por uma babá, um tio ou uma avó. Ela não precisa se preocupar se as crianças têm amigos para brincar, se comem bem no almoço ou se estão suficientemente agasalhadas nos dias frios de inverno.

Apenas professores como a Sra. Gosk podem ser confiáveis nesses assuntos, por isso, professores como a Sra. Patterson podem ir embora quando toca o último sinal. Isso pode parecer uma vantagem para professores como a Sra. Patterson, mas estes não imaginam como as crianças adoram a senhora Gosk.

As crianças não podem amar um professor que ensina somente durante uma hora por semana.

Ou um professor que rouba crianças.

A Sra. Patterson liga o carro e vira à esquerda na rotatória em frente à escola, para não ficar parada atrás dos ônibus. Por lei, é proibido ultrapassar um ônibus escolar se o sinal de PARE estiver aceso.

Instantaneamente, lembro-me do dia que Max saiu correndo entre os ônibus. Ele quase foi atropelado por um motorista que estava dirigindo na rotatória e não respeitou a lei do sinal de PARE.

Minha amiga Graham estava lá naquele dia. Graham e Max. Parece que faz tanto tempo!

A Sra. Patterson apenas dirige. Ela não liga o rádio, não dá nenhum telefonema, não canta nem fala sozinha. Ela mantém as duas mãos no volante e dirige. Só isso.



Fico observando-a. Cogito em passar para o banco da frente e sentar ao lado dela, mas não faço isso. Nunca sentei no banco da frente antes e não quero sentar ao lado dela. Só estou seguindo a senhora Patterson. Quero que ela me leve até Max para que eu possa salvá-lo. Mas não quero sentar ao lado dela.

Eu iria salvar Max, mesmo que eu nunca tivesse conhecido Summer. Eu amo Max e sou o único que pode salvá-lo. Porém, não consigo deixar de me lembrar daquela amiguinha imaginária quando penso sobre como salvar Max. Fico pensando na promessa que fiz a ela. Não sei a razão, mas é o que acontece.

Fico procurando pistas enquanto a Sra. Patterson dirige. Espero ouvi-la falar. Além de ter ficado sozinho no carro com os pais do Max, já estive várias vezes ao lado de pessoas que pensam estar sozinhas. E, geralmente, elas fazem alguma coisa. Na verdade, todos acabam fazendo alguma coisa. Ligam o rádio, fazem barulho, reclamam do trânsito, ajeitam o cabelo no espelho retrovisor ou batucam os dedos no volante. Às vezes as pessoas falam sozinhas, fazem listas em voz alta ou se queixam de alguém. Outras vezes, falam com os motoristas de outros carros, como se as outras pessoas pudessem ouvir, apesar das janelas fechadas.

Às vezes as pessoas são nojentas. Ficam tirando caca do nariz dentro do carro. Isso é bem nojento, mesmo que o carro pareça ser um dos melhores lugares para limpar o nariz justamente por ninguém estar assistindo. Então essas pessoas preferem tirar caca do nariz no carro, antes de voltar para casa. A mãe do Max grita com ele quando Max cutuca o nariz. Mas ele diz que algumas caquinhas não saem só com a ajuda de um lenço. E acho que ele deve estar certo, pois já vi a mãe do Max enfiando o dedo no nariz também. Mas nunca quando tem alguém por perto.

Isto é o que eu falo para Max.

– Cutucar o nariz é como fazer cocô: só pode ser feito em um lugar que dê privacidade.

Às vezes, Max ainda cutuca o nariz na frente das pessoas, mas não tanto quanto costumava fazer.

A senhora Patterson não enfia o dedo no nariz nem coça a cabeça. Nem mesmo boceja, suspira ou espirra. Ela mantém os olhos no trânsito e só tira a mão do volante quando vai ligar a seta antes de fazer uma curva. Dirigir, para ela, é algo sério.

Pelo visto, ela leva tudo muito a sério. Um *cliente sério*, como diria a Sra. Gosk, e isso me deixa ainda mais assustado. Pessoas sérias fazem coisas sérias e não cometem erros. A professora Gosk diz que Katie Marzik é uma cliente séria, pois sempre tira nota dez nos ditados. Além de sempre resolver sozinha, sem nenhuma ajuda, todos os problemas de matemática. Mesmo os problemas que o restante da classe não consegue resolver nem com ajuda.

Se Katie Marzik quisesse ser uma sequestradora quando crescesse, ela seria uma das boas.

Aposto que um dia Katie Marzik irá dirigir exatamente como a Sra. Patterson, com os olhos na estrada, as mãos no volante e a boca fechada.

Se a senhora Patterson está indo para casa, e eu acho que ela está, fico preocupado em saber o que ela fez com Max. Como manteve o meu amigo escondido durante o dia todo, enquanto ela estava na escola?

Ela pode ter amarrado Max com uma corda, e isso seria péssimo. Max não gosta de ser imobilizado. Ele nem dorme em saco de dormir por achar que é muito apertado. Max sente que o saco de dormir o sufoca. E também diz que camisas de gola o enforcam, mesmo que não o enforcuem. Só que, de certa forma, elas sufocam e não sufocam ao mesmo tempo. Max não entra em armários, mesmo se a porta estiver bem aberta, e nunca cobre a cabeça com o cobertor. Ele usa apenas sete peças de roupa por vez, sem contar os sapatos. Ele nunca usa mais do que sete, porque mais do que sete é muita coisa.

– É muita coisa! – grita ele. – É muita coisa! É muita coisa!

Isso significa que, quando está muito frio lá fora, a mãe do Max só consegue fazê-lo usar cueca, calças, uma camiseta, um agasalho, um par de meias e uma touca. Nunca nenhum tipo de luvas. E mesmo que ela deixasse que ele não colocasse meias, touca ou cueca (às vezes acho que ela deixaria, se pudesse), Max ainda não usaria nenhum tipo de luva. Ele não gosta quando as mãos dele ficam embrulhadas e suadas dentro das luvas. Por isso, a mãe do Max costura forros de lã em todos os bolsos dos casacos dele, assim, Max só precisa colocar as mãos nos bolsos para ficarquentinho.

Se a senhora Patterson tiver amarrado Max, trancado ele em um armário ou dentro de uma caixa o dia inteiro, isso seria muito, mas muito ruim.

Estou furioso comigo mesmo por não ter pensando nisso antes. Mas também fico contente de não ter pensado nisso antes, porque isso teria me deixado ainda mais preocupado.

Talvez alguém esteja ajudando a Sra. Patterson. Quem sabe ela está casada e o marido a está ajudando a roubar Max? Talvez tudo tenha sido ideia do marido dela. Ele pode ter convencido a esposa de que eles estariam fazendo um bem a Max. Que eles seriam melhores que os verdadeiros pais dele. Por isso o Sr. Patterson deve estar fingindo ser um pai, cuidando do Max durante o dia todo, o que seria melhor do que amarrá-lo ou trancá-lo em um armário. Mesmo assim, essa possibilidade também seria ruim, pois Max não gosta de estranhos nem de lugares estranhos. Ele não gosta de experimentar uma comida nova nem de ir dormir em horários diferentes ou de qualquer coisa que seja diferente.

A Sra. Patterson liga a seta, mas não há nenhuma rua em frente para virar. Vejo somente casas. Uma das casas deve ser a dela. Max está dentro de uma dessas casas. Eu mal consigo ficar sentado agora. Finalmente, posso dizer que estou quase chegando lá.

Ela passa por três garagens e, por fim, vira à direita. Uma grande entrada de garagem aparece na nossa frente. Ela pertence a uma casa azul que fica no topo de uma colina. É pequena, mas parece perfeita. Como a imagem de um livro ou a foto de uma revista. No jardim em frente à casa a Sra. Patterson tem quatro grandes árvores. Não vejo uma única folha morta no gramado, apesar de esta ser a época de as folhas caírem. Nada de folhas entupindo calhas ou amontoadas em volta da casa. Há duas cestas de flores na varanda da frente. O mesmo tipo de cesta que os pais vendem na escola todos os anos. Pequenas flores amarelas dentro de cestas. Pode ser que a senhora Patterson as tenha comprado de algum dos pais na semana passada, quando estavam à venda na escola. Cada florzinha dentro das cestas parece perfeita. A garagem da Sra. Patterson é perfeita também. Não há rachaduras ou manchas na parede. Dá para ver uma lagoa atrás da casa. Parece ser uma lagoa grande, mas só consigo ver partes dela se mostrando de cada lado da casa.

Ainda dirigindo, a professora pega um controle remoto e aperta um botão. A porta da garagem se abre. Ela entra, estaciona e desliga o carro. Um minuto depois, ouço o barulho da porta da garagem novamente. Mas desta vez a porta está se fechando.

Estou dentro da casa da Sra. Patterson.

Ouço a voz de Summer na minha cabeça, fazendo-me prometer que salvaria Max.

– Eu sei... – digo eu, falando alto.

A Sra. Patterson não pode me ouvir. Só Max é capaz de me ouvir, e logo, logo ele vai me ouvir de verdade. Sei que o meu amigo está em algum lugar desta casa. Max está por perto e eu vou encontrá-lo. Mal posso acreditar que cheguei até aqui.

A Sra. Patterson abre a porta e sai do carro.

Eu também saio do carro.

Chegou a hora de reencontrar o meu amigo.

– É hora de salvar Max – falo para mim mesmo.

Tento falar como se fosse corajoso, mas na verdade não sou.

## Capítulo 33



Eu não espero pela Sra. Patterson. Antes de entrar na casa ela para em uma pequena sala dentro da garagem para tirar o casaco e o cachecol. Há ganchos para pendurar coisas, uma fileira bem organizada de botas e sapatos, uma máquina de lavar roupas, outra de secar, mas nada do Max. Então deixo-a na garagem e entro na sala de estar.

Há cadeiras, um sofá, uma lareira, uma televisão pendurada na parede, uma pequena mesa com livros e fotografias em molduras de prata, mas nada do Max.

Há um corredor e uma escada à minha direita. Então viro e subo as escadas, dois degraus de cada vez. Agora não preciso mais me apressar, finalmente estou dentro da casa da senhora Patterson. Mas me apresso mesmo assim. A minha aflição aumenta a cada minuto que passa.

Tem um corredor no topo das escadas e quatro portas. Três delas estão abertas e uma está fechada.

A primeira porta à esquerda está aberta. É um quarto, mas não é o quarto da Sra. Patterson. Não há coisas dentro nele. Apenas uma cama, uma cômoda, um criado-mudo e um espelho. Vejo móveis, mas não objetos. Não tem nada em cima da cômoda. Nada no chão. Nenhum roupão ou casaco pendurado em ganchos na porta. A cama tem travesseiros demais. Uma montanha de travesseiros. É exatamente como o quarto no final do corredor do segundo andar na casa dos pais do Max. O quarto de hóspedes, como eles chamam. Mas os pais do Max nunca receberam um hóspede. Provavelmente porque Max não gostaria que uma visita dormisse na casa dele. É como um quarto de faz de conta. Um quarto só para ser visto, mas nunca usado. Como se fosse um quarto de museu.

Noto um armário ao lado da cama e dou uma olhada dentro. Atravesso a porta e fico lá dentro, no escuro. Não consigo enxergar nada; está tudo um breu.

– Max? Você está aqui? – sussurro.

Max não está. Sei disso antes mesmo de chamar o nome dele.

Bobagem minha sussurrar, afinal Max é a única pessoa que pode me ouvir. A mãe do Max diria que estou assistindo a muita TV. Acho que ela tem razão.

A segunda porta à esquerda também está aberta. É um banheiro, e parece outro lugar de faz de conta. Um banheiro de museu. Mais uma vez, não há nada aqui. Não vejo nada em cima da pia ou no chão. Todas as toalhas estão perfeitamente penduradas e a tampa do assento do vaso sanitário está abaixada. Acho que é um banheiro de hóspedes. Apesar de eu nunca ter ouvido falar de um banheiro de hóspedes antes.

Ando pelo corredor até a porta que está fechada. Se Max está no andar de cima, deduzo que ele deva estar em um quarto com a porta fechada. Atravesso a porta, mas o meu amigo não está neste quarto. É um quarto de bebê. Há um berço, uma caixa de brinquedos, uma cadeira de balanço e uma escrivaninha com uma cesta de fraldas em cima. Há também bloquinhos no chão, a locomotiva de um trenzinho azul e uma pequena fazenda de plástico, com umas pessoinhas e uns diminutos animais.

Max não iria gostar dessa fazenda de plástico porque as pessoas não se parecem com gente de verdade. Elas são pequenos pinos com rostos, e Max não gosta desse tipo de brinquedo. Ele gosta de brinquedos que parecem reais. Mas as pessoinhas e os animaizinhos estão do lado de fora do pequeno celeiro de plástico da fazenda, o que significa que o bebê deve gostar desse brinquedo.

É quando me dou conta de que a Sra. Patterson tem um bebê. Não posso acreditar!

Este quarto também tem um armário. Um grande armário com portas de correr, e uma das portas está aberta. Há prateleiras repletas de camisetas e calças minúsculas, sapatinhos e pequenas bolas de meias.

Só que nada do Max.

A Sra. Patterson tem um bebê. Isso está errado. Que eu saiba, monstros não costumam ter bebês.

Saio do quarto de bebê e vou até o quarto do outro lado do corredor. Este é o quarto da Sra. Patterson. Reconheço imediatamente. Tem uma cama, uma cômoda e uma televisão

pendurada na parede. A cama está feita, mas não tem travesseiros empilhados. Há uma garrafa de água e um livro na cabeceira da cama. Há uma pequena mesa ao lado da cama com um relógio, uma pilha de revistas e um par de óculos. Este quarto tem vários objetos. Não é como o quarto de hóspedes.

Há um banheiro anexo ao quarto e um grande armário, sem nenhuma porta. O armário é quase tão grande quanto o quarto do Max. Encontro nele um monte de roupas, sapatos e cintos, mas ainda nada do Max.

– Max! Você está aqui? Você pode me ouvir? – grito eu, no caso de não tê-lo visto.

Ninguém responde.

Saio do quarto da Sra. Patterson. No corredor, olho para cima, para ver se encontro algum alçapão no teto que me leve ao sótão. Os pais do Max têm um alçapão com escadas: quando puxam uma corda, o alçapão abre e a escadinha aparece e se desdobra. E então eles podem subir até o sótão. Mas aqui não há alçapão. Nem sótão.

Desço as escadas de volta ao andar térreo da casa.

Em vez de voltar para a sala de estar, viro à esquerda. Há um corredor à esquerda que desemboca na cozinha e outra sala de estar na outra ponta do corredor. Sofás, cadeiras aconchegantes, mesinhas, lâmpadas, outra lareira e uma prateleira cheia de livros. Mas nada do Max.

Eu ando pela sala, viro à esquerda, e acabo chegando a uma sala de jantar com uma mesa comprida e cadeiras. Uma pequena mesa com mais fotografias e uma bandeja cheia de garrafas. Viro novamente à esquerda e caminho na direção da cozinha. Encontro diversos utensílios de cozinha aqui, mas nada do Max.

Aqui no térreo, a casa consiste de uma sala de estar, outra sala de estar, sala de jantar e uma cozinha. Então é isso. Nada do Max em lugar nenhum.

Nada da Sra. Patterson.

Eu ando pela casa de novo, desta vez mais rápido. Acho um banheiro que eu não vi quando entrei, pois a porta estava fechada e um armário de casaco estava na frente da porta.

Nada do Max.

É quando finalmente encontro a porta que estou procurando, bem no corredor que vai para a cozinha.

A porta do porão.

A Sra. Patterson está no porão com Max. Eu sei disso.

Eu atravesso a porta e desço os degraus; a escada está com as luzes acesas. A sala lá em baixo tem carpete e parece com outra sala. Bem no meio dela tem uma grande mesa verde, sem cadeiras em volta, e uma pequena rede esticada, presa pelas pontas. Parece uma quadra de tênis em miniatura. Como se fosse uma quadra de tênis para bonecas. Nesta sala há sofás, cadeiras e outra televisão, mas nada do Max.

E nada da Sra. Patterson.

Há uma porta aberta do outro lado desta sala. Eu atravesso a porta e vou parar em um quarto que parece um porão comum. O chão é feito de pedra; tem máquinas grandes e sujas em um canto. Uma das máquinas é uma fornalha que aquece a casa; a outra é uma caldeira de água, mas não sei qual é qual. Vejo também uma mesa, e na parede acima dela há martelos, serras e chaves de fenda, vários tipos de ferramentas pendurados na parede, tudo tão ordenado e imaculadamente limpo como o armário, ou o jardim da senhora Patterson. Toda a casa é excessivamente arrumada. A garrafa de água na cabeceira da cama era a única coisa que parecia fora do lugar em toda a casa.

Pronto, acabou. Aqui embaixo não tem armários nem escadas, nenhum esconderijo.

Nada do Max. E nada da Sra. Patterson.

Eu a perdi de novo. Dentro da própria casa dela.

Então corro para o térreo, volto para a cozinha e grito o nome do Max. Saio voando na direção da garagem para ver se o carro da senhora Patterson ainda está lá. E está. O motor está fazendo aquele estalido que os carros fazem às vezes, depois de desligados. O casaco ainda está no gancho ao lado da máquina de lavar. Talvez ela esteja lá fora. Estou sendo bobo, porque não posso perder uma pessoa dentro da própria casa dela. Porém, entro em pânico mesmo assim. Tem algo errado. Eu sei disso. Mesmo que a Sra. Patterson esteja lá fora, onde está Max?

Coloco as mãos na frente do meu rosto e olho para elas bem de perto, para checar se consigo ver através delas.

Ainda estão sólidas. Não estou desaparecendo. Max deve estar bem. Ele está em algum lugar e está bem. A Sra. Patterson sabe onde



ele está. Por isso eu só preciso encontrá-la, pois assim vou acabar encontrando Max.

Eu vou lá para fora. Atravesso as vidraças das portas de correr da sala de jantar e acabo em um deque na parte de trás da casa. Há mais degraus no caminho do deque até um pequeno gramado. E seguindo esse caminho, há mais degraus até a lagoa. É uma lagoa comprida e estreita. Dá para ver as casas do outro lado dela. E, através das árvores, consigo ver as luzes das outras casas que ficam à esquerda e à direita da casa da Sra. Patterson. A casa dela não fica muito perto das casas dos vizinhos, mas mesmo assim não acredito que ela traria Max para a frente da casa.

Há um pequeno pontilhão no final dos degraus, e noto um pequeno bote flutuando na água. Um bote com remos. A mãe do Max tentou convencer o meu amigo a entrar em um desses botes quando fomos a Boston no verão passado, mas ele não quis. Ele só não ficou empacado porque a mãe dele finalmente parou de pedir para ele tentar apenas uma vez. Foi um daqueles momentos em que pensei que a mãe do Max fosse chorar: todos os outros garotos e garotas estavam se divertindo nos outros botes com os pais, menos Max.

A Sra. Patterson não está no deque. Tem uma mesa com um guarda-sol no meio e um monte de cadeiras, mas nada do Max ou da Sra. Patterson.

Eu saio do deque e corro ao redor da casa. Corro e fico olhando tudo, até dar uma volta completa no terreno da casa e depois retornar para o deque. Olho para o lago mais uma vez. O sol está baixo no céu, fazendo todas as sombras ficarem espichadas. A luz do sol faz a água brilhar.

Grito o nome do Max com todas as minhas forças. Mais alto do que já gritei em toda a minha vida. Grito e volto a gritar repetidamente o nome dele.

Os pássaros nas árvores respondem ao meu chamado, mas eles não estão respondendo para mim, de verdade. Só Max consegue me ouvir. E Max não está respondendo.

Sinto como se tivesse perdido o meu amigo de novo.

## Capítulo 34



Volto para dentro da casa da senhora Patterson. Não é possível! Com certeza algum quarto ou armário passou despercebido. Estou parado na sala de jantar e grito o nome do Max outra vez. A minha voz não ecoa, pois o mundo não pode ouvi-la. Apenas Max pode. Mas se o mundo pudesse ouvir a minha voz, ela estaria ecoando. A minha voz ecoaria de novo e de novo. De tão alto que grito o nome do Max.

Eu ando pelo andar térreo novamente, desta vez mais devagar, fazendo um zigue-zague da sala de jantar para a cozinha, depois para a sala de estar, e de volta para a sala de jantar. Paro na sala de estar que tem a televisão e olho para as fotografias nas molduras prateadas. Há um bebezinho, um menino, em todas as três imagens. Ele está engatinhando em uma foto e de pé em outra, agarrando-se na lateral de uma banheira. Está sorrindo em todas as três fotos. O bebê tem cabelos castanhos, olhos grandes e um rosto gordinho.

Eu ainda não consigo acreditar que a Sra. Patterson tem um bebê. Um garotinho.

– A senhora Patterson é mãe de um garotinho – eu falo em voz alta para parecer mais real. E repito mais uma vez, porque ainda não consigo acreditar nisso.

Eu me pergunto: *Onde está o bebê da Sra. Patterson? Na creche?*

De repente, tenho uma ideia. O bebê da Sra. Patterson deve ficar com algum vizinho enquanto ela está no trabalho. Pode ser que ela tenha ido até a casa do vizinho pegar o bebê dela.

Então é isso. Agora entendi. A Sra. Patterson saiu da casa quando eu estava no andar de cima ou no porão, mas ela não saiu com o carro. Ela foi buscar o bebê na casa de algum vizinho; talvez em alguma creche no fim rua. Ou em algum lugar bem perto daqui. Todos os dias ela deve dar uma caminhada com o bebê ao voltar para casa, porque ar fresco faz bem aos bebês. E assim ela pode perguntar

a ele sobre como foi o dia dele, porque é isso que as mães fazem. Mesmo que o bebê não possa responder.

Estou me sentindo aliviado agora. Não sei onde Max está, mas enquanto ficar seguindo a senhora Patterson, com certeza vou encontrá-lo. Se eu não a perder de vista, vai ficar tudo bem. Talvez Max esteja em outra casa com o marido da Sra. Patterson. Os Pattersons podem bem ter uma casa de férias em Vermont, como a que Sadie McCormick gosta de contar que tem sempre que alguém quer ouvir. E talvez Max esteja lá agora, bem longe de onde a polícia o procura.

Isso seria uma coisa inteligente da parte da Sra. Patterson.

Levar o Max para um lugar tão longe, um local onde a polícia nunca o encontraria.

Levá-lo para longe dos pais nos quais ela não confia. Longe da escola que ela acha que Max não deveria ir.

Mas está tudo bem. Se eu ficar com a Sra. Patterson, ela vai acabar me levando até onde está Max. Mesmo se ele estiver em Vermont, eu vou encontrá-lo.

Checo se as minhas mãos estão ficando transparentes. Coloco as duas na frente do rosto. Eu me sinto mal por fazer isso. Mas justifico para mim mesmo que só faço essa verificação pelo bem do Max, embora eu saiba que também esteja verificando para o meu próprio bem. Confesso que mais para o meu próprio bem. As minhas mãos ainda parecem sólidas. Eu estou bem. Não estou desaparecendo. E Max está bem. Ele está bem em algum lugar.

Decido investigar a casa novamente enquanto espero a Sra. Patterson voltar. Eu me sinto como um policial da televisão à procura de pistas. E é isso exatamente o que estou fazendo: procurando pistas que me levem a Max.

Noto um armário na cozinha que eu não tinha percebido antes. Abro e olho dentro dele, embora saiba que Max não está ali. Seria um lugar bobo para esconder um garoto. E, além disso, se Max estivesse neste armário, ele teria me ouvido quando chamei. Está escuro no interior do armário, mas dá para ver o contorno de latas e caixas na escuridão. É uma despensa.

Acho mais fotos do filho da Sra. Patterson sobre o pano em cima das duas lareiras e sobre as mesinhas na sala de estar. Não encontro fotos do Sr. Patterson, o que parece estranho à primeira vista, mas depois concluo que, provavelmente, o Sr. Patterson é a

pessoa que está tirando as fotos. O pai do Max faz a mesma coisa. Ele não aparece em muitas das fotos do Max porque está sempre atrás da câmera em vez de na frente dela.

Não há muitas coisas na casa da Sra. Patterson. Não tem pilhas de revistas nem tigelas de frutas. Nada de brinquedos no chão ou de cestos de roupa suja perto da máquina de lavar. Não tem pratos na pia ou xícaras de café vazias. A casa dela me faz lembrar da nossa casa quando os pais do Max estavam tentando vendê-la. Max estava no jardim de infância e os pais dele resolveram que queriam uma casa maior, no caso de o Max vir a ter um irmão ou uma irmã. Eles colocaram uma grande placa na frente da casa, como uma etiqueta de preço, mas sem nenhum preço, para que as pessoas soubessem que a casa estava à venda. E quando ninguém estava em casa, uma senhora chamada Meg acompanhava estranhos para que pudessem olhar dentro da casa e decidir se a comprariam.

Max odiou essa ideia de se mudar. Ele odeia mudanças. E trocar de casa seria uma grande mudança. Ele ficou empacado algumas vezes ao descobrir que pessoas estranhas viriam visitar a casa. Assim, mesmo a casa ficando vazia na hora das visitas, os pais do Max pararam de contar a ele sobre as visitas de estranhos.

Acho que é por isso que nunca nos mudamos: ficaram com medo que se mudassem para uma casa nova, Max ficasse empacado para sempre.

Sempre que estranhos vinham olhar a casa, os pais do Max escondiam todos os jornais e revistas em uma gaveta da cozinha. Juntavam toda a roupa espalhada pela casa e amontoavam dentro de algum armário. Arrumavam as camas, coisa que eles nunca fazem. Eles precisavam dar a impressão de que ninguém na casa esquecia as coisas por todo canto, para que os estranhos vissem como a casa seria se pessoas perfeitas morassem nela.

É assim que a casa da Sra. Patterson parece: pronta para receber estranhos. Mas eu não acho que a Sra. Patterson está tentando vender a casa dela. Acho que esse é só o jeito dela.

Eu verifico o andar de cima e o porão outra vez, procurando armários que eu não tenha visto da primeira vez ou quaisquer pistas sobre onde Max possa estar. Encontro mais fotos do bebê da Sra. Patterson e outro armário no corredor do andar de cima. Max não está lá dentro.

No porão, acho três armários, mas eles são escuros, empoeirados e pequenos demais para Max estar dentro deles. Acho

também caixas de pregos, uma pilha de tijolos, recipientes de plástico cheios de roupas e um cortador de grama, mas não encontro nem a Sra. Patterson nem Max.

Está tudo bem. A Sra. Patterson vai entrar pela porta da frente a qualquer momento. Mesmo sabendo que Max não vai estar com ela, está tudo bem. Apenas o fato de encontrá-la será suficiente. Ela vai me levar até Max.

Estou parado na sala de jantar, olhando para a lagoa através das vidraças das portas de correr, quando, finalmente, escuto a porta abrir. Agora a sombra das árvores afunda na lagoa e o brilho alaranjado na superfície da água está quase sumindo. O sol já está muito baixo para continuar a brilhar. Eu viro e passo pela cozinha, indo na direção do corredor que leva à porta da frente. É quando percebo que não foi a porta da frente que escutei abrir.

Foi a porta do porão.

A Sra. Patterson está passando pela porta do porão. Ela está entrando na cozinha pela porta do porão.

Eu estava no porão minutos atrás, olhando os armários, e só encontrei caixas de pregos. A Sra. Patterson não estava no porão dois minutos atrás e agora está saindo do porão e fechando a porta atrás dela.

Estou mais assustado do que nunca.

# Capítulo 35



A primeira coisa que pensei foi que a Sra. Patterson também é uma amiga imaginária e eu não tinha percebido isso. Talvez ela possa atravessar portas, assim como eu, e deu um jeito de voltar para a casa dela e entrar no porão sem que eu a ouvisse.

É lógico que segundos depois percebo como isso é ridículo.

Mas, com certeza, ela é bem peculiar, porque deu um jeito de entrar no porão sem que eu a visse. Talvez ela possa ficar invisível ou consiga até mesmo encolher.

Eu sei que isso também é, no mínimo, ridículo.

Eu fico olhando a senhora Patterson abrir a geladeira e retirar dela um pedaço de frango. Ela coloca uma panela no fogão e começa a prepará-lo. Enquanto o frango vai fritando, a Sra. Patterson começa a fazer arroz.

Frango e arroz é a refeição favorita do Max. Ele não come muitas coisas, mas sempre come frango e arroz branco. Max não gosta de alimentos que têm cores fortes.

Tenho que voltar ao porão e encontrar o armário, ou a escada, que devo ter deixado passar batido. Muito possivelmente a senhora Patterson tem um segundo porão embaixo do porão que visitei. Deve haver uma porta no chão que não eu vi, afinal, não costumo procurar por portas no chão.

Mas não quero sair de perto da Sra. Patterson outra vez. Vou esperar. Ela está fazendo esse jantar para Max. Sei disso. Só preciso esperar ela terminar de cozinhar e segui-la.

A senhora Patterson não faz bagunça enquanto cozinha. Quando ela termina de usar a tábua de cortar alimentos, já a enxágua e a coloca na máquina de lavar louça. Ao terminar de pegar a quantidade de arroz que vai usar, coloca a embalagem de volta na despensa. A mãe do Max até que iria gostar da Sra. Patterson se ela não tivesse roubado o filho dela. As duas gostam de coisas organizadas. A mãe do Max gosta de dizer: “Usou, lavou”. Mesmo

assim, o pai do Max continua a empilhar louça na pia, e a deixar tudo sujo até o dia seguinte.

A Sra. Patterson coloca uma bandeja vermelha sobre o balcão. Ela passa um pedaço de papel-toalha na bandeja, apesar de ela estar limpa. Depois coloca dois pratos de papel, dois garfos de plástico e dois copos descartáveis na bandeja.

Max gosta de comer em pratos e em copos de papel porque sabe que estão limpos. Max não confia em pessoas ou em máquinas de lavar louça. Ele não acredita que possam deixar pratos, copos e talheres limpos. A mãe e o pai do Max nem sempre o deixam comer em pratos de papel ou com talheres de plástico. Mas às vezes eles deixam, especialmente se a mãe do Max está tentando fazer com que ele prove algo novo.

Mas como a professora Patterson sabe que Max gosta de pratos de papel e de garfos de plástico? Ela nunca foi jantar na casa dos pais do Max! Daí me lembro que a Sra. Patterson está com Max há três dias. Ela já sabe que ele não confia em máquinas de lavar louça.

A Sra. Patterson coloca arroz e frango nos dois pratos e, a seguir, enche os dois copos com suco de maçã.

Suco de maçã é a bebida favorita do Max.

Ela pega a bandeja e desce as escadas que levam ao porão. Eu a sigo.

Depois de descer as escadas, a Sra. Patterson vira à esquerda, na direção daquela parte do porão com carpete, a mesa verde com uma rede e a televisão.

Deve haver uma porta em algum lugar debaixo deste carpete. Tenho certeza disso. Provavelmente, Max está bem embaixo de mim. No porão do porão.

Então a Sra. Patterson anda pela sala, passa pela mesa verde, por uma parede que tem um quadro pendurado (uma pintura de flores), e chega perto de uma prateleira que se estende até o teto. Fico esperando ela se abaixar e puxar o carpete, mas, em vez disso, ela empurra um pequeno pedaço da prateleira. A parede faz um barulho e uma parte dela se abre. A Sra. Patterson empurra a passagem até que haja espaço suficiente para ela entrar. Ela passa e, um instante depois, a parede desliza e se fecha outra vez. A parte da parede onde está a porta secreta está invisível agora. A parede está coberta de papel de parede. O espaço entre a parede e a porta secreta

está escondido pelo desenho do papel de parede. A porta está camuflada. Mesmo sabendo que a porta está ali, não consigo mais ver o contorno dela. É uma porta supersecreta.

Max está atrás daquela porta supersecreta.

Eu me aproximo do lugar. Finalmente vou ver Max. Caminho em direção à porta, mas não consigo passar. Eu quico na porta e caio no chão. É impossível ver a porta na parede, por isso errei o lugar. Eu viro para a esquerda e tento novamente, caminhando mais lentamente desta vez, caso eu erre de novo. Eu bato na parede outra vez. Tento mais três vezes, mas a única coisa que consigo é bater na parede.

Existe uma porta aqui, mas é como as portas do elevador do hospital: quando Max me imaginou, ele não pensou que uma porta-super secreta-que-parece-parede fosse também uma porta de verdade. Por isso não consigo atravessá-la.

Max está do outro lado desta porta que não é uma porta. A única maneira de eu entrar é se a Sra. Patterson abri-la de novo.

Preciso ficar aqui esperando.

Eu me sento à mesa verde e olho para a parede. Não posso ficar sonhando acordado e dar uma de vacilão de novo. Quando a senhora Patterson abrir essa porta, haverá espaço suficiente para ela sair. Isso quer dizer que tenho que me espremer pela passagem assim que ela sair. Se for muito lerdo, não vou conseguir passar.

Continuo esperando.

Olho para o quadro com pintura de flores, esperando que se mova. Tento apenas pensar na porta que é uma parede, mas começo a me perguntar como será atrás da parede. Deve haver uma sala atrás da parede, e ela deve ser grande o suficiente para que a senhora Patterson e Max possam jantar juntos. Mas é no subsolo, não tem janelas, além de ser um lugar trancado, assim, Max deve estar se sentindo preso. E isso significa que ele deve estar empacado. Ou, talvez, que ele tenha ficado empacado e agora já desempacou.

Estou louco para ver Max, mas estou até com medo de ver como ele está depois de três dias atrás de uma parede. Mesmo que não esteja empacado, ele não deve estar bem.

Ainda estou aqui esperando.

Finalmente a parede se move. Eu pulo da mesa e fico parado bem na frente dela. A parede se abre e a Sra. Patterson sai pela



abertura. Ela olha para trás, depois de sair, dando-me tempo de sobra para passar.

Primeiro acho que ela está olhando para trás para se certificar de que Max não está tentando segui-la, mas estou errado. Assim que dou uma olhada no quarto atrás da parede, sei que estou redondamente enganado.

Max não está tentando escapar.

Não posso acreditar no que vejo.

## Capítulo 36



A luz é ofuscante. Em parte deve ser porque meus olhos ficaram muito tempo sob a luz fraca do porão, esperando a parede se mover. Mas o quarto é muito mais iluminado do que qualquer outra sala subterrânea que eu já tenha visto ou imaginado.

Assim que os meus olhos se acostumam à luz, vejo que a sala é pintada de amarelo, verde, vermelho e azul. Na hora, lembro-me da sala de aula do professor Michaud, no jardim de infância. A sala de aula dele tem uma lagarta gigante sobre a lousa e pinturas espalhadas pelas paredes feitas pelos alunos com os dedos. Esta sala parece uma caixa de lápis coloridos. Aquelas caixas com apenas oito ou dez cores diferentes dentro. O quarto é uma explosão de cores.

Há uma cama no formato de carro de corrida. Ela está pintada de vermelho e dourado, e tem um volante que sai da cabeceira. Há uma cômoda onde cada gaveta está pintada com uma cor diferente. Do outro lado, vejo uma porta com a palavra “*Garotos*” escrita em vermelho e com letras desenhadas. Há uma mesa com uma pilha de papel de desenho e uma pilha ainda mais alta de papel milimetrado, que é o tipo de papel favorito do Max. Esse papel é bom para desenhar mapas e planejar batalhas. Modelos de aviões parecem voar pelo quarto, pendurados no teto por fios. Há soldadinhos de brinquedo, tanques, caminhões do exército e aviões por todos os cantos. Franco-atiradores em uma prateleira sobre a cama. Uma fileira de tanques em cima de um pufe. Colunas de soldados marchando desde o centro do quarto. Um aeródromo para pousos em cima da cama com defesa antiaérea sobre os travesseiros em volta. A batalha acabou de acontecer. Consigo perceber só pela forma como soldados e tanques estão dispostos.

O exército verde derrotou o cinza, eu acho. Não parece que o exército cinza tivesse alguma chance de ganhar.

A sala é maior do que eu pensava. Muito maior. Há trilhos de trem dando a volta pelo quarto todo, desaparecendo debaixo da cama e aparecendo do outro lado. Não consigo ver o trem. Provavelmente, está estacionado debaixo da cama.

Há dezenas, talvez centenas, de bonequinhos de naves das personagens dos filmes *Guerra nas estrelas*<sup>11</sup> [../Text/notas.xhtml - fn11](#) sobre a cômoda, assim como naves espaciais, todas organizadas exatamente como Max gostaria que estivessem organizadas. Os caças do tipo *X-wing* precisam de uma pista para decolar, por isso, não há outras espaçonaves estacionadas na frente deles. O *Millennium Falcon* pode decolar na vertical, por isso está cercado por *TIE Fighters* e carros *Twin-pod clouds*. Há uma tropa de *Stormtroopers* e uma da *Cidade das Nuvens* paradas ao lado de cada nave, à espera das ordens do Max para o lançamento.

Eu nunca havia visto tantas coisas de *Guerra nas estrelas* em um só lugar além da loja de brinquedos. Acho que nem Max. Ele provavelmente tem a maior coleção de *Guerra nas estrelas* que qualquer outro aluno na sala dele. Mas esta coleção faz a coleção do Max, que está na casa dos pais dele, parecer insignificante.

Há *Stormtroopers* suficientes para montar um pequeno exército.

Há seis caças *X-wing* aqui. Max só tem dois.

Há uma televisão pendurada na parede em frente à cama e uma pilha de DVDs debaixo dela. Uma pilha quase do tamanho do Max. E tão alta que parece que vai cair a qualquer momento.

Tem três helicópteros verdes estacionados sobre a pilha de DVDs, com franco-atiradores guardando o perímetro. Os soldados estão em cima de um DVD do filme *Tropas estelares*. Max adora esse filme.

Há um tapete no chão. É azul-escuro com estrelas, planetas e luas por toda parte. É novo e espesso. Tenho vontade de afundar os dedos dos meus pés no tapete, como Max faz. Mas os meus pés só tocam a ideia do tapete, portanto, não afundam. Ficam pairando em cima.

Tem até uma máquina de chicletes ao lado da cama.

A mochila azul que estava no carro da Sra. Patterson está jogada cama. Está aberta e dá para ver algumas peças de *Lego* dentro dela.

---

<sup>11</sup> As naves X-wing, Millennium Falcon, TIE Fighters e Twin-pod Clouds são modelos de aeronaves, caças e carros da clássica série cinematográfica *Guerra nas estrelas*. Na trama, Stormtroopers são soldados da tropa de elite do império galáctico. (N.T.)

O *Lego* é para manter Max *envolvido* enquanto ele estava no banco de trás do carro; para distraí-lo até que a Sra. Patterson o trouxesse para a casa dela.

E no meio do quarto tem mais peças de *Lego*. São milhares de peças de *Lego*, em tamanhos e formas que eu mesmo nunca tinha visto antes. Há peças grandes e pequenas. Peças de *Lego* grande, *Lego* pequeno, *Lego* mecânico, do tipo que precisa de baterias e do tipo que Max mais gosta. Há mais tipos de *Lego* aqui do que Max jamais poderia sonhar. As peças foram organizadas em pilhas de acordo com o tamanho e a forma. Percebo na hora que foi Max quem fez essas pilhas. Elas se parecem com o tipo de pilhas que ele faz. Enfileiradas como os soldados no chão, todas à mesma distância uma da outra.

E, sentado em frente a essas pilhas, como se fosse o grande general *Lego*, de costas para mim, está Max.

Encontrei o meu amigo.

# Capítulo 37



Ainda não consigo acreditar que estou no mesmo quarto que Max. Espero mais alguns instantes antes de chamá-lo. Fico só olhando para Max, como faz a mãe dele à noite, quando ele está dormindo, depois de lhe dar muitos beijos. Eu nunca havia entendido por que ela fica olhando para ele dessa maneira, mas agora entendo e faço igual.

Minha vontade é de ficar olhando indefinidamente para Max.

Eu estava com saudades dele, mas não tinha ideia do quanto até este exato momento. Agora sei como é sentir tantas saudades de alguém a ponto de ser impossível descrever. É como se fosse necessário inventar novas palavras se eu quisesse descrever o que sinto.

Finalmente, decido dizer o nome dele.

– Max, estou aqui.

Max grita mais alto do que jamais gritou antes.

O grito dele não dura muito tempo: é curto e dura apenas alguns segundos. Mas tenho certeza de que a senhora Patterson voltará correndo a qualquer momento para ver o que está acontecendo de errado. Mas depois me lembro de que, enquanto estava esperando do outro lado da parede, eu não podia ouvir nem a Sra. Patterson nem Max. E que Max também não me ouviu quando eu estava gritando o nome dele, hoje mais cedo.

Acho que este quarto é à prova de som.

Existem muitas salas à prova de som na televisão. Principalmente em filmes. Mas também vi sala assim em outros programas de tevê.

Max não vira para me olhar quando grita. O que é um péssimo sinal. Isso significa que ele pode ficar empacado. Aliás, isso significa que ele está empacando neste exato momento. Ando até onde Max está, mas não o toco. Quando o grito dele começa a desaparecer, eu digo:

– Max, estou aqui.

Repito exatamente a mesma coisa que eu tinha dito antes de o Max começar a gritar. Falo rápido e de um jeito bem suave. Enquanto falo, caminho na direção dele e fico parado na frente do Max, com o exército de *Legos* entre nós. Ele está construindo um submarino, e parece que a hélice vai realmente se mover sozinha quando ele terminar.

– Max – falo eu novamente. – Estou aqui.

Max não está mais gritando. Ele está respirando com dificuldade agora. A mãe do Max chama isso de hiperventilação. Parece que ele acaba de correr mil quilômetros e agora está tentando recuperar o fôlego. Às vezes, isso termina com Max ficando empacado. Eu volto a falar com ele.

– Max, estou aqui. Está tudo bem. Estou aqui. Está tudo bem.

Tocá-lo seria a pior coisa que eu poderia fazer. Gritar com ele seria ruim também. Seria como empurrá-lo para dentro do mundo empacado dele. Em vez disso, eu falo baixo, de maneira suave e rápida. Eu o alcanço com a minha voz. É como atirar uma corda e implorar para que Max a agarre. Às vezes funciona, e eu consigo fazê-lo voltar antes de ele ficar inteiramente empacado. Às vezes não funciona. Mas é a única coisa que sei que ajuda.

E desta vez funciona.

Dá para perceber.

A respiração do Max começa a ficar mais lenta. Mas isso aconteceria mesmo que ele estivesse ficando empacado. Percebo pelo olhar do Max que ele não está empacado. Os olhos dele me fitam. Os olhos dele encaram os meus. Ele não está desaparecendo. Ele está reaparecendo. Voltando para este mundo. Os olhos do Max sorriem para mim, então tenho certeza de que ele está de volta.

– Budo – diz ele.

Ele parece feliz, e isso me deixa feliz.

– Max– eu respondo.

De repente, sinto-me como a mãe do Max: quero saltar sobre as pilhas de *Lego* e dar um abraço bem apertado nele. Mas não posso fazer isso. Provavelmente, Max está feliz que as pilhas de *Lego* estejam nos separando, pois permitem que ele me olhe e sorria, sem ter que se preocupar com a possibilidade de eu tocá-lo.

Max sabe que normalmente nunca o toco, mas ele pode pensar que agora é diferente. Nós nunca tínhamos ficado separados por três dias antes.

– Você está bem? – eu pergunto, sentando no chão na frente do Max. As peças de *Lego* ainda nos separam.

– Sim – Max responde. – Você me assustou. Achei que não ia mais ver você. Estou construindo um submarino.

– Eu vi.

Não sei o que dizer em seguida. Tento pensar na melhor coisa a dizer. Aquilo que vai salvar Max. Primeiro considero a estratégia de usar táticas para tentar descobrir quanto Max sabe que está sendo enganado. Mas depois resolvo só descobrir o que está acontecendo, não importa como. Este é um assunto sério. Não é como mentir sobre perder a lição de casa ou espalhar *nuggets* de frango pelo refeitório da cantina.

Isto é ainda mais grave do que o assunto Tommy Swinden.

Decido não usar táticas. Decido não “dançar com o demônio sob a pálida luz do luar”. Essa é uma frase que a professora Gosk usa quando acha que um aluno está mentindo.

– Você está dançando com o demônio sob a pálida luz do luar, senhor Woods. Tome cuidado – diz a professora.

Eu estou dançando com um demônio de verdade sob a pálida luz luar e não tenho tempo a perder.

– Max – e falo tentando imitar a fala da professora Gosk –, a Sra. Patterson é má e temos que tirar você daqui.

Eu ainda não tenho ideia de como fazer isso, mas sei que não posso fazer nada se Max não concordar.

– Ela não é má – diz Max.

– Ela roubou você – eu respondo. – Ela enganou você e roubou você da escola.

– A professora Patterson acha que eu não deveria ir para a escola. Ela diz que a escola não é um lugar seguro para mim.

– Isso não é verdade – eu digo.

– É sim – Max afirma, e creio que ele está começando a ficar chateado. – Você sabe disso. Tommy Swinden vai me matar se eu ficar na escola. A Ella e a Jennifer estão sempre me tocando. Mexendo na minha comida. As crianças zombam de mim. A senhora

Patterson conhece Tommy Swinden e essas outras crianças. E ela disse que a escola não é um bom lugar para mim.

– O seu pai e a sua mãe acham que a escola é um lugar seguro para você. E eles são seus pais.

– Os pais nem sempre sabem o que é melhor para os filhos. Isso é o que a Sra. Patterson diz.

– Max, você está trancado em um porão. Isso é muito ruim. Só pessoas más prendem crianças em porões. Temos que tirar você daqui.

A voz do Max fica mais suave.

– Se eu falar para a Sra. Patterson que estou feliz, ela também vai ficar feliz.

Eu não entendo o que Max quer dizer. Antes que eu possa perguntar, ele fala novamente.

– Se a Sra. Patterson estiver feliz, ela não vai me tocar nem me machucar.

– Foi ela quem disse isso?

– Não. Mas eu acho que é assim – Max diz. – Acho que se eu tentasse fugir, ela iria ficar bem brava.

– Não concordo com você, Max. Não creio que ela quer machucar você. Ela só quer roubar você da sua família.

Só que quando estou falando isso, fico me questionando se Max não tem razão. O meu amigo não entende muito sobre gente, mas em alguns momentos ele entende as pessoas melhor do que ninguém. Ele pode não perceber que chupar o dedo no meio da classe deixa ele com cara de bobo, mas ele foi o único que sabia que a Sra. Gosk estava triste no dia que a mãe dela morreu. Max percebeu na hora, mesmo que a Sra. Gosk estivesse fazendo de tudo para esconder a tristeza que sentia. E o resto das crianças não soube de nada até o dia seguinte, quando ela contou para toda a classe o que tinha acontecido. Por isso, ele pode muito bem estar certíssimo sobre a Sra. Patterson. Talvez ela seja mais parecida com um demônio do que eu imaginava.

– Você não quer ir embora? – pergunto.

– Este é um bom lugar – diz Max. – Tem muita coisa boa. E você está aqui. Você promete nunca ir embora?

– Sim, eu prometo. Mas e o seu pai? E a sua mãe?



Eu quero dizer mais. Quero listar todas as coisas que Max vai perder se ficar trancado neste quarto, mas não posso. Eu percebo que, em toda a vida do Max, as únicas coisas que ele pode perder são os pais. Ele não tem amigos. A avó dele morreu no ano passado, e a outra avó dele vive na Flórida e nunca o visita. Os tios do Max ficam nervosos e quietos na presença dele. Os primos o evitam. Tudo o que ele tem é a mãe, o pai, as coisas dele e eu. E as coisas do Max devem ser tão importantes para ele quanto os pais do Max. É triste dizer isso, mas é a pura verdade. Se Max tivesse que escolher entre o *Lego* e os soldadinhos ou os pais dele, não sei o que ele escolheria.

Acho que a mãe do Max sabe disso também. Acho que o pai dele provavelmente sabe também. Mas ele mente para si mesmo e diz que isso não é verdade.

– Eu posso ver a mamãe e o papai de novo – diz Max. – A Sra. Patterson disse que sim. Algum dia. Mas não agora. Ela vai cuidar de mim e me manter seguro e longe da escola. Ela me chama de seu rapazinho.

– E o filho dela? Você o conheceu?

– A senhora Patterson não tem mais filho. Ele morreu. Ela me contou.

Eu não falo nada. Espero.

Max olha para o submarino dele e tenta encaixar peças no lado inacabado. Depois de um tempo, começa a falar novamente.

– Ele morreu porque o papai dele não cuidou bem dele. Por isso é que ele morreu.

Fico com vontade de perguntar onde está o Sr. Patterson agora, mas não pergunto. Onde quer que esteja, ele não está aqui e não faz parte de tudo isso. Agora eu sei disso.

– Você gosta daqui? – pergunto.

– É um bom quarto – Max diz. – Tem um monte de coisas legais. Estava uma bagunça quando eu cheguei aqui, mas a Sra. Patterson deixou que eu arrumasse tudo. Todos os *Legos* estavam misturados, as coisas de *Guerra nas estrelas* estavam na caixa de brinquedos, e os soldadinhos ainda estavam nas caixas. Todos embalados em plástico e outros troços. E os DVDs estavam em uma caixa também. Agora está tudo organizado. Ela até me deu um cofrinho e um monte de moedas de 1 centavo. E eu coloquei as moedas lá dentro. Eram tantas que quase não couberam.

Max aponta para a mesa. Há um pequeno cofrinho metálico em um canto dela. O porquinho tem pequeninas pernas, orelhas e focinho de metal. Ele está manchado e velho.

– Era da senhora Patterson quando ela era pequena – diz Max, parecendo ler a minha mente.

A Sra. Patterson foi esperta em deixar Max arrumar o quarto. Aposto que arrumar o quarto ajudou a entreter Max no primeiro dia. Ele nunca deixa suas peças de *Legó* bagunçadas, e não faz nada antes de ter organizado tudo em diferentes pilhas. E no jardim de infância, ele costumava organizar todas as peças de *Legó* da sala de jogos antes de ir para casa. Caso contrário, ficava incomodado durante toda a noite. Aposto que, se não tiver ficado empacado, Max esteve bem ocupado durante o primeiro dia dele aqui.

– Max, se você está com medo da Sra. Patterson, então este lugar não é bom para você.

– Eu não tenho medo dela quando ela está feliz. E agora você está aqui. Eu me sinto muito melhor agora. Enquanto você estiver aqui, tudo vai ficar bem. Eu sei disso. Falei para a senhora Patterson que eu precisava de você, e ela disse que talvez você viesse. E você veio. Agora podemos ficar juntos aqui.

E neste exato momento entendo tudo. Percebo que nunca vou desaparecer enquanto Max estiver morando aqui, neste porão.

Os pais do Max estão sempre forçando-o a crescer, a conhecer novas pessoas; incitando-o a experimentar coisas diferentes. O pai do Max quer que ele entre para uma organização de esportes chamada *Farm League* no ano que vem. E a mãe dele quer ver se Max aprende a tocar piano. E eles mandam Max para a escola todos os dias, mesmo depois do menino dizer que Tommy Swinden quer matá-lo.

Nunca tinha pensado nisto antes, mas tenho que admitir: os pais do Max representam um verdadeiro perigo para a minha existência.

Os dois querem que Max cresça.

Já a senhora Patterson quer o contrário: ela quer manter Max neste quarto, feito especialmente para ele. Quer que ele fique em segurança. Ela não vai enviar um pedido de resgate ou cortar Max em pedacinhos. Ela quer apenas mantê-lo aqui, como se ele pertencesse a ela. Completamente trancado e seguro. Ela é um demônio sob a pálida luz do luar. Só que ela não é um demônio do

cinema ou da televisão. A Sra. Patterson é um demônio real, e talvez eu devesse estar dançando com ela, afinal.

Se Max ficar aqui, eu vou continuar existindo enquanto ele viver. Eu seria o amigo imaginário com mais tempo de existência, mais do qualquer outro amigo imaginário na Terra.

Se Max ficar neste quarto, talvez nós dois pudéssemos ser felizes para sempre.

# Capítulo 38



Max e eu estamos brincando com os soldadinhos quando a porta se abre e a Sra. Patterson entra. Ela está vestindo uma camisola cor-de-rosa.

Fico meio sem graça, afinal, estou olhando para uma professora na sua roupa de dormir.

Max não olha para ela; continua com a cabeça abaixada. Ele está concentrado, olhando para a pilha de soldadinhos na frente dele. Os soldadinhos acabam de ser atingidos por algo chamado “míssil de cruzeiro”. Na verdade, foi apenas um lápis de cor que Max deixou cair de um avião de plástico, mas que atingiu todas as fileiras organizadas de soldados.

– Você estava brincando com os soldadinhos? – a Sra. Patterson pergunta. Ela parece surpresa.

– Sim – Max responde. – Budo está aqui.

– Ah, ele está? Fico muito feliz por você, Max.

Ela realmente parece feliz. Acho que ela está aliviada de saber que Max tem alguém para brincar, mesmo que ela pense que eu não existo. Provavelmente, a senhora Patterson deve estar achando que Max está se acostumando ao novo quarto, por isso que estou de volta.

Ela não imagina como foi difícil chegar aqui.

– É hora de dormir – diz a Sra. Patterson. – Você já escovou os dentes?

– Não – responde Max, ainda olhando para baixo. Ele segura um franco-atirador de cor cinza na mão. E vira e revira o franco-atirador enquanto fala.

– Você vai escovar os dentes? – ela pergunta.

– Sim – diz Max.

– Quer que eu coloque você na cama?

– Não – responde Max rapidamente. Ele sempre responde às perguntas desse jeito, e fala a palavra *não* bem mais rápido, mesmo sendo apenas uma palavra curta: *Não*.

– Tudo bem, mas você precisa estar na cama e apagar as luzes em quinze minutos.

– OK – responde Max.

– Então, boa noite Max!

A voz da senhora Patterson se eleva quando ela diz as três últimas palavras, como se esperasse que Max dissesse algo. Ela está esperando que ele também diga “Boa noite” e finalize o ritual dos cumprimentos de fim de noite. Ela fica perto da porta por alguns instantes, ainda esperando a resposta do Max.

Max volta a olhar para o franco-atirador e não diz nada.

Quando a Sra. Patterson percebe que Max não vai responder, o rosto dela se entristece. Os olhos, e tudo no rosto dela refletem tristeza. E por um instante me sinto mal por ela. A Sra. Patterson pode até ter roubado Max, mas não vai fazer mal a ele. Neste pequeno momento de tristeza, percebo que ela nunca faria mal a ele.

Ela ama Max.

Eu sei que uma pessoa que perdeu o próprio filho não pode simplesmente roubar um garotinho dos pais dele. E também sei que, provavelmente, ela é um demônio e um monstro. Mas por uma fração de segundo ela parece mais uma senhora triste do que um monstro. Acho que ela pensou que Max a faria feliz, mas, até agora, isso não aconteceu.

Ela finalmente sai, fechando a porta atrás dela, sem dizer outra palavra.

– Será que ela vai voltar para olhar você? – pergunto eu.

– Não – o meu amigo responde.

– Então, por que não brincamos a noite toda?

– Acho melhor não. Ela não vai espiar pela porta, mas acho que mesmo assim saberia.

Max vai até a porta onde está escrito *Garotos* e a abre. Há um banheiro do outro lado. Ele pega uma escova de dentes debaixo da pia, coloca um pouco de pasta na escova e começa a escovar os dentes.

– Como ela sabia que deveria comprar essa marca de pasta de dentes? – pergunto.

Esse é o único creme dental que Max usa.

– Ela não sabia – responde ele, ainda com a escova na boca. – Eu falei para ela.

Eu poderia perguntar mais sobre a pasta de dentes, mas não o fiz. Ou Max ficou empacado na primeira noite, quando a Sra. Patterson tentou fazer com que ele usasse qualquer outro creme dental (aconteceu isso uma vez quando o pai do Max tentou mudar a pasta), ou ela perguntou, antes que ele precisasse escovar os dentes, qual ele queria.

Ela provavelmente perguntou para Max. Embora a Sra. Patterson tenha mudado tudo na vida dele, ela também sabe que qualquer mudança é um problema para ele. O pai do Max também sabe bem disso, mas mesmo assim continua tentando mudar as coisas, mesmo quando ele sabe que Max vai ficar empacado. A mãe do Max também entende. Mas ela tenta mudar as coisas devagar, para Max não perceber. O pai do Max simplesmente muda as coisas, como no caso da marca da pasta de dentes.

– Este quarto é legal – eu falo enquanto Max coloca o pijama.

É um pijama com estampa de camuflagem. Não é o pijama que ele normalmente usa, mas dá para dizer que ele gosta muito deste. Quando Max termina de se vestir, ele vai para o banheiro se olhar no espelho.

– Este lugar é muito legal – eu falo outra vez.

Max não responde.

Fico pensando que ele não parou de girar o soldadinho na mão quando a Sra. Patterson estava falando com ele, e que ele fazia questão de não olhar para ela. Max disse que era um bom quarto e que poderíamos ficar juntos aqui. Eu acredito nele, mas acho que existem outras palavras por trás do que ele está dizendo. Palavras ocultas por essas palavras.

Max está com medo. E triste.

Parte de mim quer esquecer o jeito que ele estava olhando para aquele soldadinho. É a parte que quer me convencer a esperar alguns dias, um mês, ou até mesmo um ano, porque Max vai acabar gostando do quarto novo e talvez até da senhora Patterson. É o pedaço de mim que quer que eu acredite que Max vai ficar bem,

como ele disse que ficaria, pois isso significa que posso existir para sempre.

Mas outra parte de mim quer salvar Max agora, antes que seja tarde demais. Antes que aconteça alguma coisa que eu não possa prever. Existe uma parte de mim que acredita que eu sou a única chance do Max, e que devo fazer alguma coisa o mais rápido possível.

Agora.

Estou parado entre as duas partes de mim. Empacado como Max. Quero muito salvar nós dois, mas não sei se posso.

Eu não sei quanto do Max posso perder para me salvar.

# Capítulo 39



Finalmente Max dormiu.

Depois de escovar os dentes ele apagou as luzes e deitou na cama. Eu sentei em uma cadeira próxima e esperei que ele arrumasse os travesseiros. Como em casa.

Exceto que aqui há nove luzinhas noturnas ligadas nas tomadas da parede, seis a mais do que no quarto do Max na casa dele, portanto, não está realmente escuro.

Fiquei esperando que Max dissesse alguma coisa, mas ele só ficou lá deitado, olhando para o teto. Até perguntei se ele queria conversar, porque temos o costume de conversar antes de dormir. Mas ele fez que não com um gesto de cabeça.

Depois de um tempo ele sussurrou.

– Boa noite, Budo.

E foi só isso.

Depois de um longo tempo ele adormeceu.

Continuo aqui sentado desde que Max dormiu, só me perguntando o que devo fazer. Ouço o compasso da respiração dele. Max tosse e se revira um pouco, mas não acorda. Se eu fechar os olhos e só ficar ouvindo Max, é quase como se estivéssemos em casa de novo.

Só que se estivéssemos em casa, eu estaria sentado na sala agora, assistindo à televisão com os pais do Max.

Eu já estou com saudades deles.

Estou me sentindo preso dentro deste quarto. Como um prisioneiro, assim como Max. Olho na direção da porta e me pergunto: como vou salvar Max, se nem mesmo eu consigo escapar daqui?

E daí eu sei o que fazer.

Então me levanto e vou até a porta. Dou três passos e atravesso a porta. Um segundo depois estou de volta na parte do



porão que tem a pequena mesa de tênis e as escadas. Como não há luzes noturnas aqui, está escuro como um breu.

Conseguí atravessar a porta da parede onde Max está justamente porque ela se parece com uma porta. Max chama isso de porta. Ele até disse que a Sra. Patterson não espiaria através da porta, o que significa que é uma porta para Max, e, se é uma porta, eu consigo atravessá-la. Essa é a concepção dele de portas.

Mas a porta supersecreta deste lado da parede não é uma porta na imaginação do Max, então eu não posso atravessá-la. Na cabeça do Max isto é uma parede. Mas só para checar, eu me viro e volto para trás, caminhando na direção da parede. Está tão escuro que dou de cara na parede (que também é uma porta), e com mais força do que eu esperava.

Eu estava certo: deste lado, é só uma parede.

Começo a achar que tudo isso foi uma péssima ideia. Se Max acordar, não poderei voltar para o quarto e avisá-lo de que ainda estou aqui. Na verdade, eu nem vou saber se ele está acordado. Deixei Max sozinho mais uma vez e ele vai saber disso. Eu cometi outro grande erro.

Então decido caminhar até a outra extremidade da sala, bem rente à parede, para encontrar o caminho e checar até a escada. Subo devagar os degraus, apoiando-me na ideia do corrimão. Então atravesso a porta no final da escada e apareço no corredor entre a cozinha e a sala de estar. A Sra. Patterson está na cozinha. Vejo diversas embalagens sobre a mesa, várias sopas enlatadas, caixas de macarrão com queijo. Ela está colocando as latas e as caixas dentro de outra caixa: uma caixa maior, de papelão.

Essas são as duas comidas favoritas do Max.

Outras quatro caixas de papelão estão empilhadas em cima da mesa. As tampas das caixas estão fechadas, por isso não vejo o interior delas. Por um momento penso que essas caixas são importantes, mas depois concluo que não. Estou procurando por pistas, e o único problema é que não há pistas. Max está trancado dentro de uma sala secreta no porão e ninguém mais sabe que ele está aqui. E isso não é nada misterioso. Só é muito ruim.

A Sra. Patterson termina de guardar o restante das embalagens de sopa e de macarrão com queijo dentro da caixa e depois a fecha. Ela adiciona essa à pilha de caixas no outro lado da mesa. Então lava as mãos na pia e começa a cantarolar.

Ao terminar, a senhora Patterson passa por mim e sobe as escadas. Eu a sigo. Não tenho mais nada a fazer. Eu não posso sair da casa. Embora a sala secreta não possa me prender lá, eu estou preso dentro da casa. Não sei onde estou nem onde estão as outras coisas. Não há postos de gasolina, delegacias ou hospitais para visitar. Max está aqui. Não posso ir embora sem ele. Eu prometi a Max que nunca o deixaria, mas cada vez mais percebo que, se quiser salvá-lo, tenho que sair desta casa.

No chão do quarto da Sra. Patterson tem umas caixas de papelão que não estavam aqui antes. Ela abre a cômoda e começa a tirar as roupas e a colocar tudo dentro das caixas. Ela não está mudando todas as roupas de lugar. Ela primeiro olha cada peça e depois decide se vai para a caixa ou não. Agora começo a achar que as caixas de papelão podem, sim, ser uma pista a seguir, afinal de contas. Colocar comida dentro de uma caixa não é comum, mas não é tão estranho quanto colocar roupas dentro de uma caixa.

Depois de completar cinco caixas com roupas, sapatos e um roupão de banho, a Sra. Patterson leva as caixas para o andar térreo da casa e as coloca junto com a pilha de outras caixas em cima da mesa. Em seguida, sobe novamente as escadas e escova os dentes. Fico com a impressão de que ela está se preparando para dormir, então saio dali. Ela é a vilã, mas não é por causa disso que preciso ficar assistindo-a passar o fio dental e lavar o rosto.

Vou para o quarto vago e sento em uma cadeira para pensar. Eu preciso de um plano.

Queria muito que Graham estivesse aqui.

# Capítulo 40



Escuto a voz do Max. Ele está me chamando; gritando o meu nome. Levanto-me e saio correndo pelo corredor. Estou confuso. A voz dele não vem do porão, mas do quarto da Sra. Patterson. Vou até lá e atravesso a porta do quarto dela. O sol se infiltra pela janela. Olho diretamente para a luz e fico cego por um instante. Fecho os olhos e vejo manchas alaranjadas flutuarem na minha frente. Continuo ouvindo Max chamando o meu nome. O som vem deste quarto, e ao mesmo tempo parece estar distante, como se o meu amigo estivesse embaixo de um cobertor ou trancado em um armário. Ao abrir os olhos, vejo a Sra. Patterson. Ela está sentada, olhando para o telefone. Com a diferença de que não é um telefone. É um aparelho maior, mais robusto. Tem até uma tela, que é para onde a Sra. Patterson está olhando. A voz do Max vem do aparelho que não é um telefone, portanto, um não telefone.

Vou até o outro lado da cama da Sra. Patterson. Olho por cima do ombro dela para ver de perto esse não telefone. Max está aparecendo na tela. A imagem é em branco e preto, e cinza, mas mesmo assim consigo vê-lo e ouvi-lo. Ele está sentado na cama e gritando o meu nome.

O meu amigo está tão assustado...

A Sra. Patterson e eu nos levantamos ao mesmo tempo. Ela está de um lado da cama e eu, do outro. Ela calça um par de chinelos e sai do quarto.

Eu a sigo.

Ela vai direto para o porão. Estou logo atrás dela. Dá para ouvir Max gritando pelo não telefone, mas não dá para ouvir nada do outro lado da parede. É estranho. Ele está exatamente atrás daquela parede, mas não consigo ouvir nem um pio, mesmo sabendo que ele está gritando.

A Sra. Patterson abre a porta secreta e entra. O grito dele enche o quarto.

Eu fico parado bem atrás dela. Não quero que Max me veja nem que diga o meu nome. Ele está gritando o meu nome, mas tudo bem. Só não quero que Max me veja e diga algo como: “Budo! Você voltou! Onde você estava? Por que você estava com a Sra. Patterson?”.

Tenho medo de que, se Max fizer isso, a senhora Patterson descubra que eu estava fora daquele quarto secreto, espiando ela.

Sei que isso não iria acontecer, porque a Sra. Patterson não acredita que eu exista, mas me esqueço desse detalhe nos primeiros instantes, assim que entro do quarto secreto. É fácil esquecer que as pessoas não acreditam na sua existência.

Quando dou o primeiro passo para dentro do quarto, fico receoso de ser pego pela Sra. Patterson. Ela é uma pessoa má e eu não quero que ela fique brava comigo, mesmo que ela ache que eu não existo.

– Max, está tudo bem – diz a Sra. Patterson, caminhando na direção da cama dele, mas parando alguns metros antes, o que é uma atitude inteligente. Tentar se aproximar muito do Max quando ele está chateado é o que a maioria das pessoas quer fazer, mas não é o que se deve fazer. A Sra. Patterson é realmente bem esperta.

Ela é, de fato, o tal demônio sob a pálida luz do luar.

– Budo! – Max grita de novo.

O som da voz dele era mil vezes mais doído ao vivo. É a pior coisa que eu já ouvi. Sinto-me como o pior amigo do mundo. Assim que dou um passo para trás, saindo de trás da senhora Patterson, fico imaginando como vou fazer para deixar Max sozinho hoje.

– Estou aqui, Max – eu digo.

– Tenho certeza de que ele voltará – diz a Sra. Patterson, falando imediatamente depois de mim. E, por um momento, fico com a impressão de que ela pode me ouvir.

– Budo! – Max grita novamente, mas desta vez é um grito de felicidade. Ele finalmente me vê.

– Bom dia, Max – eu digo. – Desculpe. Empaquei na porta do lado de fora do quarto.

– Empacado? – pergunta Max.

– O que está empacado? – pergunta a Sra. Patterson.

– Budo ficou empacado – diz Max. – Não é?

Ele olha direto para mim quando pergunta isso.

– Sim – respondo eu. – Conto tudo sobre isso para você quando estivermos sozinhos.

Uma coisa que aprendi é que Max fica muito confuso se tiver que conversar comigo e com seres humanos ao mesmo tempo. Então tento evitar esse tipo de situação sempre que posso.

– Tenho certeza de que Budo pode desempacar sozinho – diz a Sra. Patterson. – Não se preocupe.

– Ele já está desempacado – responde Max.

– Ah, que ótimo – fala a Sra. Patterson, como se acabasse de recuperar o fôlego depois de passar um longo tempo debaixo d'água. – Fico feliz por ele estar de volta.

– OK – responde Max.

Parece uma resposta estranha, mas a verdade é que Max nunca sabe o que dizer quando as pessoas dizem como elas se sentem. A maior parte das vezes ele não fala nada; apenas espera que a pessoa converse sobre algo diferente. Mas OK é a sua resposta de segurança.

– Você pode se trocar sozinho? – indaga a Sra. Patterson. – Ainda nem comecei a preparar o seu café da manhã.

– Sim – responde Max.

– Muito bem – diz a Sra. Patterson.

Ela para no batente da porta outra vez, esperando. Não tenho certeza se ela está esperando que Max diga mais alguma coisa ou tentando pensar em alguma coisa para dizer. De todo modo, ela parece triste. Max nem percebe a presença dela. Ele já está com uma miniatura do caça *X-wing* nas mãos, apertando o botão que faz as asas abrirem.

A Sra. Patterson suspira e depois vai embora.

Quando a porta se fecha completamente e faz um clique, Max para de olhar para o brinquedo.

– Onde você estava? – ele pergunta.

Eu sei que ele está muito bravo porque ele me encara ao fazer essa pergunta, apesar de ter um brinquedo de *Guerra nas estrelas* na mão.

– Eu saí do quarto ontem à noite, mas não consegui entrar de novo.

– Por que não? – indaga Max, e seus olhos voltam a prestar atenção na espaçonave.

– Neste quarto tem uma porta, mas do outro lado é uma parede.

Max não diz nada. E isso só pode significar duas coisas: que ele entendeu o que eu disse ou que parou de se importar com a minha resposta. Geralmente eu consigo distinguir, mas desta vez, não.

Max deixa o caça *X-wing* sobre o travesseiro e se levanta da cama. Vai até o banheiro e abre a porta. Então se vira e olha para mim.

– Prometa que nunca mais vai me deixar sozinho de novo!

Eu prometo, mesmo sabendo que vou ter que deixá-lo sozinho em breve.

# Capítulo 41



Penso em não contar nada para Max sobre o fato de que estou indo embora. Acho que será mais fácil para ele se eu sair sorrateiramente. Então caio na real de que sair sem ser percebido seria mais fácil para mim. Não para Max.

Só tenho medo de que ele fique tão bravo comigo que passe a não acreditar mais na minha existência.

Gostaria de saber o que fazer.

Pensei que Max permaneceria trancado neste porão e que eu teria tempo para elaborar algum plano de resgate. Mas agora estou achando que ele pode não ficar preso aqui, e que o meu tempo para ajudá-lo, mesmo antes de eu começar a fazê-lo, está acabando.

Secretamente, até desejei que ele se apaixonasse por este lugar e que talvez pudéssemos ficar aqui para sempre. Eu sei que seria ruim não ajudar Max, mas também seria ruim deixar de existir. Os leões comem as girafas para sobreviver, mesmo que as girafas não façam nada para eles, e ninguém os considera maus por isso. Porque existir é muito importante. É a coisa mais importante de todas. Portanto, sei que devo ajudar Max, eu quero ajudar Max, e quero tomar a decisão correta, mas também quero continuar existindo.

É muita coisa para pensar, e agora estou preocupado de não ter mais tanto tempo assim para pensar.

Max terminou o café da manhã e está jogando video game. Ele está dirigindo um carro em um jogo de corrida. Eu assisto a ele jogar, porque Max gosta quando fico olhando ele jogar video game. Ele não fala nem me faz perguntas, só precisa que eu assista a ele jogar.

A porta se abre. A senhora Patterson entra no quarto. Ela está com as roupas que usa para ir trabalhar na escola e toda perfumada. Sinto o perfume dela antes mesmo de vê-la.

Nem todos os amigos imaginários podem sentir cheiros, mas eu tenho um bom olfato.

O perfume dela tem um aroma de flores antigas. Ela está vestindo uma calça cinza, camisa e jaqueta. E segura uma lancheira do *Transformers* em uma das mãos.

– Max – diz a Sra. Patterson. – Eu tenho que ir trabalhar.

Ela fala como se estivesse mergulhando a voz dentro da água para ver quanto está fria: lenta e cuidadosamente.

Max não responde. Ele dificilmente responde à mãe ou ao pai quando está jogando video game, por isso não tenho certeza se ele está, ou não, ignorando a Sra. Patterson de propósito.

– Coloquei o seu almoço na lancheira – ela diz. – Sopa na garrafa térmica, iogurte e laranja. Sei que não deve ser divertido comer a mesma coisa todos os dias, mas como não estarei aqui, tomei o cuidado de não colocar nada com que você possa se engasgar.

Ela espera que Max diga algo, mas ele continua olhando para a pista de corrida na tevê.

– Mas não se preocupe – a senhora Patterson continua. – Logo ficaremos juntos o dia todo, está bem?

O meu amigo continua em silêncio, olhando para a televisão.

– Vou sentir saudades de você hoje, Max – diz a Sra. Patterson.

Ela fala como se estivesse tentando capturá-lo com a sua voz, como eu faço às vezes. A senhora Patterson está jogando uma corda, mas eu sei que Max não vai agarrá-la. Ele está jogando video game. Nada mais importa.

– Eu sinto a sua falta todos os dias, Max – diz ela. – E quero que você saiba que tudo que estou fazendo é por você. Logo as coisas irão melhorar bastante, está bem?

Agora eu quero que Max responda. Quero que ele pergunte à Sra. Patterson sobre o que ela está falando. Como assim, as coisas vão mudar?

Mas em vez disso, ele continua com o olhar fixo na tela enquanto pilota o carro de corrida.

– Tchau, Max. Volto logo.

Ela quer dizer “eu amo você”. Eu sei disso. Consigo até ver essas três palavras penduradas nos lábios dela. E acredito que ela realmente ame Max, e muito. Fico com pena da Sra. Patterson mais



uma vez. Ela roubou Max, e mesmo que diga que foi para o próprio bem dele, eu sei que ela quer ter de novo um filho. Só que o garoto que ela roubou fala só um pouquinho a mais do que o menininho morto dela.

A Sra. Patterson sai do quarto e fecha a porta. Quando a porta se fecha fazendo um clique, Max desvia o olhar da tevê. Ele olha para a porta por alguns instantes e logo volta a fixar os olhos no carro dele correndo na pista.

Fico parado, assistindo a Max e ao jogo dele, esperando perto da porta. Então conto até cem. Abro a boca para falar, mas resolvo contar até cem mais uma vez.

Quando termino de contar o segundo cem, resolvo falar.

– Também tenho que sair, Max – eu digo.

– O quê? – pergunta Max, tirando os olhos do jogo.

O que vou fazer agora não é nada fácil, porque tenho que falar uma coisa importante e preciso fazer com que Max entenda. Mas não tenho muito tempo. Não saí antes por medo de a Sra. Patterson voltar ao ouvir Max gritando no não telefone dela. E talvez, por conta disso, decidisse nem ir trabalhar e ficar em casa. Eu preciso que ela esteja indo para a garagem neste instante, mas não tenho como saber se ela já está lá ou não. contei até cem duas vezes, para que ela tivesse tempo de sobra para entrar no carro. Talvez tenha tido até tempo demais e eu já esteja atrasado.

– Estou saindo, Max – digo eu. – Mas só durante o dia. Vou para a escola com a Sra. Patterson, assim posso ver como está a professora Gosk e verificar se os seus pais estão bem. Depois da escola eu volto com ela.

– Também quero ir – anuncia Max.

Sinceramente, eu não esperava por essa. Não sei nem o que dizer. Fico imóvel, boquiaberto, até as palavras voltarem para mim.

– Eu sei – finalmente consegui dizer. – Mas não posso tirar você do quarto. Você não pode atravessar portas como eu.

– Também quero ir! – grita Max. – Quero ver a professora Gosk, a Mamãe e o Papai! Eu quero ver a Mamãe e o Papai!

Max nunca chama os pais dele de *Mamãe* e *Papai*. Então, quando o escuto pronunciando essas palavras, começo a pensar que não vou ser capaz de sair do quarto. Nunca mais vou conseguir

deixar Max sozinho de novo. Seria algo muito malvado e triste de fazer.

– Eu vou dar um jeito de tirar você deste quarto – prometo a Max.

Falo isso para deixá-lo feliz, mas assim que essas palavras saem da minha boca, percebo que não preciso de tempo para decidir o que tenho que fazer. Não sou um leão, e Max, muito menos, é uma girafa. Eu sou Budo e Max é o meu amigo, e sempre houve apenas uma coisa a fazer: a coisa certa. Isso não quer dizer que eu tenha que deixar de existir, mas que eu preciso parar de pensar somente na minha existência.

Isso significa que preciso ir embora agora.

– Max, estou indo. Mas voltarei. E prometo que você vai ver a sua mãe e o seu pai logo. Você tem a minha palavra.

É a segunda promessa que faço a Max nesta manhã. Estou a ponto de quebrar a primeira.

Max grita quando eu ando até a porta.

– Não, não, não, não! – ele berra.

Max vai ficar empacado se eu sair.

Se eu atravessar a porta, não vou poder voltar para este quarto até a Sra. Patterson abrir a porta de novo, quando voltar da escola.

Mesmo assim, atravesso a porta, ciente de que as decisões mais difíceis de tomar costumam também ser as mais acertadas.

Peço a alguém que sei que não está me ouvindo, que me perdoe por quebrar a promessa que fiz a Max, mas preciso deixar o meu amigo para trás.

Chego ao porão e ouço outro som. Atrás de mim está o quarto à prova de som onde está Max, e aqui ouço o barulho da caldeira, além do zumbido e do gotejar da água passando pelos canos que ecoam pelo resto do porão. Provavelmente Max está esmurrando a porta atrás de mim, mas não posso ouvi-lo. Fico contente com isso. Imaginar ele ficando empacado atrás desta parede me enche de tristeza e culpa. Ouvir tudo isso acontecer seria pior ainda.

Escuto o som de uma porta batendo. Na hora me lembro do que tenho que fazer. Atravesso a sala correndo e subo rápido as escadas. Viro no corredor e entro na cozinha. As caixas de papelão

que estavam empilhadas lá ontem à noite não estão mais lá. E não vejo a Sra. Patterson.

Então escuto o som da partida de um motor, e, instantes depois, o som do portão da garagem se abrindo.

Eu penso em correr para a garagem, mas percebo que é tarde demais. Viro à direita e sigo na direção da porta de entrada. Atravesso essa porta e, ao sair do outro lado, caio, tropeçando em um degrau que eu não sabia que existia. Eu tropeço e rolo até o caminho de pedras que circunda a casa e leva até a garagem. Levanto rápido e corro, ainda meio cambaleando. Meus pés se arrastam no chão nos primeiros passos. Eu continuo correndo até chegar na frente da casa e vejo a entrada pavimentada que vai da garagem até a rua. O carro da senhora Patterson já está quase na metade dessa entrada. Como o carro dela está de frente, ela não precisa sair bem devagar como quando se dirige de ré.

Não vai dar tempo de alcançar o carro. Ele já está longe. Max não me imaginou correndo com tanta rapidez. A verdade é que ele nunca imaginou que, algum dia, eu fosse precisar correr tão rápido.

Mas mesmo assim saio correndo. Nem pensar na possibilidade de passar o dia inteiro na casa da Sra. Patterson sabendo que Max está aprisionado atrás de uma parede e eu sem poder chegar até ele. Desço o morro correndo o mais rápido que posso e chego na metade da entrada pavimentada da garagem. Estou correndo tão rápido que estou quase a ponto de cair, meio correndo, meio cambaleando. É aí que me dou conta de que, mesmo com toda essa correria, não vou conseguir alcançar a senhora Patterson.

Então vejo outro carro vindo pela rua. Um carro verde que vai passar bem na frente da entrada da garagem da Sra. Patterson. Ela vai ser obrigada a diminuir a velocidade, ou até mesmo parar, para que o outro carro passe.

Agora tenho uma chance.

E logo quando começo a pensar que vou conseguir, passo o limite entre correr e cambalear e vou rolando sem parar. Mantenho os braços pressionados contra os ouvidos para proteger a minha cabeça, e então, de alguma maneira, giro e consigo ter impulso para ficar em pé novamente. Um segundo depois, estou correndo de novo, ainda de forma meio descontrolada, mas na direção certa: a entrada da garagem e o carro da Sra. Patterson. Meus pés estão tremelicando, e meus braços estão estendidos, tentando me ajudar a

manter o equilíbrio. Mas estou em pé e continuo correndo, no encalço dela.

O carro da Sra. Patterson parou no final da entrada da garagem e o carro verde está passando na rua, exatamente na frente dela. Eu dou uma guinada à esquerda e corro pela grama. Não vou chegar ao final da entrada da garagem a tempo, mas talvez possa alcançar o carro quando ele virar para entrar na rua. Corro na direção do canto mais distante do gramado em frente à casa, onde ele acaba em uma parede de pedra e uma fileira de árvores. Continuo correndo o mais rápido que posso naquela direção, enquanto o carro da senhora Patterson faz uma curva e acelera. Se eu não pular, não vou conseguir. Quando chego ao final do gramado, onde começa o asfalto, dou um salto e fecho os olhos, com medo de me chocar contra o para-choque, ou contra as rodas do carro da Sra. Patterson.

Em vez disso, escuto o zumbido quase silencioso que escuto sempre ao atravessar uma porta. E um segundo depois estou deitado, todo desengonçado, no chão do banco de trás do carro, tentando recuperar o fôlego.

Então ouço a Sra. Patterson. Ela está cantando.

É uma música sobre martelar de manhã e martelar ao anoitecer.

Parece ser uma música alegre, mas cantada por ela, soa assustadora.

# Capítulo 42



A Sra. Patterson canta a tal canção do martelo duas vezes e depois liga o rádio. Ela está escutando as notícias. Presto atenção para saber se alguma notícia fala sobre Max. Nenhuma.

Será que a senhora Patterson também está ouvindo o rádio só para saber se há notícias sobre Max?

Já faz um tempo que ela está dirigindo por uma via expressa, e começo a achar muito estranho, porque sei que a Sra. Patterson mora perto da escola. A viagem da escola até a casa dela ontem levou menos de quinze minutos, e eu não me lembro de termos entrado em uma via expressa para chegar lá.

O relógio no painel marca 7h36. O primeiro sinal da escola toca às 8h30, então ainda temos muito tempo para chegar lá, mas esta via expressa está me deixando nervoso.

Aonde será que estamos indo?

Tento não pensar em Max. Tento parar de imaginá-lo aprisionado atrás daquela parede e completamente sozinho. Faço de tudo para não ouvir ecoar na minha cabeça a voz dele chorando por mim. Tento prestar atenção na estrada, ler as placas de sinalização e observar a Sra. Patterson, tudo para conseguir alguma pista. Mas a minha mente continua imaginando Max gritando, chorando e batendo nas paredes pedindo ajuda.

“Eu estou ajudando”, quero dizer a Max, mas mesmo que eu pudesse, sei que ele não acreditaria em mim. É difícil ajudar quando somos obrigados a quebrar promessas e deixar um amigo sozinho atrás de uma parede.

Escuto um barulhão acima da minha cabeça e na hora sei que é um avião. Nunca tinha ouvido um avião voando tão baixo, mas vi e escutei muitas aeronaves na televisão. E sei que o avião que está passando em algum lugar em cima de nós é bem grande. É um Jumbo.

Olho para cima pela janela. Quero ver o avião, mas não consigo. Em uma placa de sinalização verde da estrada lê-se *Aeroporto Internacional de Bradley*. Há outras informações na placa, mas ainda não leio tão rápido para conseguir ler tudo. Fico contente de ter conseguido ler a palavra *internacional*, porque não é uma palavra fácil. Olho para a frente e vejo prédios baixos, estacionamentos altos, ônibus, carros e várias placas de sinalização por toda a parte. Eu nunca estive em um aeroporto antes, mas esperava ver aviões. Não vejo nenhum. Posso escutá-los, mas não posso ver um mísero avião.

A Sra. Patterson sai da via principal e leva o carro devagar até um portão. Ela para o carro bem ao lado da máquina que emite bilhetes, desce o vidro da janela e se debruça nele para apertar o botão. Há um aviso na máquina que diz: *Estacionamento (longa permanência)*. Não sei o que isso significa, mas estou começando a me perguntar se cometi mais um erro: será que a Sra. Patterson vai pegar um avião para algum lugar? Será que ela está preocupada que a polícia esteja quase achando Max?

Já vi gente sendo presa em aeroportos antes. Na tevê. São sempre vilões tentando deixar o país. Nunca entendi por que a polícia simplesmente não sai do país e prende os vilões no outro país. Vai ver que é isso que a Sra. Patterson está fazendo. Talvez ela tenha ficado sabendo que a Sra. Gosk ou o delegado Norton solucionaram o mistério e já descobriram quem roubou Max. E agora ela tem que escapar ou vai acabar na cadeia.

A máquina faz um barulho e imprime um bilhete. A Sra. Patterson vai dirigindo até uma área do estacionamento que está lotada de carros. Deve haver centenas deles, e há uma área coberta próxima dessa área do estacionamento, repleta de carros também.

Ziguezagueamos entre as fileiras de carros. O carro da senhora Patterson passa por vários lugares vazios, mas ela não para em nenhum deles. Ela está dirigindo como se tivesse um lugar certo para ir em vez de estar procurando um lugar para estacionar.

Finalmente a Sra. Patterson diminui a velocidade e estaciona o carro em uma vaga. Ela sai do carro. Eu também saio. Estou muito longe de casa para me perder agora. Onde quer que a Sra. Patterson for, eu vou junto.

Ela abre o bagageiro. As caixas que estavam empilhadas na mesa da cozinha estão ali dentro. Ela pega uma das caixas e caminha pelo corredor de carros para o outro lado do

estacionamento. Ela anda pelo corredor, passa três carros e para em frente a uma van imensa. Um ônibus, na verdade. Parece uma daquelas casas sob rodas. Um veículo casa-van-ônibus. A Sra. Patterson remexe os bolsos e tira uma chave. Então coloca a chave na porta e abre. Parece a porta do ônibus escolar do Max. É de tamanho normal. A Sra. Patterson sobe três degraus e entra no tal veículo casa-van-ônibus.

Eu a sigo.

Tem uma sala de estar lá dentro, bem atrás do banco do motorista. Há um sofá, uma cadeira confortável e uma mesa que está grudada no chão para não se mexer quando o veículo está em movimento. Tem também uma televisão presa na parede e uma cama beliche em cima do sofá. A Sra. Patterson coloca a caixa sobre o sofá, dá meia-volta e sai. Eu a sigo de volta para o carro e observo enquanto ela pega uma segunda caixa e a leva para o ônibus. Ela deposita a caixa ao lado da outra e sai novamente. Desta vez eu não a sigo. Fico onde estou. Ela tem mais seis caixas para trazer e quero ter tempo para dar uma olhada no resto do ônibus.

Passo pela sala de estar e chego a um corredor estreito. Há uma porta fechada à minha direita e uma pequena cozinha do lado esquerdo, com uma pia, um fogão, um micro-ondas e uma geladeira. Atravesso a porta da direita e entro em um pequeno banheiro, com uma pia e um vaso sanitário.

Um banheiro dentro do ônibus.

Se o ônibus escolar do Max tivesse um banheiro, ele nunca mais teria que se preocupar com cocôs extras.

Para falar a verdade, acho que Max jamais poderia fazer cocô em um ônibus escolar, mesmo que o ônibus tivesse um banheiro.

Atravesso a porta do banheiro e estou novamente no corredor. Vejo outra porta fechada no final do corredor. Olho para trás e percebo a Sra. Patterson deixando mais duas caixas no sofá. Quatro juntas. Mais duas ou três viagens e ela vai terminar.

Atravesso a porta no final do corredor. Quando abro os olhos, tenho o primeiro arrepio da minha vida. Já tinha ouvido sobre isso, mas nunca entendi, até agora.

Não acredito no que estou vendo.

Estou parado dentro de um quarto.

É o mesmo quarto onde Max está preso agora.

É menor, e tem menos lâmpadas. E há duas janelas ovais de cada lado do ônibus cobertas por cortinas. Mas as paredes são das mesmas cores que no quarto do Max no porão da casa da Sra. Patterson. E a cama é o mesmo carro de corrida, com os mesmos lençóis, os mesmos travesseiros e os mesmos cobertores. O mesmo tapete cobre o chão. E o lugar está repleto de peças de *Lego*, brinquedos de *Guerra nas estrelas*, e de soldadinhos. E tudo na mesma quantidade que no quarto do Max no porão. Ou talvez mais. Há uma televisão na parede e outro video game, além de outro rack de DVDs, tudo igualzinho ao quarto no porão da casa da Sra. Patterson. Até os DVDs são os mesmos.

Este é outro quarto para Max. Um quarto que pode se mover.

Escuto a Sra. Patterson deixando outra caixa no sofá, então me viro para sair. Não tenho ideia se ela vai dirigir este ônibus, se vai entrar de novo no carro dela, ou se pretende pegar um avião. Só sei que tenho que ficar com ela, aconteça o que acontecer. Eu nunca conseguiria voltar sozinho deste aeroporto.

Quando atravesso a porta, percebo a fechadura. Um trinco com cadeado.

Outro arrepio me percorre a espinha. Pela segunda vez na minha vida.

A Sra. Patterson traz as três últimas caixas do carro para dentro do ônibus e sai novamente. Eu a sigo. Volto para o meu lugar no banco de trás. Ela começa a tirar o carro da vaga, e vai cantando a canção do martelo de novo enquanto dirige pelos corredores do estacionamento até os portões de saída.

A senhora Patterson se inclina para uma cabine e entrega o ticket.

– Área errada? – o rapaz na cabine pergunta ao olhar para o bilhete.

– Não – responde a Sra. Patterson. – A minha irmã pediu para eu dar uma olhada no carro dela e deixar um casaco. Acho que pediu para eu trazer o casaco só para não se sentir tão boba por pedir para eu checar o carro. Ela é um pouco obsessiva-compulsiva.

O homem na cabine ri.

A Sra. Patterson é uma mentirosa das boas. Ela é como uma atriz de televisão. Ela está interpretando uma personagem em vez de ser ela mesma. Está fingindo ser uma mulher com uma irmã



obsessiva-compulsiva. Ela é boa nisso. Até eu teria acreditado nela se não soubesse quem raptou Max.

A Sra. Patterson pagou o homem da cabine e ele levanta a cancela. Ela acena para o homem ao sair.

O relógio no painel marca 7h55.

Espero que agora ela pegue o caminho da escola.

# Capítulo 43



A carteira do Max ainda está vazia. Mais uma vez, ele é o único aluno que faltou hoje, o que faz com que a carteira dele pareça ainda mais vazia. Nada mudou desde ontem, que parece ter sido milhões de anos atrás. O policial ainda está sentado na porta da frente. A professora Gosk ainda está fingindo ser ela mesma. E a carteira do Max ainda está vazia.

Se eu pudesse, sentaria no lugar do Max, mas a cadeira está encostada na carteira, por isso não tem lugar para eu sentar. Então me sento em uma cadeira do fundo da sala e fico prestando atenção na senhora Gosk, que explica as frações. Mesmo sem a animação de sempre, ela continua sendo a melhor professora do mundo: ela faz as crianças sorrirem e gargalharem mesmo quando estão aprendendo algo tão chato quanto numeradores e denominadores.

Acho que a senhora Patterson nunca teria roubado Max se tivesse tido a Sra. Gosk como professora.

Certeza que não.

Acho que a Sra. Gosk poderia transformar até Tommy Swiden em um garoto legal, se passasse um tempo com ele.

Quando tive certeza de que a Sra. Patterson tinha ido ao Centro de Aprendizagem, eu vim para cá, ficar na sala de aula da Sra. Gosk, só para assistir à aula dela. Não consigo tirar da cabeça o desespero do Max quando o deixei sozinho, lá naquele porão, e contava que me sentiria melhor só de assistir à aula da professora Gosk.

E deu certo. Pelo menos em parte.

Quando as crianças saem da sala para o recreio, sigo a Sra. Gosk até a sala dos professores. É o melhor lugar para descobrir tudo que está acontecendo. Ela almoça todos os dias com a Sra. Daggerty e a Sra. Fini. E as três sempre falam sobre os assuntos quentes da escola.

Existem dois tipos de professores no mundo: os que brincam de escola e os que ensinam. E a senhora Daggerty, a senhora Fini, e, especialmente, a senhora Gosk estão no segundo grupo. Elas falam com as crianças em um tom de voz normal, e falam coisas que diriam na casa delas. Os quadros de avisos dessas professoras parecem sempre meio mambembes, as mesas delas estão sempre um pouco bagunçadas, e as estantes de livros vivem meio fora de ordem, mas as crianças as adoram mesmo assim, porque elas falam sobre coisas reais com uma voz normal, e sempre dizem a verdade. É por isso que Max ama a senhora Gosk. Ela nunca finge ser uma professora. Ela simplesmente é ela mesma, e isso faz com que Max relaxe um pouco. Não é nenhum mistério.

Até Max consegue saber se um professor é daqueles que brincam de escolinha. Eles são os piores para fazer a criança se comportar. Eles só gostam dos garotos e garotas que ficam sentados bem bonzinhos nas suas carteiras, que escutam atentamente e que nunca brincam de atirar elásticos nos colegas. Esse tipo de professor quer que todos os alunos sejam como eles eram na época em que estudavam: todos muito organizados, perfeitos e amorosos. Professores que brincam de escola não sabem o que fazer com crianças como Max, Tommy Swinden ou Annie Brinker, que uma vez vomitou na mesa do professor Wilson de propósito. Eles não entendem nada de crianças como Max, porque são professores que prefeririam ensinar bonecos a crianças de verdade. Eles usam etiquetas, gráficos e cartões para fazer com que as crianças se comportem, mas nenhuma dessas bobagens realmente funciona.

A senhora Daggerty, assim como as senhoras Fini e Gosk, amam crianças como Max, Annie, e até mesmo como Tommy Swinden. Elas conseguem fazer com que esse tipo de criança queira se comportar, e não têm meias palavras para avisá-las quando estão perturbando. Por isso elas são as melhores professoras para dividir a mesa na hora do almoço.

A Sra. Gosk está comendo algo chamado “sanduíche de sardinha”. Não tenho ideia do que é *sardinha*, mas parece ser muito bom. A Sra. Daggerty torce o nariz quando a Sra. Gosk diz o que está comendo.

– A polícia falou com você de novo? – pergunta a senhora Daggerty em um tom de voz mais baixo.

Há mais seis outros professores na sala. Alguns deles são do tipo que brinca de escolinha.

– Não – responde a Sra. Gosk sem abaixar o tom de voz. – Mas é bom que façam bem o raio do serviço deles e encontrem logo Max.

Eu nunca vi a Sra. Gosk chorar, apesar de já ter visto muitos professores chorarem. A maioria é professora, mas já vi também professores homens chorando. Ela não está chorando agora, mas quando disse aquelas palavras, parecia estar com raiva, quase a ponto de chorar. Não eram lágrimas de tristeza, mas de fúria.

– Tem que ter sido um dos pais – fala a Sra. Daggerty. – Ou um parente. Crianças não desaparecem assim, do nada.

– Eu simplesmente não posso acreditar que já faz... o quê? Quatro dias? – pergunta a Sra. Fini.

– Cinco – responde a Sra. Gosk. – Cinco dias malditos.

– Não vi Karen o dia todo – comenta a Sra. Fini.

Karen é o primeiro nome da diretora Palmer. Os professores que brincam de escolinha a chamam de Sra. Palmer, mas professores como a Sra. Fini a chamam apenas pelo primeiro nome dela: Karen.

– Ela ficou trancada na sala dela a manhã inteirinha – conta a senhora Daggerty.

– É bom que ela esteja se matando de trabalhar para encontrar Max e não só se escondendo do mundo todo – diz a Sra. Gosk.

Vejo lágrimas surgindo nos olhos dela. A senhora Gosk fica com o rosto corado. Então se levanta da mesa e abandona o sanduíche de sardinha. A sala fica silenciosa quando ela sai.

Eu também saio.

A senhora Patterson tem uma reunião às duas da tarde com a diretora Palmer. Sei disso porque ela tentou marcar um encontro com a Sra. Palmer assim que esta chegasse à escola, mas a secretária disse que a senhora Palmer estaria ocupada até às duas da tarde.

– Está bem – diz a Sra. Patterson, mas daquele jeito que significa que não está nada bem.

Faço questão de estar na sala na hora dessa reunião.

Eu ainda tenho uma hora antes da reunião e os alunos da professora Gosk estão na aula de educação física. Ela está sentada na mesa dela, corrigindo lições, então eu vou para a sala da senhora

Kropp para ver Puppy. Eu não o vejo há cinco dias, o que é muito tempo no mundo dos amigos imaginários.

Puppy está deitado ao lado de Piper, que está lendo um livro. A boca dela se mexe, mas ela não pronuncia nenhuma palavra. Alunos do primeiro ano costumam ler desse jeito. Max também lia muito assim.

– Puppy – digo eu.

No começo eu falo sussurrando. É mais que um hábito. Não só meu, mas de todos, portanto eu também falo assim, baixinho. Daí percebo como é bobo ficar sussurrando dentro de uma sala onde somente uma pessoa pode me ouvir. Passo a falar em um tom de voz normal.

– Puppy! Sou eu, Budo.

Puppy nem se mexe.

– Puppy! – grito de novo, e desta vez ele dá um pulo e olha em volta.

– Você me assustou – diz, percebendo que estou na sala.

– Você também dorme? – pergunto.

– Claro que durmo. Por quê?

– Uma vez Graham contou que dormia... Eu nunca durmo.

– Sério? – comenta Puppy, enquanto caminha na minha direção.

As crianças estão lendo em silêncio e a Sra. Kropp está lendo com outras quatro crianças em uma mesa ao lado. Todos os alunos estão no primeiro ano, mas todos estão lendo sem ficar brincando nem olhando pela janela, porque a senhora Kropp também não é o tipo de professora que fica brincando de escolinha. Ela realmente ensina.

– Sério – respondo. – Eu nunca durmo. E nem sei como se faz para dormir.

– Fico mais tempo dormindo que acordado – diz Puppy.

Será que eu conseguiria dormir se tentasse? Nunca me senti cansado. Mas quem sabe, se eu me deitar em um travesseiro e fechar os olhos por um tempo? Talvez caia no sono. Aí me questiono se toda essa coisa de dormir pode tornar mais fácil esquecer como é fácil deixarmos de existir.

Por um momento fico com inveja de Puppy.

– Você tem alguma notícia do Max? – pergunto.

– Ele voltou? – pergunta Puppy.

– Não, ele foi raptado. Lembra?

– Eu sei disso. Mas pensei que talvez ele tivesse voltado.

– Você não escutou nada sobre esse assunto?

– Não – diz Puppy. – Você já encontrou Max?

– Eu preciso ir – respondo.

Não tenho mesmo que ir, mas tinha me esquecido de como é chato conversar com Puppy. Não só por ele ser burro, mas por ele achar que o mundo inteiro é como um daqueles livros de figuras que a senhora Kropp lê para os alunos do primeiro ano. Aqueles livros em que todas as personagens aprendem uma lição e ninguém morre. Puppy acredita que o mundo é um grande final feliz. Sei que não é culpa dele, mas, mesmo assim, não tenho paciência com ele. E não há nada que eu possa fazer para evitar isso.

Então me preparo para sair da sala.

– Talvez Wooly saiba de alguma coisa – diz Puppy.

– Wooly?

– É... Wooly.

Puppy não tem mãos, só patas. Por isso ele acena com a cabeça na direção do vestiário. De pé, contra a parede, há um boneco de papel quase da altura da minha cintura, e no começo acho que é um daqueles desenhos que traçam a silhueta do corpo. Max se recusou a fazer esse desenho no jardim de infância, quando foi pedido às crianças que se deitassem em grandes folhas de papel e uma desenhasse o contorno do corpo da outra.

A professora do Max tentou fazer o contorno dele e Max ficou empacado.

Mas, quando me aproximo, vejo o boneco de papel piscar. Depois ele acena com a cabeça para a esquerda e para a direita, como se estivesse tentando dizer “Olá” sem usar as mãos.

– Esse é Wooly? – pergunto a Puppy.

– Ele mesmo. Wooly.

– Quanto tempo faz que ele está aqui? – pergunto.

– Não sei – responde Puppy. – Já faz um tempinho.

Vou até o lugar dos casacos, onde Wooly parece estar pendurado.

– Oi – digo eu, e me apresento: – O meu nome é Budo.

– Eu sou Wooly – diz o boneco de papel.

Ele tem dois braços e duas pernas, mas pouco corpo. E parece ter sido recortado às pressas. *Imaginado às pressas*, corrijo mentalmente. As bordas do Wooly são irregulares e desiguais, e ele tem dobras por todo o corpo, como se tivesse sido dobrado de um milhão de jeitos diferentes.

– Há quanto tempo você está aqui? – pergunto.

– Nesta sala? – ele pergunta. – Ou no mundo inteiro?

Sorrio. Este é mais esperto do que Puppy.

– No mundo – específico.

– Desde o ano passado – começa a contar Wooly. – Desde o final do jardim de infância. Mas não venho muito para a escola. Kayla costumava me manter em casa ou dobrado dentro da mochila, mas ela está me levando para vários lugares e já faz vários dias. Talvez um mês.

– Qual delas é Kayla? – pergunto.

Wooly se inclina para apontar, mas quando faz isso, o corpo dele se dobra e desliza para o chão, o rosto dele virado para baixo, em um farfalhar de papel.

– Você está bem? – pergunto, meio sem saber bem o que fazer.

– Estou – responde Wooly, usando os braços e as pernas para se virar e assim poder olhar para mim. – Isso acontece muito comigo.

Ele está sorrindo. Ele não tem uma boca de verdade como a minha, apenas uma linha que abre, fecha e muda de forma. Mas as bordas dessa linha estão encurvadas, portanto, posso afirmar que ele está sorrindo.

Eu sorrio de volta.

– Você consegue se levantar? – pergunto, um pouco preocupado.

– Claro que sim – responde Wooly.

Eu observo Wooly dobrar a metade do corpo dele e movê-la para cima e para baixo, como se fosse uma minhoca, apoiando a

cabeça contra a parede e deslizando para cima. Ele faz o mesmo movimento mais duas vezes, apoiando-se em uma estante pequena e puxando-se para cima enquanto a metade do corpo dele o empurra. Quando termina, Wooly está de pé novamente, mas na realidade só está encostado na parede.

– Isso não é nada fácil – eu falo.

– Não mesmo. Até consigo me virar para andar por aí, arrastando a barriga, mas subir pela parede é bem mais difícil. Se eu não tiver nada em que me agarrar, é impossível.

– Que chato – comento.

– Tudo bem – diz Wooly. – Na semana passada conheci um garoto com formato de palito de picolé, sem braços nem pernas. Apenas um palito. Jason o trouxe para a escola, mas quando a Sra. Kropp o deixou experimentar primeiro o novo jogo de computador, ele jogou o menino palito de sorvete na carteira e se esqueceu dele. E eu fiquei aqui na parede, observando o menino sumir até desaparecer por completo. Em um minuto ele estava aqui, e no outro ele tinha desaparecido. Você já viu um amigo imaginário desaparecer?

– Já vi, sim – respondo.

– Eu chorei – diz Wooly. – Eu nem o conhecia, mas chorei. O garoto palito de picolé também. Ele chorou até desaparecer.

– Eu também teria chorado – comento.

Ambos ficamos quietos por um momento. Fico tentando imaginar como deve ter sido ser um garoto palito de picolé.

Chego à conclusão de que gosto bastante de Wooly.

– Por que Kayla está trazendo você para a escola agora? – pergunto.

Eu sei que quando uma criança começa a levar o amigo imaginário para lugares novos, geralmente significa que algo ruim aconteceu.

– O pai da Kayla saiu de casa. Ele bateu na mãe dela antes de partir, quando estavam jantando. Ele a acertou bem no rosto. Depois a mãe da Kayla atirou comida na cara dele, daí os dois começaram a gritar um com outro. Bem alto. Kayla chorou muito. E, então, depois disso, ela começou a me trazer para a escola.

– Sinto muito – digo, sendo muito sincero.



– Não – diz Wooly. – Tenha pena da Kayla. Eu até gosto de vir para a escola. Acho que isso significa que, pelo menos por um tempo, não irei acabar como o menino palito de sorvete. A minha amiga vem sempre ao bebedouro tomar água, mas na verdade só está se certificando de que estou aqui. É por isso que não estou mais socado dentro da mochila dela. Acho que seria muito fácil ela se esquecer de mim se eu ainda estivesse dentro da mochila. E isso é bom.

Eu sorrio. Wooly é esperto. Muito esperto.

– Por acaso você não escutou algo sobre um menino chamado Max? – pergunto, finalmente. – Ele desapareceu semana passada.

– Ele fugiu, não é isso?

– O que você ouviu sobre ele? – pergunto.

– A Sra. Kropp almoçou aqui com outras duas senhoras e elas falaram sobre esse assunto. A Sra. Kropp disse que ele fugiu.

– O que as outras senhoras disseram? – pergunto.

– Uma delas disse que ele provavelmente foi raptado por alguém que o conhecia. Ela disse que crianças raptadas são sempre levadas por pessoas muito próximas. Ela também comentou que Max era muito bobo para fugir e se esconder por tanto tempo sem ser encontrado.

– Ele não é bobo – contesto eu, e na hora me surpreendo com a raiva que percebo na minha voz.

– Eu não falei isso. Foi uma das professoras.

– Eu sei. Desculpe. De qualquer forma, ela está certa sobre ele ter sido raptado. A Sra. Patterson roubou Max.

– Quem é a Sra. Patterson? – pergunta Wooly.

– Ela é professora do Max.

– Sério mesmo? Uma professora? – Wooly fala como se não pudesse acreditar no que estou falando. Sinto que finalmente tenho alguém do meu lado. – Você contou para alguém? – pergunta ele.

– Não, Max é o único ser humano que pode me ouvir.

– Ah – então os olhos do Wooly, que são apenas um círculo dentro de outro, abrem-se. – Ah, não... Então Max é o seu amigo imaginador?

Nunca ouvi um ser humano ser chamado de *imaginador* antes, mas digo que sim.

– Talvez eu deva contar isso à Kayla – Wooly diz. – Assim ela pode contar para a Sra. Kropp por você.

Eu não tinha pensado nisso, mas Wooly está certo: ele poderia ser a minha conexão com o mundo dos seres humanos. Ele poderia dizer a Kayla, e então ela poderia contar à senhora Kropp, e depois a senhora Kropp poderia contar tudo ao delegado de polícia. Não acredito que não tenha pensado nisso antes.

– Você acha que a Sra. Kropp vai acreditar na Kayla? – pergunto.

– Não sei – responde Wooly. – Talvez acredite.

Pode funcionar. Eu costumava pensar que Max era a minha única ligação com o mundo dos humanos, mas todo amigo imaginário é uma conexão com o mundo do Max.

Todo amigo imaginário pode tocar o mundo dos seres humanos. Até mesmo Puppy.

*Todo amigo imaginário pode tocar o mundo, acredito eu.*

Então tenho uma ideia diferente. Uma ideia boa e ruim combinadas em uma só.

– Não – digo eu. – Não conte nada para Kayla.

Lembro-me do ônibus da Sra. Patterson, com o quarto nos fundos, a fechadura com cadeado na porta, e fico com medo que ela descubra o que Kayla disse para a Sra. Kropp e acabe trancando Max naquele quarto e levando-o embora para sempre. Pode ser que a professora Kropp conte tudo para a polícia, mas também é possível que dê um sorriso para Kayla e diga algo como: “Ah, foi o Wooly que contou isso?”. E depois ainda poderia comentar com a Sra. Patterson, como se nada houvesse, sobre a coisa engraçada que Kayla teria dito na sala de aula hoje. E a Sra. Patterson entraria em pânico e fugiria com Max antes que eu pudesse descobrir uma maneira de salvá-lo.

A ideia de Wooly pode funcionar, mas tenho uma conexão melhor com o mundo do Max.

Uma conexão bem melhor e bem pior.

Sinto outro arrepio na espinha.

# Capítulo 44



A senhora Palmer aparenta estar cansada. A voz dela está um pouco rouca, e os olhos dela estão inchados, como se estivessem quase fechando. Até mesmo as roupas e o cabelo dela parecem cansados.

– Como você está? – pergunta a Sra. Patterson

Noto que a mesa da Sra. Patterson está repleta de papéis, pastas, e de vários copinhos de isopor para café. Há uma pilha de jornais ao lado do cesto de lixo. Nunca tinha visto nada sobre a mesa dela além do computador e do telefone. Não me lembro de jamais ter visto sequer um pedaço de papel fora do lugar naquela sala.

– Estou bem – responde a diretora Palmer, e até mesmo essas duas palavras parecem cansadas. – Vou me sentir bem melhor quando encontrarmos Max, apesar de saber que estamos fazendo tudo o que podemos.

– Não há muito que possamos fazer, não é? – confirma a Sra. Patterson.

– Estou ajudando a polícia tanto quanto possível, e lidando com as perguntas da mídia. E estou tentando ajudar o senhor e a senhora Delaney da maneira que posso. Mas você está certa: não há muito que possamos fazer agora, a não ser esperar e rezar.

– Ainda bem que você está no comando e não eu – comenta a Sra. Patterson. – Eu confio muito em você. Não tenho ideia de como você consegue fazer tudo isso.

Mas a diretora Palmer não está no comando e a Sra. Patterson sabe disso. A Sra. Palmer atende ao telefone, faz anúncios pelo interfone, e recorda ao Sr. Fedyzyin de usar uma gravata na formatura, mas supostamente também está encarregada de garantir que as crianças estejam seguras. Esse é o verdadeiro trabalho dela. Max não está seguro, e a pessoa que o roubou está sentada bem aqui, no escritório dela, e ela não sabe.

Não é isso que eu chamo de estar no comando.

– Este tem sido o momento mais difícil nos meus vinte anos como administradora – diz a diretora. – Mas se Deus quiser vamos superar isso e Max voltará são e salvo. Agora, vamos ao seu assunto. O que você quer falar comigo?

– Eu sei que este é um momento ruim, mas preciso tirar uma licença. A minha saúde não está melhorando e gostaria de passar uma temporada com a minha irmã, que mora em outro estado, na região oeste. Mas não penso em deixar vocês na mão. Não estou com pressa. Vou esperar até que encontrem um substituto. Também pretendo cooperar com a polícia com o que for necessário, e claro que ficarei em Connecticut até que não precisem mais da minha ajuda. Mas quando for possível, e o mais rápido possível, gostaria de tirar uma licença pelo resto do ano.

– Claro – diz a Sra. Palmer.

A diretora parece surpresa e talvez até um pouco aliviada. Acho que ela pensou que a Sra. Patterson estava ali para falar de outra coisa.

– Eu não sei muito sobre lúpus e sinto-me mal por isso. Eu gostaria de ter lido mais a respeito, se não tivesse estado focada apenas na questão do Max nestes últimos dias. Mas há algo mais que eu possa fazer para ajudar você?

– Não, mas obrigada. Agora estou bem. No momento estou tomando vários medicamentos e com isso a minha condição física está mais controlada, mas é uma doença imprevisível. Não quero acordar uma manhã e descobrir que não tenho mais tempo para visitar a minha irmã e conhecer os filhos dela. Não quero privar meus sobrinhos de conhecer a tia.

– Deve ser bem difícil – comenta a Sra. Palmer.

– Pensei que nunca mais conseguiria me recuperar depois de perder o meu Scotty. Mas este lugar tem sido muito bom para mim. Esta escola me ressuscitou. Fez com que eu voltasse a acreditar que ainda existe bondade no mundo, e que há crianças que realmente precisam de mim. Continuo pensando no meu menino todos os dias, mas pelo menos segui em frente e fiz algumas coisas boas, creio eu.

– Com certeza – assegura a diretora Palmer.

– A verdade é que o desaparecimento do Max me fez refletir sobre como a vida é realmente imprevisível. Eu rezo todas as noites para que ele esteja bem, mas não sabemos o que aconteceu. Um dia estamos aqui; no outro já não estamos mais. Exatamente como o

meu pequeno Scotty. E em algum momento pode ser comigo. Assim, não quero esperar até que a minha vida fique carregada de arrependimentos para tomar alguma providência.

– Entendo perfeitamente – diz a Sra. Palmer. – Eu posso ligar para Rick amanhã e pedir que o departamento de Recursos Humanos comece a procurar um substituto imediatamente. Eu mesma a substituiria, mas acho que não tenho tempo para isso. Mas muitos professores estão desempregados e disponíveis no mercado, portanto, contratar um substituto qualificado não será tão difícil. Você acha que vai querer voltar no ano que vem?

A Sra. Patterson suspira e parece muito sincera, mesmo eu sabendo que tudo o que ela diz é mentira. Ainda estou embasbacado de ver como ela é perfeita fingindo ser outra pessoa.

– Gostaria muito de poder voltar logo – ela diz. – Mas tudo bem se eu der certeza no começo das aulas, na primavera? É difícil saber agora como estarei fisicamente daqui a seis meses. Para ser honesta, agora que Max não está aqui, cada dia tem sido mais difícil vir trabalhar. Não consigo deixar de lembrar-me que se eu estivesse trabalhando na sexta-feira passada, nada disso teria acontecido.

– Não diga bobagens – diz a Sra. Palmer.

– Não é bobagem – continua encenando a Sra. Patterson. – Porque se eu tivesse...

– Pare – pede a diretora Palmer, gesticulando com a mão como um guarda de trânsito. – Não é culpa sua. Max não fugiu. Alguém o levou. E se não o tivessem levado na sexta-feira, teriam feito isso outro dia. A polícia diz que raptos de crianças raramente são aleatórios. Alguém planejou este rapto muito bem. Não é culpa sua.

– Eu sei disso, mas mesmo assim, ainda é difícil aceitar. Se Max voltar para nós, consigo até me imaginar voltando no ano que vem. Mas, e que Deus não permita, se ele ainda estiver sumido até lá, não sei como poderei atravessar as portas desta escola novamente.

Tudo o que a Sra. Patterson diz faz com que ela pareça mais inocente para a Sra. Palmer e bem mais perigosa para mim.

– Tudo bem, só não quero que você fique se culpando – diz a Sra. Palmer. – Você não tem nada a ver com o que aconteceu.

– Quando estou deitada na minha cama à noite, pensando em Max e em onde ele poderia estar, é difícil aceitar que tudo isso não é culpa minha – dramatiza a senhora Patterson.

– Não faça isso. Você é uma pessoa muito boa para ter alguma culpa, Ruth.

De vez em quando pergunto para Max se eu existo só para ouvi-lo dizer que sim. Apenas para recordá-lo de que eu realmente existo. Agora a Sra. Patterson está fazendo a mesma coisa: ela, que raptou Max, entrou no escritório da diretora Palmer e a enganou, fazendo com que a própria diretora insistisse em dizer que a Sra. Patterson não fizera nada de errado. A vilã está sentada bem na frente da Sra. Palmer, e tudo o que esta faz é dizer à sequestradora, repetidamente, que ela é inocente, mesmo quando a própria Sra. Patterson admite ser culpada.

A senhora Palmer está dançando com o demônio sob a pálida luz do luar, e está perdendo feio.

E agora a Sra. Palmer concordou em deixar a Sra. Patterson se retirar até o final do ano, para que ela possa ir até um lugar no oeste visitar uma irmã que provavelmente não existe. Pelo visto, a senhora Patterson está planejando sair do estado de Connecticut, e pode até ser que esteja planejando ir para o oeste, mas com certeza não é para visitar a irmã.

Ela está levando Max embora, e se ela fizer isso, acho que nenhum dos dois irá voltar um dia.

Preciso me apressar.

Tenho que quebrar outra promessa que fiz a Max.

# Capítulo 45



Eu pego uma carona no ônibus da escola, mas desço na casa da família Savoy, porque o ônibus não parou na casa do Max. Vou até em casa dar uma olhada no pai e na mãe do Max, mas não foi para isso que peguei carona no ônibus escolar. Como não sei chegar ao hospital saindo da escola, tive que vir até aqui para iniciar o caminho saindo de casa.

Eu gostaria de prestar mais atenção nas ruas. O pai do Max diz que carrega um mapa dentro da cabeça que o leva a qualquer lugar. Todos os meus mapas começam na casa do Max. O meu mapa parece uma aranha: a casa do Max é o corpo, e todos os lugares que frequento são as pernas dessa *aranha*.

E uma perna não se conecta a outra.

Eu também não sei chegar até a casa da Sra. Patterson sem ser no carro dela, o que significa que se ela resolver nunca mais voltar para a escola, vai ser uma catástrofe. Eu nunca mais vou conseguir encontrar Max.

Mas se tudo sair de acordo com o meu plano, estarei de volta ao carro da Sra. Patterson amanhã.

Os pais do Max estão em casa. Vi o carro deles na garagem quando o ônibus passou por lá. Normalmente o pai do Max estaria trabalhando e a mãe estaria quase chegando do trabalho para ver Max descer do ônibus. Mas hoje ambos estão em casa.

A mãe do Max está na cozinha assando biscoitos. A casa está silenciosa. Sem barulho de rádio ou de televisão. O único som que ouço é a voz do pai do Max que vem do escritório. Ele está falando ao telefone.

É esquisito. Eu não esperava biscoitos e telefonemas.

A casa também está limpa. Mais limpa que de costume. Não há livros ou cartas sobre a mesa da sala de jantar; tampouco há louça na pia. Não vejo sapatos empilhados na porta da frente.

Lembra um pouco a casa da Sra. Patterson.

O pai do Max sai do escritório e entra na cozinha.

– Você está assando biscoitos? – ele pergunta.

Fico feliz por ele perguntar, pois estava querendo saber a mesma coisa.

– Estou fazendo biscoitos para levar para a delegacia.

– Você acha que eles precisam de biscoitos? – pergunta o pai do Max.

– Eu não sei mais o que fazer, está bem? – responde a mãe do Max.

Ela empurra a tigela com a massa de biscoitos para o outro lado do balcão. A tigela desliza até borda, cai no chão e quebra. Faz um barulho meio seco. Grande parte da tigela permanece unida por causa da massa de biscoito. Somente alguns pedaços de vidro se espalham pelo chão da cozinha.

A mãe do Max começa a chorar.

– O que aconteceu? – grita o pai do meu amigo.

Ele olha para a tigela quebrada. Um dos pedaços da tigela desliza pelo piso e para bem em frente aos sapatos dele.

– Sinto muito – diz a mãe do Max. – Eu simplesmente não sei o que fazer. Não existe um livro que diga o que você tem que fazer quando o seu filho pequeno desaparece. A polícia diz para você ficar em casa e esperar. Mas que raio eu devo fazer? Assistir à tevê? Ler um livro? Você está lá, bancando o detetive amador, e eu estou trancada, presa aqui, olhando para as paredes, só me perguntando que tipo de absurdo pode estar acontecendo com Max.

– A polícia disse que provavelmente foi alguém que conhece ele – diz o pai do Max. – Eu só estou tentando descobrir quem poderia ter feito isso.

– Ligando para todas as pessoas que conhecemos e esperando que eles admitam terem levado Max? Você espera ouvi-lo brincando no quintal com os filhos dos Parkers ou com os filhos da minha irmã?

– Eu não sei – responde o pai do Max. – Mas tenho que fazer alguma coisa.

– Você realmente acha que a minha irmã poderia ter levado Max? Ela nem consegue falar com ele sem ficar nervosa. Ela não consegue sequer olhar o nosso filho nos olhos.



– Já é alguma coisa, que droga! Eu não consigo simplesmente ficar sentado aqui e não fazer nada.

– E você acha que assar biscoitos não é nada?

– Não entendo como isso vai nos ajudar a encontrar o nosso filho.

– E o que você vai fazer depois que ligar para todo mundo e não tiver mais para quem ligar? – pergunta a mãe do Max. – Depois fazemos o quê? Por quanto tempo vamos ficar nessa espera? Como vamos saber a hora de voltar ao trabalho e seguir com a nossa vida?

– Você quer voltar para o trabalho?

– Não, claro que não. Mas não consigo deixar de pensar o que vai acontecer se eles não encontrarem Max. Por quanto tempo vamos ficar sentados aqui nesta casa esperando por notícias? Eu sei que isso que estou dizendo é horrível, mas só fico imaginando como vamos fazer para seguir normalmente com a nossa vida se a polícia disser que não há mais esperança. Porque estou começando a perder as esperanças. Deus me perdoe, mas estou. Já faz cinco dias e eles não conseguiram nada. O que vai acontecer conosco?

– Só se passaram cinco dias – diz o pai do Max. – O delegado disse que essas pessoas sempre cometem algum erro. Talvez não na primeira semana ou no primeiro mês, mas ninguém pode ser cuidado para sempre. Quem quer que esteja com Max cometerá um erro, e quando fizer isso, vamos encontrar o nosso filho.

– E se ele já estiver morto?

– Não diga isso! – pede o pai do Max. – Não fale um absurdo desses!

– Por que não? Ou você vai me dizer que também já não pensou nisso?

– Estou tentando não pensar nisso – diz o pai do Max. – Que horror! Como você tem coragem de falar uma coisa dessas?

– Porque só consigo pensar nisso! – responde a mãe do Max. – O meu garotinho está sumido, provavelmente morto, e nunca mais vamos ter ele de volta.

Agora a mãe do Max está realmente chorando. Ela joga uma colher de pau, cheia de massa de biscoito, para o outro lado do balcão, e então desaba no chão com a cabeça mergulhada entre os braços. Por um momento ela me lembra Wooly deslizando pela

parede até o chão. O pai do Max dá um passo, para por um instante, e depois vai até ela. Ele se abaixa e abraça a esposa.

– Ele não está morto – sussurra o pai do Max. Ele não fala mais gritando.

– Mas e se estiver? – pergunta a mãe do Max – E depois? Não sei como vamos fazer para continuar levando a nossa vida.

– Nós o encontraremos – diz o pai do Max.

– Não consigo parar de pensar que foi algo que fizemos. Ou que deixamos de fazer. E que de alguma forma tudo isto que está acontecendo é culpa nossa.

– Pare – diz o pai do Max gentilmente. E não fala como um guarda de trânsito. – Não é assim que o mundo funciona e você sabe disso. Alguma pessoa horrível decidiu tirar Max de nós. E isso não tem nada a ver com a gente. É apenas uma coisa horrível feita por uma pessoa horrível. Nós vamos pegar esse filho da mãe e trazer o nosso garoto de volta. O miserável vai cometer um erro, como disse o delegado. E quando ele errar, nós teremos Max de volta. Tenho certeza disso.

– Mas, e se não conseguirmos?

– Nós vamos conseguir. Eu prometo.

O pai do Max parece muito seguro de si, apesar de só chamar o sequestrador de *ele*.

De repente, percebo que Max não é a única pessoa que preciso salvar. Eu também tenho que salvar os pais dele.

# Capítulo 46



Começo pelo Hospital Infantil. Quero ver Summer. É o único motivo de eu estar aqui. Ainda não sei bem por que, mas é algo que sinto ser necessário fazer. Preciso muito vê-la.

Vou caminhando até a sala de recreio. O elevador me deixa no décimo quarto andar desta vez. Nada de escadas. Concluo que é um bom sinal. As coisas já estão começando a dar certo.

Estou chegando à sala de recreio. Já passam das sete da noite, portanto, as crianças provavelmente já estão na cama e os amigos imaginários que conseguem sair dos quartos devem estar nessa sala agora.

Quando entro, Klute dá um salto da cadeira e grita o meu nome. A cabeça dele balança incontrolavelmente quando ele se levanta. Outros três amigos imaginários, surpresos, também saltam das cadeiras onde estão sentados. Nenhum deles é Colher ou Summer.

– Olá, Klute – eu digo.

– Você parece tão real! – diz um garoto que parece um robô. Ele é brilhante, quadrado, e parece não ser nada flexível. Já vi muitos amigos imaginários robôs antes.

– Ele realmente parece ser real – diz um urso de pelúcia marrom com metade do meu tamanho.

A outra é uma garota que parece um ser humano, exceto pelas sobrancelhas inexistentes e por um par de asas de fada nas costas. Ela se senta e coloca as mãos no colo sem dizer uma palavra.

– Obrigado – digo ao robô e ao ursinho de pelúcia.

Então me viro para Klute.

– Summer ainda está aqui? E Colher?

– Colher voltou para casa dois dias atrás – responde Klute.

– E Summer? – pergunto.

Klute olha para os pés. Eu olho para o robô e para o ursinho de pelúcia. Eles fazem o mesmo.

– O que aconteceu? – pergunto.

Klute balança a cabeça para a frente e para trás bem lentamente, mas mesmo assim a cabeça dele balança. Ele não vai olhar para mim a não ser quando a cabeça balançante dele forçar seus olhos a olharem para cima por um segundo.

– Ela morreu – responde a menina com asas de fada.

Eu me viro e olho para ela.

– Como assim, ela morreu?

– Summer morreu – diz ela. – E depois Grace também morreu.

– Grace? – perguntei. E no mesmo instante me lembrei.

– A amiga dela – diz a fada. – A amiga que estava doente.

– Summer morreu *e depois* Grace morreu? – pergunto.

– Isso mesmo – responde a fada. – Summer simplesmente desapareceu. E depois, um pouco mais tarde, o médico disse que Grace tinha morrido.

– Foi muito triste – diz Klute, parecendo que ia chorar. – Ela estava sentada aqui conosco e de repente simplesmente começou a desaparecer. Dava para ver através dela.

– Ela estava assustada? – pergunto eu. – Será que doeu?

– Não – falou a fada. – Ela sabia que Grace estava morrendo, por isso estava feliz de ir primeiro.

– Mas por quê? – pergunto.

– Porque assim ela ia poder esperar Grace do outro lado – responde a fada.

– O outro lado de quê?

– Não sei – responde ela.

Eu olho para Klute.

– Eu também não sei – diz ele. – Ela apenas disse que Grace e ela estariam juntas do outro lado.

– Eu ainda não estava aqui – diz o ursinho de pelúcia. – Mas preciso admitir que a história parece ser realmente muito triste. Eu não quero desaparecer nunca.

– Todos nós vamos desaparecer um dia – comenta o Robô.  
 Ele fala como um robô de cinema, todo duro e agitado.

– Todos nós? – pergunta Klute.

– Você encontrou o seu amigo? – questiona a fada.

– O quê? – pergunto.

– Você encontrou o seu amigo? – a fada pergunta novamente. – Summer nos contou que você perdeu o seu amigo e estava tentando encontrá-lo.

– Eu também contei – fala Klute, balançando a cabeça para cima e para baixo. – Eu conheci Budo antes de todos vocês.

– É verdade – eu confirmo. – Eu encontrei Max, mas ainda não o salvei.

– Você vai salvá-lo? – pergunta a fada.

Ela se levanta, e então noto que a cabeça dela não chega nem nos meus ombros. Quero contar para a fada que estou tentando salvar Max, mas em vez disso eu digo:

– Sim. Eu prometi a Summer que o salvaria.

– Então, por que você está aqui? – ela pergunta.

– Eu preciso de ajuda – falo. – Eu preciso de ajuda para salvar Max.

– Você precisa da nossa ajuda? – pergunta Klute, todo animado com a expectativa de uma aventura.

A cabeça dele balança novamente.

– Não – respondo. – Mas obrigado. Vocês não podem me ajudar. Preciso da ajuda de alguém em especial.

# Capítulo 47



Isto é o que eu sei sobre Oswald:

- 1. Ele é tão alto que a cabeça dele quase toca o teto. Ele é o maior amigo imaginário que eu já vi.*
- 2. Oswald parece um ser humano. Ele parece um ser humano tanto quanto eu, com exceção de que ele é muito mais alto. Orelhas, sobrancelhas e tudo mais.*
- 3. Oswald é o único amigo imaginário que eu conheço que tem um adulto como amigo.*
- 4. Oswald é o único amigo imaginário que eu conheço que pode mover coisas no mundo real. É por isso que não sei bem ao certo se ele é, de fato, um amigo imaginário.*
- 5. Oswald é malvado e assustador.*
- 6. Oswald me odeia.*
- 7. Oswald é o único que pode me ajudar a salvar Max.*

Conheci Oswald um mês atrás, portanto, não tenho certeza se ele ainda está no hospital, mas acho bem provável que ainda esteja aqui. O amigo humano dele está em um andar do hospital especial para lunáticos, que Max disse ser outra palavra para pessoas loucas. Isso é o que ouvi um dos médicos dizer. Ou talvez tenha sido uma enfermeira. Ela disse que odiava trabalhar naquele andar, com todos aqueles lunáticos.

Mas outra enfermeira comentou que era o andar das lesões na cabeça. Acho que isso quer dizer gente que quebrou a cabeça. Portanto, não tenho certeza, talvez signifique as duas coisas. Talvez quebrar a cabeça deixe as pessoas lunáticas.

O amigo humano do Oswald também está em coma. Max disse que isso significa que ele está dormindo para sempre.

Uma pessoa em coma é o oposto de mim. Eu nunca durmo, mas uma pessoa em coma só dorme.

Foi no hospital de adultos que vi Oswald pela primeira. De vez em quando gosto de passear por lá e escutar os médicos conversando sobre as pessoas doentes. Cada doente é diferente, por isso cada história é diferente. Às vezes as histórias são bem difíceis de entender, mas são todas instigantes. Melhor até que assistir a Pauley raspar bilhetes de loteria.

Outras vezes eu gosto de dar só uma volta no hospital; é um edifício muito grande. Todas as vezes que vou lá, encontro um lugar diferente para explorar.

Naquele dia eu explorava o oitavo andar e Oswald estava andando no corredor, vindo na minha direção. Mantinha a cabeça baixa, olhando para o chão. Ele era alto e largo, com um rosto meio achatado e pescoço grosso. As bochechas dele estavam vermelhas, como se tivesse acabado de sair de um lugar bem frio. Ele era careca: nem um único fio de cabelo crescia na cabeça enorme dele.

Mas o que mais me chamou a atenção foi o seu jeito de andar: ele esticava as pernas como se quisesse chutar o ar na frente dele. Como se nada neste mundo fosse capaz de detê-lo. Parecia um trator limpa-neve.

Quando chegou perto de mim, me olhou e gritou:

– Saia do meu caminho!

Eu olhei para trás para ver quem estava atrás de mim, mas o corredor estava vazio.

Então virei de novo para a frente e Oswald repetiu, gritando:

– Saia do meu caminho agora mesmo!

Foi quando me dei conta de que ele era um amigo imaginário. Ele podia me ver e estava falando comigo. Então fui para o lado e ele passou. Passou como um trator, sem nem ao menos trocar um olhar comigo. Dei meia-volta e resolvi segui-lo. Nunca tinha visto um amigo imaginário que parecesse tão real antes. Eu queria falar com ele.

– O meu nome é Budo – eu disse, tentando alcançá-lo.

– Oswald – respondeu ele.

Ele não olhou para mim. Apenas disse o nome dele e continuou andando como um trator.

– Oi! O meu nome é Budo.

Ele parou e se virou para mim.

– Eu sou Oswald. E me deixe em paz.

Ele se virou e continuou andando.

Fiquei um pouco nervoso. Oswald era tão grande, tão alto, e parecia tão malvado... Eu nunca havia conhecido um amigo imaginário que fosse malvado, mas como também nunca conhecera um que parecesse tão real, não pude me conter e o segui.

Ele caminhou pelo corredor, fez uma curva, foi por outro corredor, virou novamente e parou diante de uma porta. A porta não estava completamente fechada. Havia uma pequena fresta. Os médicos mantêm as portas semiabertas para poder dar uma olhada nos quartos no meio da noite, checando cada paciente sem acordar nenhum. A fresta da porta era muito pequena para que Oswald pudesse passar, portanto, pensei que ele fosse atravessar a porta como eu faço. Mas, em vez disso, ele se aproximou da porta e a moveu. Ele a empurrou, abrindo-a levemente com as mãos, mas o bastante para que pudesse passar.

Quando vi a porta se mover, eu gritei. Não podia acreditar naquilo. Nunca tinha visto um amigo imaginário mover coisas do mundo real antes. Oswald deve ter me ouvido gritar, porque voltou. Ele veio correndo na minha direção e eu congelei. Não conseguia me mexer e não sabia o que fazer. Ainda estava estarrecido pelo que tinha visto Oswald fazer. Ele se aproximou, já com as mãos estendidas, e começou a me bater. Nunca ninguém tinha me batido antes. Caí rolando no chão.

E doeu.

Até aquele exato momento, eu realmente nunca tinha pensado que alguém pudesse me machucar. Nem sabia bem o que *machucar* realmente significava.

– Já falei para você me deixar em paz! – gritou ele.

Aí ele se virou e entrou de novo no quarto.

Mesmo Oswald tendo me empurrado, me machucado e gritado comigo, eu ainda precisava saber o que havia naquele quarto. Não pude me conter. Afinal, tinha acabado de ver um amigo imaginário tocar e mover uma porta do mundo real. Eu realmente precisava saber mais.

Portanto, resolvi esperar. Fui até o final do corredor e fiquei lá, à espreita em um canto, sem tirar os olhos daquela porta. Esperei



um tempão, até que finalmente Oswald saiu do quarto pela mesma fresta da porta que ele havia aberto antes. Como ele estava vindo na minha direção, andei mais um pouco pelo corredor e me escondi em um armário. Fiquei lá no escuro até acabar de contar até cem, depois sai.

Oswald não estava por ali.

Então voltei para o quarto de onde Oswaldo tinha saído e entrei. As luzes estavam apagadas, mas a luz do corredor dava ao quarto uma iluminação fraca. O quarto tinha duas camas. Um homem estava deitado na cama mais próxima da porta. A outra cama estava vazia. Sem lençóis ou travesseiros. Procurei em volta por brinquedos, bichinhos de pelúcia ou roupa de crianças. Algo que me confirmasse que um garotinho, ou uma menina, também estava naquele quarto. Mas não encontrei nenhum desses objetos.

Apenas este homem.

Ele tinha uma barba ruiva bem cerrada, sobrancelhas espessas, mas a cabeça dele era totalmente careca, como a do Oswald. Vi umas máquinas ao lado da cama dele, de onde saíam uns fios e tubos que estavam conectados aos braços e ao peito dele. As máquinas emitiam aqueles bipes e silvos. Luzes piscavam e brilhavam em uma pequena tela de tevê anexa às máquinas.

Olhei novamente para a cama vazia, pensando que eu talvez tivesse perdido algo. Talvez existisse algum bicho de pelúcia e roupa de criança lá no quarto, mas guardados dentro do armário, e o garotinho estivesse no banheiro. Ou talvez o homem careca na cama fosse pai de alguém, e Oswald, o amigo imaginário do filho ou da filha (provavelmente filho) dele. Talvez o filho do homem careca estivesse sentado na sala de espera agora, esperando o pai acordar. Talvez o garotinho tenha mandado Oswald dar uma olhada no pai e checar se ele estava bem.

Depois comecei a achar que talvez o homem careca não fosse pai de ninguém. Poderia ser uma pessoa qualquer. Talvez Oswald só estivesse descansando naquela cama extra. Ou quem sabe Oswald estivesse procurando um lugar sossegado para se sentar. Ou poderia estar apenas curioso, assim como eu.

Mas também cogitei a possibilidade do Oswald não ser um amigo imaginário que podia mover coisas no mundo real, mas um ser humano que pudesse ver amigos imaginários. Quando eu estava tentando decidir o que poderia ser mais provável, três pessoas acenderam a luz e entraram no quarto. Uma delas estava usando um

jaleco branco, e as outras duas estavam paradas atrás da primeira, segurando pranchetas. Essas pessoas se dirigiram até o homem na cama, e a mulher de jaleco branco diz:

– Este é John Hurley. Cinquenta e dois anos. Traumatismo craniano causado por uma queda. Foi trazido no dia 4 de agosto. Não respondeu a nenhum tratamento. Ele está em coma desde que chegou.

– Então, qual é o plano de tratamento para o senhor Hurley? – uma das pessoas segurando prancheta pergunta.

As pessoas continuaram conversando, fazendo e respondendo perguntas, só que parei de prestar atenção. Foi quando Oswald entrou de novo no quarto.

Os olhos dele primeiro se fixaram na pessoa de jaleco branco e nas outras duas com pranchetas. Ele parecia irritado, mas não com raiva. Virou os olhos e bufou um pouco. Pelo visto, Oswald já vira esse pessoal antes.

Mas, então, ele me notou. Eu estava parado entre as duas camas, de costas para as máquinas, tentando não me mover. Tinha esperança de que, se eu não me mexesse, ele não me notaria. Quando finalmente me avistou, ficou boquiaberto e paralisado por alguns instantes. Pela cara dele, estava bem surpreso de me ver parado ali. Tão surpreso quanto eu fiquei quando ele empurrou a porta. Ele não estava acreditando.

Oswald respirou profundamente, apontou o dedo para mim e disse:

– Você!

Ele não correu na minha direção, mas era tão alto e tão rápido que percorreu o espaço entre as duas camas dando apenas três ou quatro passos. Antes que eu tivesse tempo sequer para pensar.

Eu estava encurralado e apavorado. Acho que um amigo imaginário não pode matar outro amigo imaginário, mas eu também achava que um amigo imaginário não pudesse machucar outro, e Oswald tinha acabado de me provar que eu estava equivocado.

Oswald debruçou-se sobre mim, aí eu saltei sobre a cama. Oswald me perseguiu, rolando sobre a cama e caindo do outro lado antes que eu tivesse chance de recuperar o equilíbrio. Ele me empurrou novamente. As mãos dele eram tão grandes que aquele empurrão me levantou do chão. Caí de costas sobre uma mesinha

que estava no canto do quarto. A mesinha não se mexeu, é claro, mas eu bati nela mesmo assim, e posso garantir que doeu! A quina da mesinha se enterrou nas minhas costas e eu gritei de dor. Mesmo sendo somente a ideia da quina, ela era bem pontuda e machucava como uma quina sólida e real.

Quando estava quase me levantando da mesa, Oswald me agarrou pelos ombros e me jogou de volta na cama vazia. Eu quiquei no colchão e fui parar no chão, entre as duas camas. Durante a queda, acho que bati a cabeça em uma das máquinas, pois estava meio lento para me levantar. Fiquei deitado ali no chão por um instante, tentando me acalmar para poder pensar. Ao olhar debaixo da cama do homem calvo vi seis pés do outro lado. A mulher de jaleco branco e o pessoal da prancheta ainda estavam conversando sobre o homem em coma. Eles faziam perguntas e olhavam para uma coisa chamada gráfico. Eles não tinham a mínima ideia de que estava acontecendo uma briga bem na frente deles. Se bem que não era exatamente uma briga, porque eu não estava revidando. Eu estava só apanhando.

Consegui ficar de quatro, e estava quase ficando totalmente em pé quando Oswald me deu uma joelhada bem nas minhas costas. Foi a pior dor que já senti. Era como se tivesse explodido uma bomba no meio das minhas costas. Eu gritei e caí de novo no chão. O meu rosto bateu no piso, e os meu nariz e minha testa explodiram com a mesma dor que ainda sentia nas costas. Pensei que ia começar a chorar – até então, eu nunca tinha chorado. Eu nem sabia que podia chorar, mas pensei que choraria. Aquilo doeu muito. Muito mesmo.

Quando as crianças pequenininhas se machucam no parquinho, elas chamam sempre as mães. Eu também queria gritar pela minha mãe, mas não tenho uma. E não ter uma mãe foi o que mais machucou neste momento. Não ter ninguém que pudesse me ajudar. Os três médicos ainda estavam no quarto, conversando e olhando para as pranchetas deles. Mas não faziam ideia de que tinha mais alguém machucado ali naquela sala, e bem na frente deles.

Cheguei a cogitar a possibilidade de o Oswald me matar ou me deixar em coma, como estava o homem careca.

Oswald me chutou nas pernas e nos braços.

Quis gritar por mãe de novo, mas desta vez nem tive tempo para começar a chorar, pois Oswald já estava de novo me levantando e me jogando contra a parede do outro lado do quarto. Dei com tudo

na parede e caí de costas, que ainda ardiam de tanta dor. Aí ele me levantou mais uma vez e me lançou na direção da porta. A minha cabeça acertou a parede próxima da porta e eu vi estrelas. Estava totalmente zonzo. Então ele me levantou pela última vez e arremessou o meu corpo para fora do quarto, direto no corredor. Eu rolei algumas vezes e comecei a rastejar, me afastando o mais rápido possível. Não tinha ideia de para onde estava indo. Tudo o que eu sabia era que estava me arrastando para longe dele e isso era bom. E o tempo todo, enquanto estava rastejando, só fiquei esperando Oswald me agarrar e bater em mim novamente.

Mas ele não fez isso.

Eu me arrastei por mais alguns segundos, depois parei e olhei para trás. Oswald estava parado no meio do corredor, me encarando.

– Nunca mais – ele diz.

Fiquei esperando para ver se ele iria dizer mais alguma coisa. Quando vi que ele não falaria mais nada, eu disse:

– Está bem.

– Estou falando sério! – ele disse. – Nunca mais.

# Capítulo 48



– Oswald é a minha única chance – comento – Ele é a única chance do Max. Ele tem que ajudar.

– Ele não vai ajudar – diz Klute.

O robô, que também está lá, concorda fazendo um gesto com a cabeça.

– Ele tem que – digo.

Pego o elevador até o décimo andar e depois desço dois andares pela escada até o oitavo andar.

O andar onde ficam os lunáticos.

Ando até o quarto onde vi Oswald pela última vez. O quarto do amigo careca e lunático do Oswald. Eu caminho devagar, com olhos bem atentos por todos os cantos e pelas portas abertas. Não estou a fim de dar um encontrão em Oswald, sem querer. Aliás, ainda não tenho ideia do que vou falar para ele.

A porta do quarto está aberta. Eu entro. Tento não pensar sobre a última vez que vi Oswald. O som da sua voz. O jeito como ele me jogou pelo quarto. A maneira como seus olhos dobraram de tamanho de tão arregalados ao me avisar: “Nunca mais”.

Naquele dia eu concordei com ele. Prometi me afastar para sempre. Mas aqui estou eu de novo.

Assim que entro pela porta, já me resguardo de um eventual ataque. Que chega fulminante como um raio.

Mas antes que Oswald me alcance, consigo perceber vários detalhes do quarto.

As cortinas estão abertas e o quarto está iluminado pela luz do sol. E isso me surpreende. As lembranças que tenho deste quarto são escuras e assustadoras. Na minha memória, o quarto não tem cantos, apenas manchas de escuridão. Agora o quarto parece muito feliz e iluminado para que alguma coisa de ruim aconteça. E ainda assim, Oswald está a poucos metros de mim gritando:

– Não! Não! Não!

O homem careca de barba vermelha ainda está na cama, e as máquinas ainda zumbindo, assoviando e piscando. Na segunda cama tem outro homem. Ele é jovem e redondo, e há algo de errado com o seu rosto. Parece de borracha e muito sonolento.

Há um terceiro homem na sala. Ele está sentado em uma cadeira no pé da cama do homem com cara sonolenta. Ele está segurando uma revista e lendo em voz alta para o Cara de Sono. Consigo até ouvir algo da leitura antes de o Oswald pular em cima de mim. É uma história sobre baseball, creio eu. Um jogador que rebatia bolas lentas. Antes que pudesse ouvir mais, as mãos do Oswald agarram o meu pescoço. Ele aperta o meu pescoço e gira, atirando-me em um lugar do quarto. O meu corpo se choca com a cama do homem calvo. Se eu não fosse um amigo imaginário, a cama teria deslizado pelo quarto. Tamanha é a força com que bato na cama.

Mas sou imaginário, então eu reboto na cama e aterrisso quase aos pés do Oswald. A minha cabeça, peito e pescoço doem. Perco a respiração por uns instantes. Oswald se inclina, me pega pelo colarinho da camisa e pela cintura da calça, e me arremessa para a cama do homem careca e na cama do Cara de Sono. Também quico nele, sem que o homem sinta nada, e caio da cama rolando. Aterrisso sobre umas coisas amontoadas no chão, contra a parede do outro lado.

Mais partes do meu corpo doem. Quase todas.

Oswald não é como um trator limpa-neves. É mais parecido com um daqueles guindastes gigantescos com uma bola pendurada em uma corrente. Daqueles que destroem e derrubam prédios antigos. E ele volta ao ataque com tudo.

Desta vez me levanto rápido. Faço isso apenas por ter plena consciência que se não levantar, Oswald vai me pegar, jogar o meu corpo de novo pelo quarto ou me chutar. O homem na cadeira, um jovem de pele pálida, continua a ler. Ele está bem no meio de uma briga, só que nunca vai nem saber disso.

Oswald muda de lugar, preenchendo todo espaço entre a cama do Cara de Sono e a parede, assim bloqueando o meu caminho de fuga. Nessa hora me arrependo amargamente de não ter ficado no chão, onde poderia ter rolado por debaixo da cama do Cara de Sono, depois passar debaixo da cama do Lunático Careca e na sequência sair pela porta.

Oswald dá dois passos, encurtando a distancia entre nós. Ainda não lhe disse uma só palavra. Decido que agora é um bom momento para falar.

– Pare – eu falo, tentando falar com voz de quem está implorando. E nem é muito difícil, porque estou literalmente implorando. – Por favor, pare, eu preciso da sua ajuda.

– Eu disse para você ficar longe – Oswald grita.

Berra tão alto que por um momento chega a abafar a história de baseball. Depois ele caminha para frente coloca as mãos ao redor do meu pescoço, de novo.

Desta vez tento impedir, mas Oswald se desvencilha das minhas mãos como se fossem feitas de papel. Como se fossem as mãos de Wooly. Oswald começa a me enforcar. Ele está me sufocando. Se eu respirasse ar, estaria morrendo. Eu respiro a ideia do ar, mas até isso está sendo esmagado na minha garganta.

Penso que posso estar morrendo.

Na hora que sinto meus pés saírem do chão ouço outra voz no quarto.

– Solta ele, Oswald.

Oswald me solta, mas não porque ele está obedecendo ao comando. Ele está surpreso. Não... Ele está chocado. Dá para saber só pela expressão de espanto no seu rosto.

Meus pés batem no chão e eu tropeço por um momento, recobrando o equilíbrio e o fôlego, antes de virar e olhar a porta. A fada da sala de recreio está parada na entrada da porta, só que ela não está sobre seus pés. Está voando. Ela está pairando ar, sem sair do lugar. Suas pequenas asinhas batem tão rápido que parecem um só borrão.

Eu nunca tinha visto um amigo imaginário voar antes.

– Como você sabe o meu nome? – pergunta Oswald.

Na mesma hora penso em aproveitar o ensejo para empurrar Oswald no chão e escapar. Acertá-lo enquanto está distraído. Porém ainda preciso da sua ajuda, mesmo que ele queira me matar. Acho que essa possa ser a minha única chance de mudar as coisas. Pode ser a única chance de a fada mudar as coisas.

– Budo é o meu amigo – diz a fada. – Eu não quero você o machuque.

– Como você sabe o meu nome? – pergunta Oswald, outra vez.

A surpresa do Oswald rapidamente se transforma em raiva. Ele fecha os punhos e suas narinas se abrem.

– Budo precisa da sua ajuda, Oswald – diz a fada.

Eu não sei como eu sei, mas tenho certeza de que a fada está evitando a pergunta do Oswald de propósito. Ela parece estar tentando descobrir a melhor resposta.

– Como você sabe o meu nome?

Agora Oswald grita a pergunta e anda até a porta, diretamente em linha reta na direção da fada.

Eu o sigo.

Não posso o deixar machucar a fada como ele fez comigo. Mas quando eu estou quase o agarrando para puxá-lo para trás, com a intenção de que a fada tenha tempo suficiente para escapar, meus olhos encontram com os dela. E ela acena com a cabeça, com graça e suavidade, fazendo um sinal. Pede que eu pare. Ou, pelo menos, que espere.

Eu obedeço.

A fada está certa em me deter.

Quando Oswald se aproxima da porta, ele também para. Ele não pega a fada com suas mãos gigantes. Oswald pode me arremessar pelo quarto e me chutar e me estrangular, mas ele não toca na fada.

– Como você sabe o meu nome? – Oswald grita novamente, e desta vez que ouço algo diferente na sua voz, uma coisa que não tinha notado da primeira vez.

Oswald está com raiva, mas eu acho que também está curioso. Esperançoso até. Debaixo da sua raiva há outra coisa. Eu acho que Oswald espera que a resposta da fada para a sua pergunta, seja uma ótima resposta. Acho que ele também quer ajuda.

– Eu sou uma fada – diz a ela. – Você sabe o que é uma fada?

– Como você sabe o meu nome?! – Desta vez Oswald ruge a pergunta.

Se Oswald fosse um ser humano, todas as janelas do oitavo andar teriam vibrado e cada uma das pessoas no hospital teria escutado a sua voz.



Eu nunca tive tanto medo.

A fada virou-se e apontou para o homem careca na cama.

– Ele é o seu amigo. E está machucado, certo?

Oswald olha para ela e não diz nada. Eu estou atrás dele, portanto não vejo a expressão no rosto do Oswald. Mas ele afrouxou os punhos e dá para notar que os músculos nos seus braços e costas estão levemente relaxando aos poucos.

– Oswald – diz a fada novamente. – Ele é o seu amigo, certo?

Oswald olha para o homem careca e depois volta a olhar a fada. Ele balança a cabeça para cima e para baixo.

– E ele está machucado? – pergunta ela.

Oswald faz que sim com a cabeça bem lentamente.

– E ele está machucado? – diz a fada.

Oswald acena com a cabeça novamente.

– Sinto muito – diz a fada. – Você sabe o que aconteceu?

Oswald faz que não com a cabeça.

– Podemos ir conversar no corredor? – sugere a fada. – Eu não consigo pensar direito com aquele homem lendo o livro.

Tinha esquecido por completo que o Cara de Sono e o seu amigo de rosto pálido estavam no quarto. Nem a história do tal rebatedor de baseball ouço mais, toda a minha atenção está focada na fadinha alada. Era como assistir a um domador de leões acalmando a fera com um palito de dentes, ao invés de um chicote e uma cadeira.

Não, nem com um palito de dentes. É mais como um cotonete, de tão suave e delicado. Mas de alguma forma funcionou. A fada conseguiu.

Oswald concorda em ir para o corredor. Mas, assim que a fada se vira para sair, ela percebe que Oswald não sai do lugar e vira para trás.

– O quê foi? – pergunta ela.

–Ele tem que sair também – diz Oswald, virando e apontando para mim.

– Claro – concorda a fada. – Budo está vindo com a gente.

Oswald vira e segue a fada até o corredor. Vou atrás deles. Andamos um pouco até um espaço com cadeiras, abajures e mesinhas com revistas empilhadas. A fada senta em uma das cadeiras, e suas asas param de bater. Quando estão paradas, as asas da fada parecem pequenas, bem franzinas e frágeis. Continuo achando inacreditável que possa voar com elas!

Oswald senta em uma cadeira frente à fada. Eu prefiro sentar em uma outra, ao lado dela.

– Quem é você? – pergunta Oswald.

– O meu nome é Teeny – responde a fada.

Eu me sinto péssimo. Nunca perguntei o nome dela.

– Como você sabe o meu nome? – pergunta Oswald novamente.

A raiva agora virou pura curiosidade.

Teeny faz uma pausa. Cogito em dizer alguma coisa para que ela tenha mais tempo para pensar. Ela parece incerta. Mas, então, ela fala antes que eu possa pensar em alguma coisa para dizer.

– Eu ia dizer que eu sou uma fada mágica que sabe tudo no mundo, e que você precisa me ouvir. Mas não quero mentir. Eu sei que o seu nome é Oswald porque Budo me contou.

Oswald não diz nada.

Eu abro a minha boca para falar, mas é Teeny quem fala.

– Budo precisa da sua ajuda, e eu temia que você pudesse ser mau com ele como da primeira vez que se encontraram. Por isso, eu o segui até aqui.

– Eu disse para ele nunca mais voltar – Oswald diz. – Eu avisei.

– Eu sei. Mas ele precisa da sua ajuda. Budo não tinha outro jeito, tinha que vir.

– Por quê? – Oswald pergunta.

– Budo contou que você pode mover as coisas no mundo real – Teeny explica. – isso é verdade?

Ela faz essa pergunta como se ela mesma não pudesse acreditar naquilo.

As grandes sobrancelhas do Oswald se juntam parecendo duas lagartas se beijando. De repente percebo que Oswald tem as

mesmas sobrancelhas que o homem careca e barbudo. Ele se parece muito com o homem careca. Consigo perceber essa semelhança agora com mais facilidade, talvez por não estar sendo arremessado pela sala.

– Eu vi você empurrando a porta e ela se abrir – eu digo. – Você pode mover as coisas no mundo real, não é mesmo? Coisas como esta mesa? Ou as revistas?

– Consigo – diz Oswald. – Mas é difícil.

– Difícil? – quer saber Teeny.

– Tudo no mundo real é muito pesado. Bem mais pesado que você – ele diz apontando para mim.

– Você é que deve saber bem... – ironizo eu.

As lagartas se beijam novamente.

– Esquece – digo em seguida.

– E eu nunca poderia mover uma mesa – ele disse. – Até uma mesinha destas já é muito pesada.

– Mas você pode mover coisas menores – eu insisto. – Não pode?

Oswald faz um sinal positivo com a cabeça.

– Há quanto tempo você existe? – Teeny pergunta.

– Eu não sei – diz Oswald, olhando para seus pés.

– Qual o nome do seu amigo? – pergunta Teeny.

– Quem?

– O homem na cama.

– Ah – diz Oswald. – Ele é o John.

– Você o conhecia antes dele estar machucado? – pergunto, curioso.

Penso na menina sem nome no Centro de Terapia Intensiva, e me pergunto se Oswald também não conheceu o seu amigo, assim como ela.

– Somente por uns segundos – conta Oswald. – Ele estava no chão e tinha a cabeça quebrada. Ele olhou para mim, sorriu e depois fechou os olhos.

– E você o seguiu até aqui? – pergunto.

– Eu o segui – Oswald faz uma pausa e depois retoma. – Eu só queria que John abrisse seus olhos e sorrisse de novo.

– Você pode ajudar Budo? – pergunta Teeny.

– Como?

– Eu preciso que você ajude o meu amigo – eu digo. – Ele não está ferido como John, mas ele está correndo perigo. E não posso salvá-lo sem você.

– Eu terei que descer escadas? Não gosto de escadas.

– Você terá que ir para um lugar longe daqui – diz Teeny. – Descer escadas, ir para fora, bem longe. Mas é muito importante e com certeza John gostaria que você fizesse isso. E quando você terminar, Budo vai trazê-lo diretamente para cá, está bem?

– Não, – diz Oswald. – Eu não posso ir.

– Você pode sim, Oswald – diz Teeny. – Você precisa fazer isso. Um garotinho está em apuros, correndo sério perigo e somente você pode salvá-lo. E não podemos negar ajuda a garotinhos em perigo, não é mesmo?

– Está bem... – concorda finalmente Oswald.

# Capítulo 49



– Como você fez aquilo? – pergunto enquanto caminhamos pelo corredor na direção dos elevadores.

Estou andando ao lado da Teeny, que está voando pelo corredor. As asas dela fazem um zumbido que eu não havia escutado antes no quarto do homem careca. As asinhas dela batem tão rápido que, mesmo estando eu a pouca distância, vejo apenas um borrão.

Oswald está atrás de nós, cabisbaixo e parece de novo um trator limpa-neves.

– Como eu fiz o quê? – Teeny pergunta.

– Tudo – falei, abaixando o tom de voz em um sussurro. – Como você sabia que Oswald não ia atacar você como me atacou? Como você conseguiu convencer que me ajudasse? E como você sabia onde eu estava?

– A última pergunta é fácil – começou Teeny. – Você nos contou o andar que havia encontrado Oswald pela primeira vez. Alguns minutos depois que você saiu, assumi que você poderia precisar de ajuda. Então eu caminhei até o hospital de adultos e voei pelas escadas até o oitavo andar. No instante em que cheguei aqui, achar você foi moleza. Vocês dois estavam fazendo tanto barulho que eu soube exatamente aonde tinha que ir.

– Aquele barulhão era eu sendo jogado no chão, arremessado pelo quarto inteiro como um boneco de pano.

– Eu sei – diz Teeny, sorrindo.

– Mas como você sabia que Oswald não atacaria você como me atacou? – pergunto de novo.

– Eu não entrei no quarto dele – diz Teeny. – Eu fiquei na porta.

– Não entendi.

– Você tinha nos contado que Oswald pegou você espiando por trás dele na primeira vez que o encontrou. E bem na frente do seu

quarto. E que depois ele encontrou você no quarto dele. Concluí que se eu não entrasse no quarto, era bem possível que ele não me machucasse. Além disso, eu sou uma garota. E uma fada. Você tem que ser muito canalha para ter coragem de bater em uma fada.

– Realmente você foi imaginada para ser muito inteligente – digo para fadinha.

Teeny sorri outra vez.

– Há quanto tempo você existe? – pergunto.

– Quase três anos.

– É muito tempo para alguém como nós. – digo.

– Mas não tanto tempo como você.

– Não, mas mesmo assim é bastante tempo. Você tem sorte.

Nós fazemos uma curva e passamos por um homem em cadeira de rodas falando com ele mesmo. Olho ao redor para ver algum amigo imaginário, mas não vejo nenhum. Eu me viro para olhar Oswald. Ele está a três passos de nós, passando como um trator. Olho de novo para Teeny.

– Como você conseguiu que Oswald me ajudasse? – sussurro baixinho. – Não acreditei... A única coisa que você fez foi pedir que ele ajudasse, e ele simplesmente disse que sim.

– Eu fiz o que Mamãe sempre faz quando quer que Aubrey faça alguma coisa.

– Aubrey é a sua amiga humana? – pergunto eu.

– É, e ela tem alguma coisa errada com a sua cabeça que precisa ser concertada pelos médicos. É por isso que está no hospital.

– O que a sua mãe faz quando ela quer que Aubrey faça alguma coisa? – pergunto.

– Quando Mamãe quer que Aubrey faça a lição de casa, escove os dentes ou coma brócolis, ela não manda Aubrey fazer isso. Ela sugere, falando de um jeito que fica parecendo que a escolha é de Aubrey. Como se fosse a única escolha possível de Aubrey. Por exemplo, dizendo que não comer brócolis estaria errado.

– Então foi só isso? – perguntei. – Foi apenas isso que você fez?

Tento recordar tudo que Teeny disse ao Oswald, mas tudo aconteceu muito rápido.

– No caso do Oswald foi fácil, porque não ajudar você era uma opção realmente muito errada. É algo bem mais errado do que não comer brócolis ou não escovar os dentes. E eu também fiz umas perguntas para ele. Mostrei que me importava com ele, porque pensei que, muito possivelmente, ele também deveria estar se sentindo sozinho. Afinal, não existem muitos amigos imaginários no hospital de adultos, não é?

– Você realmente foi imaginada para ser muito inteligente.

Teeny sorri de novo para mim. Pela primeira vez desde que Graham desapareceu, sinto que posso ter encontrado uma amiga imaginária que também pode ser a minha amiga.

Ao chegar aos elevadores, pergunto a Oswald, – Você quer ir de elevador ou pela escada?

– Eu nunca andei de elevador antes – ele diz.

– Você quer ir pela escada, então? – pergunto.

– Eu não gosto de escadas – diz, olhando para baixo.

– Então está decidido, vamos de elevador. Vai ser divertido.

Nós ficamos parados frente ao elevador, esperando alguém apertar o botão para descer. Fico com vontade de pedir ao Oswald que aperte o botão, só para ver outra vez ele movendo alguma coisa no mundo real. Mas logo mudo de ideia. Ele disse que era difícil mover as coisas no mundo real, portanto, não há necessidade de fazer ele se esforçar quando alguém pode fazer isso por ele. Ele já está suficientemente nervoso.

Logo aparece um homem com jaleco branco empurrando outro homem sentado em uma cadeira de rodas. O homem de jaleco branco aperta o botão com a flecha que indica para descer e quando a porta se abre, Oswald, Teeny e eu entramos juntos, logo atrás deles.

– Eu nunca andei de elevador antes – volta a dizer Oswald.

– É divertido – eu digo. – Você vai gostar.

Mas Oswald parece nervoso. E Teeny também.

O homem que empurra a cadeira de rodas aperta o botão três e o elevador começa a descer. Oswald arregala os olhos. Seus punhos se fecham.

– O homem vai descer no terceiro andar. E nós também vamos.

– OK – fala Oswald, parecendo aliviado.

Eu quero dizer a ele que ir do terceiro ao térreo de elevador levaria apenas mais cinco segundos, ao invés disso deixei que se sentisse aliviado. Se ele já não gosta de escadas, deve estar odiando andar de elevador.

E pelo visto, parece que Teeny também não está gostando muito.

A porta se abre e seguimos o homem e a cadeira de rodas pelo corredor.

– As escadas estão logo ali. – mostro.

Ao dizer isso percebo uma placa na parede oposta ao elevador. Está entre as indicações dos banheiros e um lugar chamado *Radiação*. A placa diz:

← CENTRO DE TERAPIA INTENSIVA

Eu paro.

Fico olhando para a placa por um momento.

– O que foi? – pergunta Teeny, ao ver que estou imóvel.

– Você e Oswald podem esperar aqui por um momento? – pergunto a Teeny.

– Por quê?

– Quero ver uma pessoa. Acho que ela está neste andar.

– Quem? – quer saber Teeny.

– Uma amiga – eu digo. – Quer dizer, uma espécie de amiga. Acho que ela está no final deste corredor.

Teeny olha para mim. Ela fecha um pouco os olhos. Parece que ela está tentando olhar diretamente através de mim.

– Está bem – ela diz finalmente. – Nós podemos esperar. Certo, Oswald?

– OK – diz Oswald.

Eu viro à direita e sigo as indicações como fiz quando encontrei a CTI do Hospital Infantil. Após dois longos corredores uma curva, encontro-me parado do lado de fora de um conjunto de portas duplas



que parecem muito com as portas da CTI infantil. Leio a inscrição da placa na porta: *Centro de Terapia Intensiva*.

Atravesso as portas.

Apareço dentro de um amplo salão com várias cortinas ao longo dele. Algumas estão fechadas e outras abertas. Há um extenso balcão, mesas e muitas máquinas no centro da sala. Os doutores se movimentam, entrando e saindo entre as cortinas, digitando em computadores, falando ao telefone, conversando uns com os outros, escrevendo coisas nas suas pranchetas, outros parecendo muito preocupados.

Todos os médicos parecem preocupados, mas estes parecem muito mais preocupados.

Começo pela cortina mais perto de mim. Está fechada. Eu rastejo por debaixo dela. Uma mulher idosa está deitada na cama. Ela tem cabelos grisalhos e um monte de rugas ao redor dos olhos. Do lado dela tem várias máquinas. A velhinha tem fios e tubos conectados aos seus braços e um tubo fino de plástico enfiado dentro do nariz. Ela está dormindo.

Eu passo pela próxima cortina e depois pela outra. Quando as cortinas estão fechadas, eu me arrasto por debaixo delas. Algumas camas estão ocupadas e outras estão vazias. Dois dos espaços encortinados não têm nem cama. Todos os doentes são adultos, e homens, na sua maioria.

Acabo encontrando Dee detrás da última cortina. No primeiro momento não reconheço a minha amiga. A cabeça dela está raspada. Ela está tão careca quanto o amigo do Oswald e tão careca quanto Oswald. Suas bochechas estão inchadas e a pele ao redor dos olhos está escura, formando olheiras profundas. Ela é a pessoa com mais máquinas conectadas ao corpo que vi até agora. Fios e tubos saem de sacos de água e máquinas com pequenas telas de televisão estão ligadas aos seus braços e ao seu peito. As máquinas fazem vários barulhos, assovios, zumbidos e estalidos.

Tem uma mulher sentada em uma cadeira, perto da cama. Ela está segurando a mão da Dee. É a irmã dela. Sei disso porque ela se parece muito com a minha amiga. Uma versão mais jovem e a mesma pela escura. O mesmo queixo pontudo. Os mesmos olhos redondos. Ela está sussurrando palavras no ouvido dela. Ela sussurra as mesmas palavras de novo e de novo. Palavras como *Deus, Jesus, Todo Poderoso*. Fala tão baixo, que mal posso ouvir o que diz.

Dee não parece nada bem. Na verdade parece estar péssima.

A irmã da Dee também não parece estar bem. Ela tem cara de estar muito cansada e assustada.

Sento na beira da cama, perto da irmã. Olho de novo para Dee e tenho uma vontade grande de chorar. Só que não tenho tempo para chorar agora. Teeny e Oswald estão me esperando perto dos elevadores e a Sra. Patterson está arrumando os últimos detalhes no ônibus secreto, lotando os armários com comida e roupa. Eu realmente tenho de ir.

– Fico muito triste por você estar tão ferida – falo para Dee. – Eu gostaria de ter podido salvar você, a minha amiga. Desculpe... E quero que saiba que sinto muito a sua falta.

Meus olhos se enchem de lágrimas. É a segunda vez que meus olhos produzem lágrimas. São algo muito estranho, gotas mornas e escorregadias.

– Eu tenho de salvar Max – digo para Dee. – Não pude salvar você, mas acho que posso salvar Max. É por isso que tenho que ir embora agora.

Eu levando para sair. Eu olho de novo para Dee, o seu rosto pálido e seus pulsos finíssimos. Presto atenção na sua respiração áspera e descompassada, nos sussurros da sua irmã, assim como o bipe constante da máquina ao lado da cama. Eu olho e escuto. Então sento de novo.

– Estou com medo – conto para a minha amiga. – Não pude salvar você, mas talvez consiga salvar Max. Só que estou morrendo de medo. Max está em perigo, mas eu acho que esse problema dele, de certa maneira, é bom para mim. Enquanto ele estiver em perigo eu continuo existindo. Portanto estou muito confuso.

Eu respiro profundamente. Fico pensando no que dizer em seguida, mas como não me vem nada na cabeça, apenas recomeço a conversar normalmente.

– Não estou dizendo que Max vai ser baleado por um homem com máscara de diabo, como aconteceu com você. Não é em absoluto um perigo desse tipo. A senhora Patterson vai cuidar bem do Max. Eu sei disso. Ela não deixa de ser um demônio também, mas não do tipo que atira em pessoas. De um modo ou de outro Max vai ficar bem. Quem pode se dar mal sou eu. Não sei o que vai acontecer comigo. E agora que tenho Oswald me ajudando, talvez eu seja realmente capaz poder salvar Max. Nunca pensei que Oswald fosse

concordar em me ajudar, mas ele topou. Agora acho que posso salvar Max. O único problema é que estou muito assustado.

Sento e fixo o olhar na minha amiga. Ouço a irmã dela sussurrando aquelas palavras uma e outra vez. Ela entoa as palavras de uma forma que parecem uma doce canção.

– Eu sei que o que devo fazer é salvar Max. É a coisa certa – explico para Dee. – Mas também de que serve fazer a coisa certa se fazendo isso deixarei de existir? Afinal, a coisa certa só é boa se continuamos estando aqui para aproveitar...

Sinto mais lágrimas quentes e escorregadias acumulando nos meus olhos, mas estas não são por causa da Dee. São por causa de mim mesmo.

– Eu queria muito que existisse mesmo um Paraíso. Se soubesse que tem um Paraíso para mim também, com certeza eu não estaria hesitando tanto em salvar Max. Eu não estaria com tanto medo, porque teria um lugar para ir depois daqui. Outro lugar. Mas eu não acredito que exista um Paraíso, muito menos um Paraíso para amigos imaginários. O Paraíso, supostamente, é para as pessoas criadas por Deus, e Deus não me criou. Foi Max quem me imaginou.

Eu sorrio ao pensar em Max como um deus. Um deus trancado em um porão com um monte de *Lego* e exércitos de soldadinhos. O deus de um único ser. O Deus de Budo.

– Eu acho que é por isso que preciso salvar Max – reafirmo. – Porque ele me criou. Eu não existiria se não fosse por ele. Mas estou assustado e me sinto péssimo por sentir este medo. E quando penso na opção de deixar Max com aquela mulher, sinto-me pior ainda. Um crápula. Mesmo já tendo decidido que vou tentar salvá-lo, toda hora penso em não fazer isso e esse sentimento faz com que me sinta muito mal. Como um grande canalha. Mas será que é assim tão errado a gente também se preocupar consigo mesmo?

– Não.

Não é a irmã da Dee ou algum médico quem fala. É Dee.

Eu sei que ela não pode me escutar, porque sou um amigo imaginário. Mas o que ela fala soa como uma resposta para a minha pergunta. Isso me deixa surpreso. Só o fato de a Dee falar já me surpreende. Eu engasgo.

– Dee?! – a irmã dela fala. – O que você disse?

– Não tenha medo – fala Dee.

– Não tenha medo do quê? – a irmã dela pergunta.

Agora ela está apertando a mão da Dee, e se inclina para ficar mais perto dela.

– Você está falando comigo? – pergunto.

Dee entreabre seus olhos, mas eles continuam quase fechados. Eu olho para ver se ela está olhando para mim, mas não consigo ter certeza.

– Não tenha medo – Dee fala outra vez.

Sua voz é fraca e sussurrada, mas as palavras são claras.

– Doutor! – grita a irmã da Dee, virando na direção do balcão e das mesas no centro da sala. – A minha irmã está acordada! Ela está falando!

Dois médicos se levantam e vêm até onde nós estamos.

– Dee! Você está falando comigo? Dee? – pergunto para a minha amiga mais uma vez.

Eu sei que a resposta é não. Ela não pode estar falando comigo. Mas, para mim, é como se estivesse.

–Vá – pede Dee. – Vá. Chegou a hora. Não tenha medo.

Os médicos chegam. Eles abrem totalmente as cortinas. Um deles pede para a irmã da Dee sair de perto da cama. O outro médico está indo para o lado oposto da cama quando um alarme começa a tocar. Dee revira os olhos. Os médicos começam a se movimentar com mais urgência. Rapidamente sou empurrado do meu lugar por um doutor, derrubado para fora da cama por outro médico que acaba de chegar, e caio com tudo no chão. Os médicos me empurraram para longe da minha amiga e nem mesmo têm consciência disso.

– Ela estava falando! – repete a irmã da Dee.

– Ela está piorando! – diagnostica um dos doutores.

Outro doutor conduz a irmã da Dee, segurando-a pelo o ombro, retirando-a de perto da cama. Mais dois médicos chegam. Mudo de lugar e fico nos pés da sua cama. Os médicos estão se amontoando ao redor dela. Agora mal posso ver Dee. Um dos médicos coloca uma bolsa plástica na boca da Dee e começa a apertar para que abra e feche. Outro doutor coloca uma agulha no tubo que está conectado ao braço da Dee. Fico olhando enquanto o

líquido amarelo desliza pelo tubo até desaparecer debaixo da camisola da Dee.

Dee está morrendo.

Dá para saber só pela expressão nos rostos dos médicos. Eles estão trabalhando duro e com rapidez, mas só estão fazendo o que têm de fazer. O que se espera que façam como profissionais. É o mesmo olhar que percebo em alguns professores do Max quando ele não entende alguma coisa e o professor acha que ele nunca vai entender mesmo. Os professores trabalham bastante, mas dá para dizer quando apenas estão cumprindo a tarefa. E não ensinando a tarefa. É assim que os médicos parecem agora. Eles estão fazendo o procedimento médico obrigatório, mas não acreditam que o procedimento vá funcionar.

Os olhos da Dee se fecham.

Ouço suas últimas palavras ecoando na minha cabeça.

*Vá. Chegou a hora. Não tenha medo.*

# Capítulo 50



Estamos parados nas portas de entrada da frente do hospital. A neve está caindo lá fora. Oswald diz que nunca viu neve antes. Falo que ele vai adorar.

– Muito obrigado – agradeço eu à Teeny.

Ela sorri. Sei que ela não pode deixar Aubrey, mas gostaria muito que ela viesse conosco.

– Você está pronto, Oswald? – pergunto.

O saguão está bem movimentado. Está lotado de pessoas entrando e saindo. Oswald agora parece ainda mais alto que antes. Comparando ele com várias outras pessoas, Oswald é um verdadeiro gigante.

– Não – diz Oswald. – Eu quero ficar aqui.

– Mas você vai com Budo e o ajudará – reafirma Teeny. E isto não é mais um pedido. Considere como um comando.

– Sim – assente Oswald.

Ele responde *sim*, mas o som é de *não*.

– Muito bem! – diz Teeny e depois ela voa até Oswald e abraça o seu pescoço.

Ele dá uma engasgada. Seus músculos ficam tensionados. Seus punhos se fecham com força mais uma vez. Teeny continua abraçando ele com força até ele relaxar. E demora um tempão.

– E desejo muita boa sorte – acrescenta a fadinha. – Quero ver os dois de novo logo, logo.

– OK – diz Oswald.

– Daqui a pouco nos vemos, então – garanto eu.

Mas eu não acredito no que digo. Acho que esta é a última vez. Nunca mais vou ver Teeny nem este hospital de novo.

Assim que saímos do edifício do hospital, Oswald passa os primeiros cinco minutos tentando evitar os flocos de neve que não

param de cair. Está nevando bastante. Quando ele consegue se esquivar de um floco, outros dez passam através dele. E ele nem percebe.

Assim que entende que a neve não vai machucá-lo, ele passa os próximos cinco minutos tentando pegar os flocos de neve com a língua. É claro que os flocos atravessam a língua dele, mas Oswald demora um tempo até perceber isso e ele tromba com pelo menos umas três pessoas e um poste telefônico durante o percurso.

– Nós temos ir – aviso Oswald.

– Aonde?

– Temos de ir para casa. Temos de pegar o ônibus para ir para a escola amanhã.

– Eu nunca andei de ônibus antes – diz Oswald.

Dá para notar que ele está nervoso. De agora em diante pretendo contar a ele o mínimo necessário.

– Será divertido – digo. – Eu prometo que você vai gostar.

É uma grande distância a pé do hospital até a casa do Max. Eu costumo apenas curtir a caminhada, mas Oswald resolve ficar fazendo perguntas. Muitas perguntas.

A que horas eles ligam as luzes da rua?

Cada luz dessas tem um interruptor por separado?

Para onde vão todos esses trens?

Por que as pessoas simplesmente não retiram o seu próprio dinheiro?

Quem decidiu que vermelho é para parar e verde para seguir?

Só existe uma lua?

Todos os carros têm a mesma buzina?

Como a polícia faz para que as árvores não cresçam no meio da rua?

As pessoas pintam os seus próprios carros?

O que é um hidrante?

Por que as pessoas não assoviam enquanto andam?

Onde moram os aviões quando não estão voando?

As perguntas nunca param, e mesmo que eu queira que elas parem, continuo a responder tudo que me pergunta. Esse gigante que poucas horas atrás estava me arremessando pelo hospital, agora está precisando de mim. E enquanto ele precisar de mim, talvez também me ouça e me ajude.

Assim que deixamos Teeny para trás no hospital, comecei a ficar com medo de que Oswald voltasse a se transformar naquele Oswald de antes, bravo e irritado. Temia que a magia da Teeny fosse ir se acabando depois que a gente se afastasse um pouco dela. No lugar disso, o gigante careca se transformou em uma criancinha, antes de frequentar a escola, que quer saber tudo, então pergunta.

– Esta é a minha casa – mostro para Oswald quando finalmente chegamos à entrada da garagem.

É bem tarde. Eu não sei quanto de tarde, mas as luzes da cozinha e da sala já estão apagadas.

– Para onde estamos indo? – pergunta Oswald.

– Para dentro. Você dorme?

– Quando? – Oswald pergunta.

– Você costuma dormir?

– Ah! Sim.

– É aqui que dormiremos esta noite – eu falo, apontando para a casa.

– Como vamos entrar? – ele pergunta.

– Através da porta – respondo.

– Como?

Então eu caio na real. Oswald não pode atravessar portas. No hospital, quando descemos as escadas do terceiro andar para o térreo, seguimos dois homens vestindo uniformes azuis pela porta. Quando saímos do hospital, foi atrás de um homem e uma mulher.

É por isso que Oswald abriu a porta do quarto do homem careca. O quarto de John. Ele foi obrigado a empurrar a porta para poder entrar.

– Você pode abrir a porta? – pergunto eu.

– Eu não sei – diz Oswald.

Mas dá para notar que ele está olhando a porta como se fosse uma montanha.



– Deve estar trancada – eu digo, o que é verdade. – Esquece.

– E como você costuma entrar? – Oswald pergunta.

– Eu consigo passar através da porta.

– Através?

Eu subo três degraus até a porta da frente da casa e passo através dela. Na verdade, eu atravesso duas portas. Uma de tela e a outra, uma porta de madeira. Então eu dou meia volta e atravesso de volta para fora.

Oswald está de boca aberta, escancarada até, quando eu reapareço do outro lado. Seus olhos ficaram gigantescos, de tão arregalados.

– Você é mágico – diz ele.

– Não, você que é mágico – eu digo. – Conheço vários amigos imaginários que podem atravessar portas. Mas eu não conheço nenhum que possa mexer as coisas do mundo real.

– Amigos imaginários?

Eu percebo que novamente falei demais.

– Sim – eu confirmo. – Eu sou um amigo imaginário. – Faço uma pausa por alguns instantes, pensando no que dizer em seguida. Então, continuo. – Assim como você.

– Eu sou um amigo imaginário? – Oswald pergunta, espantado.

– É sim. O que você pensou que era?

– Um fantasma – ele diz. – Eu pensei que você também fosse um fantasma. E pensei que você queria roubar John de mim.

Eu dou risada.

– Não é nada disso. Aqui não tem nenhum fantasma. E Teeny, o que você pensou que ela era?

– Uma fada – diz Oswald.

Dou risada novamente, mas logo percebo que isso provavelmente ajudou Teeny a convencer Oswald a me ajudar.

– Acho que você está parcialmente certo sobre Teeny. Ela é uma fada, só que também é imaginária.

– Ah.

– Você parece chateado.

E ele está. Ele está olhando para os pés outra vez e seus braços estão pendurados como macarrão molhado.

– Eu não sei o que é melhor – diz Oswald. – Ser imaginário ou ser fantasma.

– Qual é a diferença? – pergunto eu.

– Se eu for um fantasma, significa que já estive vivo antes. Mas se eu for imaginário, isso quer dizer que nunca estive vivo.

Forma-se um silêncio entre nós enquanto nos encaramos, olhos nos olhos. Primeiro não sei o que dizer. Depois eu digo.

– Eu tenho uma ideia.

Eu digo isso porque eu realmente tenho uma ideia, mas principalmente porque quero mudar de assunto.

– Você acha que consegue apertar a campainha?

– Onde? – pergunta Oswald.

E pelo tom da sua pergunta percebo que ele não tem ideia do que é uma campainha.

– Esse pequeno círculo – falo eu, apontando para o botão. – Se você o apertar, uma campainha vai tocar dentro da casa e os pais do Max vão abrir a porta. Quando eles abrirem, podemos entrar.

– Eu pensei que você pudesse atravessar a porta.

– Eu posso. Desculpe, quis dizer que *você* poderia entrar pela porta.

– OK – diz Oswald.

Ele fala muito *OK* e eu não consigo evitar de me lembrar do Max, cada vez que Oswald fala isso. Nesta noite Max vai ficar sozinho, trancado no porão da Sra. Patterson e só de pensar nisso fico triste e podre por dentro.

Eu prometi a ele que nunca o abandonaria. Agora estou aqui com Oswald.

Mas amanhã à noite Max estará dormindo na sua própria cama. Digo essas palavras bem alto na minha cabeça, e com isso consigo me sentir um pouco melhor.

Oswald sobe os três degraus da entrada. Aproxima-se da campainha, e antes de ele apertar o botão, o seu corpo inteiro fica enrijecido. Os músculos de seus braços e pescoço sobressaem. Aparece uma veia no meio da sua testa e começa a palpitar. As

lagartas na cabeça dele se beijam outra vez. Ele entrecerra os dentes. Suas mãos tremem quando ele estende o dedo. Ele aperta o botão, e por um segundo nada acontece. Então, as mãos do Oswald tremem ainda mais e escuto um grunhido. Quando ele grunhe, o botão desaparece sob o dedo e a campainha toca.

– Você conseguiu! – eu digo, e apesar de que já vi Oswald mexer outras coisas do mundo real, mesmo assim estou novamente impressionado.

Ele concorda com um aceno de cabeça. Gotas de suor aparecem na sua testa e ele está tentando recuperar o fôlego. Parece que ele acaba de correr trinta quilômetros.

Ouçõ alguém se movimentando dentro da casa. Saímos do caminho para que a porta não acerte Oswald. A porta de madeira abre para dentro. A mãe do Max sai na porta e olha através da tela. Ela coloca as mãos sobre os olhos. Olha para de um lado para outro e começo a achar que tocar a campainha não foi uma ideia tão boa assim.

Ela tem esperança no seu rosto.

Ela estava pensando que pudessem ser boas notícias. Achou que poderiam ser notícias do Max. Está frio lá fora. A neve parou de cair, mas posso ver a respiração dela no ar gelado. Ela abraça o próprio corpo com seus braços para se manter aquecida. Eu cutuco Oswald para ir para frente quando a mãe do Max pergunta:

– Olá? Tem alguém aí?

– Entra – eu falo. – Espere por mim.

Oswald faz o que peço. Eu assisto à mãe do Max perguntar mais uma vez, e depois a esperança desaparece por completo do seu semblante.

– Quem é? – pergunta o pai do Max.

Ele está em pé na cozinha. Oswald está parado ao lado dele.

– Não era ninguém – informa a mãe do Max.

Suas palavras soam pesadas como pedras. Ela mal consegue pegar cada uma e as pronunciar.

– Quem é o energúmeno que aperta a campainha de alguém dez da noite e sai correndo? – diz o pai do Max.

– Talvez tenha sido um engano – diz a mãe do Max, resignada.

Ela parece distante mesmo estando em pé ao meu lado.

– Dane-se – diz o pai do Max. – Ninguém pode cometer esse tipo de engano e desaparecer.

A mãe do Max começa a chorar. Acho que ela teria chorado de qualquer jeito, mas ouvir a palavra *desaparecer* afeta a mãe do Max como se fosse uma enorme pedra. Ela chora e suas lágrimas escorrem.

O pai do Max sabe disso. Ele sabe o que acaba de fazer.

Ele coloca as mãos sobre ela e a afasta da porta, deixando a tela fechar atrás deles. Desta vez sem aquele *pam-pam-pam* de sempre. Eles ficam em pé na cozinha, abraçados, enquanto a mãe do Max chora, chora e chora. Eu nunca tinha visto uma pessoa chorar tanto assim antes.

## **TINHA UMA IMAGEM AQUI**

A porta do quarto do Max está fechada, portanto peço para Oswald dormir no sofá da sala de estar. Ele é tão comprido que seus pés ficam para fora do sofá. Ficam balançando no ar como se fossem duas enormes varas de pescar.

– Você está confortável? – pergunto.

– Quando alguém está dormindo na cama ao lado de John, sou obrigado a dormir no chão. Isto aqui é mil vezes melhor que o chão.

– Que bom. Durma bem, então.

– Espera – diz Oswald. – Você vai dormir agora?

Eu não quero contar para Oswald que eu não durmo. Fico achando que ele vai voltar a fazer mil perguntas. Então eu minto que sim.

– Eu vou dormir um pouco nesta cadeira. Costumo fazer muito isso.

– Antes de eu dormir, eu sempre falo com o John.

– Verdade? O que você fala para ele?

– Eu conto sobre o meu dia – Oswald diz. – Falo sobre o que eu fiz. Quem eu vi. Não vejo a hora de poder contar para ele todas as coisas que vi hoje...

– Você quer me contar sobre o seu dia?

– Não – responde Oswald. – Você já sabe tudo sobre o meu dia. Você estava comigo.

– Ah! Então você quer falar sobre outra coisa?

– Não, eu quero que você me conte sobre o seu amigo.

– Max? – pergunto.

– Isso – confirma Oswald. – Fala um pouco sobre Max. Eu nunca tive um amigo que pudesse andar e falar.

– Está bem. Vou falar do Max.

Começo com as coisas fáceis. Primeiro descrevo Max fisicamente e o que ele gosta de comer. Eu conto a Oswald sobre o *Lego*, os soldadinhos e os video games. Explico como Max é diferente das outras crianças, porque ele pode ficar empacado, e como ele vive, na maior parte do tempo, dentro do seu próprio interior.

Depois eu conto as histórias. Conto sobre a primeira festa do Dia das Bruxas do Max no jardim de infância, o problema com os tais cocôs extras e a briga com Tommy Swinden no banheiro masculino. E conto sobre a pedra que o mesmo Tommy jogou na janela do quarto do Max na semana passada. Digo como a mãe do Max quer que o meu amigo prove coisas novas e como o pai do Max gosta de usar a palavra *normal*. Eu falo sobre jogos de pegar bola no quintal e da maneira como eu ajudo Max escolher a camisa vermelha ou verde, quando ele não consegue se decidir.

E não me esqueço de falar também sobre a professora Gosk. Descrevo como ela é quase perfeita, a não ser quando ela chama Max de *meu garoto*. Mas explico que isso é tão próximo da perfeição, que a torna perfeita.

Eu não falo sobre a Sra. Patterson. Fico com medo que se falar dela, Oswald possa ficar com medo de me ajudar amanhã.

Oswald não faz nenhuma pergunta. Por duas vezes fico achando que ele dormiu. Eu paro de falar, ele levanta a cabeça, olha para mim e diz,

– O que foi?

– Você sabe que eu mais gosto do Max? – pergunto para ele.

– Não – ele diz. – Eu não conheço Max.

– O que eu mais gosto no Max é que ele é muito corajoso.

– O que ele fez de corajoso?

– Não é somente uma única coisa – eu digo. – É tudo o que ele faz. Max não é igual a nenhuma outra pessoa no mundo. As crianças zombam dele por ser diferente. A mãe dele tenta transformá-lo em um garoto diferente e o pai o trata como se Max fosse outro garoto. Até os professores o tratam diferente, e nem sempre são gentis. Até mesmo a professora Gosk. Ela é perfeita, mas mesmo assim, ela também trata Max de forma diferente. Ninguém o trata como um garoto comum, mas todos querem que ele seja um garoto como os outros ao invés de ser ele próprio. E mesmo com tudo isso, Max ainda levanta da cama pela manhã e vai para a escola, para o parque e até mesmo para a parada do ônibus.

– E isso é ser corajoso? – Oswald pergunta.

– É ser o mais corajoso de todos – respondo. – Eu sou o amigo imaginário mais velho e mais esperto que já conheci. Para mim é bem fácil sair e conhecer outros amigos imaginários, todos eles me respeitam. Eles me perguntam coisas e querem ser como eu. Claro, isso quando não estão me espancando.

Eu sorrio para Oswald.

Ele não sorri de volta.

– Mas você tem de ser a pessoa mais corajosa do mundo para sair todos os dias sendo você mesmo, quando ninguém gosta de quem você é – explico eu. Eu nunca conseguiria ser assim tão corajoso como Max.

– Eu gostaria de ter um amigo como Max – diz Oswald. – Nunca nem ouvi o John falar.

– Talvez ele volte a falar um dia.

– Talvez – diz ele, mas pela voz, acho que Oswald realmente não acredita nisso.

– Podemos ir dormir agora? – pergunto.

– Sim – diz Oswald.

E sem dizer outra palavra, ele adormece quase que imediatamente.

Eu sento na cadeira e fico olhando ele dormir. Tento imaginar como vai ser tudo amanhã. Faço uma lista de todas as coisas que preciso fazer para salvar Max. Tendo prever cada ponto onde o meu plano possa dar errado. Penso no que vou dizer ao Max quando chegar o momento.

Essa será a parte mais importante. Eu não posso salvar Max sozinho. Eu vou precisar da ajuda do Oswald, porém, mais que tudo, eu vou precisar do Max.

Não posso salvar Max, a não ser que o convença que ele mesmo tem de se salvar.

# Capítulo 51



Uma vez a Sra. Gosk leu uma história para a classe sobre um garoto chamado Pinóquio. Os alunos riram quando souberam a história que a professora queria contar. Elas achavam que era uma história para criancinhas.

Nunca é uma boa ideia rir da professora Gosk.

Assim que ela começou a ler, todos perceberam como tinham se enganado. Eles não queriam que a professoras parasse de ler. Queriam ouvir mais e mais. Mas todos os dias a Sra. Gosk parava no momento de maior suspense do livro e fazia todo mundo esperar até o dia seguinte para saber o que aconteceu depois. Os alunos imploravam que ela lesse mais, e ela dizia.

– Vocês podem comandar esta classe quando porcos voarem.

Isso deixava todo mundo louco de raiva. Max inclusive. Ela também estava amando aquela história. Acho que a Sra. Gosk fazia isso de propósito, e se vingava pelos estudantes terem dado risada dela.

Nunca mexa com a Sra. Gosk.

Pinóquio era um boneco de madeira, esculpido por Gepeto a partir de um tronco de árvore mágica. Apesar de ser uma marionete, Pinóquio tinha vida. Ele podia andar, falar, e o nariz dele crescia quando ele mentia. Mas Pinóquio passa a maior parte do tempo da história desejando ser um menino de verdade.

Eu odiei o boneco Pinóquio. Acho que era o único na sala que o odiava. Pinóquio estava vivo, mas isso não era o bastante para ele. Ele podia andar e falar e tocar as coisas no mundo real, mas ele passa a maior parte do livro esperando mais.

Evidentemente Pinóquio não tinha ideia de como era sortudo.

Voltei a me lembrar de Pinóquio nesta noite, pelo que Oswald falou sobre fantasmas e amigos imaginários. Eu acho que ele está certo. Seria muito melhor se fôssemos fantasmas. Fantasmas já



estiveram vivos um dia. Amigos imaginários nunca chegam a estar vivos no mundo real.

Um fantasma não deixa de existir só por alguém parar de acreditar nele. Ou esquecer que ele existe. Nem mesmo se encontrarem alguém melhor para ficar no lugar dele.

Se eu fosse um fantasma, poderia existir para sempre.

Esqueci-me de planejar o que fazer para tirar Oswald de casa esta manhã. O meu primeiro erro do dia. Cometer erros antes mesmo de sair de casa não é um bom sinal.

Mas ainda tenho confiança de que tudo vai dar certo. A mãe do Max sai para correr na maioria das manhãs, e o pai do Max geralmente sai para o trabalho antes de o ônibus escolar chegar. Além disso, ele costuma sair para recolher o jornal no jardim da frente. Às vezes ele só recolhe e leva o jornal para o trabalho com ele, mas comumente ele leva o jornal para dentro de casa para ler enquanto toma café da manhã. Só precisamos que um deles abra a porta, e Oswald poderá sair.

A mãe do Max entra na cozinha às sete e meia da manhã. Ela está quieta e usando um roupão. Embora tenha acabado de acordar, ainda tem cara de cansada. Ela prepara um bule de café e come torradas com geleia. Ela não é a minha mãe, mas é o ser mais próximo a uma mãe que eu alguma vez terei, e odeio vê-la tão pequena, tão cansada e triste. Tento imaginar o grito de alegria que vai dar ao rever Max esta noite. Tento apagar a imagem atual dela, tão cansada e desgastada e substituir pela minha imagem do futuro. Eu vou dar um jeito nisso. Vou salvar Max e isso a salvará também.

Finalmente o pai do Max abre a porta às 7h48 da manhã, segundo o relógio do micro-ondas. Ele ainda está vestido com a sua calça de moletom, portanto, acho que ele não vai trabalhar. Ele tem cara de cansado. Embora os pais do Max estivessem se abraçando a noite passada, dá para notar que não está tudo bem entre eles. Os pais do Max quase não estão conversando. Ele diz “Bom dia” e nada mais. E ela mal fala com ele. É como se houvesse uma parede invisível separando os dois.

Max sempre foi um dos motivos para que brigassem, mas sei que Max também deu a eles um motivo para que se amassem. Mas agora estão perdendo as esperanças. Estão começando a achar que nunca mais vão ver Max de novo. É como se sem Max, não tivessem algo que os deixasse unidos. É quase como se Max ainda estivesse

aqui, só que agora ele é apenas uma lembrança do que eles perderam.

Eu tenho muito para salvar hoje.

O ônibus costuma parar na casa do Max às sete e cinquenta e cinco, só que o ônibus não vai parar na casa do Max hoje. Nós temos que ir até a casa da família Savoy, e isso significa que temos de correr o mais rápido possível. Não podemos perder o ônibus, porque não tenho certeza se sei chegar até a escola sozinho. Pode ser até que consiga, mas não costumo prestar muita atenção nas ruas quando alguém está dirigindo. Posso me perder tentando achar a escola.

Oswald recomeça a fazer perguntas assim que saímos.

– O que é aquela caixinha na frente da casa?

– É a caixa de correio – eu respondo.

– O que é uma caixa de correio?

Eu paro e viro para ele.

– Se não pegarmos o ônibus não podemos salvar Max. Você pode me perguntar tudo que quiser assim que estivermos no ônibus. Só que agora temos que correr o mais rápido possível para poder pegar o ônibus. OK?

– OK – responde Oswald e imediatamente começa a correr. Ele é um gigante, mas pode correr rápido. Eu mal consigo acompanhá-lo.

O ônibus passa por nós quando estamos a duas casas da casa da família Savoy.

Gelo pela sensação de que nunca vamos chegar à parada do ônibus a tempo. Mas vejo quatro estudantes no ponto, três garotos Savoy e uma garota do primeiro ano, chamada Patty, todos esperando o ônibus. Portanto o motorista vai ter que esperar um pouco para todos embarcarem. Possivelmente não há muito tempo, mas temos ainda uma chance.

Então, vejo surgir a nossa chance. Quando Jerry Savoy está se preparando para embarcar no ônibus, o seu irmão mais velho derruba os livros das mãos do Jerry e dá risada. Os livros caem no chão, na frente dos degraus do ônibus, e um livro vai parar debaixo do ônibus. Jerry tem que abaixar para pegá-los e ficar de quatro para alcançar o livro que caiu embaixo do ônibus. Henry Savoy é um grande canalha malvado, mas hoje ele me fez um favor. Henry não sabe disso, e Jerry muito menos, mas eles podem ter acabado de salvar Max. Chegamos à parada do ônibus na frente da casa dos

Savoy a tempo de conseguir entrar pela porta, espremidos atrás de Patty.

Se tivéssemos chegado dez segundos depois, o ônibus já teria saído.

Tento recobrar o fôlego enquanto mostro a Oswald o assento onde Max costumava sentar.

– Por que as crianças pegam o ônibus? – pergunta Oswald. – Por que as mães não levam as crianças de carro?

– Eu não sei – respondi. – Talvez algumas pessoas não tenham carro.

– Eu nunca andei de ônibus antes.

– Eu sei. O que você está achando? – pergunto.

– Não tão excitante quanto eu pensei que seria.

– Obrigado por correr bem rápido.

– Eu quero salvar Max – diz Oswald.

– Você quer?

– Quero.

– Por quê? – pergunto. – Você nem o conhece...

– Ele é o garoto mais corajoso do mundo. Foi você quem disse. Ele fez cocô na cabeça de Tommy Swinden e vai para a escola todos os dias, mesmo ninguém gostando dele. Nós temos que salvar Max.

Escutar Oswald dizendo aquelas palavras faz com que eu sinta um calor agradável dentro do peito. Deve ser assim que a Sra. Gosk se sente quando conta uma história que se torna parte da vida de seus estudantes.

– Mas como vamos fazer para salvar Max? – Oswald pergunta. – Você ainda não me contou o seu plano.

Decido então que este é o momento de falar. Eu passo os próximos dez minutos contando ao Oswald tudo o que sei sobre a Sra. Patterson.

– Você está certo – diz Oswald quando eu termino. – Ela é o demônio. Ela é um demônio raptadora de garotinhos.

– Sim – eu digo. – Mas sabe de uma coisa? Penso que a senhora Patterson não tem consciência que ela é um demônio. Ela acha que os pais do Max são os demônios. Ela acredita estar fazendo

a coisa certa. Continuo não gostando dela, mas isso faz com que odeie esta mulher um pouco menos.

– Talvez cada um de nós seja o demônio de alguém – diz Oswald. – Talvez até mesmo você e eu.

Assim que ele diz essa última frase, noto, pela primeira vez, que posso ver as casas e as últimas folhas brilhantes e coloridas das árvores piscando enquanto o ônibus desce a rua.

Consigo ver as árvores passando ao olhar *através dele*.

Oswald está desaparecendo.

Isso não faz sentido. Quais são as chances de Oswald começar a desaparecer justo no dia que preciso dele? Bem no dia que Max precisa dele?!

Isso não parece justo.

Parece impossível.

Parece um daqueles programas de televisão onde tantas coisas ruins acontecem, e ao mesmo tempo, que o programa parece forjado.

Então eu percebo o que aconteceu. É culpa minha. Oswald está morrendo por minha causa.

Oswald contou que conversava todas as noites com John antes de dormir. Ele falava ao John tudo que tinha feito, quem tinha visto, e só dormia depois de terminar de contar sobre o seu dia.

É isso que deveria fazer John continuar acreditando em Oswald. O fato de o John poder ouvir Oswald contar suas histórias todas as noites. Com seus ouvidos, ou talvez apenas dentro da sua cabeça. Dentro da sua mente. Talvez seja por isso que Oswald começou a existir. John está preso em um corpo que não vai mais acordar, portanto Oswald faz o papel de olhos e ouvidos do John. A sua janela para o mundo externo.

Eu pensei que Oswald pudesse mexer as coisas no mundo real, porque John é um adulto. Antes dele, nunca tinha conhecido um amigo imaginário que tivesse um adulto como amigo humano. Portanto pensava que era isso que tornava Oswald especial, que dava a Oswald seus poderes especiais.

Mas talvez Oswald só possa mexer as coisas no mundo real, porque John não pode mais. Pode ser que John esteja tão triste por estar prisioneiro dentro de um coma, que ele imaginou Oswald sendo capaz de mover as coisas, porque ele próprio não pode mais. Talvez,

para John, Oswald é a sua janela para o mundo e a única maneira de o John continuar em contato com o mundo real.

Só que agora eu tirei aquela janela dele. Oswald não conseguiu falar com John na noite passada e agora John parou de acreditar no seu amigo imaginário.

Oswald está morrendo por minha causa.

Oswald estava certo. Todos são o demônio de alguém. E eu sou o demônio de Oswald.

# Capítulo 52



Estamos sentados na sala de aula da professora Gosk. Ela está contando uma história sobre suas filhas, Stephanie e Chelsea. A Sra. Gosk ainda não está sendo ela mesma. Consigo ver tristeza em seus olhos. Mas não está mais pulando pela sala como se o chão estivesse pegando fogo. Mas mesmo assim os alunos ainda estão grudados nas carteiras. Oswald, que também está sentado em uma carteira, está como eles. Ele não consegue tirar os olhos da Sra. Gosk. Deve ser a única razão pela qual ele ainda não percebeu que está desaparecendo. Ele está desaparecendo rapidamente. Bem mais rápido que Graham. Fico preocupado de ele desaparecer completamente até o final da jornada escolar.

Oswald se vira para mim.

Tenho de estar preparado. Ele deve saber que está desaparecendo. Posso sentir.

– Eu amo a professora Gosk – ele diz.

Eu sorrio.

Oswald volta a prestar atenção na Sra. Gosk. Ela termina de contar a história sobre suas filhas. Agora fala sobre algo chamado *predicado*. Eu não sei o que é predicado. E acho que Oswald também não sabe. Mas ele parece mais interessado em predicados do que qualquer outra pessoa na sala. Os olhos dele estão pregados na Sra. Gosk.

Eu sei o que preciso fazer. Eu não sei como o farei, mas preciso encontrar uma maneira. É a coisa certa a ser feita.

Parece impossível fazer alguma coisa ruim quando a Sra. Gosk está na sala.

– Oswald, nós temos de ir – eu digo.

– Aonde? – pergunta ele, ainda encarando a professora.

– Ao hospital.

Ele vira para mim. Aquelas lagartas acima de seus olhos se beijam novamente.

– E Max? Nós temos que salvá-lo.

– Oswald, você está desaparecendo.

– Você sabia? – ele pergunta.

– Você sabia? – eu pergunto também.

– Sabia. Eu percebi quando acordei essa manhã. Consegui ver através das minhas mãos. Como você não comentou nada, então eu pensei que talvez só eu estivesse notando.

– Mas a verdade é que também percebi e já vi isso acontecer antes. Você vai desaparecer completamente se não voltar para perto do John.

– Pode ser, mas talvez... – diz Oswald.

Só que ele não acredita nesse *talvez*. Ele, assim como eu, acredita que seja mais uma *certeza definitiva*.

– Não tem talvez – eu digo. – Eu sei o que está acontecendo. John acredita em você, porque ele escuta você conversando com ele todas as noites. O problema é que você não contou nada para ele escutar ontem à noite, pois você estava comigo. É por isso que você está desaparecendo. Temos de dar um jeito de você voltar já para o lado dele.

– E o que faremos sobre Max? – pergunta Oswald.

Há um pequeno tom de raiva na voz dele que me deixa surpreso.

– Max é o meu amigo, e sei que não gostaria que você morresse salvando ele. Isso não está certo.

– Eu quero salvar Max – diz Oswald. – A decisão é minha.

Os punhos se fecham e ele me olha. Será que até Oswald se sente compelido a fazer a coisa certa na presença da professora Gosk?

– Eu sei que você quer salvá-lo – eu digo. – Mas não hoje. Temos que conseguir voltar logo para perto do John. Você pode salvar Max amanhã.

– Pode não dar mais tempo de chegar até John – diz Oswald. – E mesmo se eu conseguisse, não sinto mais a presença dele. Acho que é tarde demais.

Sendo franco, eu também acho que não dá mais. Lembro bem o que aconteceu quando tentei salvar a minha amiga Graham. Estou começando a entender como funciona. Pelo visto, depois que um amigo imaginário começa a desaparecer, nada pode deter esse processo. Porém não quero dizer isso em voz alta.

– Você vai desaparecer por completo e sumir e não ser que façamos alguma coisa – eu falo.

– OK. Eu sei disso.

– E você não vai virar um fantasma, se é o que está pensando. Você simplesmente vai desaparecer para sempre. Vai ser como se nunca estivesse estado aqui.

– Não se eu salvar Max – diz Oswald. – Se eu salvar o garoto mais corajoso do mundo vai ser como se eu ficasse aqui para sempre.

– Isso não é verdade – eu digo. – Você vai sumir e ninguém vai se recordar de você. Nem Max vai se lembrar de você. Será como se nunca tivesse existido.

– Você sabe por que eu estava tão bravo quando me conheceu? – pergunta Oswald.

– Você pensou que eu era um fantasma. E você achava que eu iria roubar John de você.

– Sim, mas realmente não. Foi porque quando estava naquele hospital, era como se eu não existisse. Ficava trancado no quarto do John e naqueles corredores, sem ninguém para conversar e nada para ver ou fazer. Posso não ser um fantasma, mas era como se eu fosse.

– Isso é ridículo – eu digo.

E realmente é. Eu sinto como se Oswald e eu tivéssemos trocado de lugar. Eu estou bravo, assustado e pronto para dar um murro na cara de alguém, e tão absurdamente calmo. Ele está desaparecendo na frente dos seus próprios olhos, mas não está preocupado, nem se importa. Nem pensa em lutar contra isso.

Parece Graham, depois que o nosso plano para salvá-la falhou. Ela também desistiu.

Daí Oswald faz o inacreditável. Ele se aproxima e me abraça. Com seus braços gigantes envolve todo o meu corpo e o aperta. Chega até a tirar da carteira. Esta é a primeira vez que ele tocou em



mim sem me machucar, e isso não tem nenhum sentido. Oswald é quem está desaparecendo e sou eu quem está sendo abraçado!

– Percebi que estava desaparecendo hoje de manhã quando vi que podia enxergar através das minhas mãos – diz ele, ainda me abraçando. – No primeiro momento fiquei assustado, mas não liguei, no hospital eu ficava apavorado o tempo inteiro. Agora conheço você e Teeny. Andei de elevador e de ônibus. Eu conheci a incrível professora Gosk. E ainda por cima vou salvar Max. Que mais poderia querer? Nunca, durante toda a minha existência, tinha acontecido tanta coisa legal comigo.

– Pense em tudo o que ainda poderia fazer – eu recordo.

Oswald me coloca de volta no chão. Os nossos olhos se encontram.

– Não se eu tiver de ficar todos os dias no hospital. Eu prefiro vivenciar uma boa aventura que ficar no hospital para sempre.

– É errado não tentar levar você de volta para o hospital – eu digo. – Sinto como se estivéssemos desistindo.

– É errado não ajudar o seu amigo Max – diz Oswald. – Ele é o garotinho mais corajoso do mundo inteiro. Ele precisa ser salvo.

– Você pode salvá-lo depois de salvar a si mesmo.

De repente Oswald parece estar com raiva. É o tipo de raiva que vi aparecer no seu rosto antes de ele começar a me arremessar pelo quarto do hospital. Seus músculos se retraem e ele parece crescer uns quinze centímetros.

Então, noto que ele volta a mudar, tão rapidamente como antes. Os punhos dele se abrem. Os músculos relaxam. O rosto se suaviza. Não é mais raiva o que ele sente. É decepção.

Ele está decepcionado comigo.

– Pare – ele diz –, quero escutar a professora Gosk. OK? Eu só quero ficar aqui sentado, ouvindo professora falar até chegar a hora de ir embora.

– OK – respondo.

Eu quero dizer mais coisas, mas estou assustado. Não estou com medo, porque Oswald está nervoso ou decepcionado comigo, muito embora isso doa mais que eu imaginava. Estou com medo porque eu preciso de Oswald. Não posso salvar Max sem ele. Estou contente que ele queira salvar Max, ao invés de salvar a si mesmo,

mas isso não impede que me sinta horrível por querer que ele faça isso. Como se eu fosse o pior amigo imaginário que já existiu.

Max é o garoto mais corajoso do mundo, mas Oswald é o amigo imaginário mais corajoso do mundo.

# Capítulo 53



Oswald fica com a professora Gosk o dia todo. Ele a segue inclusive quando ela vai ao banheiro. Eu falo para ele não fazer isso, mas acho que ele não sabe o que é privacidade no banheiro.

Eu também fico com a Sra. Gosk a maior parte do dia. Fico de olho em Oswald. Tenho medo que ele desapareça antes de me ajudar a salvar Max. Fico olhando para o seu corpo transparente e tento adivinhar quanto tempo ele tem. É impossível dizer. Estou enlouquecendo de tanto pensar nisso.

Também checo a senhora Patterson. A primeira coisa que fiz quando chegamos à escola foi me certificar que a Sra. Patterson estava trabalhando hoje. E ela está. Nós a vimos saindo do seu carro quando o ônibus estava entrando na rotatória.

Tudo está indo como planejado. Com exceção que a pessoa mais importante para o meu plano poder funcionar está desaparecendo diante de meus olhos.

Embora a jornada escolar termine às três e vinte da tarde, Oswald e eu saímos da sala da Sra. Gosk às três. Oswald vai ter subir no carro da Sra. Patterson quando ela abrir a porta, portanto quero que esteja pronto na hora de fazer isso.

Oswald se despede da professora Gosk antes de sair. Ele anda até a parte da frente da sala e diz que ela é a melhor professora do mundo. Conta que ficar sentado ali na carteira foi o melhor dia da sua vida. Não tenho certeza se voltarei a ver a Sra. Gosk, mas sei que Oswald não vai. Assistir a ele acenando para ela ao sair da sala de aula é tão triste quanto assistir a Graham desaparecer. Quase a coisa mais triste do mundo. Eu digo adeus também, mas me despeço bem rapidinho.

Não posso imaginar a possibilidade de não voltar a vê-la. Eu a amo tanto. Muito mesmo.

A Sra. Patterson sai pela porta lateral cinco minuto depois que o sinal toca. Ela carrega uma grande sacola de pano com as duas mãos. Parece estar cheia. A bolsa dela está pendurada no ombro.

– Não se preocupe comigo – recordo ao Oswald. – Eu posso atravessar a porta do carro, como fiz com a porta da minha casa. Você só tem que se preocupar em entrar. Quando ela abrir a porta, pule por cima dela. Não espere nem um segundo. Você tem de ser bem rápido.

A Sra. Patterson para em frente ao carro dela. Coloca a sacola de pano no asfalto e abre a porta do carro. Ela levanta a sacola, que parece estar bem pesada. Consigo ver livros, molduras de quadros e botas de neve dentro da sacola. E há outras coisas também, embaixo dessas. Ela vai colocar a sacola no banco de trás. Oswald não está na posição certa para entrar por essa porta de trás. Ele está parado na frente da porta quando a senhora Patterson a abre. E ele entra em pânico. Tenta correr ao redor da porta e da Sra. Patterson e vai se esgueirando, mas exatamente nessa hora a Sra. Patterson fecha a porta e ele não consegue entrar a tempo. Ele rebate na porta e volta para trás, caindo no asfalto. Então dá um grunhido e balança a cabeça.

– Levanta! – eu grito.

Ele me ouve e se levanta rapidinho.

A Sra. Patterson dá um passo para frente abre a porta dianteira. A do motorista. Oswald continua em posição para subir no carro. Ele está parado alguns passos atrás de onde eu falei para ele esperar, mas está perto o bastante para entrar, creio eu.

– Agora! – eu grito.

Oswald se move mais rápido do que eu achei que podia se movimentar. Ele se vai esquivando para dentro e pula pelo banco do motorista, passando pela frente da senhora Patterson. Não sei o que teria acontecido se a Sra. Patterson tivesse sentado em cima de Oswald. Amigos imaginários geralmente são empurrados para fora do caminho, quando entram, por exemplo, em um elevador lotado, mas sempre há um lugarzinho para ser empurrado. Mas se a Sra. Patterson sentasse em Oswald, não haveria lugar para ele ir.

Fico contente por não ter de descobrir sobre isso agora.

Atravesso a porta do banco traseiro, passo pela sacola de pano e sento atrás de Oswald, que agora está no banco do passageiro, ao lado do motorista.

– Você está bem? – pergunto.

– Estou – ele responde. – Mas a sua voz parece distante. E depois de alguns segundos, ele continua – Ela não parece ser uma má pessoa. Pensei que ela fosse parecer muito mais malvada.

– Deve ser por isso que ninguém desconfia que foi ela quem roubou Max – eu falo.

– Talvez todos os demônios pareçam normais – diz Oswald. – E por isso é que eles conseguem ser tão malvados.

A voz dele agora parece estar tão distante que fico preocupado de que não sobreviva à viagem de carro.

– Você tem certeza que está bem? – pergunto.

– Sim – ele diz.

– Ótimo. Daqui a bem pouquinho estaremos chegando à casa da Sra. Patterson.

O problema é que mesmo chegando à casa da Sra. Patterson cedo, não vamos poder salvar Max até ficar de noite. Oswald tem de existir por mais algumas horas, e não tenho certeza se ele vai conseguir.

Assim que saímos da escola, tento tirar esses pensamentos da minha cabeça e prestar atenção nas ruas. Eu preciso desenhar um mapa na minha cabeça para o meu plano dar certo. Observo que vamos até o final da rua e paramos em um semáforo que está em vermelho. É um semáforo bem demorado. A Sra. Patterson começa a dar uns tapinhas no volante enquanto esperamos. Ela também acha que é demorado. Finalmente o sinal fica verde e o carro faz uma curva para a esquerda.

O rádio está ligado. Um homem informa as notícias. Não falam nada sobre nenhum garotinho que desapareceu na própria escola.

Passamos por uma rua onde há um parque à esquerda e uma igreja à direita. O gramado na frente da igreja está cheio de abóboras. Há uma tenda branca ao lado da plantação alaranjada. Um homem está parado embaixo da tenda. Acho que está vendendo abóboras. Passamos por outros dois semáforos e então viramos para direita em outro semáforo.

– Esquerda, depois esquerda, e depois de três semáforos à direita – eu falo alto, repetindo duas vezes.

Até tento transformar as instruções em uma musiquinha, porque as músicas são mais fáceis de se lembrar.

– O que você está falando? – Oswald pergunta.

– Instruções. Eu preciso lembrar o caminho de voltar para a escola.

– Andar de carro também não é muito legal – diz Oswald. – Mas é um pouco melhor que o ônibus.

Quero até conversar com ele, mas não posso. Estou tentando memorizar o caminho. Mas me sinto mal. Oswald está desaparecendo cada vez mais rápido. O único amigo imaginário que já conheci que pode mover as coisas no mundo dos humanos vai desaparecer para sempre e eu não tenho tempo para conversar com ele.

Passamos por uma rua longa e escura. Sem parques nem igrejas. Apenas casas e duas estradas, uma do lado direito e outra do lado esquerdo. Passamos por dois semáforos e, depois a senhora Patterson desce por uma pequena colina, onde venta muito. No topo desse morrinho, ela vira à esquerda novamente. Esta é a rua da Sra. Patterson. Consigo reconhecê-la. A lagoa está do lado direito. A casa dela é no fim da rua, também do lado direito.

Tento desenhar dentro da minha cabeça o caminho da escola até a rua da senhora Patterson. Esquerda, esquerda, direita, esquerda, esquerda. Semáforos no meio. O parque. A igreja com abóboras. A lagoa.

Tenho de assumir que não sou muito bom em instruções de mapas. Consigo ir a pé até o hospital, a delegacia e o posto de gasolina, porque ando devagar. Os carros vão muito rápido. É difícil perceber as coisas quando se está dentro de um veículo. E há mais curvas para decorar porque se vai mais longe.

O carro desacelera e a Sra. Patterson vira à esquerda, na garagem.

– Chegamos – eu falo. – A casa é aquela no alto.

– OK – diz Oswald.

Subimos de carro até a casa. A Sra. Patterson aperta o botão do controle remoto e abre o portão da garagem. Ela entra e aperta o botão do controle remoto outra vez. O portão da garagem se fecha.

– E agora é a hora de salvar Max? – pergunta ansioso Oswald.

– Ainda não – eu respondo. – Temos de esperar algumas horas. Você acha podemos esperar tanto tempo?

– Eu não tenho noção do tempo. Não tenho ideia de quanto tempo são algumas horas.

– Não tem problema – eu digo. – Primeiro vou ver como está Max, porque posso atravessar a porta do quarto dele. Mas você o verá em breve.

A Sra. Patterson bate a porta do carro. O som da porta batendo faz com que eu caia na real e perceba que Oswald ainda está sentado no banco do passageiro, sem ter como sair do carro

Acabo de cometer outro erro.

Depois de passar seis anos sendo capaz de atravessar portas, esqueci que Oswald não consegue.

Outra vez.

# Capítulo 54



– Qual é o problema? – Oswald pergunta.

Eu não disse uma palavra desde que a Sra. Patterson fechou a porta.

– Eu fiz uma besteira – falo. – Eu me esqueci de avisar para você sair do carro.

– Ah...

– Está tudo bem – digo a ele. – Vou pensar em alguma coisa.

Mas assim que peço a Oswald que não se preocupe, faço um quadro dele na minha cabeça. Vejo o único amigo imaginário que pode mover coisas no mundo real, desaparecendo dentro deste carro comum, em uma simples garagem e, pior de tudo: impedido de cumprir a última e grandiosa tarefa que se predestinou a fazer antes de desaparecer.

– Posso tentar abrir a porta – diz Oswald.

– Você não vai conseguir – eu aviso. – Eu já vi como foi difícil para você conseguir apertar a campainha na casa do Max. Você nunca vai conseguir puxar a maçaneta e empurrar a porta ao mesmo tempo.

Oswald olha para a maçaneta da porta. Ele concorda com um aceno de cabeça.

– Talvez ela volte – ele diz.

É verdade. A senhora Patterson pode voltar. Ela deixou a sacola de pano no banco traseiro. E deve precisar da sacola. Mas Oswald está desaparecendo cada vez mais rápido. Se ela não voltar logo, temo que nem precise mais voltar.

– Passe para trás – eu digo. – Se ela voltar, vai ser para pegar esta sacola. E ela vai abrir essa porta. – Eu aponto para a porta onde está a sacola. – Temos de estar preparados.

Oswald pula para o banco de trás do carro. Ainda estou impressionado com a facilidade que ele se move, mesmo sendo um



gigante. Ele senta entre a sacola e eu, e ficamos ambos sentados em silêncio por um tempo, esperando.

– Talvez fosse bom se você fosse lá dentro checar como está Max – sugere Oswald.

Ela parece estar a milhares de quilômetros de distância. A sua voz é calma e abafada.

Eu pensei em checar como está Max, mas tenho medo de sair do carro. Fico com medo que Oswald desapareça enquanto eu estiver dentro da casa. Eu o olho bem de perto. Eu ainda posso enxergá-lo, mas também posso ver tudo atrás dele. A sacola no banco. A porta do carro. Vejo o ancinho, usado para recolher folhas do jardim, assim como a pá, os dois pendurados na parede da garagem. Quando ele para de me mexer, é mais fácil ver o ancinho e a pá do que o próprio Oswald.

– Eu vou ficar bem – ele diz. É como se estivesse lendo a minha mente. – Dê uma olhada no Max e volte para cá.

– Você está desaparecendo – digo.

– Eu já sei.

– Tenho medo que você desapareça enquanto eu estiver lá dentro da casa.

– Você acha que se você sair do carro vou começar a desaparecer mais rápido? – pergunta Oswald.

– Não. Mas não quero que você esteja só quando for deixar de existir.

– Ah.

Ficamos sentados em silêncio mais uma vez. Fico achando que falei algo errado. Tento pensar na coisa certa a dizer.

– Você está com medo? – pergunto finalmente.

– Não – ele diz. – Não estou com medo. Estou triste.

– Mas por que triste?

– Estou triste porque não seremos mais amigos. Triste porque não vou ver mais John nem Teeny. Estou triste porque não vou poder andar em outro elevador ou em outro ônibus. Por não poder virar amigo do Max.

Ele suspira e deixa cair a cabeça. Outra vez foco tentando adivinhar a coisa certa para dizer, mas ele fala antes que possa me expressar.

– Mas quando eu desaparecer, não vou mais ficar triste. Não serei mais nada. Portanto, só vou ficar triste agora.

– Como pode ser que você não esteja com medo?

Não é a coisa certa para dizer a Oswald, mas é a coisa certa para mim. Porque estou com medo e ainda não estou nem desaparecendo. Fico me se sentindo mal por não conseguir pensar na coisa certa para dizer a Oswald, mas não tem nada que possa fazer sobre isso.

– Medo de quê? – ele pergunta.

– Medo do que acontece depois que deixamos de existir.

– Mas o que acontece?

– Eu não sei o que acontece.

– Então, por que ficar com medo? – pergunta Oswald. – Eu acho que, provavelmente não acontece nada. E se for melhor do que nada, está tudo bem também.

– E se for pior do que o nada?

– Não há nada pior que nada. Mas se não for nada, eu não vou nem saber, porque não serei nada.

Naquele momento, Oswald pareceu um gênio para mim.

– E sobre não existir? – pergunto. – O mundo inteiro vai continuar rodando sem você. Como se você nunca tivesse estado aqui. E então, um dia todos que você conhece também estarão mortos. Então realmente será como se você nunca tivesse existido. Isso não deixa você triste?

– Não se eu salvar Max. Se eu o salvar, existirei para sempre.

Eu sorrio. Não acredito no que ele acaba de dizer, mas sorrio por gostar da ideia. Eu queria tanto poder acreditar nisso...

– Vá checar como está Max – pede ele. – Eu prometo que não vou desaparecer.

– Eu não posso.

– Se eu começar a desaparecer, eu buzino, OK? Tenho certeza que posso fazer isso.

– Está bem – falo antes de me virar para sair do carro. E então eu paro. – Você está completamente certo. Você pode tocar a buzina!

– E daí?

– Passe para o banco da frente – eu digo – e aperta a buzina.

– Para quê?

– Acho que pode ser o jeito de você sair daqui.

Oswald passa para o banco do motorista. Ele coloca as duas mãos sobre a buzina. Estão tão transparentes que mal posso vê-las. Fico temendo que seus poderes para tocar o mundo real possam estar desaparecendo junto com ele.

Ele aperta a buzina, e quando faz isso os músculos dos seus braços se retraem. O seu corpo estremece de cima a baixo. As veias do pescoço ficam grossas e escuras, mesmo que estando quase translúcidas. Oswald grunhe alto. Um segundo depois a buzina toca. Toca por uns três segundos antes de parar.

Quando a buzina para de tocar, Oswald relaxa. Ele suspira.

– Fique a postos agora – eu aviso.

– OK – ele diz ofegante.

Nós esperamos o que parece ser um longo tempo. Dez minutos. Ou mais. Olhamos para a porta que conecta a garagem com a casa. A porta não abre.

– Você precisa buzinar de novo – eu falo.

– OK – diz Oswald, mas pelo seu olhar deduzo que ele não tem certeza se vai conseguir apertar a buzina de novo.

– Espere – eu falo. – A senhora Patterson deve estar no quarto secreto com Max. Talvez ela não consiga ouvir a buzina de dentro do quarto secreto. Eu vou entrar na casa e checar direitinho onde ela está. Não quero que você se esforce para apertar essa buzina por nada.

– Nem eu – diz Oswald.

Eu encontro a Sra. Patterson na cozinha. Ela está lavando a frigideira com uma esponja. Está cantando a canção do martelo de novo. A máquina de lavar louça está aberta, com pratos, copos e toda a louça organizada nos raques. Ela e Max devem ter acabado de jantar.

Eu volto para a garagem. Não consigo enxergar Oswald ao me aproximar do carro. Ele desapareceu. Assim como eu temia, ele deixou de existir enquanto eu estava dentro da casa.

Então, eu o vejo. Quase invisível, mas ainda lá. Ele pisca e eu consigo enxergar seus dois olhos pretos e o contorno do seu corpo gigante. Chego à conclusão que não podemos esperar a senhora Patterson dormir. Decido que temos de salvar Max agora.

Entro de novo no carro.

– Tudo certo. Ela está na cozinha. Escuta. Quando ela sair, vai abrir a porta do carro e verificar a buzina, para ver por que está disparando e o que a está fazendo tocar. Saia diretamente do carro e assegure-se de entrar na casa o mais rápido que puder. Senão corremos o perigo de você ficar preso aqui na garagem.

– OK – concorda ele.

Mal posso ouvi-lo apesar de estar sentado ao seu lado.

Oswald coloca as mãos de novo sobre a buzina. Desta vez, ao apertar, ele se levanta, saindo do assento e ficando quase em pé. Ele está usando todo o peso do seu corpo para conseguir apertar essa buzina. Os músculos, em seus braços quase transparentes, saltam novamente. A veia volta a aparecer no seu pescoço. Ele dá um grunhido. E leva pelo menos um minuto antes da buzina finalmente tocar. A buzina toca por apenas um segundo, mas é suficiente.

Momentos depois, a porta que liga a garagem e o interior da casa se abre. A senhora Patterson está parada na porta. Ela olha para o carro, enrugando a testa. Ela se inclina para frente, devagar. Mas continua parada na porta.

Consigo ver os olhos dela. Ela não vai vir checar o carro. Estou certo disso.

– Toque de novo! – grito. – Aperte a buzina de novo. Agora!

Oswald olha para mim. Mal posso vê-lo, mas ainda consigo distinguir a exaustão no seu rosto. Acho que não acredita que possa tocar a buzina novamente.

– Buzine! – grito. – Toque essa buzina por Max Delaney! Você é a única chance que ele tem. Aperte a buzina. Você está quase sumindo e se não sair do carro não terá nada para se orgulhar. Buzine! Buzine agora!

Oswald se levanta. Ele ajoelha no banco do motorista e se inclina, colocando todo o seu peso na direção. E então ele pressiona

a buzina, gritando o nome do Max enquanto aperta. Embora a cada palavra que ele diz pareça ficar cada vez mais longe, o nome do Max preenche o carro. Ele não apenas grita o nome do Max. Ele o pronuncia rugindo. Os músculos em suas costas saltam com ele, juntando-se aos outros músculos dos braços e ombros. Ele parece um trator limpa-neves de novo. Um trator incontrolável.

A buzina toca quase que imediatamente.

A Sra. Patterson está fechando a porta quando o barulho da buzina a obriga a parar. Ela dá um salto. Ela solta a porta e deixa que se abra, novamente. Olha de volta para o carro e coça a cabeça. Então, quando acho que ela está entrando de volta e ignorando o seu carro e a sua misteriosa buzina automática, ela desce os três degraus da garagem.

– Aí vem ela – eu aviso. – Assim que ela abrir a porta, saia do carro e entre na casa.

Oswald faz que sim com a cabeça. Ele não consegue nem falar. Ainda não conseguiu recuperar o fôlego.

A senhora Patterson abre a porta e se debruça para dentro do carro. Ela toca a buzina com a mão direita enquanto Oswald passa por ela e pisa no chão de concreto da garagem. Ele para, ainda recuperando o fôlego, quando peço para ele seguir.

– Vá agora! – eu digo.

Ele escuta. Quando ele está passando pela Sra. Patterson, ela faz um teste e aperta a buzina. Oswald se encolhe com o som da buzina, mas continua andando. Eu não perco nem um segundo esperando que ela termine o teste. Eu atravesso a porta do meu lado do carro e sigo Oswald para dentro da casa. Depois que passamos pela lavanderia e entramos na escuridão da sala de estar, eu me detenho. O sol já se pôs. Está escuro lá fora. Estivemos sentados no carro por mais tempo que tinha calculado. Não há luzes nesta sala. Perco Oswald de vista.

– Oswald – sussurro. – Onde está você?

A senhora Patterson não pode me escutar, mas mesmo assim falo sussurrando.

A televisão faz você fazer muitas coisas idiotas.

– Aqui! – diz ele, segurando o meu braço.

Oswald está parado ao meu lado, mas não consigo enxergá-lo. E mal posso ouvi-lo. Mesmo assim, ele apertou o meu braço e a sua

buzinada foi forte. Isso me dá esperança que talvez ele seja capaz de fazer o que deve ser feito.

– Está bem. Vamos – digo.

– Acho que é uma ótima ideia – ele diz. – Não acredito que eu dure por muito mais tempo.

A porta da escada para o porão está aberta. Depois de tudo o que aconteceu, merecemos esta pequena parcela de sorte. Eu não teria como levar Oswald para o porão se a porta estivesse fechada. Enquanto eu guio Oswald pela cozinha para descer as escadas, eu olho para o relógio sobre a lareira da Sra. Patterson.

Seis horas e cinco minutos.

Mais tarde do que eu pensava, mas não tarde o bastante. A Sra. Patterson não vai dormir agora, isso vai demorar muitas horas. Mas Oswald não tem mais tempo sobrando. Definitivamente tenho de encontrar uma maneira de fazer o plano acontecer agora.

As luzes do porão estão acesas, mas mesmo assim é quase impossível enxergar Oswald. Quando ele entra na sala do lado do quarto secreto do Max, eu só consigo vê-lo porque ele está se mexendo. Quando ele para ao lado da mesa verde que tem a pequena quadra de tênis com uma rede em cima, ele chega a ficar quase todo transparente.

– Max está atrás dessa parede – eu falo. – É uma porta. Mas é uma porta secreta, por isso não consigo atravessar por ela. E Max não pode abri-la.

– Você quer que eu a abra? – indaga Oswald, com uma voz que parece ecoar desde alguma terra distante.

– Isso mesmo – confirmo.

– É agora que eu salvo Max? – pergunta Oswald.

Ele parece aliviado. Ele conseguiu. Vai conseguir fazer a coisa mais importante da sua vida antes de desaparecer.

– É agora – confirmo. – Você é o único que pode abrir a porta. O único neste mundo inteiro.

Eu mostro para Oswald o lugar em cima da estante onde ele tem que apertar. Ele coloca as duas mãos sobre a prateleira. Ele se inclina e empurra. O seu corpo inteiro empurra para frente. Ele se transforma naquele trator limpa-neves de novo. Uma parte da prateleira se movimenta e quase que imediatamente, a porta se abre.

– Essa foi fácil – digo.

– Foi – ele diz, parecendo surpreso. – Talvez eu esteja ficando mais forte.

Eu não consigo ver o sorriso de Oswald, mas posso notá-lo pela voz dele.

Entro no quarto do Max, desejando que esta seja realmente a última vez.

# Capítulo 55



## **Lista dos problemas para levar Max de volta para casa:**

- 1. Max tem medo do escuro.*
- 2. Max tem medo de estranhos.*
- 3. Max não vai falar com ninguém que não conheça.*
- 4. Max tem medo da senhora Patterson.*
- 5. Max não vai admitir que tem medo da senhora Patterson.*
- 6. Max não gosta de mudanças.*
- 7. Max acredita em mim.*



# Capítulo 56



Max está esperando que a Sra. Patterson entre pela porta. Ele levanta os olhos quando entro no quarto. Max está construindo um prédio com o seu *Lego*. Os trilhos estão cercados por pelotões de soldadinhos de plástico.

- Oi Max – cumprimento eu.
- Um trenzinho elétrico! – grita Oswald.

Max deixa cair a peça de *Lego* da sua mão e fica em pé.

- Budo!

Ele parece muito feliz em me ver. Seus olhos se abrem quando encontram os meus. Ele dá um rápido passo para frente e então, para. A sua atitude muda por completo e bem rapidamente. Seus olhos se estreitam. Ele franze a testa.

- Você me abandonou.
- Eu sei.
- Você quebrou a sua promessa – ele reforça.
- Eu sei.
- Diz para ele que você sente muito – diz Oswald.

Oswald caminhou pelo quarto e está parado ao lado do Max. Ele não consegue parar de olhar para mas. É como se o *Deus de Um* tivesse se transformado no *Deus de Dois*.

Olho para Oswald com os olhos bem abertos e balanço a cabeça. Espero que ele entenda o meu sinal. Não estou com medo de que Max ouça Oswald. Tenho medo que Oswald vá me distrair. Sinto-me como um daqueles policiais na televisão que tem de convencer um pirado a não se jogar da ponte. Não posso ter nenhuma distração. É hora de eu fazer a minha parte. Tenho apenas esta chance de salvar Max e não tenho muito tempo.

- Por que você me deixou sozinho aqui? – Max pergunta.

– Eu tive de sair. Se eu ficasse aqui, eu percebi que você ficaria aqui.

– Eu fiquei aqui – diz Max.

Seus olhos se estreitam ainda mais. Ela parece confuso.

– Eu sei – explico. – Mas fiquei com medo que se não saísse daqui, você poderia ficar para sempre com a Sra. Patterson. Você não deveria estar aqui, Max.

– Eu deveria sim. Para com isso, Budo. Você está falando coisas estranhas.

– Max, você tem de sair deste lugar.

– Não. Eu não tenho – retruca Max.

Ele está começando a ficar irritado. Suas bochechas estão começando a ficar vermelhas e ele está cuspiendo suas palavras. Eu preciso conseguir chateá-lo na quantidade certa. Não pode ser demais, senão ele pode ficar empacado.

– Sim, você tem – afirmo. – Você tem de sair daqui. Você não pertence a este lugar.

– A senhora Patterson diz que o meu lugar é aqui. Disse que você pode também ficar aqui.

– Essa senhora Patterson é muito má – eu falo.

– Não! – diz Max. Ele grita a palavra. – A senhora Patterson cuida de mim. Ela me dá um monte de *Lego* e batalhões de soldadinhos. Deixa comer queijo grelhado no jantar sempre que quero. Ela contou para a mãe dela que sou um bom garoto. Ela não pode ser má.

– Isto aqui não é um bom lugar – eu falo.

– É sim. Para com isso, Budo. Você está falando de um jeito esquisito. Você não está sendo um bom amigo. Por que você está falando assim?

– Você tem que ir embora daqui, Max. Se não for, você nunca mais vai ver o seu pai nem a sua mãe, a professora Gosk. Nunca mais vai ver ninguém.

– Eu vou ver você – diz Max. – E a Sra. Patterson disse que em pouco tempo vou poder ver Mamãe e Papai de novo.

– Ela está mentindo sobre os seus pais e você sabe disso.

Max não diz nada. Isso é um bom sinal.

– E se você ficar aqui, também nunca mais vai me ver de novo – eu ameaço.

– Pare com isso. Você não está falando direito.

Os pequenos punhos do Max se fecham. Por um segundo, ele lembra Oswald.

– Estou falando sério – eu digo. – Você nunca mais vai me ver.

– Mas por quê? – pergunta ele, desesperado.

Percebo agora bastante medo na sua voz. Isso é muito bom.

– Estou indo embora. E não vou mais voltar.

– Não! – exclama Max.

Mas não é uma ordem. É um pedido. Ele está me pedindo para ficar. Está quase implorando para eu ficar. Agora há uma esperança.

– Sim! – confirmo. – Estou indo embora. E eu nunca, mas nunca mesmo, vou voltar.

– Por favor, Budo. Não vá embora.

– Estou saindo.

– Não! Por favor! Não vá embora.

– Estou indo embora – digo, tentando manter um tom frio e duro como pedra. – Você também pode ir embora comigo. Ou se preferir, pode ficar aqui para sempre.

– Eu não posso ir embora – diz Max. Eu percebo o pânico na voz dele. – A Sra. Patterson não vai me deixar sair.

– É por isso que você vai ter que escapar, Max.

– Eu não posso.

– Sim, você pode.

– Eu não posso – contesta Max. E parece que ele vai começar a chorar. – A Sra. Patterson não vai me deixar sair.

– A porta está aberta – eu falo, apontando para a porta aberta.

– A porta está aberta? – Max hesita, finalmente percebendo a porta.

– A senhora Patterson esqueceu a porta aberta.

– Mentiroso, mentiroso, o seu nariz está crescendo! – diz Oswald bem de longe. Eu sorrio, e me pergunto onde será que ele terá aprendido isso.

– Max, preste bem atenção. Esta é a única vez que a senhora Patterson vai se esquecer de trancar essa porta. Você tem que ir agora. Neste exato momento.

– Budo, por favor, fique comigo. Nós podemos simplesmente ficar aqui e brincar com os soldadinhos, o *Lego*, jogar video game...

– Não. Nós não podemos. Eu estou indo embora. Tchau!

– Por que você está sendo tão malvado? – pergunta repentinamente Oswald.

Sua voz parece um sussurro antigo. Como se fosse uma poeira. Eu quero parar e dizer adeus a ele. Agradecer pelo que ele fez. Sinto que ele pode desaparecer a qualquer instante. Mas não posso parar. Max está quase concordando. Eu sinto isso. Eu preciso terminar o meu trabalho.

Eu me viro e dou três passos em direção à porta.

– Budo, por favor!

Agora Max está implorando. Eu posso ouvir suas lágrimas caírem de seus olhos.

– Não. Estou indo embora e não vou voltar nunca mais.

– Budo, por favor...

Max suplica e o meu coração amolece um pouco ao ouvi-lo assim tão assustado. Era isso que eu queria, mas não sabia que seria tão duro de fazer. A coisa certa e a coisa fácil nunca são as mesmas coisas. E essa é a pura verdade agora.

– Por favor, não me deixe – Max roga.

Eu decido que este é o momento de por em prática o meu plano e fazer o meu discurso. Eu mudo o tom duro da minha voz para um tom gelido.

– A Sra. Patterson é má, Max. Você está com medo de admitir e você sabe disso. Mas ela ainda é pior do que você imagina. Ela está planejando tirar você deste quarto. Levá-lo desta casa para um lugar muito, muito longe. Você nunca mais verá a sua mãe e o seu pai. Você nunca mais vai me ver de novo. Tudo vai mudar para todo o sempre a menos que você fuja agora. Você tem de ir embora agora, neste instante.

– Budo, por favor! – Agora Max está chorando.

– Eu prometo que se você sair agora, você ficará a salvo. Você vai fugir da senhora Patterson e vai voltar para casa. Você vai ver

seus pais ainda esta noite. Quero morrer se não for verdade. Mas, nós temos de ir agora. Você vai me seguir?

Max está chorando em prantos. Lágrimas rolam pelo rosto dele. Ele mal pode recobrar o fôlego. Mas entre soluços, Max concorda com a cabeça.

*Ele concorda.*

Isso quer dizer que temos uma chance.

# Capítulo 57



A Sra. Patterson está no banheiro. Ela está empacotando outra caixa com coisas que ficaram na pia do banheiro. O relógio sobre a lareira marca seis horas e quarenta e dois minutos. É hora de ir embora.

Eu volto para o porão. Max está parado ao pé da escada. Exatamente onde eu o deixei. Ele está segurando a locomotiva do seu trenzinho *Lego*. Ele está apertando a peça de *Lego* como se fosse um salva-vidas. Tem outra coisa sobressaindo do bolso da calça do Max, mas nem pergunto o que é.

Tento descobrir se Oswald ainda está aqui. Eu olho em volta, mas não o vejo.

– Eu estou aqui – Oswald diz, acenando com a mão.

Meus olhos só enxergam o movimento. Ele está parado atrás do Max, mas parece que está do outro lado do Grand Canyon.

– Você achou que tinha me perdido? – brinca o meu amigo gigante.

Eu sorrio.

– A senhora Patterson está lá em cima – eu informo ao Max. – No banheiro. Você vai subir as escadas e me seguir. Nós vamos tentar sair pela porta de correr de vidro, na sala de jantar. A porta deve abrir facilmente. Já vi a Sra. Patterson abrindo essa porta uma vez. A porta não rangeu. Assim que estivermos do lado de fora, você vai virar à direita e correr o mais rápido que puder para dentro do bosque.

– OK – responde Max.

O corpo dele está tremendo inteiro.

– Você vai conseguir, Max.

– OK – responde ele.

Mas percebo que ele não acredita em mim.

Nós subimos pela escada e entramos no corredor. A porta da frente está para a direita. Eu penso, outra vez, em mandar Max sair por essa porta, mas decido que não. A porta está ao pé da escada. A Sra. Patterson poderia escutar a porta se abrindo.

– Por aqui – eu digo, guiando Max pela cozinha e depois pela sala de jantar. – A maçaneta está do lado direito. Você só tem de dar um empurrãozinho na porta.

Max troca o trem de *Lego* para a mão esquerda e segura a maçaneta com a direita. Ele empurra. A porta desliza só um pouquinho e depois para com um baque.

– Ah, não! – falo, sentindo as primeiras sensações de pânico. – Max, nós temos de ir para...

Mas antes que eu pudesse terminar a sentença, Max consegue girar o trinco da porta.

– Estava trancada – sussurra ele. – Só isso.

Ele empurra a porta pela segunda vez e a porta de vidro desliza com som seco.

Nessa hora fico muito contente. Não só a porta está aberta, mas foi Max quem a abriu. Ele resolveu o problema. Max não resolve problemas. Max fica preso nos problemas.

Mas este é um bom sinal.

Mas quando a porta abre, três bipes ressoam pela casa. O alarme não disparou. É o sinal que indica à pessoa dona da porta que o alarme está funcionando, mas não disparou. O porta da casa dos pais do Max faz o mesmo barulho. E nem percebo mais os bipes, porque eles tocam toda vez que alguém abre a porta. Eles tocam sempre.

Mas neste caso não creio que estes três bipes passem despercebidos.

Como se fosse para confirmar as minhas palavras, eu ouço uma coisa cair no chão bem acima de nós, no piso superior. Um segundo depois, escutam-se passos apressados pela escada.

– Ela está vindo! – grito eu. – Corra!

Max não se move. Ela fica parado ao lado da porta aberta, congelado. O som dos passos da Sra. Patterson no andar de cima o fez ficar paralisado.

– Max, se você não correr agora, você nunca vai escapar.

Descubro quanta verdade encerra as minhas palavras. Estamos arriscando tudo. Se a senhora Patterson pegar Max agora, ela nunca vai dar outra chance para ele escapar de novo. Esta é a única chance que tenho de levar Max de volta para casa.

E ele ainda não está se mexendo.

Consigo ouvir a Sra. Patterson. Ela está nas escadas agora.

– Max. Por favor, corra agora. Eu estou indo embora com ou sem você. Eu não vou ficar aqui. Não temos mais tempo. A sua mãe e o seu pai estão esperando você. A professora Gosk está esperando. Corra!

Alguma coisa que eu disse fez ele se mexer. Queria saber o que tinha sido, para poder usar de novo. Acho que foi a menção da sua mãe.

Max adentra na noite. Está tudo muito escuro e fico preocupado que isso detenha Max novamente, mas não é o que acontece. Max está com medo da escuridão, mas agora ele está com mais medo da Sra. Patterson. Ele admitiu ter medo dela e isso é um bom sinal. Ele cruza o deque da senhora Patterson e desce os três degraus para o jardim. A lua está bem acima das árvores, do outro lado. A luz branca está bruxuleando na água calma da lagoa.

*A luz do luar*, eu faço a conexão na hora. Agora Max está realmente dançando com o demônio sob a pálida luz do luar.

– Vire para a esquerda e corra! – grito o mais alto que posso.

Do jeito mais bravo que posso.

Max vira e corre para o meio das árvores.

Eu viro e olho para a porta. A Sra. Patterson ainda não está lá. Ela deve ter ido primeiro verificar a porta da frente.

Oswald está parado na soleira da porta. Ele brilha na mistura da luz do luar e das luzes de dentro da casa como o ar quente no estacionamento. Ele está desaparecendo. Está acontecendo agora. Bem em frente dos meus olhos.

– Corre, Budo! – grita ele.

O som que sai da sua boca, não parece mais uma voz. Tem o som de uma memória distante. Uma memória quase esquecida, a não ser que agora eu sei que Oswald estava certo. Ele nunca será esquecido.

– Salve Max! – ele diz.



Ele provavelmente está gritando essas palavras. Rugindo esta última e importantíssima ordem. As palavras que acabaram com a sua vida. Mas elas chegam até mim como o sussurro de um sussurro.

– Preciso fazer mais uma coisa.

Eu não posso correr. Estou como Max. Estou grudado no mesmo lugar. Oswald o Gigante, amigo imaginário do John, o Lunático, o único amigo imaginário com um pé nos dois mundos está deixando de existir diante de meus olhos.

Eu sou responsável pelo seu letal desaparecimento.

Quando estava esperando ele sumir de vez, ele se vira e olha para dentro da casa. Ele espera um segundo, fica de joelhos e coloca suas mãos na frente do seu rosto, como uma criança faria ao mostrar a sua mãe quantos dedos somam dez. Não consigo mais ver o contorno e os detalhes que um dia fizeram Oswald real, mas eu não preciso vê-los para saber que seus músculos estão ressaltados pela última vez. As veias no seu pescoço pulsam pela última vez. Ele é Oswald, o Gigante, de novo, mais uma vez, preparando-se para a derradeira batalha.

Então, ele vira de volta para mim, percebe que sigo congelado no jardim, sob a pálida luz do luar e se despede.

– Adeus, Budo.

Eu já não consigo escutar suas palavras, mas mesmo assim elas dão um jeito de chegar até a minha mente.

E depois ouço Oswald dizer,

– Obrigado.

Nesse momento, a Sra. Patterson aparece. Ela está correndo da cozinha para a sala de jantar e indo na direção da porta aberta. Ela está correndo mais rápido do que eu pensava que podia, e nesse momento, percebo que a fuga do Max não estará completa só com ele sumindo no meio das árvores.

A fuga apenas começou.

Oswald estava certo. Todos nós somos o demônio de alguém, e a senhora Patterson é o demônio do Max.

E o meu.

Então uma ideia me nocauteia.

Oswald é o demônio da Sra. Patterson. Oswald, o Gigante, é o demônio sob a pálida luz do luar.

Um instante depois, a Sra. Patterson tenta sair pela porta e choca com um Oswald agachado, tremeluzindo e morrendo. O joelho direito dela bate na mão esquerda de Oswald. A Sra. Patterson tropeça e sai voando até cair no deque, dando um gemido, que acompanhou o barulho seco ao cair no chão. Ela desliza até a borda do deque, rola os três degraus até o gramado, parando a poucos centímetros do meu pé.

Eu olho para cima. Olho para a porta, tentando ver o meu corajoso amigo moribundo, e na hora percebo que ele já sumiu.

– Você salvou Max – digo para meu o amigo, mas não tem mais ninguém ouvindo.

Então escuto a voz do Max. Ele está gritando.

– Budo!

A cabeça da senhora Patterson levanta da grama. Ela se apoia em um dos braços e olha na direção da voz do Max. Um segundo depois, ela já está de pé.

Eu viro e corro.

A fuga do Max acaba de começar.

# Capítulo 58



Max está parado atrás de uma árvore. Ele está abraçando o seu trenzinho de *Legó* como se fosse um ursinho de pelúcia. Algumas das pecinhas soltaram, mas acho que Max nem percebeu. Ele está tremendo muito. Está frio e Max não está usando nenhum casaco. Porém não acho que seja por isso que ele está tremendo.

- Você não pode ficar aqui – eu falo. – Você precisa correr.
- Faça com que ela pare – sussurra Max.
- Eu não posso – digo a ele. – Você precisa correr.
- Você tem de correr.

Presto atenção e tento ouvir alguma coisa. Fico esperando ouvir a Sra. Patterson vindo com tudo no meio das árvores e arbustos, mas não ouço nada. Ela provavelmente está andando lenta e sorrateiramente, tentando fazer o mínimo de barulho possível ficar quieto. É bem provável que ela tente se esgueirar por entre a vegetação para poder se aproximar do Max e assim poder agarrá-lo.

- Max, você tem de correr – digo mais uma vez.
- Não consigo.
- Você tem de correr!

Nesse exato momento um clarão de luz passa pelas árvores. Eu olho para a casa da Sra. Patterson. Há um ponto de brilhante de luz próximo às árvores.

Uma lanterna.

A Sra. Patterson voltou para dentro da casa para pegar uma lanterna.

- Max, se ela achar você, vai levá-lo daqui para sempre e você ficará sozinho para sempre.
- Eu terei você – diz Max.
- Não, você não vai.

– Sim, eu vou. Você diz que vai me deixar, mas não vai – ele diz. – Eu sei disso.

Max está certo. Eu nunca o deixaria. Mas, agora não é hora para verdades. Eu preciso mentir para Max de um jeito que eu nunca menti antes. E tenho de mentir dizendo algo que eu nunca, mas nunca mesmo pensei em dizer.

– Max – eu digo, olhando para os olhos dele. – Eu não sou real. Eu sou imaginário.

– Não, você não é – ele diz. – Pare com isso.

– É verdade. Eu sou imaginário. Neste exato momento você está completamente sozinho, Max. Você pode me ver, mas não estou realmente aqui de verdade. Eu sou imaginário. Eu não posso ajudar você, Max. Você mesmo vai ter que se ajudar.

Vejo passar um flash de luz pelas árvores, do nosso lado esquerdo. Na direção da lagoa. A Sra. Patterson está descendo a colina, afastando-se ligeiramente do Max. O problema é que não há muito chão entre Max e a lagoa, eles estão a curta distância um do outro. Mesmo que ela esteja indo na direção errada, ela o verá em breve. Além de a lua estar iluminando a floresta, a senhora Patterson está com uma lanterna.

Um segundo depois escutamos o primeiro galho sendo pisoteado no chão. Ela está chegando perto.

Max se alarma e quase derruba o trenzinho.

– Para onde eu vou? – pergunta, apavorado. – Para qual direção eu corro?

– Eu não sei – respondo. – Eu sou imaginário. Você é quem tem de me dizer para qual direção correr.

Ouvimos outro galho sendo quebrado, desta vez mais próximo. Max se vira e sai correndo para a direita, para longe da água e da Sra. Patterson. O problema é que ele se movimenta muito rápido e fazendo grande barulho. A luz da lanterna se desvia e ilumina as costas do Max.

– Max – grita a Sra. Patterson. – Espere!

Ao escutar a voz da Sra. Patterson, Max começa a correr mais rápido ainda. Eu também saio correndo.

Perco Max de vista quando ele corre por entre um grupo de pinheiros. Ele está indo na direção certa. Há cinco casas deste lado

da estrada antes do final da rua, e ele está chegando próximo da casa do vizinho mais perto da Sra. Patterson. Dá para ver as luzes da casa do vizinho através das árvores. Mas de algum modo, eu perdi Max. Ele está vinte ou trinta passos à minha frente, mas agora ele se foi.

Eu paro de correr e começo a andar. E quero escutar e olhar. A senhora Patterson também para de correr.

Ela está andando, não muito distante de mim e do meu lado esquerdo, fazendo o mesmo que eu.

Ambos estamos procurando Max.

– Budo!

Max chama o meu nome, mas dessa vez ele sussurra. A voz vem da minha direita. Eu olho naquela direção. Vejo árvores, pedras, folhas e o brilho dos postes de luz no topo da colina, onde o bosque encontra a estrada. Mas não vejo Max.

– Budo – ele sussurra outra vez.

E começo a ficar preocupado. Max está tentando ser silencioso, mas a Sra. Patterson está muito perto. Ele não pode arriscar a fazer outro som.

Então vejo Max.

Há um montinho de folhas empilhas entre uma árvore e uma pedra grande, provavelmente folhas sopradas e recolhidas lá pelo vento. Max se enterrou embaixo desse monte de folhas. Consigo ver suas mãozinhas acenando para mim por debaixo das folhas.

Eu me agacho e vou rastejando até ele. Encosto do lado oposto da pedra.

– Max, o que você está fazendo? – sussurro o mais suave que posso, para Max fazer o mesmo.

– Esperando – responde Max.

– O quê?

– É o que faz um franco-atirador – Max fala baixinho. – Ele deixa os soldados inimigos passarem por ele, antes de atacar.

– Só que você não pode atacar a senhora Patterson.

– Não. Eu vou esperar até que...

Max para de falar quando o farfalhar de passos nas folhas chega até nós. Um segundo depois, a luz da lanterna ilumina a

pedra, onde estou sentado e onde Max está enterrado debaixo das folhas.

Eu ergo a cabeça. Agora vejo a Sra. Patterson. Posso ver o contorno dela sob a luz da lua. Ela está perto. Cinquenta passos. Depois, trinta. Ela está andando rápido como se soubesse exatamente onde Max está escondido. Se ela não mudar de direção, vai acabar passando por cima do Max.

– Max – aviso eu. – Não se mexa. Ela está vindo.

Enquanto eu sento e espero Max ser descoberto, eu penso sobre a decisão dele de se esconder embaixo das folhas. “*É o que faz um franco-atirador*”, disse ele.

Max leu um livro sobre guerra. Na verdade, ele leu um milhão de livros sobre guerra, mas agora ele está usando o que aprendeu para salvar a própria pele. Em um bosque desconhecido. À noite. Com alguém perseguindo-o. E com o seu melhor amigo insistindo em dizer que ele não é real.

Ele não ficou empacado.

É quase inacreditável.

Agora, a Sra. Patterson está a dez passos do Max. Cinco passos. A lanterna ilumina o caminho à sua frente. Não o chão, mas a área bem na sua frente. A dois passos de pisar Max, ela vira para esquerda e sobe a colina na direção da estrada. Se não fizesse isso, ela teria de subir pela pedra e se espremer entre a pedra e a árvore. Max escapou por muito pouco. Se ela tivesse iluminado a pilha de folhas com a lanterna, eu tenho certeza de que teria visto o formato do corpo do Max sob as folhas.

– Quando tempo você vai esperar?

Pergunto eu, assim que a Sra. Patterson se afasta o suficiente para que não possamos mais ouvir seus passos amassando as folhas.

– Os franco-atiradores esperam por dias – ele sussurra.

– Dias?

– Eu não. Mas os franco-atiradores, sim. Eu não sei. Vou esperar mais um pouco.

– OK – eu falo.

Eu não sei se é uma boa ideia ou não, porém Max tomou uma decisão. Ele está resolvendo o problema. Ele está fugindo sozinho.

– Budo – ele sussurra. – Você é real? Diz a verdade. Eu faço uma pausa antes de responder. Eu quero responder *sim*, porque *sim* é a verdade, e um *sim* vai me manter a salvo. Um *sim* vai me manter existindo. Mas Max não está salvo, e não pode se dar o luxo de acreditar em mim agora, porque eu não posso salvá-lo. Ele tem de acreditar em si mesmo. Ela já dependeu de mim por muito tempo. Ele precisa depender dele mesmo, agora. Eu não posso levá-lo de volta para casa.

Não é como escolher entre macarrão com frango ou bife de soja. Azul ou verde. Este não é o Centro de Aprendizagem, o parquinho, o ônibus da escola ou até mesmo Tommy Swinden. Este é o verdadeiro demônio sob a verdadeira luz pálida do luar.

Max tem de voltar para casa por conta própria.

– Não, – finalmente respondo. – Quero morrer se não for verdade. Eu juro pelo que você quiser. Eu sou imaginário. Você me imagina para tornar as coisas mais fáceis para você. E para ter um amigo.

– Sério? – ele pergunta.

– Sério.

– Você é um bom amigo, Budo – diz Max

Max nunca disse isso para mim antes. Quero existir para sempre, mas se eu tivesse parado de existir neste exato momento, pelo menos teria ficado feliz. Mais feliz que nunca.

– Obrigado – eu digo. – Mas eu sou apenas o que você imagina. Sou um bom amigo, porque você me fez um bom amigo.

– Hora de ir – diz o meu amigo.

Max fala tão rápido que não tenho certeza se ele estava me escutando.

Ele se ergue, mas permanece agachado. Ele começa a subir a colina pela esquerda, pelo mesmo caminho que entrou a Sra. Patterson.

Eu o sigo.

Quando passo pela pilha de folhas onde Max estava enterrado, alguns segundos atrás, eu vejo o trenzinho de *Lego* sobre a pedra. Max deixou o brinquedo dele para trás.

Em um minuto estamos no limite do jardim do vizinho. O longo trecho de grama é dividido em dois pela entrada de pedra da

garagem. Do outro lado do gramado há outra área de com árvores do bosque. Não me parece ser uma área muito grande. As luzes da casa ao lado parecem próximas. Eles brilham através da fila de árvores.

– Você deve ir àquela casa e bater na porta. As pessoas vão ajudar você.

Max não diz nada.

– Eles não vão machucar você.

Max não responde.

Na verdade não estava esperando que Max fosse pedir ajuda aos vizinhos da Sra. Patterson ou a qualquer outra pessoa. Max preferiria derreter cada pedaço de *Lego*, soldadinhos de guerra e video games do mundo e transformar tudo em uma pilha gigante de plástico grudenta do que falar com um estranho. Bater na porta de um estranho seria como bater na porta de uma nave alienígena.

Max olha para direita e para esquerda do jardim. Parece que ele está se preparando para atravessar a rua, mesmo não tendo nunca atravessado uma rua sozinho antes. Então, de súbito, ele sai de trás das árvores e corre pelo gramado. Ele está visível na luz do luar, mas ao menos que a Sra. Patterson esteja olhando, ele vai conseguir chegar ao outro lado do gramado sem ser notado.

Quando ele chega à entrada da garagem, as luzes da casa se acendem. Elas iluminam o jardim como se fosse a luz do sol. É um tipo de luz que liga e desliga sozinha quando as pessoas se movimentam. Os pais do Max têm essas luzes no jardim de trás, e elas acendem quando um gato de rua, um esquilo ou um cervo passam por ali.

Max fica paralisado quando as luzes acendem. Ele olha para trás. Eu estou parado próximo às árvores. Estive observando Max, mas não estava seguindo de perto. Estava parado, olhando deslumbrado para aquele garoto que um dia precisou de ajuda para decidir qual par de meias usaria.

Max vira na direção das árvores do outro lado do grama do e começar a correr de novo. E então, a Sra. Patterson irrompe do meio das árvores, do meu lado direito, e corre como relâmpago pelo gramado.

Max não a nota, por isso eu grito.

– Max! Cuidado! Ela está atrás de você!

Max vira e olha, mas não deixa de correr.



Eu começo a correr. Eu saio do meu estado de deslumbramento. De repente, fico repleto de medo. Vou atrás da Sra. Patterson, agora ela está se aproximando do Max. Ela é mais rápida que Max. Ela é mais rápida do que deveria ser.

Ela é realmente um demônio.

Max chega até as árvores do outro lado do gramado. Ele dá dois passos em direção das árvores e depois pula um antigo muro de pedra. O seu pé bate na pedra e ele cai no chão atrás do muro, fora da minha vista. Um segundo depois ele reaparece e continua a correr.

A Sra. Patterson chega até as mesmas árvores dez segundo depois. Ela pula o muro também, e o faz com muita facilidade. Ela sai do outro lado e começa a correr de novo em movimentos suaves. Ela balança os braços, a lanterna acende, mas a luz não ilumina Max. Ela pode vê-lo agora. Ela está cada vez mais perto. O raio de luz voa descontroladamente pelas árvores.

– Corra Max! – grito ao pular o muro.

Eu estou segundos atrás da senhora Patterson, mas não posso fazer nada. Eu sou incapaz de ajudar o meu amigo. Um Inútil.

Eu grito novamente.

– Corra!

Max chega ao gramado da frente, da próxima casa. Não é tão grande como a outra, e a entrada da garagem é feita com o mesmo asfalto da rua, e não de cascalho, mas senão seria igual. Ele corre muito rápido pela grama, sem luzes automáticas acendendo desta vez, e desaparece na escuridão das árvores do outro lado.

Max está correndo para longe das casas, árvores e da lagoa. Mais duas casas e ele vai chegar até a rua que deve atravessar. Uma rua que ele nunca atravessou sozinho antes. Depois, ele estará em uma vizinhança com casas, calçadas e iluminação pública. Sem mais pilhas de folhas, muros de pedra e árvores altas. Ele vai ter que encontrar ajuda ou vai ser pego.

Mas nada disso vai importar se a Sra. Patterson conseguir pegar ele primeiro, e pelo que estou vendo, parece que ela vai conseguir.

A Sra. Patterson chega à fileira de árvores, apenas alguns segundo depois do Max. Eu estou a uns vinte passos atrás dela quando vejo um galho grosso e seco balançar descontroladamente na

escuridão e acertar o rosto da Sra. Patterson. Ela grita e cai no chão como uma pedra. Um segundo depois vejo Max. Ela mudou de direção. Ele vira à direita, correndo em direção à rua, ao invés de ir para a floresta na direção da próxima casa.

Eu me detenho no lugar onde a Sra. Patterson está caída no chão. O nariz dela está ensanguentado. Ela está pressionando fortemente a mão contra o olho esquerdo. E está gemendo de dor.

Max dançou com o demônio a luz sob pálida luz do luar e venceu.

Eu faço a volta e corro na mesma direção que Max, mas sem ter que me esconder entre as árvores. Eu consigo correr mais rápido sobre o gramado. Quando chego à rua, paro e olho para os dois lados.

Nem sinal do Max.

Eu viro para a esquerda, na direção da estrada principal, esperando que Max tenha continuado na mesma direção. Segundos depois, eu o escuto chamar o meu nome.

– Budo! Aqui! – grita.

Max está do outro lado da rua, em uma pequena área com árvores, agachado atrás de uma delas.

Demoro um pouco para perceber que ele atravessou a rua sozinho.

– O que você fez? – eu pergunto, indo para trás da pedra com ele. – A Sra. Patterson está machucada.

– Eu montei uma armadilha – ele diz, ofegante, tremendo e suando. Mas também sorrindo. Não bem sorrindo, mas é algo próximo muito a um sorriso.

– Como assim? – pergunto.

– Eu puxei um galho e quando ela chegou perto, eu soltei sobre ela – diz Max.

Eu olho para ele, desacreditando.

– Eu aprendi isso com o Rambo – ele diz. – No filme *Rambo II*, lembra?

Eu lembro. Ele assistiu a esse filme com o seu pai, que fez Max prometer que não contaria nada para a sua mãe.

Max contou para a sua mãe, assim que ela chegou em casa, porque ele é um péssimo mentiroso. O pai do Max dormiu no quarto de hóspedes naquela noite.

– Ela está realmente machucada – eu conto. – Sangrando.

– Não é realmente uma armadilha do Rambo. A armadilha dele tinha vários espetos que ficaram presos nas pernas dos policiais. Eu não tinha nenhuma corda ou faca, e não teria tempo, mesmo se eu tivesse todas essas coisas. Mas é de onde eu tirei essa ideia.

– OK – digo. – Eu não sei mais o que dizer.

– OK – diz Max.

Ela levanta e continua andando ao longo da parede de pedra, com o corpo abaixado, na direção da estrada principal.

Ele não espera que eu o guie ou informe em qual direção ir. Max está indo por conta própria.

Ele está se salvando.

# Capítulo 59



Max chega ao final da rua da Sra. Patterson e se detém. Ele ficou no meio do bosque do outro lado da rua, andando devagar e silenciosamente entre as árvores. Só que quando ele virar e sair desta rua, não vai mais ter áreas com árvores para ele se esconder. As casas com amplas entradas de garagens e enormes parcelas de terra ao longo da lagoa já não estarão mais lá. Ele vai estar em uma rua com pequenas garagens, casas geminadas, iluminação de rua e calçadas.

Se a Sra. Patterson ainda estiver perseguindo Max, será muito fácil avistá-lo.

– Vai para a direita – eu falo para Max.

Ele está parado na esquina, encostado em uma árvore. Parece não ter certeza para onde ir.

– A escola é para a direita – eu digo.

– OK – diz Max, mas em vez de sair de trás da árvore onde está se escondendo, ele vira na direção do quintal da primeira casa da rua.

– Aonde você está indo? – eu pergunto.

– Eu não posso andar pela calçada – ele diz. – Ela pode me ver.

– Então, aonde você vai? – pergunto.

– Eu vou ficar atrás das casas.

E é isso que Max faz. Ele anda por mais ou menos uns trinta minutos pelas casas, passando de um quintal ao outro. Quando os espaços entre as casas não estão bloqueados por cercas, árvores, garagens ou carros, Max corre. Ele fica abaixado e se movimenta rapidamente. Quando um quintal é cercado, ele vai por fora, afastando-se do caminho entre os arbustos e o mato. As mãos e o rosto dele ficam arranhados pelos arbustos e encharca os pés em poças de lama, mas continua caminhando. Ele passa por mais seis postes de luz ao longo do caminho, mas as pessoas dentro das casas não o enxergam.

Max não é como aquele Rambo dos filmes. Ele não sabe nadar por minas abandonadas, invadir delegacias ou subir montanhas, mas isso porque não há nenhuma mina, delegacia ou montanha por aqui. Max tem de enfrentar casas, quintais, cercas, árvores e roseiras, e passa por tudo isso exatamente como Rambo faria.

Quando chegamos ao próximo cruzamento, Max consegue reconhecer onde ele está.

– O parque está do outro lado da rua – mostra ele. – Ali.

Ela aponta para esquerda na direção do parque. A escola está atrás do parque. Mas ao invés de virar à esquerda, ele vira à direita.

– Aonde você vai? – pergunto.

Ele já está caminhando ao longo de um cercado, andando por detrás das casas.

– Nós não podemos atravessar a rua por ali – ele sussurra. – É por onde a Sra. Patterson vai esperar que eu atravesse.

Max atravessa a rua duas quadras para baixo, e ele não atravessa no cruzamento. Em vez disso, ele espera agachado atrás de um carro estacionado até que nenhum carro esteja vindo e então ele atravessa a rua sem ajuda da faixa de travessia de pedestres.

Acredito que Max acaba de infringir a lei pela primeira vez na vida.

A menos que exista uma lei contra fazer cocô na cabeça de alguém.

Assim que chega do outro lado da rua, Max continua a correr. Desta vez ele vai pela calçada, em vez de se esconder atrás das casas, e ele corre o mais rápido que pode. Acho que ele quer chegar ao parque o mais rápido possível. O parque também me parece seguro. O parque é um lugar para crianças, mesmo durante à noite.

Max atravessa mais uma rua e vira à esquerda na direção do parque, correndo pela trilha na direção do campo de futebol entre duas colinas íngremes. Uma vez, o pai do Max tentou fazer que ele descesse a colina de trenó. As colinas são feitas para as pessoas sentarem enquanto assistem aos jogos de futebol, mas também são muito boas para descer de trenó no inverno. Sempre aparecem bandos de crianças nas colinas depois de uma tempestade de neve. Mas Max se recusou a descer de trenó e reclamou o tempo todo que suas luvas estavam molhadas. O pai dele finalmente o levou de volta para casa de carro, sem dizer uma palavra.

Max dispara pela colina hoje, mais rápido que um trenó. E ele corre direto para o campo de futebol. Próximo ao gol, ele vira à direita na direção do campo de baseball, mas em vez disso ele sai da trilha, corre pelo gramado e através das árvores dos cantos da trilha. Depois de passar o campo de baseball, Max vira à direita, passando pelo parquinho, em direção às árvores.

Há uma pequena área do bosque que fica entre a escola e o parque. Duas trilhas estão cobertas por lascas de madeira. E às vezes os professores levam os alunos nessas trilhas durante o outono. A senhora Gosk levou a sala para dar um passeio, algumas semanas atrás, para que pudessem escrever uma poesia sobre a natureza. Max sentou em um tronco e fez uma lista das palavras que rimavam com a palavra *árvore*.

Ele colocou cento e duas palavras na sua lista. Não era um poema, mas, mesmo assim, a professora ficou bem impressionada.

Max anda na direção do bosque. Ele corre ao redor de uma pequena lagoa, próxima ao limite das árvores, ousando pisar na trilha por um momento antes de chegar à entrada do bosque e desaparecer na escuridão.

Quinze minutos depois, após termos nos perdido duas vezes, paramos do outro lado do bosque. Há um campo entre a escola e o local onde estamos. É o mesmo campo onde ele se recusou a correr, pular e arremessar uma bola leve no dia de ir ao campo. A lua está mais alta no céu desde que deixamos a casa da Sra. Patterson. Ela paira sobre a escola como um olho cego gigante.

Quero dizer ao Max que ele conseguiu. Quero falar para ele rastejar na direção dos arbustos ao longo do limite do bosque e esperar até o amanhecer. Quero contar que, assim que os ônibus começarem a estacionar na frente da escola, tudo o que ele precisa fazer é correr pelo campo até a entrada da escola, como se fosse um dia normal de aula. Ele até poderia ir direto para a sala da professora Gosk se quisesse. Uma vez dentro da escola, ele estará a salvo.

Em vez disso, eu questiono.

– E agora?

Eu pergunto, porque já não estou mais no comando. E acho que mesmo se quisesse, não poderia estar no comando.

– Eu quero ir para casa – ele diz. – Quero ver meus pais.

– Você sabe o caminho de casa daqui? – pergunto.

- Sim – ele responde.
- Você sabe?
- Sim – ele diz outra vez. – Claro que sim!
- Ah. E quando devemos ir? – pergunto, esperando que ele diga que iremos pela manhã. Que vamos deixar que a professora Gosk, a diretora Palmer ou um policial nos leve para a casa.
- Agora – ele diz, se vira e começa a andar pela lateral do campo. – Eu quero ir para casa.

# Capítulo 60



Eu não tenho ideia de há quanto tempo estamos caminhando quando passamos pela casa da família Savoy. A lua se movimentou no céu, mas ainda está pairando sobre as nossas cabeças. Max não falou quase nada durante o trajeto. Mas esse é Max. Ele pode ter se tornado o Rambo durante a noite, mas ele ainda continua sendo Max.

Faz bastante tempo que estamos andando por de trás das casas, tentando nos escondermos atrás de arbustos, árvores sempre que possível. Segui Max durante o caminho inteiro, e ele não reclamou nenhuma única vez.

Nem consigo acreditar que Max vai estar em casa daqui a alguns minutos. Parei de imaginar a reação dos pais do Max quando o virem parado na varanda. E daqui a pouco isso vai para acontecer, de verdade. E eu já estava achando que isso não aconteceria nunca.

Eu paro bem atrás da nossa entrada da garagem e olho para o meu amigo. Pela primeira vez na minha vida, eu entendo como é sentir orgulho de alguém. Não sou um dos pais do Max, mas sou o seu amigo, e estou explodindo de orgulho.

Então eu vejo o perigo.

O ônibus da Sra. Patterson. O ônibus com um quarto na parte de trás especialmente preparado para Max.

Max está quase virando na entrada da garagem e dando os últimos passos até a sua casa, mas ele não sabe que a Sra. Patterson está esperando por ele. Ele não sabe que, estacionado no final da rua, um pouco além da casa, no espaço escuro entre dois postes iluminação, está o ônibus da Sra. Patterson.

Aliás, ele nem ao menos sabe que a Sra. Patterson tem um ônibus.

Eu abro a boca para alertá-lo, mas é tarde demais. Max está a quatro ou cinco passos da entrada da garagem quando a senhora Patterson aparece detrás de um carvalho gigante, onde Max e eu



esperávamos pelo ônibus escolar todos os dias, desde o jardim da infância. A mesma árvore que Max encosta antes do ônibus chegar.

Max escuta os passos antes de escutar a minha voz, mas ambos os sons surgem tarde de mais. Ele vê a Sra. Patterson se aproximando dele, e corre. Ele está mais da metade do caminho da entrada da garagem quando os braços da Sra. Patterson agarram os ombros do Max e ela o segura. A força de seus braços faz com que Max tropece no chão, e por um segundo Max está livre. Ele se arrasta na direção da casa, engatinhando, mas a senhora Patterson consegue alcançá-lo segundos depois, e o agarra pelo braço. Ela o levanta como se fosse um boneco.

– Mae! Pai! Socorro!

Com uma das mãos livres, a Sra. Patterson tampa a boca do Max para silenciá-lo, apesar de que não acredito que os pais do Max pudessem escutá-lo. O quarto deles é no segundo andar e está virado para os fundos da casa. E já é bem tarde da noite. Eles devem estar dormindo, creio eu. Mas ela não sabe disso. Ela quer que Max fique quieto para conseguir fugir com ele para sempre.

Finalmente saio do lugar, correndo pela entrada da garagem e me detenho na frente do Max. Ele está correndo em ziguezague, tentando se livrar da Sra. Patterson. Seus olhos estão muito arregalados. Eu posso ver o pavor no seu rosto. Ele tenta gritar, mesmo com a mão da Sra. Patterson tampando a sua boca, mas tudo o que consegue emitir é um grunhido, e bem baixinho. Ele chuta a perna da Sra. Patterson. Alguns dos chutes acertam a mulher, mas ela nem ao menos recua.

Fico parado ali como um bobo incapaz. Estou a alguns centímetros de distância do meu amigo, assistindo a ele lutar pela própria vida, e não posso fazer nada. Max olha diretamente para meus olhos. Ele está pedindo ajuda, mas não há nada que eu possa fazer. A única coisa que posso fazer é assistir ao meu amigo ser arrastado e levado embora para sempre.

– Lute! – grito para Max. – Morde a mãe dela!

Ele morde. Eu vejo o maxilar dele abrir e fechar. A senhora Patterson se encolhe de dor, mas não o solta.

Max abana os braços. Seus pés continuam chutando. Ele tenta arrancar a mão que está tampando a sua boca e tenta se livrar dela. Ele se esforça, olhos ainda mais saltados, mas ele não consegue. Ele se debate, com os olhos ainda mais saltados, mas não

consegue se soltar. Ele soca a mão dela com seus punhos. E aí vejo algo diferente nos seus olhos. Por um segundo, o pânico dá lugar a outro sentimento. Max consegue colocar a mão no seu bolso e tira de lá o objeto que ficou sobressaindo do seu bolso durante a noite toda. É o cofrinho em forma de porco que estava em cima da sua mesa no seu quarto. O porquinho manchado e repleto de moedinhas até a boca.

Eu estava errado. Quando Max atravessou a rua fora da faixa de pedestres, estava cometendo já a sua segunda infração.

A primeira foi roubar.

Max segura o cofrinho na mão direita e bate com ele no braço da Sra. Patterson. Os pequenos pés metálicos “mordem” a pele dela. Ela recua e desta vez grita, mas continua no mesmo lugar.

Ela não o vai deixar ficar livre. Eu percebo isso agora. E mesmo sendo atacada, atingida e perfurada pela pata do porco, ela sabe que precisa apenas arrastar Max de volta para o seu ônibus e então estará em segurança outra vez. E é isso que ela começa a fazer. Com Max martelando no seu braço com cofrinho, ela vai arrastando Max de volta pela entrada da garagem na direção do carvalho e do ônibus.

Desesperado, quero gritar e berrar por ajuda. Quero acordar os pais do Max. Gritar ao mundo inteiro que o meu amigo fez todo o caminho de volta até a entrada da garagem e só precisa de um pouquinho de ajuda para completar a sua fuga. Ele fez essa jornada sozinho e agora só precisa que alguém que saia e o salve.

E então tenho uma ideia.

– Tommy Swinden! – eu grito para Max.

E mesmo sem parar de espancar o braço da Sra. Patterson com o porquinho e sem deixar de tentar escapar, ele franze a testa e presta atenção em mim.

– Não! Não quero que você faça cocô na cabeça dele – eu digo.  
– Tommy Swinden! Ele quebrou a sua janela no dia das bruxas. Quebre uma janela, Max!

Max ergue os braços, pronto para acertar a Sra. Patterson novamente com o cofrinho, quando ele para. Os olhos do Max compreendem. Ele tem apenas uma tentativa de arremesso, mas ele entende.

Ele ergue a cabeça e olha para a casa. Ele está na metade do caminho da garagem agora, e ainda está sendo puxado, arrastando os calcanhares. Ele tem que arremessar o porquinho agora, senão a distância será muito grande. Há uma janela na sala de jantar. E ela é grande. Está bem no centro da casa. Mas vai ser um arremesso difícil. A distância é grande e seus pés mal podem tocar o chão.

E Max não sabe arremessar.

– Morda ela primeiro – eu falo. – Morda a mão dela bem *forte*. O mais forte que puder.

Max faz que sim com a cabeça. Enquanto está sendo agarrado e arrastado, com chances de nunca mais ver o seu pai e a sua mãe outra vez, ele acena com a cabeça.

E então ele morde.

Deve ter mordido mais forte que antes, porque quando morde, a senhora Patterson desta vez berra e tira a mão que cobre a boca do Max. Ela agita a mão como se tivesse pegando fogo. O mais importante, é que ela não está mais arrastando Max para a saída da garagem. Ela ainda está segurando Max com um braço, mas agora os pés do Max tocam o chão. Ele tem uma chance.

– Adiante-se! – eu digo, assim como fala o seu pai quando jogam bola. – Use o corpo para arremessar forte. Jogue com força!

– OK – diz Max, entre uma respiração e outra.

Ele coloca a mão que segura o porquinho de metal para trás e o arremessa dentro da noite.

A Sra. Patterson vê o porquinho sair da mão do Max e seus olhos arregalam quando o porquinho faz uma curva no ar e depois cai direto na janela.

*Quando porcos voarem*, eu penso.

Por um momento, parece que o mundo inteiro parou. Até o olho cego da lua se vira para assistir ao pequeno porco metálico sair voando pelo ar.

O porquinho atinge a janela bem no meio. É o arremesso que fará o pai do Max orgulhoso para sempre. É o arremesso que me fará orgulhoso para sempre. Um arremesso muito melhor do que Tommy Swinden algum dia faria. O vidro explode e, segundos depois, o alarme grita dentro da noite gelada.

A Sra. Patterson consegue agarrá-lo com a sua mão livre. Ela está sangrando no lugar onde Max a mordeu. Ela puxa Max e o segura pelo pescoço. Depois ela o levanta do chão e corre o mais rápido que pode com o garoto gritando e se revirando em seus braços. Agora ela está correndo no gramado da frente, diretamente para entrar no ônibus.

Max fez o arremesso da vida dele. O vidro da janela está estilhaçado. O alarme está gritando. A polícia está a caminho. E mesmo assim a Sra. Patterson ainda continua fugindo com Max. Daqui a poucos segundos ela vai conseguir fugir para sempre.

Tudo o que vejo é um borrão. O pai do Max passa voando por mim e joga o corpo contra as costas da Sra. Patterson como um trem desgovernado. Ela grita muito quando ele joga o corpo dela no chão, tentando evitar a queda. Max cai para frente e rola para o lado, ofegante e colocando a mão sobre o seu pescoço, tentando recobrar o fôlego.

A senhora Patterson estrangula Max, como se fosse sufocá-lo até a morte.

A Sra. Patterson cai no chão, com o pai do Max em cima dela, seus braços ao redor do corpo dela, apertando-a como se fossem dois cabos de aço. Ele está usando uma cueca samba-canção e uma camiseta. As mangas estão rasgadas e o braço sangrando. Há cortes enormes em seus braços e ombros. A sua camiseta está rasgada na parte de trás e cheia de sangue. Fico então confuso, mas então, eu olho de volta para a casa. A porta da casa ainda está fechada. O pai do Max pulou pela janela quebrada. Ele se cortou nos cacos de vidro quando saiu pela janela.

– Max! Meu Deus! Você está bem? – pergunta o pai do Max, ainda segurando a Sra. Patterson.

– Meu Deus, Max! Você está bem?

Ele a prende no chão e ainda por cima coloca todo o seu peso em cima das costas da Sra. Patterson.

– Eu estou bem – diz Max.

Sua voz é rouca, áspera e fraca, mas ele está dizendo a verdade. Max está bem.

– Max!!

Essa é a mãe do Max. Ela está parada na janela quebrada, olhando para a cena acontecendo no gramado da frente. Com o

marido ensanguentado. A sequestradora do Max. E Max, sentado ao lado do seu pai, massageando o próprio pescoço.

– Max! Ah meu Deus! Max!

Ela desaparece da janela quebrada. Alguns segundos depois, as luzes se acendem, iluminando a frente da casa. A porta da frente abre de uma vez só e a mãe do Max sai correndo da casa, passa pela varanda da frente e atravessa o gramado. Ela está usando uma camisola branca e parece brilhar sob a luz do luar. Ela cai de joelhos e desliza até Max, envolvendo ele com seus braços e beijando a sua testa milhões de vezes. Eu posso dizer, pelo olhar do Max, que ele não está gostando de tantos beijos, mas ele não reclama. A mãe do Max está chorando e beijando ele, tudo de uma vez. E Max nem se retrai.

Eu olho para o pai do Max, que ainda está segurando a Sra. Patterson no chão. Ela não está se movendo, mas o pai do Max já assistiu a muitos programas de tevê para deixá-la ir embora agora. Ele sabe que quando estamos pensando que o vilão foi embora ou morreu, pode aparecer atrás de um carvalho e agarrar você.

Mesmo assim, ele está sorrindo.

Eu escuto o som de sirenes ao longe. Os policiais estão chegando.

A mãe do Max, ainda abraçando o filho, aproxima-se do pai do Max e o abraça também, apesar de ele ainda estar segurando a Sra. Patterson no chão. A mãe do Max está chorando rios de lágrimas. Max olha para mim, ainda sendo abraçado pela sua mãe. Ele está sorrindo. Não é um quase sorriso. Desta vez ele realmente está sorrindo. De verdade.

Max Delaney está sorrindo.

Eu estou sorrindo também. E estou chorando, ao mesmo tempo. Essas são as minhas primeiras lágrimas de felicidade. Olho para Max e faço um sinal de *positivo* com o dedo.

Através do meu polegar transparente, eu assisto a Max beijar a mãe dele no meio do seu rosto molhado.

# Capítulo 61



– Você sabe que está...

– Eu sei – respondo. – Faz dois dias que estou desaparecendo.

Teeny suspira. Ela não fala nada por um tempo. Ela apenas olha para mim. Nós estamos sozinhos na sala de recreio do hospital. Tinham outros amigos imaginários quando eu cheguei aqui, mas assim que Teeny deu uma olhada em mim, entendeu tudo e pediu que saíssem.

Pelo visto todo mundo obedece a uma fada.

– E como você sente...? – pergunta ela.

– Não sinto nada – eu digo. – Se eu fosse cego, nem saberia que estava desaparecendo.

Na realidade, isso não é bem verdade. Max parou de falar comigo. E não é por estar bravo comigo. Ele só não percebe mais que eu estou por perto. Se eu bem ficar na frente dele e falar Max, ele me nota e fala comigo. Mas se eu não falar com ele, não fala comigo.

Isso tem sido muito triste.

– Onde está Oswald? – pergunta Teeny.

Mas pelo jeito que olha cabisbaixa, percebo que ela já sabe a resposta.

– Ele se foi – eu digo.

– Para onde?

– Boa pergunta – digo. – Eu não sei. Para o mesmo lugar onde eu estiver indo, que provavelmente é lugar nenhum.

Eu conto a história da fuga do Max para Teeny, como Oswald, o Gigante, invadiu o a prisão do Max no porão, e como Oswald tocou o mundo real pela última vez para atrasar a Sra. Patterson. Conto como ele colocou o pé na frente dela, dando a Max tempo para correr. Falo sobre a perseguição no bosque e a armadilha no meio das árvores. E sobre a batalha final no jardim em frente à casa do Max. Depois falo sobre como o pai do Max segurou a Sra. Patterson até a

polícia chegar e como ele se gabou contando aos policiais a maneira como o seu filho tinha “lutado com aquela cadela pirada e como a vencera com a sua inteligência”.

Por fim contei como Oswald sabia que estava desaparecendo e como eu tentei trazê-lo ao hospital para salvá-lo.

– Mas ele não queria voltar – eu digo. – Ele se sacrificou para salvar Max. Oswald é um herói.

– E você também é – diz Teeny, sorrindo através das suas lágrimas.

– Mas não como Oswald – eu emendo. – Eu fiquei por perto dizendo a Max para correr e se esconder. Mas não posso tocar o mundo real como Oswald podia.

– Você falou para Max arremessar aquele porquinho. E você contou para ele que era imaginário, só para que Max pudesse se salvar sozinho. Você também se sacrificou.

– Sim – eu respondo, sentindo a raiva crescer em mim. – E agora eu não vou mais existir por causa disso. Max está são e salvo, mas eu estou sumindo. E quando eu desaparecer, ele nem vai se lembrar mais de mim. Serei apenas uma história que a sua mãe vai contar um dia para ele. Que em uma época ele teve um amigo imaginário chamado Budo.

– Eu acho que Max vai se lembrar de você para sempre – diz Teeny. – Ele apenas não vai acreditar que você alguma vez foi real. Mas eu vou.

Mas um dia Teeny também vai deixar de existir. Provavelmente em breve. O amigo humano dela tem quatro anos. Teeny provavelmente vai sumir em um ano ou menos que isso. O jardim de infância vai matá-la assim como matou muitos outros amigos imaginários. E quando ela deixar de existir, acabou. Não sobrará nenhuma memória de que Budo alguma vez existiu. Tudo o que eu já disse ou fiz vai desaparecer para sempre.

As asas da Teeny se agitam. Ela se levanta do sofá e paira sobre o centro do quarto.

– E eu vou contar aos outros – ela fala, como se estivesse lendo a minha mente. – Eu vou contar a todos os amigos imaginários que eu conhecer e vou pedir a eles que contem a outros amigos imaginários. Eu vou dizer que continuem passando a história de um amigo imaginário a outro, para que o mundo nunca esqueça o que

Oswald, o Gigante, e Budo, o Grande, fizeram para salvar Max Delaney, o garotinho mais corajoso do mundo.

– Legal – eu digo. – Obrigado, Teeny.

Eu não tenho coragem de falar para ela que isso não faz a minha futura inexistência ficar mais fácil. Ou que eu não confio que os amigos imaginários de todo o mundo levarão a nossa história adiante. A maioria dos amigos imaginários é como Puppy, Chomp ou Colher.

Não há muitas Teenys, Oswald, e nem tampouco Summers ou Grahams.

Nem o mínimo suficiente.

– Como está Max? – Teeny pergunta, aterrissando no sofá ao meu lado.

Ela quer mudar de assunto e fico feliz que ela faça isso.

– Ela está bem – eu digo. – Eu pensei que depois de tudo o que aconteceu ele mudaria, ficaria diferente. Mas não está. Talvez um pouco diferente, mas não muito.

– O que você quer dizer?

– Max foi incrível no bosque e até mesmo na no jardim em frente à casa, porque é nisso que sabe ser bom. Ele passou a vida lendo livros sobre guerras, armas e franco-atiradores. Ele planejou milhares de batalhas com seus exércitos de soldadinhos. Não tinha nenhuma pessoa no bosque para incomodá-lo. Ninguém para falar ou fazer contato visual. Ninguém tentando apertar a sua mão, socar o seu nariz ou abrir e fechar o zíper do seu casaco. Ele estava fugindo de uma pessoa, e é isso que Max sempre quer fazer. Fugir das pessoas. A sua performance foi incrível, mas é quase como se ele pertencesse àquele cenário.

– E agora? – Pergunta Teeny.

– Quando ele voltou para a escola ontem, foi bem difícil para ele. Todos queriam conversar com ele. Eram muitas pessoas, todas falando muito rápido. Ele quase ficou empacado. Mas a professora Gosk percebeu o que estava para acontecer e gritou “Sumam daqui!”. Só assim os outros professores, os alunos mais velhos e o psicólogo da escola o deixaram em paz. Mas ele ainda é o mesmo Max. Talvez, um pouco mais corajoso agora. Pode ser que esteja cuidando um pouco melhor de si mesmo. Mas ainda é Max. Continua preocupado com cocôs extras e com Tommy Swinden.



Teeny, confusa por essas informações, enruga o lugar onde estariam suas sobrancelhas, se ela as tivesse.

– Esquece – eu digo. – Essa é uma longa história.

– Falta quanto tempo para você...

– Eu não sei – interrompo eu. – Talvez amanhã...

Teeny sorri, mas é um sorriso triste.

– Vou sentir a sua falta, Budo.

– E eu vou sentir a sua – falo. – Eu vou sentir falta de tudo.

# Capítulo 62



Eu estava certo. Está acontecendo hoje. Quando Max acendeu a luz, pela manhã, eu mal consegui me ver. Falei “oi” para Max, e ele não respondeu. Ele nem ao menos olhou na minha direção.

E então, comecei a sentir esta sensação, que já estou sentindo faz algumas horas. Estou sentado na sala de aula da Sra. Gosk. Max está sentado no tapete com as outras crianças. A Sra. Gosk está lendo um livro chamado *A lenda de Despereaux*. O livro é sobre um camundongo. Eu achei que seria uma história boba por falar sobre um rato, mas não é nada boba. É uma ótima história. O livro é muito bom. Conta as aventuras de um camundongo que ama a luz, sabe ler e deve salvar a princesa Ervilha.

A Sra. Gosk está apenas na metade do livro. Eu nunca vou ouvir o final da história. Não vou descobrir jamais o que acontece com Despereaux.

De certa maneira, Despereaux é um pouco como eu. Nunca vou saber o destino de Despereaux e ninguém nunca vai saber o meu. Vou deixar de existir e de persistir hoje, mas apenas eu vou saber disso. Eu vou ter uma morte silenciosa, desconhecida por todos, bem no fundo desta sala de aula, escutando a história sobre um camundongo, cujo destino eu jamais saberei.

Max, a Sra. Gosk e todos os outros vão continuar vivendo, como se nada tivesse acontecido. Eles vão acompanhar Despereaux pelo resto da sua aventura.

Eu não vou.

Sinto como se tivesse um balão macio e grudento na minha barriga. Um daqueles balões que voam sozinhos. Não machuca. Apenas sinto como se estivesse sendo puxado para cima, apesar de ainda estar sentado na cadeira. Eu olho para as minhas mãos, mas só as enxergo se as balançar na frete dos meus olhos.

Fico feliz por estar deixando de existir logo na sala de aula da professora Gosk. Max e a professora Gosk são as minhas duas

peças favoritas no mundo inteiro. É legal pensar que eles serão a minha última memória.

Pena que não vou ter mais memória nenhuma. É bom estar com Max e a professora dele até eu deixar de existir. Quando isso acontecer, nada mais vai importar. A partir desse momento, nada mais neste mundo terá algum significado para mim. E o pior de tudo, que isso não se aplica apenas às coisas após a minha existência, mas ao que fiz antes de sumir, também. Quando eu deixar de existir, a minha história também vai sumir.

Tudo parece um grande desperdício.

Fico olhando para Max, sentado aos pés da Sra. Gosk. Ele está adorando esta história tanto quanto eu. Está sorrindo. Agora ele sorri. Esta é a única grande diferença entre Max que acreditava em Budo e Max que não acredita. Ele sorri. Não muito, mas às vezes sorri.

A professora Gosk está sorrindo também. Ela está sorrindo, porque Max está de volta. Mas ela também está sorrindo, porque ela gosta desta história como todos nesta sala. Despereaux foi jogado nas masmorras com os ratos por ser diferente dos outros camundongos. E de certa maneira, Max também se parece com Despereaux. Ele é diferente de todo mundo, e também esteve aprisionado em um porão. E assim como Max, eu acho que Despereaux vai escapar da escuridão e salvar a história.

O balão dentro da minha barriga está crescendo agora. É uma sensação morna e agradável.

Mudo de lugar e sento aos pés da Sra. Gosk. Fico sentado bem ao lado do Max.

Eu penso em todas as pessoas que perdi durante as últimas duas semanas. Graham, Summer, Oswald, Dee. Eu imagino cada um deles parados bem na minha frente. Tento imaginar todos no seu melhor estado.

Graham sentado ao lado de Grace enquanto desaparecia.

Summer fazendo-me prometer que salvaria Max.

Oswald de joelhos na porta, com as mãos esticadas, derrubando a Sra. Patterson.

Dee gritando com Sally porque ela o amava como um irmão.

Eu amei a todos.

E sinto falta de todos eles.

Eu olho para a professora Gosk. Quando eu partir, ela vai ter de proteger Max. Ela vai ter o ajudá-lo com os cocôs extras, Tommy Swinden e todas as outras coisas que Max não pode fazer, porque ele vive a maior parte do tempo da sua vida no interior de si mesmo. Aquele grande e lindo interior que uma vez me criou e imaginou tão bem.

E ela vai cuidar dele. Oswald, o Gigante, foi um herói, e talvez eu mesmo tenha sido um pouco herói também. Mas a professora Gosk é um herói do tipo todos-os-dias, todos-os-momentos, mesmo que apenas crianças como Max saibam que ela é uma heroína. Ela continuará sendo uma heroína por muito tempo depois que eu sumir, porque ela sempre foi uma heroína.

Eu viro e olho para Max. O meu amigo. O garoto que me criou. Quero ficar bravo come ele por me esquecer, mas não consigo. Não posso ficar bravo com Max. Eu amo Max. Eu sei que mais nada mais vai me importar quando eu deixar de existir, mas de algum modo, acho que vou continuar amando Max.

Minha inexistência, ou morte, já não me assusta mais. É apenas triste. Eu nunca mais vou ver Max. Vou sentir falta dos milhares de dias que estão por vir, quando ele crescer, virar um homem adulto e ter um pequeno Max. Fico pensando que se fosse possível eu ficar aqui, sentado em algum lugar, quietinho e parado, só assistindo ao garotinho que amo crescer e viver a sua vida, eu já seria muito feliz.

Não preciso mais existir por mim. Eu só quero existir por Max. Quero saber o resto da história do Max.

Minhas lágrimas estão quentes. O meu corpo também. Não posso mais me ver, mas ainda posso ver Max. O seu lindo rosto olhando para a professora que ele ama, a única que ele já amou, e sei que ele vai ser feliz. Ele estará a salvo. Ele vai ficar bem.

Eu não vou ver o resto da vida do Max, mas sei que será uma vida, longa, boa e feliz.

Fecho meus olhos. Gotas grossas rolam pelo meu rosto e desaparecem. Não sinto mais o rastro quente e molhado das lágrimas. O balão grudento dentro da minha barriga continua crescendo até preencher cada canto das minhas entranhas, e então sinto que o meu corpo se levanta e começa levitar.

Eu não estou mais aqui por inteiro. Não sou mais eu.

Estou pairando no ar.

Mantenho a imagem do Max na minha mente o máximo que posso. Até eu não ser mais nada.

–Eu amo você, Max...

Eu sussurro até que o rosto dele e o resto do mundo desaparecem em um branco.

# Epílogo



Eu abro os olhos. Estou olhando para outros olhos. Eu já vi aqueles olhos antes. Eles são escuros e reconfortantes. E me conhecem.

Não posso focá-los bem. Mas depois eu consigo.

Eu não entendo.

Eu digo o nome dela.

– Dee?

E então eu sei.



Esta obra foi formatada pelo grupo de MV, de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato ebook. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. **O Grupo tem como meta a formatação de ebooks achados na internet, apenas para melhor visualização em tela, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupos, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.**

O leitor e usuário ficam cientes de que o download da presente obra destina-se tão somente ao **uso pessoal e privado**, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderão individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.